FOGO VINDO DO CÉU

MICHAEL HARRISON

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

FOGO VINDO DO CÉU

Michael Harrison 1976

ÍNDICE

Prefácio

1. Uma palavra sem aviso
2. "Ela morreu por visitação de Deus"
3. Investigando o fenómeno
4. A natureza do fogo preternatural
5. O efeito Kilner e o efeito Kirlian
6. De Sodoma a Sydenham
7. Apenas homens — combustão parcial e total
8. As senhoras são para queimar
9. O elemento "cósmico" na catástrofe
10. Sadrac, Mesac, Abednego… e a Sra. Reeser
11. Darmstadt e o triunfo da dúvida
12. Póquer, dados e poltergeists
13. Feedback de um mundo espelho
14. Desejar e querer
15. Factos e teorias... um resumo Notas

PREFÁCIO

Nenhum assunto anterior sobre o qual escolhi escrever despertou tanto interesse quanto a Combustão Espontânea. O número de cartas de leitores

superou em muito o de qualquer livro anterior, e o facto de as ter recebido de todo o mundo (uma acaba de chegar de Kuching, na Malásia) testemunha o interesse literalmente universal que não tanto a CHE, mas o seu "estudo aprofundado" desperta no mais amplo espectro da sociedade, tanto em mulheres como em homens, tanto em jovens como em pessoas de meia-idade e idosos.

Além disso, estas numerosas cartas são, na sua maioria, construtivamente informativas; não só expressam o interesse dos remetentes pelo meu livro e pelo seu tema, como me dão as opiniões dos leitores, e muitíssimas fornecem informações relevantes e pertinentes. Algumas criticam adversamente, é claro — isso é de esperar por qualquer autor —, mas as críticas adversas são poucas, e tive um enorme prazer no facto de, geralmente, as minhas próprias opiniões terem sido recebidas favoravelmente. O prazer é tanto maior quanto estou ciente de que a CHE está entre os assuntos mais explosivamente controversos sobre os quais eu poderia ter escolhido escrever.

A investigação — especialmente quando o facto procurado ainda está por encontrar — é um assunto contínuo; e desde que publiquei o meu livro em Inglaterra, tenho vindo a aumentar o corpo de conhecimento sobre o tema da CHE, através da informação recebida dos leitores, bem como através das minhas próprias investigações. Aquando da publicação da edição de bolso em Inglaterra, pude acrescentar consideravelmente ao livro, e a mesma oportunidade me foi dada, com satisfação o digo, na publicação desta edição americana, onde posso imprimir, pela primeira vez, os detalhes da minha própria "descoberta fundamental" na questão da ligação Água-Fogo.

Gostaria de ter espaço aqui para agradecer nominalmente a todos aqueles — especialmente leitores — que me forneceram informações. Infelizmente, não disponho desse espaço, mas não gostaria de encerrar este prefácio sem agradecer ao Sr. Bayard Grimshaw, de Rochdale, Inglaterra, pela sua amabilidade em me fornecer os detalhes do *"slow-vaulting"* de 1776, e ao Sr. Ray Bexley, de Fulham, Londres, por ter chamado a minha atenção para a passagem verdadeiramente notável do clássico chinês de Wu Ch'eng-en (c. 1505-80), *Macaco*. A todos os que me ajudaram, os meus mais calorosos agradecimentos.

"O que aprendeste", disse o Patriarca, "preservará a tua aparência jovem e aumentará a duração da tua vida; mas, após quinhentos anos, o Céu enviará um raio que acabará contigo, a menos que tenhas a sagacidade de o evitar. Após outros quinhentos anos, o Céu enviará um fogo que te devorará. Este fogo é de uma espécie peculiar. Não é fogo comum nem fogo celestial, mas brota de dentro e consome as entranhas, reduzindo toda a estrutura a cinzas..."

Macaco por Wu Ch'eng-en, um famoso clássico chinês do século dezasseis traduzido por Arthur Waley. [Ênfase do Autor]

1. UMA PALAVRA SEM AVISO

Quando encontraram a Sra. Thomas Cochrane, uma viúva, o que restava dela ainda estava sentado na poltrona "cheia de travesseiros e almofadas" na qual tinha adormecido. A Sra. Cochrane tinha sido "queimada além do reconhecimento", mas nem os travesseiros nem as almofadas tinham ficado sequer chamuscados.

O Sr. e a Sra. Kiley, um casal de idosos de hábitos fixos, morreram juntos — ambos queimados até à morte —, mas em poltronas cobertas de chita cuja chita não tinha sido crestada.

Billy Thomas Peterson, de Pontiac, Michigan, foi encontrado a morrer no seu carro depois de um automobilista que passava ter visto fumo a sair da garagem de Peterson. Billy também estava queimado: "O seu braço esquerdo estava tão gravemente queimado que a pele se soltava. Os seus órgãos genitais tinham sido reduzidos a carvão. O seu nariz, boca e orelhas estavam queimados." E uma estátua religiosa de plástico no tabliê tinha derretido com o calor intenso.

Mas nada mais estava sequer crestado — nem mesmo a roupa interior de Peterson.

A Sra. Madge Knight morreu num hospital em Chichester, Sussex, a 6 de dezembro de 1943, de toxemia decorrente de queimaduras graves nas costas. Enquanto estava deitada na cama, em casa, algo a queimara, de tal modo que gritara de dor, e um médico, chamado ao local, teve de a anestesiar antes de poder curar as queimaduras. Mas a sua camisa de noite não estava queimada nem sequer chamuscada.

Todos os cinco — cinco entre talvez tantos milhares de tais casos — foram vítimas daquilo a que os nossos antepassados mais remotos chamavam "O Fogo do Céu", e que agora se chama "Combustão Humana Espontânea". É deste fenómeno misterioso e assustador — tão misterioso e assustador hoje como o era quando Elias pediu que descesse "O Fogo do Céu" para confundir os sacerdotes de Baal — que este livro tratará.

Quando chamo à Combustão Humana Espontânea — CHE para abreviar — um fenómeno misterioso, não me refiro unicamente ao facto básico de se tratar de uma queima, fatal ou não fatal, à qual nenhuma causa pode ser atribuída; refiro-me também ao facto de que, no que diz respeito à "opinião médica informada" em geral, ela é, não tanto um tabu, mas o que podemos chamar exatamente um "não-assunto". A bibliografia no final deste livro lista apenas uma fração da literatura, técnica e leiga, sobre o assunto; no entanto, um destacado patologista dos EUA, escrevendo sobre o tema de um dos casos mais desconcertantes de CHE — o da Sra. Mary Reeser, de St. Petersburg, Florida —, não hesita em afirmar que está "ciente de apenas um outro caso registado de tal ocorrência, e esse foi numa obra de ficção: *A Casa Deserta* de Charles Dickens." Quando um cientista médico desta eminência se recusa a dar crédito, não meramente ao facto da CHE (ele não o faz), mas ao registo completo do fenómeno ao longo dos últimos três séculos, dificilmente nos podemos admirar de que os nossos médicos legistas e chefes de polícia hesitem em admitir sequer a sua possibilidade.

Contudo, que o Fogo existe — que ataca de uma forma que nos parece (mas não pode ser) totalmente aleatória — é um facto que hoje está além de qualquer rejeição por parte da observação comum do bom senso. E, longe de ter havido apenas um outro caso registado — numa obra de ficção —, os nossos jornais, ano após ano, estão cheios de tais casos.

Ao atualizar este livro para a edição de bolso, não tive dificuldade em encontrar casos de CHE que datam do presente ano; e, caso se verifique a necessidade de qualquer outra revisão deste livro, tenho a certeza de que não teremos mais dificuldade em atualizar essa mesma.

Pois, como muitas outras coisas, a Combustão Humana Espontânea está sempre connosco, e deve estar, uma vez que tanta supressão intencional dos factos foi sempre praticada pelas autoridades, sendo muito mais comum do que imaginam mesmo aqueles que aceitam sem reservas o facto do fenómeno.

Como definimos a Combustão Humana Espontânea? Simplesmente como danos no corpo humano — parciais ou totais — por um fogo cujas origens não podemos afirmar com certeza. É provável que o adjetivo "espontânea" seja, como muitos outros termos populares, um pouco ao lado do alvo; e que a CHE não seja mais "espontânea" do que os fogos que deflagram num fardo de trapos oleosos no armário de tintas de um navio, num palheiro, num depósito de carvão, cuja causa podemos explicar (o pensar que podemos).

Um destes dias — e talvez num futuro não muito distante — poderemos explicar por que razão os seres humanos se incendeiam; mas, de momento, não sabemos por que o fazem — e, à falta de um termo melhor, mais vale apegámo-nos por agora à expressão consagrada pelo tempo, Combustão Humana Espontânea. Não há nada de errado em o Dr. Gavin Thurston escrever-me a dizer que "posso afirmar sem reservas que nenhum fenómeno como a Combustão Espontânea existe, ou alguma vez ocorreu . . . a combustão não é espontânea, foi sempre iniciada por um fogo externo."

Exatamente. Mas é no esforço determinado de procurar e encontrar este hipotético "fogo externo" que a maioria dos médicos legistas e outros peritos médico-legais do mundo não só obscureceram tanto os factos como a questão, mas também impediram seriamente as perspetivas de encontrarmos a verdadeira causa da CHE (a qual, posso acrescentar, está intimamente ligada à combustão inexplicada de algumas coisas não humanas e até não vivas).

O verdadeiro problema em todo este esforço para determinar a causa de mortes por fogo ou ferimentos por fogo "inexplicados" (parece haver mais mortes do que meros ferimentos, já agora) é a decisão obstinada dos

investigadores de que uma causa será e deve ser encontrada a todo o custo. As páginas deste livro demonstrarão amplamente e de forma penosa a atitude geral das autoridades em relação à CHE; e demonstrarão, também, que as autoridades encontrarão sempre as provas (nesta como noutras matérias) que desejam encontrar.

Nem todas as autoridades se opõem tão resolutamente a assumir que a CHE deve ter o que se chama uma "explicação lógica" — e mesmo entre os médicos legistas há uma atitude saudável e de mente aberta em relação ao caráter "inexplicável" do inexplicado.

Assim, o médico legista da cidade de Dublin, Dr. P. J. Bofin, embora, como referiu, nunca antes tivesse encontrado um caso como o da Sra. Margaret Hogan, uma viúva de 89 anos[^1], "reconheceu imediatamente os sinais de Combustão Humana Espontânea", dando a sua opinião em palavras que merecem ser aqui registadas:

Não há dúvida de que a mulher morreu devido a queimaduras. As circunstâncias das queimaduras são invulgares e conformar-se-iam com o que se chama Combustão Espontânea. Combustão Espontânea não significa que os fogos sejam de facto espontâneos na sua origem. É simplesmente um termo mantido na literatura forense para descrever um conjunto de circunstâncias em que uma pessoa morre queimada sem uma fonte óbvia de fogo.

O inquérito à Sra. Hogan, a quem "um fogo intenso e devastador" reduziu a "uma mera pilha de cinzas", realizou-se a 3 de abril de 1970, e foi amplamente divulgado na imprensa irlandesa, tendo o relato mais detalhado sido publicado, mais de um mês depois, no *The Irish Times* de 12 de maio de 1970.

Como morte por CHE, a da Sra. Hogan foi típica, até mesmo no facto de o pequeno lume junto ao qual ela estivera sentada se ter apagado, nada restando na grelha da lareira a não ser "apenas uma pazada de cinzas enegrecidas", e de, embora se tivessem apresentado todo o tipo de sugestões sobre como o fogo se poderia ter arranjado para incendiar a idosa senhora, nenhuma se ter revelado de alguma forma satisfatória.

E — relacionando novamente esta morte por fogo com o padrão agora "clássico" da CHE —, embora o corpo da Sra. Hogan tivesse sido completamente queimado, exceto os seus pés, apenas um pequeno

quadrado de linóleo por baixo da sua poltrona carbonizada (mas não gravemente queimada) ficou chamuscado.

A menção ao informativo relato de jornal traz-me a outro ponto importante: o de que o registo e as provas da CHE se encontram mais nas páginas dos tabloides do que nas páginas das revistas médicas e médico-legais, que tratam da CHE apenas raramente e, habitualmente, de uma forma decididamente seletiva, ao passo que os jornais relatam os factos sem comentários, e com muito maior frequência. O meu livro deixa claro o quanto eu, e outros investigadores do fenómeno da CHE e de pirotecnias afins, devemos à reportagem contínua da imprensa mundial.

Está na moda hoje em dia descrever todas as manifestações de energia, desde uma trovoada ao pensamento humano, como "de natureza elétrica", e a minha investigação sobre a CHE e manifestações afins de sobreaquecimento "inexplicado" (embora não, espera-se, inexplicável) inclinaram-me cada vez mais para a crença de que todas as formas de calor ligadas aos seres humanos fazem parte de um amplo espectro térmico do qual a CHE é apenas uma parte — e talvez não a parte mais importante, além disso. Pois o Fogo do Céu parece, com bastante frequência, ter estabelecido a sua habitação aqui na terra; atacando, não raras vezes e ao acaso, mas frequentemente e com fortes indícios de controlo.

Quando chegarmos ao capítulo que trata da atividade poltergeist ligada ao fogo, veremos que o Fogo vive, por assim dizer, nas paredes de casas "assombradas pelo fogo", para ser evocado por aqueles que "conhecem as palavras certas", tal como os demónios, para os nossos antepassados, deviam ser evocados pelas "palavras certas".

E o Fogo parece também viver em — ser permanentemente inerente a — certas pessoas de padrão físico-mental invulgar, desde o hipertérmico "Padre Pio" (Padre Forgione, de Foggia), que consegue sobreviver a uma temperatura corporal de quase 120°F (49°C), até à médium telecinética russa, Nina Kulagina, que, aparentemente, tem o poder de romper espontaneamente em chamas.

Numa entrevista ao *Sunday People* de Londres (14 de março de 1976), o distinto parapsicólogo soviético, Professor Genady Sergeyev, disse o seguinte sobre a Madame Kulagina:

Ela consegue extrair energia de alguma forma de tudo o que a rodeia . . . Em várias ocasiões, a força que entrava no seu corpo deixou marcas de queimaduras com até 4 polegadas de comprimento nos seus braços e mãos . . . Estive com ela uma vez quando as suas roupas se incendiaram devido a este fluxo de energia — inflamou-se literalmente. Ajudei a apagar as chamas e guardei algumas das roupas queimadas como prova.

O caso de Lily White, cujas roupas eram frequentemente destruídas pelo fogo — embora sem ferir a utilizadora (Capítulo 14) — e o da Sra. Charles H. (Capítulo 11) são apenas dois entre dezenas daqueles cuja "absorção de energia a níveis anormais" os faz devolver essa energia, muitas vezes de formas altamente inconvenientes. Fica-se com a suspeita de que a "energia devolvida" que se manifesta como a transmissão de choques elétricos ou a emissão de faíscas e aquela que se manifesta como chama com o poder de consumir materiais são formas de energia diferentes apenas em grau, e de modo algum em essência — um ponto que será discutido neste livro.

Assim como a energia que se manifesta nos vários tipos de "irregularidade térmica", desde a febre comum "sem causa" até à combustão quase total do corpo humano, é apenas um tipo de energia, também qualquer pessoa, de qualquer sexo, idade, classe, raça, credo ou estado corporal, pode cair vítima do Fogo.

Quando escrevi a primeira edição deste livro, tinha a impressão de que as crianças muito pequenas estavam isentas deste que é o mais estranho de todos os destinos humanos; mas, desde então, descobri que estava enganado. Descobri pelo menos um caso de morte por aquilo que foi obviamente uma CHE, no qual a vítima era um rapaz de apenas onze meses; e não tenho dúvidas agora de que investigações adicionais revelarão outros casos envolvendo crianças muito pequenas.

O caso do rapaz de 11 meses foi relatado no *Daily Telegraph* de Londres a 4 de janeiro de 1939, e foi de interesse para mim ver que a história descrevia a incineração do rapaz por "Combustão Espontânea". O rapaz, Peter Seaton, tinha sido deitado e supunha-se que estaria profundamente adormecido quando um visitante da casa, Harold Edwin Huxstep, um amigo da família, ouviu gritos de terror e correu escadas acima para o quarto em que Peter tinha a sua cama.

Mas não pôde haver salvamento de Peter por parte do Sr. Huxstep. "Parecia", disse ele, "como se eu tivesse aberto a porta de uma fornalha. Havia uma massa de chamas, que se projetou para fora, queimando o meu rosto e atirando-me de volta pelo corredor. Era humanamente impossível tirar o Peter."

E o que causara esta congregação, tão poderosamente consumidora que não só destruíra completamente o corpo da criança, mas também rugira com tal intensidade que, na frase vívida do Sr. Huxstep, lhe parecera como se tivesse aberto a porta de uma fornalha? O Superintendente E. H. Davies, da Brigada de Bombeiros de Londres, que realizou uma busca minuciosa ao quarto, não conseguiu dar outra resposta senão a de que não havia nada no quarto que pudesse ter iniciado sequer um pequeno fogo, quanto mais uma fogueira da intensidade chocante que destruíra o pequeno Peter, mas deixara a maior parte do mobiliário intacta.

Este é um caso de particular importância, na medida em que a idade da vítima invalidava as habituais "sugestões" feitas sempre que as crianças estão envolvidas: que estavam "a brincar com fósforos", que tinham "levado uma garrafa de gasolina para o quarto", que "andaram a mexer nos interruptores elétricos", e assim por diante. Não havia dúvida de que Peter Seaton, de 11 meses, tinha sido deitado já meio a dormir e que, certamente, não tivera nenhuma intervenção explicável na causa do holocausto que o destruiu.

Notas

[1]: Ver página 100

Como eu disse, os médicos legistas "de mente aberta" e outros que investigam mortes por fogo nas quais nenhuma causa aparente é descobrível, estão dispostos a atribuir o incêndio (e a resultante morte) à "Combustão Humana Espontânea", pois, como o Dr. Bofin, o Médico Legista da Cidade de Dublin, o expressou: a CHE é "simplesmente um termo... para descrever um conjunto de circunstâncias em que uma pessoa morre queimada sem uma fonte óbvia de fogo."

Isto é suficientemente verdadeiro — até onde vai; mas não vai suficientemente longe; e contém uma ambiguidade perigosa.

Pois a morte ou ferimento por CHE não é meramente causada por um fogo que "não tem fonte óbvia"; é causada por um fogo que, tal como a recentemente descoberta "poliágua", tem, por assim dizer, "as suas próprias regras". E foi este comportamento especial — e especializado — por parte do "fogo da CHE" que tanto impressionou o Mundo Antigo, a ponto de lhe ser então atribuída uma origem divina, e de ser batizado, como vimos, de "O Fogo do Céu". Pois não é primariamente a ausência de uma "fonte óbvia de fogo" que nos dá o direito de classificar uma morte ou ferimento por fogo como pertencente a uma categoria de CHE; a nossa classificação do fogo depende primariamente dos aspetos curiosamente anormais do comportamento do próprio fogo.

Brevemente, o fogo "normal" comum consome tudo e qualquer coisa inflamável ou combustível; mesmo a mais pequena chama continuará a queimar tudo o que seja capaz de ser queimado; o fogo comum morrerá apenas quando tiver esgotado os materiais de que se alimenta.

Não é assim o fogo da CHE; ele tem uma propriedade seletiva que os nossos antepassados, muito mais observadores, viam apenas como uma função seletiva; e é pelos indícios desta seletividade, e não pela prova negativa de uma "fonte óbvia de fogo" em falta, que os nossos médicos legistas, autoridades policiais e bombeiros deveriam procurar para saber como classificar um incêndio como pertencendo ao tipo CHE.

Pois que fogo comum pode efetuar a combustão quase total do corpo humano dentro da sua roupa não queimada, pode queimar tanto o corpo como as roupas, mas poupar (salvo pelo mais ligeiro chamuscado) a poltrona em que a vítima estava sentada quando o Fogo altamente seletivo atacou — porquê e como, ainda não sabemos?

Não é como se o Fogo queimasse sem calor — o Sr. Huxstep abriu a porta do quarto do pequeno Peter, e foi como se "eu tivesse aberto a porta de uma fornalha... uma massa de chamas, que se projetou para fora, queimando o meu rosto e atirando-me de volta pelo corredor." Mas mesmo as coisas mais inflamáveis podem não ser tocadas por este calor genuinamente grande — chamo-lhe "genuinamente grande", dado que tem mais do que uma intensidade meramente subjetiva.

Quando encontraram Grace Pett, de Ipswich, "como um tronco de madeira meio queimado; um monte de cinzas cobertas com uma cinza

branca", um biombo de papel que se encontrava a poucos centímetros do fogo violento que consumira a Sra. Pett estava intacto; o fogo igualmente violento que queimara George Turner na cabine do seu camião nem sequer tinha pegado a um pouco de óleo derramado no assento ao seu lado — e certamente no caso de todas as numerosas mortes por fogo em carros mencionadas neste livro, a gasolina altamente inflamável nunca pegou fogo.

O que o Fogo faz e como se comporta na sua forma altamente idiossincrásica, é o propósito deste livro descrever.

Como eu disse, os homens do Mundo Antigo interpretaram o comportamento altamente seletivo do Fogo — queimando o objeto específico do seu ataque e deixando todo o material adjacente "irrelevante" intocado — como a prova inegável de um propósito. Quando o velho soldado bêbado trepou para o palheiro em Colchester, no domingo, 19 de fevereiro de 1888, adormeceu "na proximidade imediata de madeira seca e feno, solto e em fardos." O fogo consumiu completamente o velho soldado; o feno altamente inflamável nem sequer ficou chamuscado.

Numa carta que me dirigiu, o Sr. Edward Campbell, o editor literário do *Evening News* de Londres, sugere que todas as vítimas do Fogo podem ser o objeto de uma intenção consciente ou inconsciente de fazer mal, por parte daqueles que têm o poder de projetar (e, ele deveria ter acrescentado, direcionar) calor letal. Certamente o autor daquela parte do Livro dos Reis que trata do profeta Elias, o tisbita, concordaria com o Sr. Campbell sobre a controlabilidade do Fogo.

Chocado com o facto de o Rei Acabe ter abandonado o verdadeiro Deus de Israel pelos falsos deuses cananeus, Elias, o profeta, decidiu expor tanto os falsos deuses como os quatrocentos e cinquenta sacerdotes de Baal que Acabe tinha importado para os servir. Elias pediu permissão a Acabe para organizar um teste aos poderes dos deuses rivais; um sacrifício seria colocado num altar de Baal, e um sacrifício semelhante num altar feito por Elias. Depois, disse o profeta, cada lado oraria para que o sacrifício fosse queimado pelo poder do seu respetivo deus ou deuses (o profeta, claro, orou a apenas um).

Durante todo o dia os sacerdotes de Baal oraram, e nada aconteceu, embora, no seu frenesim, se retalhassem com facas, de modo que o sangue jorrava.

Finalmente, quando a noite chegou, Elias ordenou que quatro cântaros de água fossem despejados sobre o seu altar de pedra e madeira, e que isso fosse feito quatro vezes — dezasseis cântaros cheios ao todo. E ordenou também que se deitasse água na vala que tinha cavado ao redor do altar.

Então Elias orou.

Então o fogo do Senhor caiu, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e o pó, e lambeu a água que estava na vala.

— essa totalidade de combustão, de facto, que está sempre, ao que parece, ao alcance do Fogo do Céu.

O autor do Salmo 97 é ainda mais explícito ao afirmar onde está o Fogo, quem o controla — e com que propósito.

1. O Senhor reina; regozije-se a terra; alegrem-se as muitas ilhas.

2. Nuvens e escuridão o rodeiam; retidão e juízo são a habitação do seu trono.

3. Um fogo vai adiante dele, e queima os seus inimigos em redor.

A opinião muito prática — baseada na observação do bom senso e no pensamento claro —, por mais poeticamente e até "misticamente" expressa que seja, é a de que o Fogo que encontramos na CHE e fenómenos aliados é um fogo direcionado a partir de um ponto de origem claramente definível, e contra uma vítima especificamente designada. Até que ponto o pensamento moderno concorda com a opinião dos profetas do Mundo Antigo — os pensadores, os videntes, os filósofos, os sacerdotes de todo o Mundo Antigo (não apenas daquela parte cujas opiniões estão registadas no Antigo Testamento) —, este livro, confio, tornará claro.

Será feita uma tentativa de encontrar, se não a natureza precisa do Fogo, pelo menos algumas hipóteses que possam indicar em que direção podemos procurar a verdade.

O que sei que será aparente é a crescente convicção entre todos os que estudaram os fenómenos da CHE de que o Fogo não é um fenómeno isolado, mas está ligado, de formas que ainda não compreendemos, a muitos outros aspetos do que pode ser classificado sob o título geral de Fenómenos do Estranho, ou Fenómenos do Inexplicado.

Por um lado, que os fenómenos da CHE e os fenómenos poltergeist possam estar ligados em certos momentos está hoje fora de questão — e é no estudo do fogo em "assombrações" poltergeist que, penso eu, chegaremos primeiro a estabelecer a ligação entre as manifestações do Fogo e a Vontade de Fazer Mal originária.

Certamente os incêndios deflagraram na escola para onde o relutante Willie Brough, de 12 anos, foi enviado porque o infeliz Willie odiava a escola; e que havia uma ligação entre a infelicidade de Jennie Bramwell e as várias centenas de incêndios na casa dos seus pais adotivos está, penso eu, além de qualquer discussão. Existem muitos outros casos semelhantes, nos quais o muito real "poltergeist fogoso" foi evocado pela vontade subconsciente de uma criança infeliz de mudar as coisas a seu próprio gosto — no caso de Willie Brough, os administradores da escola mandaram-no logo embora dali para fora, de boa mente!

Talvez a demonstração mais impressionante da maneira como o Fogo pode estar ligado à atividade poltergeist — é também uma das mais recentes — seja o relato do que aconteceu à família van Reenan de Plettenberg Bay, África do Sul, conforme narrado no *National Enquirer* de 4 de novembro de 1975. Todo o caso das "perseguições fogosas" dos van Reenan será contado mais adiante neste livro, mas o caso é mencionado aqui como mais um exemplo da estreita ligação entre a atividade poltergeist e o Fogo do Céu.

O que o leitor deve ter em mente é que o Fogo e todas aquelas outras manifestações do estranho que lhe podem ou não estar associadas são fenómenos do inexplicado — e não do inexplicável. Se ainda não temos forma de explicar o comportamento altamente individual do Fogo do Céu — comportamento que o afasta de todas as outras formas de fogo —, fiquem seguros de que teremos essa explicação necessária mais cedo ou mais tarde. Não há mistério na experiência humana que permaneça — ou possa sequer permanecer — um mistério para sempre.

2. "ELA MORREU POR VISITAÇÃO DE DEUS"

Na segunda-feira de Pentecostes de 1725, Le Lion d'Or, a melhor estalagem da antiga cidade de Reims, estava cheia; e o estalajadeiro, Jean Millet, tinha-se recolhido cedo, sabendo que tinha de estar de pé ao amanhecer do dia seguinte, para o trabalho pesado da Feira da Terça-feira de Pentecostes. A maioria dos criados estava na cama. Dois ou três ficaram acordados para atender os clientes tardios no bistro e a Madame Millet permaneceu no andar de baixo para tratar do eventual fecho das portas.

Por volta das 2:30 da manhã de terça-feira, Millet acordou sobressaltado: o cheiro a queimado tinha-o despertado. Puxando o seu velho roupão de quarto, e sem esperar para acender o seu castiçal plano, abriu a porta do seu quarto e correu pelo corredor até ao cimo das escadas, batendo em cada porta por onde passava, gritando: "Fogo! Fogo! Levantem-se e desçam para estarem seguros!"

Em poucos segundos, criados e hóspedes apressavam-se a descer no encalço do estalajadeiro. No grande átrio de entrada, com troncos ainda rubros na sua lareira da altura de um homem, estava o fogo — mas não era nenhuma parte do hotel que estava a arder; era a esposa do estalajadeiro, Nicole Millet. A arder — e morta.

O Tenente de Polícia, acompanhado por dois polícias do quartel, fazia as suas rondas quando o alvoroço vindo de Le Lion d'Or o trouxe rapidamente à porta aberta da estalagem. Ele entrou, viu o cadáver fumegante de Madame Millet na poltrona não queimada diante do lume, e com aquela rapidez em fixar a culpa pela qual a polícia francesa sempre foi conhecida, acusou imediatamente o estalajadeiro de ter assassinado a sua esposa.

Foi uma sorte que, entre os hóspedes acordados naquela noite pelos gritos de "Fogo!" de Millet e mantidos acordados pelo mau cheiro do corpo a arder, estivesse um jovem cirurgião chamado Claude-Nicholas le Cat, ainda não totalmente encartado, mas já altamente respeitado pelos seus superiores no Hôtel-Dieu de Reims.

Le Cat não tinha corrido escadas abaixo em turbilhão com os outros hóspedes aterrorizados, mas tinha seguido mais lentamente. Agora entrava

no grande átrio mesmo a tempo de ouvir o Tenente de Polícia ordenar a prisão do estalajadeiro.

"Um momento, por favor, *Monsieur le Lieutenant*," disse o jovem cirurgião, abrindo caminho por entre a multidão — a maioria com os lenços nos narizes — reunida em redor do cadáver fumegante e quase totalmente destruído. "Porque está a prender este homem?"

"Porque é evidente que ele acabou de assassinar a sua esposa!"

"É assim tão evidente? Porquê ele? Porque não outra pessoa?"

"Quem mais haveria de querer fazer-lhe mal?"

"Porque haveria o estalajadeiro aqui de querer fazer-lhe mal?"

"Porque", disse um dos polícias, "ela dava-lhe uma vida miserável; bebia como uma esponja e gastava todos os lucros na sua borga. É por isso!"

Le Cat dirigiu-se agora diretamente a Millet.

"Isto é verdade, *Monsieur le Patron*?"

"O que é verdade, senhor? Que eu assassinei a minha pobre esposa? Não, isso de facto não é verdade. Fui para a cama cedo — para o meu próprio quarto; já que amanhã — hoje, aliás — é a grande feira. A minha esposa dormia no seu próprio quarto, que partilha — partilhava — com uma criada. Ela deve ter descido outra vez . . . para uma última bebida. Juro que não a matei!"

Uma mulher desleixada, de trinta anos ou mais, abriu agora caminho por entre a multidão de pessoas. Não se dirigindo a ninguém em particular, gritou:

"Sim, isso é verdade. A senhora e eu fomos para cima. Eu deitei-me na minha cama e a senhora deitou-se na dela. E depois . . . tinha acabado de pegar no meu primeiro sono, quando um barulho me acordou: era a senhora a levantar-se da cama. Ouvi-a abrir e fechar a porta, e os seus passos a irem pelo corredor abaixo. Depois adormeci outra vez e acordei ao ouvir o senhor a gritar que o sítio estava a arder."

Le Cat acenou com a cabeça e dirigiu-se novamente a Millet.

"Estou inclinado a acreditar que não matou a sua esposa", disse ele. "Mas agora: quanto a estas outras coisas que foram ditas — são verdadeiras? A sua esposa bebia muito? Estou a ver . . . O tempo todo . . . ? E era hábito dela pegar numa garrafa e bebê-la toda enquanto se sentava diante do lume?"

"Penso que posso dizer", disse Millet com evidente relutância, "que não me recordo de ela alguma vez ter ido para a cama sóbria nestes últimos vinte anos. Mas eu não a matei, *Monsieur*; juro que não a matei!"

Le Cat voltou-se para o Tenente de Polícia. "De facto não matou, e pode libertá-lo da custódia com segurança. Se duvida da minha autoridade para ser tão preciso nesta matéria, por favor pergunte a si mesmo por que meio humano poderia tal combustão total ser efetuada? Olhe, peço-lhe! — apenas o crânio e as próprias extremidades subsistem; quase todo o corpo está consumido — e isso completamente.

"Mas, *Monsieur*, olhe mais longe. Observe como, apesar da destruição quase total do corpo, esta cadeira em que a falecida mulher estava sentada mal está queimada. É verdade que o couro está algo chamuscado, o verniz da madeira apresenta algumas bolhas . . . Mas como poderia um incêndio provocado por uma intenção criminosa comum ter conseguido queimar o corpo na sua totalidade, deixando ainda intacta a cadeira em que esta pobre mulher estava sentada?"

"E quem é o senhor, que fala com tanta autoridade?"

"Sou Claude-Nicholas le Cat, nascido em Blérancourt, e atualmente Cirurgião Assistente no Hôtel-Dieu desta cidade."

O Tenente de Polícia fez uma vénia profunda, tirando o seu tricórnio de uma maneira sarcástica.

"O senhor não é Doutor em Medicina? Ainda não, eh? Bem, *Monsieur* Cirurgião Assistente, quando for um Doutor em Medicina totalmente encartado, talvez estejamos mais inclinados a ouvir o que tem para dizer.

"Por agora, digo que parece haver fortes indícios *prima facie* de que o *Monsieur le Patron* matou a sua esposa — provavelmente despejando a garrafa dela sobre ela e pegando fogo ao álcool. Pergunta porque é que a cadeira não ardeu? Porque, assim que se sentiu a arder, ela deu um salto — e caiu para trás na cadeira novamente apenas quando o corpo tinha sido

inteiramente consumido e as chamas se tinham apagado por falta de combustível. Se tem alguma prova real a dar, terá a sua oportunidade quer no inquérito quer no julgamento — ou em ambos. E agora, *Monsieur* Millet, vou pedir-lhe que me acompanhe à Prefeitura."

A libertação de Millet não foi uma questão simples: tanto o Médico Legista como o Presidente do Tribunal de Círculo estavam relutantes em aceitar a prova de factos que ainda hoje são tratados como não-factos por alguns dos principais médicos do mundo, que negam categoricamente o fenómeno da combustão espontânea.

Na verdade, Millet já tinha sido condenado à morte antes de a apresentação eloquente por parte de le Cat de uma impressionante massa de precedentes históricos para a morte de Madame Millet ter revertido a opinião do tribunal e permitido ao estalajadeiro de Le Lion d'Or regressar à sua estalagem.

"Consideramos", disse o Presidente, "após termos ouvido os argumentos bem apresentados de *Monsieur* le Cat, que o prisioneiro não matou a sua esposa."

"But if he did not," o Tenente murmurou obstinadamente, "how then did she die?"

"Ela morreu", disse le Cat, solenemente, "*by the visitation of God*."

No inquérito realizado pelo Médico Legista da cidade de Reims sobre o corpo de Nicole Millet, o depoimento apresentado por le Cat causou sensação, não apenas em Reims, mas por toda a França e Europa. Pois foi o depoimento de le Cat que inspirou outro francês, Jonas Dupont, a recolher todas as provas disponíveis relativas ao tipo de morte que matara Nicole Millet. Quase quarenta anos após le Cat ter quase vencido a credulidade do tribunal do médico legista de Reims, Dupont publicou o primeiro relato completo do fenómeno da combustão espontânea do corpo humano: *De Incendiis Corporis Humani Spontaneis*, cuja primeira edição está datada de 1763 em Leyden.

Ao ler o depoimento de le Cat no caso Millet, ficamos impressionados com o facto de ele ser guiado, do início ao fim, por uma opinião que nunca foi contestada até ao século presente, e que ainda influencia as conclusões dos médicos legistas e cientistas forenses da atualidade: a de que a

chamada combustão espontânea do corpo humano encontra um principal, se não o principal, "gatilho" no facto de o sujeito ser um grande bebedor de bebidas espirituosas fortes (não de vinho ou cerveja).

Já na época de le Cat, havia amplas provas de que não eram apenas os grandes bebedores — como Madame Millet — os estranhamente atacados por este "Fogo do Céu".

Um caso notório de combustão espontânea de uma pessoa que não bebia foi o da Contessa Cornelia di Bandi — um caso que deve ter chegado aos ouvidos de le Cat, dadas as características curiosas e aterradoras da sua morte. O alarme foi dado por alguns vizinhos porque das janelas do quarto da Condessa escorria um fumo semilíquido, amarelado e absolutamente repugnante, cujo próprio cheiro aterrorizou o seu pequeno cão de colo.

Sir David Brewster, nas suas *Letters on Natural Magic*, chama a isto "um dos casos mais notáveis de combustão espontânea". Ele descreve assim a morte da "Countess Cornelia Zangari and Bandi* de Cesena":

Esta senhora, que se encontrava no sexagésimo segundo ano da sua idade, recolheu-se à cama com a sua saúde habitual. Aqui passou mais de três horas em conversa familiar com a sua criada e a rezar as suas orações: e tendo finalmente adormecido, a porta do seu quarto foi fechada. Como a sua criada não foi chamada à hora habitual, dirigiu-se ao quarto para acordar a sua senhora; mas não recebendo resposta, abriu a janela [isto é, abriu as cortinas] e viu o seu cadáver no chão, na condição mais terrível. À distância de quatro pés da cama, havia um monte de cinzas. As suas pernas, com as meias vestidas, permaneceram intactas, e a cabeça, meio queimada, jazia entre elas. Quase todo o resto do corpo estava reduzido a cinzas.

O ar no quarto estava carregado de fuligem flutuante. Uma pequena lâmpada de óleo no chão estava coberta de cinzas, mas não tinha óleo; e em dois castiçais, que se erguiam direitos sobre uma mesa, o pavio de algodão de ambas as velas permanecia, e o sebo de ambas tinha desaparecido. A cama não sofreu danos, e os cobertores e lençóis estavam levantados de um lado, como se uma pessoa se tivesse levantado dela. Por uma análise de todas as circunstâncias deste caso, supôs-se geralmente que uma combustão interna tinha ocorrido; que a senhora se tinha levantado da cama para se refrescar e que, a caminho de abrir a janela, a combustão a tinha dominado e consumido o seu corpo por um processo no qual não se produziu qualquer

chama que pudesse pegar fogo ao mobiliário ou ao chão. O Marquês Scipio Maffei foi informado por um nobre italiano que passou por Cesena escassos dias após o acontecimento, que ouvira afirmar naquela cidade que a Condessa Zangari tinha o hábito, quando se sentia indisposta, de lavar todo o seu corpo com espírito de vinho canforado.

Aqui, embora a vítima não bebesse álcool, verificava-se a presença razoavelmente presumível de álcool — espírito de vinho canforado — entre as circunstâncias físicas em que a Condessa morreu.

Mas é verdade que na maioria destas combustões espontâneas havia um historial bem estabelecido de consumo de álcool.

Grace Pett, a esposa de um pescador da paróquia de St. Clements, em Ipswich, Inglaterra — tão dedicada à embriaguez quanto a Condessa fora dedicada à sobriedade —, desfez-se em fumo na noite de 9 de abril de 1744. Apenas alguns anos mais tarde, o seu caso foi seguido pelo da viúva Mary Clewes, "de caráter indiferente e muito viciada na bebida". A Sra. Clewes, ao contrário de muitas outras viúvas, pagou ao seu falecido marido o tributo de um desgosto sincero e consolou-se na sua condição solitária com duas pintas de rum por dia.

Talvez a presumível ligação entre a indulgência excessiva no álcool e a combustão espontânea parecesse mais evidente no século dezoito pela razão de que poucos entre as classes mais baixas não bebiam. A Contessa Cornelia di Bandi era uma exceção à regra geral das combustões espontâneas, não tanto por não beber, mas sim porque provinha da aristocracia. Em toda a história da combustão espontânea, poucos em tempos modernos estiveram acima do nível social da classe média-baixa. Falando na generalidade — mencionarei as exceções mais tarde —, a aristocracia e as classes alta e média-alta não parecem ter sido ameaçadas por este que é o mais bizarro de todos os destinos humanos.

O século dezoito orgulhava-se de se autodenominar a Idade da Razão. Um título mais apropriado teria sido a Idade do Raciocínio. Foi uma época tão interessada em fenómenos misteriosos como o período mais ignorantemente supersticioso da Idade Média o poderia ter sido, mas o século dezoito diferia de todos os períodos precedentes pelo facto de procurar sempre uma explicação "racional".

É esta busca fervorosa por explicações não místicas, eminentemente factuais (and so completely credible), que fez do século dezoito o século-mãe do mundo moderno.

É a partir deste século obcecado pela investigação que toda a tecnologia moderna começa. Deste século provêm a química, a física, a metalurgia, a teoria e a prática elétrica dos dias de hoje — e é significativo notar que um dos pais da química moderna, o químico alemão Andreas Sigismund Marggraf, foi o pioneiro da análise química moderna quando, em 1758, começou a estudar o comportamento da chama através de um espetroscópio. Ele notou que era possível distinguir entre os sais de sódio e os de potássio ao observar as diferentes cores que estes conferiam a uma chama: amarelo e lavanda, respetivamente.

Mais ou menos na mesma altura em que Marggraf espreitava através do seu espetroscópio, desvendando os segredos químicos da natureza com uma chama, o jovem Antoine-Laurent de Lavoisier, de dez anos, dava por si a perguntar-se por que razão as coisas ardiam. Um pouco mais tarde, embarcaria em investigações tão profundas nas quais a última grande sobrevivência do pensamento alquímico — o "Flogisto, o Princípio da Combustão" por Marggraf — seria varrida. Com imaginação francesa, mas ainda assim com a típica razão do século dezoito, Lavoisier, ao determinar a composição química do ar, demonstrou de uma vez por todas o papel do oxigénio na combustão. Antes de os terroristas franceses o enviarem para a guilhotina, Lavoisier tinha dado à química a sua nomenclatura moderna; tinha enunciado a lei da conservação da massa; tinha dado os primeiros passos na medição do calor; e tinha oferecido ao mundo o sistema métrico. Mas foi o seu trabalho sobre o calor e a combustibilidade em particular que lhe trouxe honras.

Na verdade, até compreendermos que o século dezoito era fascinado — e fascinado de forma "racional" — pelo calor e as suas várias manifestações, não seremos capazes de compreender o fascínio que "aberrações térmicas" como a combustão espontânea exerciam sobre os homens daquela época.

Num artigo no *Medico-Legal Journal* (29: 1961), o Dr. Gavin Thurston discute um caso moderno de "combustibilidade preternatural" e analisa opiniões passadas sobre este assunto. "O caso presente", escreve ele, "mostra a maior parte das características listadas pelas autoridades mais

antigas, exceto que a falecida mulher não era uma grande bebedora [*itálico meu* — M.H.]. A razão pela qual a bebida tem sido mencionada tantas vezes no passado não é clara, a menos que seja pelo facto de o bebedor habitual ter maior probabilidade de cair numa lareira do que a pessoa comum."

Voltarei ao Dr. Thurston e às suas perspetivas mais tarde; mas aqui é essencial corrigir as implicações perigosas de uma observação que uma leitura mais ampla por parte dele teria tornado impossível. "Um ponto que nunca foi apresentado antes é que todos estes casos [i.e., de "combustibilidade preternatural"] aconteceram no interior de edifícios, habitualmente perto da lareira."

O único comentário permissível a esta afirmação é que ela é falsa. Muitos casos ocorreram ao ar livre. Um médico da Nova Inglaterra, B. H. Hartwell, ao conduzir através de um bosque em 1891, conseguiu apagar as chamas que brotavam das costas de uma jovem mulher e, pelas minhas próprias leituras, eu diria que a maioria dos casos que ocorrem no interior de edifícios não se verifica nas proximidades imediatas da lareira.

A "razão" pela qual o vício da bebida era sempre apresentado como uma condição predeterminante para a ocorrência da combustão espontânea era que, numa época em que beber era a regra e não a exceção, qualquer análise estatística de qualquer tipo de acidente mostraria os bebedores em maioria. Nos casos em que a vítima fora comprovadamente abstémia, esta aparente exceção nunca era permitida como desafio à regra "inviolável" de que, de alguma forma, o álcool e a combustão espontânea estavam unidos numa ligação de causa e efeito.

De facto, mesmo no caso da abstémia Contessa di Bandi, a bebida — ou, melhor dizendo, o álcool — não estava ausente. No inquérito sobre a sua repugnante morte foi declarado, como já mencionei, que ela tivera o hábito de esfregar o corpo com espíritos canforados. O século dezoito, na sua determinação de "explicar racionalmente" a queima de um corpo humano, procurava sempre uma causa primeira; nestes casos, alguma chama ou outra fonte de calor. O *London Medical and Surgical Journal* de 25 de novembro de 1837, num artigo que analisa casos recentes de "alegada combustão espontânea", observa que "o Dr. Paris[^2] pensa que... a combustão nunca se origina espontaneamente", e isto mesmo sabendo que Paris prossegue recordando que, no caso de Grace Pett de Ipswich,

Inglaterra, citado acima, "Não havia fogo na lareira; uma vela tinha ardido até ao bocal perto do corpo" (i.e., a vela nada teve a ver com a morte de Grace Pett, que fora encontrada de manhã "como um tronco de madeira meio queimado; um monte de cinzas cobertas com uma cinza branca").

À medida que examinamos os aspetos surpreendentemente variados desta estranha visitação, veremos que a ciência médica contemporânea está tão fielmente casada com uma opinião preconcebida como o estavam os homens do passado.

Os cientistas forenses modernos examinam os cadáveres das vítimas de "combustibilidade preternatural" na certeza de que não existe tal fenómeno como a combustão espontânea e de que, "portanto", algum agente de ignição teve de estar presente, mesmo que nenhuns vestígios da sua existência possam ser encontrados.

Sem qualquer consciência aparente de paradoxo, os peritos médicos defensores da teoria do não-há-fogo-não-há-combustão admitirão — perfeitamente sem relutância, ao que parece — que pode haver casos em que o calor gerador não só não é discernível, como pode até não ter estado presente.

Mais uma vez, permitam-me citar o Dr. Gavin Thurston:

Este é o relato de um caso que ilustra o fenómeno da combustibilidade preternatural. Os exemplos são extremamente raros e têm sido descritos de tempos a tempos ao longo dos séculos, mas, como se demonstrará, a autenticidade tem sido frequentemente posta em dúvida e a condição situa-se perto da fronteira entre o facto e o mito. No entanto, existem casos incontestados, e este parece ser um deles, em que o corpo ardeu na sua própria substância, sem combustível externo, e no qual se verificou uma assinalável ausência de danos nos objetos inflamáveis circundantes.

Ora, a razão apontada pela qual a maioria dos peritos modernos nesta matéria rejeita a expressão "combustão espontânea", a favor da expressão "combustibilidade preternatural", é que nestes casos não houve uma geração espontânea de calor que consumisse o corpo, mas sim que o corpo foi incendiado por algum "combustível externo".

No entanto, na passagem citada acima, o Dr. Thurston não só apresenta um caso no qual a ausência de "combustível externo" ficou

provada, como também menciona que, no registo histórico, existiram outros "casos incontestados" da mesma geração de calor intenso sem combustível.

Embora os cientistas médicos modernos tentem, tão calorosamente como o fizeram os seus predecessores dos séculos dezassete, dezoito e dezanove, racionalizar o fenómeno da combustão espontânea (ou "preternatural"), a atitude moderna é diferente — fundamentalmente diferente, na verdade — daquela dos tempos passados.

No passado, procuravam racionalizar o fenómeno porque este era um assunto de interesse absorvente tanto para o profissional como para o leigo; hoje em dia, os peritos procuram racionalizar o fenómeno a fim de o afastar da discussão. Tenho visto a menção "Combustão Espontânea" vezes e vezes sem conta sob o título de "Causa Suspeita de Incêndio", nas folhas de relatório da Brigada de Bombeiros de Londres, no entanto, um pedido de esclarecimento feito ao assessor de imprensa bem pode levar o investigador a acreditar que não só não existe tal coisa como a combustão espontânea, como também que tal menção nunca poderia ter aparecido nas folhas.

E, apesar do facto de os médicos legistas estarem a analisar ano após ano tais casos, qualquer referência literária ao fenómeno nas revistas da especialidade trata-o sempre como se pertencesse apenas ao folclore dos tempos passados.

Vejamos: "Pouco se ouve hoje em dia sobre este tema macabro que, na primeira metade do século dezanove, atraiu muita atenção" (artigo no *British Medical Journal*, na coluna "Nova et Vetera", 21 de maio de 1938); "Senhor, a sua nota no Journal de 21 de maio (p. 1106) sobre a combustão humana espontânea é muito interessante. É surpreendente quão comum era a crença na sua ocorrência há cerca de cem anos" (carta no *British Medical Journal* por L. A. Parry, FRCS, 4 de junho de 1938); "Senhor, o tema da combustão espontânea aparentemente atraiu a atenção, não apenas da profissão médica, mas dos leigos, há cem anos" (carta no *British Medical Journal*, por Gavin Thurston, MRCP, 18 de junho de 1938).

Muitas outras cartas, abrangendo um período de vários anos, poderiam ser citadas para apoiar o facto de que a ciência médica moderna, confrontada com a impossibilidade de apresentar uma verdadeira

explicação para este fenómeno, prefere não o discutir. (Poder-se-ia quase acrescentar: nem sequer pensar nisso!)

Um colega da Crime Writers' Association, o Professor Keith Simpson, escreve-me dizendo que:

Não vi nenhum caso, em quarenta anos de prática, em que tenha ficado satisfeito com o facto de a queima do corpo ser literalmente espontânea, e o caso referido detalhadamente pelo Prof. Gee de Leeds (que é um observador particularmente cuidadoso e apoia as suas perspetivas no seu relato [em *Medicine, Science and Law*, 1965, 5, 37] de um outro caso através de algumas experiências com gordura corporal e outros tecidos) apoia a minha própria perspetiva de que: "... embora a gordura corporal, quando deteriorada e oleosa, possa arder, alguma outra condição tem de estar presente para iniciar o fogo. São necessários cerca de 250°C e o próprio corpo não fará isto. (Claro que, assim que a ignição é efetuada, a gordura arderá a uma temperatura muito mais baixa.)"

Portanto, como no caso de Gee (e suspeito que também no de Thurston), um fogo latente, brasas, alguma outra fonte de calor, ou a ignição de gás perto do corpo (como por uma chama-piloto) é suficiente. A gordura corporal oleosa em decomposição irá então arder. O metano, também produzido no corpo em decomposição, necessita de calor ou de uma faísca — até mesmo uma descarga elétrica estática serve — para pegar fogo.

Não pode haver dúvidas quanto à autoridade do Professor Simpson para falar sobre assuntos médicos — especialmente os ligados à medicina forense. Mas, novamente, encontramos o perito a argumentar o seu caso baseando-se (não tanto nas provas, mas) em provas selecionadas. O Professor Simpson ignora tanto o registo histórico relativo à dificuldade de queimar corpos quando outros os estão a tentar queimar, como o facto de que muitos casos de combustão, espontânea ou "preternatural", afetaram pessoas vivas.

Por muito lido que seja neste assunto específico, o Professor Simpson não faz qualquer referência ao facto apontado no artigo do Dr. Thurston já citado: "No entanto, existem casos incontestados . . . em que o corpo ardeu na sua própria substância, sem combustível externo..."

O fascínio que a combustão espontânea exercia sobre "os leigos" no início do século dezanove é responsável pelo facto de as duas descrições "clássicas" de morte por combustão espontânea não se encontrarem nas referências médicas (as principais das quais serão listadas mais tarde), mas sim nas obras de dois romancistas: o Capitão Frederick Marryat, RN (1792-1848) e Charles Dickens (1812-70).

3. INVESTIGANDO O FENÓMENO

Uma coisa é dizer a um facto incómodo para se ir embora; outra coisa é quando esse facto se recusa a fazê-lo e ficamos com a escolha de tentar ignorar o facto ou de o explicar. A combustão espontânea, pela sua persistência deliberada em ocorrer, recusou-se a ir embora; e teve, por isso, de ser explicada.

Interesses instalados, tanto no estudo da combustão espontânea como noutros campos, combateram obstinadamente contra a elucidação verdadeiramente objetiva do mistério inerente ao fenómeno. O "problema do álcool" era uma preocupação para os benfeitores do recém-amanhecido século dezanove, e estes foram rápidos a apoderar-se das "lições" a retirar das mortes por combustão espontânea — embora, talvez, "avisos terríveis" fosse a expressão preferível.

Notas

- *Descrita de forma tão correta — e única — pelo meticuloso cientista escocês. Mas as formas "Countess Cornelia di Bandi" ou "Countess di Bandi" tornaram-se aceitáveis pelo uso, tendo sido adotadas por mim neste livro. MH*
- *[2]: Ver Bibliografia.*

Um dos primeiros casos verificáveis de combustão espontânea ao ar livre foi o de John Anderson de Nairn, Escócia, um reconhecido bebedor inveterado, que foi encontrado "em combustão lenta" e a morrer à beira da estrada, nos arredores da sua cidade natal. O mais completo proveito "moral" da morte "terrível" de John foi retirado pelo *Glasgow Temperance Journal*, que foi o único a relatar este caso na íntegra.

Houvera, escusado será dizer, muitos casos anteriores, desde o da velha mulher que fora misteriosamente consumida em Copenhaga em 1692, passando por todos os casos do século dezoito, até mortes deste tipo em Massachusetts em 1802, na Irlanda em 1810, e noutras partes dos Estados Unidos e no Canadá em 1837.

No entanto, o ceticismo tem as suas vantagens; e as tentativas fervorosas, não tanto de refutar o fenómeno da combustão espontânea, mas de encontrar uma explicação racional para o mesmo, captaram a atenção de investigadores pacientes. As autoridades clássicas a estabelecerem a sua reputação nestes estudos — mais, na verdade, pelo rigor da sua investigação do que pelo seu pioneirismo na mesma — foram J. A. Paris e J. S. M. Fonblanque, cuja obra conjunta *Medical Jurisprudence* foi publicada em Londres em 1833, e T. R. e J. B. Beck, cuja 6.ª edição de *Elements of Medical Jurisprudence* apareceu em 1838.

Paris e Fonblanque são superiores aos Beck no sentido em que os primeiros foram honestamente objetivos ao ponto de aduzirem provas positivas para a "defesa" — isto é, para aqueles que acreditavam na possibilidade da combustão espontânea; os Beck são superiores no preenchimento do registo histórico. Juntas, estas duas parcerias forneceram um corpo de factos e especulações, no que respeita à combustão espontânea, sobre o qual cada investigador subsequente necessariamente construiu.

Em vários exemplos, os Beck repetem as conclusões de Paris e Fonblanque; nenhum mal nisso, exceto que os investigadores posteriores parecem frequentemente ignorar as implicações, não apenas dos factos que a sua própria investigação descobriu, mas também daqueles que "pediram emprestados" do trabalho anterior.

Ainda assim, poucos investigadores dedicados labutam sem qualquer descoberta original como recompensa pela sua dedicação: foi o livro dos Beck que registou[^1] o facto significativo de que, ao longo da combustão quase total de Grace Pett (ver p. 8), as roupas de uma criança e um biombo de papel, ambos próximos do corpo em chamas, escaparam até ao mais ligeiro chamuscado. E no livro de Paris e Fonblanque encontram-se os

factos significativos de que a água, longe de extinguir o fogo "espontâneo", antes o alimenta; e que a incidência da combustão espontânea é universal.

Paris e Fonblanque não foram os primeiros a notar o facto de que consumir um corpo humano na fogueira até à extensão em que o comum das vítimas de combustão espontânea é consumido exigia "grandes quantidades de combustível", e citam as queixas pertinentes dos carrascos públicos sobre o elevado custo de queimar criminosos.

Onde uma das suas "conclusões ponderadas" corre contra o facto estabelecido é na sua afirmação — e isto tem sido afirmado desde então e, (contra todas as provas), ainda continua a ser afirmado — de que "novos produtos altamente inflamáveis formam-se no corpo por decomposição, o que explica a rápida combustão destes casos." Isto é demais até para o Dr. Thurston, o oponente da teoria "espontânea". Num artigo no *The Medico-Legal Journal*, ele comenta: "[Beck e Beck] não indicam, contudo, a natureza da decomposição, nem explicam a aparente boa saúde do comum das vítimas pouco antes de a combustão ocorrer."

Nem, para o caso, explicam os investigadores modernos — agora aparentemente fixando a sua solução na presença de "metano no corpo morto" — a combustão preternatural de corpos vivos, fenómenos para os quais existem amplas provas.

Thurston nota, no que respeita às autoridades clássicas que ele próprio cita, o facto significativo de que "nenhuma das autoridades que serão citadas de seguida examinou pessoalmente casos deste género..."

Exatamente; e é com este sentimento de que estão, na melhor das hipóteses, a lidar com relatos em segunda mão (habitualmente de "leigos") e, na pior, com recordações de grosseiro autoengano, que os investigadores do fenómeno se movem de forma tão cautelosa; sempre mais prontos a rejeitar do que a aceitar. Não há nada que se possa igualar ao poder convincente da experiência subjetiva. O não convencido, para quem nenhuma experiência subjetiva está disponível, é um homem impossível de convencer apenas por boatos. Ele recusa-se a acreditar.

Exatamente um descrente tão arrogante foi J. L. Casper, em cujo *Handbook of the Practice of Forensic Medicine* (Londres, 1861) o "mito"

da combustão espontânea recebeu a sua mais severa tunda até à data. Considerando que esta obra era oferecida como um guia para médicos legistas da polícia, magistrados e outros preocupados com as razões de mortes súbitas — e particularmente invulgares —, a denúncia plenária de Casper do "mito" e dos seus apoiantes dificilmente terá tido o efeito pretendido. Se estes corpos quase totalmente consumidos, *nas suas roupas quase totalmente não consumidas*, não tinham morrido por "combustão espontânea", de que tinham morrido? Casper não o diz — para ele a denúncia do "mito" é suficiente: "É triste pensar que, numa obra científica séria, neste ano de graça de 1861, devamos ainda tratar da fábula da combustão espontânea, cuja própria prova de existência repousa no testemunho de não profissionais perfeitamente indignos de confiança."

A denúncia continua por quatro longas páginas e é notável, se não admirável, pela expressão patente de uma xenofobia assinalável mesmo num alemão apanhado no entusiasmo inebriante do chauvinismo bismarckiano. De um ataque à "fábula" da combustão espontânea, ele passa para um ataque a todos aqueles países "atrasados" dos quais provieram os relatos do fenómeno, e termina com esta ferroada na "França, o inimigo escolhido":

. . . além disso, deve ser recordado, como um facto incontrovertível [*itálico meu* — M.H.], que a massa do povo francês é mais crédula do que os alemães, e isto ajuda a explicar por que razão a França tem sido o berço da "combustão espontânea", da qual é de esperar que não ouçamos falar mais em relação à ciência da jurisprudência médica.

O Dr. Thurston comenta sucintamente: "Como Casper não reconhece tal condição, nenhuma tentativa de explicação é necessária ou oferecida" — uma ajuda escassa, na verdade, para um médico legista da polícia ou magistrado convidado a explicar a um júri de leigos como é que um ser humano saudável se transformou numa "massa fétida e gordurosa".

Pelo menos num aspeto importante, os observadores médicos sérios do fenómeno — tanto antes como depois da publicação do *Handbook of the Practice of Forensic Medicine* — diferem de Casper pelo facto de, embora possam falhar em oferecer uma explicação aceitável da combustão

espontânea (ou preternatural), admitirem o reconhecimento sem reservas do próprio fenómeno.

No livro *City of Revelation* do Sr. John Michell, encontro esta passagem cativante:

No decurso dos capítulos seguintes, examinaremos uma certa forma de pensamento . . . A atração desta filosofia é que ela professa interpretar uma vasta e variada gama de fenómenos por meio de algumas leis simples, que são as do crescimento e movimento naturais. Os seus mestres são simultaneamente místicos e lógicos, insistindo que nada seja aceite como verdadeiro se não puder ser provado de duas maneiras: pela razão e pela intuição poética.

Dickens é invulgar — não único, felizmente — entre os grandes, e particularmente entre os grandes e populares romancistas, pelo facto de conseguir aplicar tanto a razão como a intuição poética ao exame de fenómenos que o interessavam. O pendor gótico da sua mente febrilmente observadora atraía-o magneticamente para o inexplicado e o inexplicável; e de todos estes mistérios do nosso quotidiano, nenhum exercia sobre ele uma atração tão poderosa quanto o fenómeno da combustão espontânea. É por esta razão que, embora escrita (como Casper diria desdenhosamente) por um não profissional indigno de confiança, a descrição de Dickens de uma morte por esta visitação maligna de calor incontrolável se equipara à de Marryat como uma das duas descrições clássicas de todos os tempos.

Dickens, escusado será dizer, está tão obcecado aqui, como em qualquer outra consideração de irregularidade cósmica, com as implicações morais da morte de Krook. Se Dickens realça o horror da morte de Krook, é apenas porque Dickens, o moralista, deseja mostrar que, aqui pelo menos, o horror do castigo se equipara, mesmo no seu impacto aterrorizador em todos os sentidos (mas particularmente nos do olfato e da visão), ao horror daquele que é o maior pecado de todos: o mal feito por uma indiferença complacente. Observe-se como Dickens, ao puxar o gato doméstico para o *dramatis personae*, indica que, não apenas a vítima abominavelmente desumanizada, não apenas os dois descobridores horrorizados do corpo carbonizado e derretido, Guppy e Weevle, mas toda a criação, simbolizada

pelo gato, está de alguma forma envolvida nesta apresentação dramática e horrorosa de crime e castigo.

O que se passa com a gata?" diz o Sr. Guppy. "Look at her!"

"Louca, acho eu. E não admira, neste lugar maléfico."

Um pecado muito grande foi, não tanto expiado, mas castigado, na casa escura e maligna, no beco escuro e maligno; mas os homens "bons" não são eles próprios inocentes — neste drama simbólico, e drama de simbolismo, Dickens distribui a culpa de forma bastante equitativa.

Os dois homens avançam temerosos para o quarto do velho avarento dado à bebida.

O Sr. Guppy pega na luz. Descem, mais mortos do que vivos, agarrados um ao outro, e empurram a porta da loja das traseiras. A gata recuou para junto dela e permanece ali, rosnando — não para eles, mas para algo no chão, diante da lareira. Resta muito pouco lume na grelha, mas há no quarto um vapor sufocante e fumegante, e uma camada escura e gordurosa cobre as paredes e o teto. As cadeiras e a mesa, e a garrafa tão raramente ausente da mesa, continuam nos seus lugares habituais. Nas costas de uma cadeira pendem o gorro peludo e o casaco do velho. Portanto, o velho deve estar algures no quarto… Está.

Avançam lentamente… A gata continua onde a encontraram, ainda a rosnar para aquela coisa no chão, diante da lareira e entre as duas cadeiras. O que é aquilo? Levante a luz.

Aqui está uma pequena mancha queimada no soalho; aqui está a isca de um pequeno molho de papéis queimados, mas não tão leve como seria habitual, parecendo embebida em qualquer coisa; e aqui está — será a brasa de um pequeno toro de madeira carbonizado e partido, salpicado de cinza branca, ou será carvão? Ó horror, ele está aqui! E isto de que fugimos, apagando a luz e tropeçando uns nos outros até à rua, é tudo o que resta dele.

Mesmo no tratamento faceto do inquérito do médico legista, o sempre fiável Dickens adere estritamente ao padrão clássico dos factos:

Por fim chegam o médico legista e o seu inquérito, tal como antes, exceto que o legista estima este caso por ser fora do comum e diz aos senhores do júri, na sua qualidade pessoal, que “aquela parece ser uma casa azarada ali ao lado, senhores, uma casa fadada ao destino; mas por vezes é assim que acontece, e são mistérios que não conseguimos explicar!

4. A NATUREZA DO FOGO PRETERNATURAL

"A ciência", disse o falecido Charles Fort, "é muito parecida com a Guerra Civil Americana. Não importa qual dos lados tivesse ganho, teria sido sempre uma vitória americana."

A ciência assumiu o que parecem ser dois lados nesta matéria da combustão espontânea: um lado afirmando que o fenómeno não existe (isto é, todos os incêndios que parecem ser do tipo "espontâneo" são apenas... bem, incêndios), o outro lado afirmando que, embora existam mortes (os meros ferimentos — não fatais — são sempre ignorados) que parecem ter uma aparência de mistério ao seu redor, isto deve-se simplesmente ao facto de a explicação correta não ter sido, até ao momento, convenientemente apresentada. Este lado da ciência afirma que a combustão espontânea não é, como tantas pessoas alegam, "inexplicável", mas meramente inexplicada — e aqui a ciência pode muito bem ter razão. Não vai, contudo, trazer-nos para mais perto da explicação desejada se a ciência insistir numa escolha demasiado seletiva das suas provas.

Apenas um investigador, até agora, teve algo de original, algo de construtivo, a dizer sobre a combustão espontânea: foi Charles Fort, o iconoclasta que usou ídolos partidos para fornecer os alicerces da filosofia mais sã com que a mente do homem alguma vez se deixou enlouquecer.

A combustão espontânea fascinava Fort tanto quanto fascinava Dickens, e é triste refletir que Dickens nunca teve a oportunidade de ler Fort. Se Dickens, pode dizer-se, era romanticamente gótico, Fort era construtivamente gótico. Ele demoliu quase cada "facto aceite", "verdade inegável", "prova incontrovertível". Os cientistas odiavam-no, e ainda o odeiam. Os cientistas faziam-no rir.

Ele olhou mais de perto para a combustão espontânea e, na verdade, para qualquer outro fenómeno anómalo, do que qualquer homem olhara

desde os filósofos de vão de escada do século dezasseis. Mas olhou com um olho muito mais perspicaz e, em consequência, viu mais. E viu mais porque foi capaz, através dos serviços normais de recortes de imprensa do século vinte, de reunir muito mais material para análise do que alguma vez esteve disponível para um Michel de Montaigne, Thomas Browne, John Aubrey, John Evelyn ou um Robert Burton.

Fort era um investigador obsessivo do bizarro; e ao recolher factos que a ciência não só não tinha explicado, mas nunca tentara explicar, e ao apresentar estas anomalias, foi lesto a apontar as implicações bizarras e perturbadoras das suas conclusões.

Depois de ter descrito alguns casos muito estranhos envolvendo combustão espontânea — nem todos eles fatais —, Fort comenta então:

Penso que os nossos dados se referem, não à "combustão espontânea de corpos humanos", mas a coisas ou seres que, com um processo flamejante, consomem homens e mulheres, mas que, tal como os lobisomens ou alegados lobisomens, escolhem maioritariamente mulheres.

Mas antes de passarmos a considerar esses casos recolhidos por Fort — casos diferentes de todos os anteriormente citados pelo facto de serem selecionados por Fort para apoiar as suas teorias individuais —, consideremos o facto de que, em meados do século dezanove, todas as provas tinham sido recolhidas pelas quais a natureza invulgar do "fogo preternatural" poderia ter sido claramente exposta — mas não o foi.

Não era tanto que os factos fossem deturpados pela ciência relevante, mas sim que os factos eram suprimidos, ou que falsos "factos" eram irresponsavelmente ou descuidadamente introduzidos no registo, como, por exemplo, a afirmação do Dr. Thurston, completamente sem apoio em provas completamente disponíveis para si, de que "todos os casos aconteceram no interior de edifícios, habitualmente perto do coração."

Notas

[1]: Fora de um relato de jornal, a primeira menção a este caso encontra-se nas Letters on Natural Magic de Sir David Brewster (1823).

Ora, por volta dos primeiros anos do século dezanove, "seis condições preliminares essenciais" tinham supostamente sido descobertas pelos investigadores — "seis condições preliminares essenciais" sem as quais o fenómeno da combustão espontânea não poderia ou, pelo menos, seria muito improvável ocorrer. Estas "condições essenciais" não tinham mudado nem de natureza nem de número por volta de 1938, nem, na verdade, mudaram desde então. As seis são:

1. A vítima é um alcoólico crónico.
2. A vítima é uma mulher idosa.
3. Um candeeiro ou outra fonte de ignição, "que possa ter ocasionado o incêndio", está sempre presente. Por vezes, a fonte de calor é uma lareira.
4. A vítima é corpulenta (de modo a facilitar a geração pós-morte de "gases inflamáveis").
5. A vítima é solitária — ou, pelo menos, morre sozinha.
6. A vítima é "habitualmente" fumadora de cachimbo.

A estes "preliminares essenciais", devo agora acrescentar as características que distinguem um fogo "espontâneo" ou "preternatural" de qualquer outro fogo de tipo normal.

1. Poucos danos são causados às substâncias combustíveis — roupas, móveis, etc. — mesmo em contacto mais próximo com o corpo.
2. Há um resíduo de cinzas gordurosas.
3. Há uma consumição quase total do corpo.
4. As extremidades habitualmente escapam a queimaduras graves; certamente as mãos e os pés — e frequentemente a cabeça — nunca são totalmente consumidos.

Agora, para recapitular brevemente as minhas objeções às "conclusões" acima, em adição aos factos apresentados anteriormente, posso acrescentar:

1. Embora as mulheres formem a maioria das vítimas — hoje, como no passado —, elas não constituíam nem constituem a totalidade das vítimas. Tanto mulheres como homens são "levados", e, das mulheres, algumas são "idosas", algumas de meia-idade até jovens; e — como veremos — alguns dos casos mais impressionantes envolveram raparigas adolescentes. O único grupo de sexo-idade muito raro representado no registo é o do rapaz, pré- ou pós-púbere.

O único caso de uma vítima do Fogo pré-púbere que me é conhecido é o do rapaz de 11 meses, Peter Seaton, de Peckham Rye, Londres, as estranhas circunstâncias de cuja morte toquei no capítulo de abertura deste livro. Até agora, o pequeno Peter continua a ser o membro único desse grupo de idade a que pertence.

2. Mencionei a alegação de que todas as vítimas são "mulheres idosas", a fim de despachar primeiro as "classificações por sexo". Voltar-me-ei agora para a afirmação de que "a vítima é um alcoólico crónico".

Ora, isto é puro folclore, sustentado pelos romancistas (como seria de esperar) — Balzac, Dickens e Zola —, mas admitido como um "inconstante" mesmo pelos médicos legistas. Assim, o Dr. Thurston, relatando um caso moderno: *"Uma viúva magra, de 69 anos, vivia sozinha numa pequena casa em banda. Estava de saúde débil, trôpega das pernas, e encontrava-se sob tratamento para a tensão arterial elevada e doença de Parkinson ligeira. Os seus hábitos eram abstémios [itálico meu — M.H.], e tomava meio grão de um barbitúrico a cada hora de deitar."*

O caso desta mulher será examinado em detalhe mais tarde — ela morreu "com uma quantidade invulgar de fumo e faíscas a sair da sua chaminé" —, mas note-se aqui que ela não era corpulenta, estava de saúde débil (a "saúde" das vítimas era também, se não uma condição essencial, pelo menos uma condição "normal"), e que "os seus hábitos eram abstémios".

Neste ponto, a opinião médica estabelecida começa a questionar-se a si própria. Tentando desesperadamente salvar algum prestígio das "autoridades" mais antigas, o Dr. Thurston comenta: *"O presente caso mostra a maior parte das características listadas pelas autoridades mais*

antigas [itálico meu — M.H.], exceto que a falecida mulher não era uma grande bebedora..."

Isto é bastante dissimulado, mesmo para alguém de opinião médica comprometida. Quando o Dr. Thurston diz que "o presente caso mostra a maior parte das características listadas pelas autoridades mais antigas", ele deve certamente ter em mente que ele próprio apresentou as seis "condições essenciais" postuladas por estas "autoridades mais antigas", mas apenas três — ou seja, apenas cinquenta por cento — das "condições essenciais" estavam presentes neste caso.

Ora, se três em cada seis "condições essenciais" podem ser, na realidade, dispensadas, quão "essenciais" são estas condições "essenciais"?

Havia, embora não tenha sido mencionado no relatório do Dr. Thurston, outra "condição essencial" — a vítima parece ter estado morta antes de o fogo flamejar e a queimar até ficar reduzida a cinzas. Mas o número de casos relatados em que a vítima se encontrava viva forma uma grande proporção do total.

3. "Uma fonte de calor" — cachimbo, candeeiro, lareira, etc. — é sempre mencionada em todos os inquéritos, mesmo quando é frequentemente claro que, apesar da presença de uma "fonte de calor" no quarto em que a vítima morreu, não poderia ter sido o cachimbo, o candeeiro, a lareira, etc., a causar a ignição do corpo. A razão pela qual esta "fonte de calor" é sempre mencionada será examinada mais tarde. Mas aqui pode ser apontado que, em primeiro lugar, várias mortes modernas por combustão espontânea ocorreram onde não havia fonte de calor e, em segundo lugar, a presença "essencial" de uma fonte de calor nunca foi estabelecida nos casos de algumas vítimas vivas.

4. "A geração pós-morte de gases inflamáveis" é possível realmente apenas pela condição adiposa da vítima "sempre corpulenta" — ele ou ela fornecia o combustível para o "efeito vela" a ser mencionado mais tarde. Um exame dos casos mostra que as vítimas podem ser tanto gordas como magras — ver o caso mencionado acima. Todos os casos vivos relatados parecem ter sido, se não magros, pelo menos não gordos. Nem a criada da Binbrook Farm nem a jovem mulher encontrada a flamejar num bosque em

Ayer, Massachusetts, era gorda. Poder-se-ia comentar "talvez seja por isso que não morreram!" — exceto que "a viúva magra de 69 anos" morreu, e o mesmo aconteceu a muitas outras pessoas não corpulentas.

5. "A vítima é solitária" — a vítima "vive sozinha". Bem, isto é frequentemente verdade — mas, novamente, há exceções impressionantes a esta regra, como o caso dos Kiley, relatado no *Hampshire Advertiser* [Inglaterra] de 4 de março de 1905, torna claro.

Este estranho assunto aconteceu em Butlock's Heath, uma aldeia perto de Southampton, onde um casal de idosos, o Sr. e a Sra. John Kiley, vivia sozinho no que pode ser descrito como "conforto modesto e retirado".

Na manhã de 26 de fevereiro, os vizinhos ouviram o que mais tarde descreveram ao médico legista como "um som de arranhar", o qual, independentemente da sua indescritibilidade no inquérito, pareceu aos vizinhos ser suficientemente invulgar e suficientemente alarmante para justificar o facto de eles "arrombarem e entrarem" na casa dos Kiley. Encontraram o interior da casa em chamas.

O velho Sr. Kiley estava caído, morto por queimaduras, no chão da sala de estar; a sua esposa, também morta por queimaduras, estava numa poltrona na mesma sala. Ambos os corpos estavam, relatou-se mais tarde, "gravemente carbonizados, mas reconhecíveis".

Quando a polícia foi chamada e realizou um exame minucioso das instalações, notou com satisfação que uma mesa tinha sido derrubada e que havia um candeeiro a óleo, com o seu quebra-luz de vidro e chaminé despedaçados, caído no chão.

A explicação óbvia — ? Sim, exceto por um facto perturbador: em circunstância alguma a queda do candeeiro poderia ter iniciado o fogo que queimou o Sr. e a Sra. Kiley. Não admira que o júri tenha emitido o veredicto de "morte acidental — mas por que meios não somos capazes de dizer".

Não pressionado pelo médico legista para aprofundar demasiado ou pensar em demasia, o júri levou para casa a recordação de alguns factos curiosos e bastante inexplicáveis. Ambos os corpos, no momento da morte,

estavam completamente vestidos — como era evidente pelos "fragmentos de roupas" não totalmente consumidos pelo calor intenso. Ora, esta prova tem implicações de longo alcance nas quais o médico legista não insistiu de todo.

O facto de os Kiley, pessoas idosas de hábitos fixos, terem morrido ainda completamente vestidos, indica a probabilidade (não é, claro, mais do que isso) de terem morrido antes de subirem para o seu quarto, um facto — ou probabilidade — que poderia ter indicado a hora da morte, exceto por uma discrepância inexplicável: se os Kiley tinham sido atingidos antes da sua hora habitual de ir para a cama (digamos, a dada altura entre as 22h e as 23h), porque é que a casa não esteve em chamas senão cerca de sete a oito horas mais tarde?

E porque é que, se os Kiley, estando ainda em baixo na sua sala de estar e estando, presumivelmente, ainda "acordados", tinham estado despertos, não gritaram por socorro? Os vizinhos, cuscos como todas as pessoas da terra habitualmente são, tinham ouvido — e investigado — o estranho "ruído de arranhar", mas não tinham ouvido nenhum grito de socorro. Os Kiley, então, tinham sido queimados até à morte — carbonizados quase até ficarem irreconhecíveis — num fogo estritamente localizado que não se tornara um incêndio geral senão horas mais tarde.

Mas quem derrubou a mesa? O Sr. Kiley, com a primeira mordidela afiada do Fogo do Céu sobre si, fazendo um esforço desesperado para abrir a porta do quarto e da casa, e pedir socorro?

A poltrona era do tipo conhecido na altura como *"saddle-bag"*, estofada em pelúcia cortada e com uma capa solta de chita. Apesar da condição carbonizada da Sra. Kiley, a capa solta não estava sequer chamuscada.

Supondo que muitas — a maioria — das vítimas de combustão espontânea estão mortas quando o Fogo as atinge, é de qualquer modo um facto que o Fogo atinge tanto os vivos como os mortos. O caso do Padre Bertholi tornou-se um "clássico"; um "clássico" incómodo, na verdade, visto que ofende as "regras", neste contexto.

O Padre Bertholi, não sendo alcoólico, não sendo corpulento, não sendo de modo algum "uma mulher idosa", e certamente não sendo um homem de má vida, de repente gritou em agonia — quando aqueles que

ouviram os seus gritos correram em seu auxílio, encontraram-no envolvido em chamas azuis, as quais, com alguma dificuldade, apagaram à bofetada com as mãos e casacos. O eminente cirurgião italiano, Battaglia, tendo sido chamado, examinou o Padre Bertholi e descobriu que parte de um dos braços do sacerdote tinha sido totalmente consumida. Battaglia tratou as queimaduras, que eram (além das do braço) extensas, e deitou o Padre Bertholi na cama.

A mortificação que rapidamente se seguiu aos cuidados do Dr. Battaglia pode ou não ter tido a ver com o Fogo; era um século anterior àquele em que Lister e Semmelweis demonstraram claramente a ligação entre a "sujidade" e a doença, e o Dr. Battaglia, e não o Fogo, pode ter causado a mortificação das feridas do sacerdote.

A esta horrível mortificação sucedeu uma sede intensa, e logo o Padre Bertholi caiu num coma do qual nunca mais acordou. A julgar pela descrição da sua condição, conforme apresentada no *London Medical and Surgical Journal* de 25 de novembro de 1837, o coma proporcionou uma libertação misericordiosa dos seus sofrimentos: *"Enquanto o coma esteve presente, o corpo estava tão putrefacto que exalava um odor insuportável. Vermes rastejavam para fora do corpo enquanto este se encontrava ainda vivo, e as unhas da mão esquerda separaram-se..."*

Deve notar-se, de passagem, que esta revista médica de responsabilidade é uma das poucas autoridades primitivas que não insiste na condição "essencial" da corpulência: *"... Em muitos dos casos registados, os sofredores eram viciados na embriaguez; mas não em todos. Eram ou gordos ou muito magros... ou muito debilitados; embora tenham ocorrido algumas exceções a este estado de coisas."*

Este comentário é interessante; mostra que pelo menos um editor médico do início do século dezanove aceitava tanto o "abaixo do peso" ou "emaciado" como o "debilitado" (isto é, o inverso de "saudável") como, se não exatamente condições predisponentes normais na combustão espontânea, pelo menos condições que eram encontradas. Isto está em contraste direto com o facto de o Dr. Thurston comentar sobre a condição "geralmente saudável" das vítimas.

A ligação semântica entre "álcool" e o Fogo era muito mais aparente para os nossos antepassados quando a expressão *"ardent spirits"* era ainda

compreensível para uma sociedade instruída em latim como "espíritos ardentes" (do latim, *ardens*, "que arde"). Mas mesmo antes da introdução de licores destilados na Europa, através da Escola de Salerno no século doze, havia relatos de pessoas que pareciam ter uma afinidade surpreendente com o fogo ou a luz, ou com ambos.

A lenda dos homens que conseguem atear fogo a materiais com o seu "hálito de dragão" é de grande antiguidade e encontra-se amplamente espalhada: Charles Fort sugere que outrora existiram tais homens, herdando o que fora outrora uma qualidade necessária nos dias em que o fogo era necessário mas não se encontrava disponível por meios mecânicos.

Teodorico, o Grande (455-526 d.C.), Rei dos Ostrogodos e de Itália, tinha um corpo tão curiosamente moldado que, quando friccionado, desprendia chamas; e alguns séculos mais tarde, ainda em Itália, o renomado Livreiro de Pisa espantou os seus concidadãos pela luminescência que irradiava do seu corpo, de resto comum.

Nem toda a "chama" é fatal — por vezes nem sequer é quente — e a incidência da "chama", desde a luminescência inofensiva do livreiro pisano, passando pelas chamas azuis (alarmantes mas) igualmente inofensivas do rei ostrogodo, até às dolorosas e aterradoras "chamas em asa" da criada de Binbrook, representa apenas um número infinito de graus do mesmo fenómeno; um fenómeno que é o propósito deste livro examinar e, se possível, explicar.

Existe obviamente uma ligação íntima entre o mais inofensivo (assim como o mais perigoso) destes "fenómenos de chama" e os fogos-fátuos de eletricidade estática, que brincam em redor dos mastros dos navios no mar. Normalmente inofensiva, esta eletricidade "estática" foi ainda assim responsável pela perda do *Hindenburg*. Pensa-se que um dos sacos de gás cheios de hidrogénio tinha começado a verter mesmo antes de o gigante dirigível alemão ter chegado ao seu mastro de amarração em Lakehurst, N.J. Nos milhares de pés quadrados da "pele" do dirigível, uma imensa carga de eletricidade estática tinha-se acumulado durante, e por causa da, sua rápida passagem através do ar. A descarga desta eletricidade estática inflamou o hidrogénio em fuga, com os resultados que conhecemos. Um filme recente sugeriu que a explosão foi causada por sabotagem; mas o inquérito oficial pareceria confirmar que a eletricidade estática foi a causa principal do desastre.

Seguindo a prática espanhola, chamamos a esta descarga "Fogo de Santelmo". Os romanos chamavam a uma chama única de "Fogo de Santelmo" "Helena"; a uma chama dupla, "Castor e Pólux". (Ver Nota p. 263).

Notas

• *Itálico meu — M.H. Cf. o caso da "viúva magra de 69 anos" na página 33.*

Examinei noutra obra os resultados sociorreligiosos da Peste Negra*.

[1] O que é relevante aqui é que o facto da morte — a morte que atacava indiscriminadamente, encontrada universalmente — se tornou associado na mente pública europeia com os "espíritos" destilados do vinho e dos cereais, introduzidos através de Itália dois séculos antes.

A ciência médica contemporânea nada fez para desencorajar a crença de que a ingestão — a ingestão intemperante — de líquidos altamente voláteis e inflamáveis tornava o seu consumidor volátil... e inflamável. Sem oposição — antes incentivado — pela profissão médica, o povo comum acreditava que o consumo excessivo de bebidas espirituosas fazia o suor cheirar a enxofre; tornava a roupa interior perigosamente explosiva†;[2] que o pentear do cabelo de um bêbado fazia brotar chamas azuis como do pelo de gatos "eletrificados". Os médicos alertavam gravemente os seus pacientes embriagados para se manterem bem afastados de chamas abertas — mesmo as das velas. (E, visto que houve pessoas que se desfizeram em fumo, quem poderá dizer que aqueles que seguiram o conselho dos médicos não foram salvos de arder...?)

Não constitui qualquer denigrição das descobertas dos grandes químicos do século dezoito no campo da combustibilidade o perguntar se o seu "varrer para o limbo das crenças ultrapassadas" provou realmente a não existência do flogisto, o "princípio da combustibilidade" dos alquimistas? Tudo o que Cavendish, Priestley e Lavoisier realmente fizeram foi analisar os gases cujo comportamento já tinha sido extraordinariamente bem fundamentado — particularmente por Boyle — no século anterior. Ao

extrair o hidrogénio altamente inflamável da água, terá Cavendish realmente refutado a existência de um "princípio da combustibilidade"?

Terá Priestley o feito, quando isolou o oxigénio do ar? Se os químicos e físicos da atualidade conseguem "explicar" por que razão o sódio metálico se inflama em contacto com a água, e o fósforo em contacto com o ar: negará isso a essas duas substâncias aquela qualidade de inflamabilidade que, diziam os alquimistas e os seus sucessores, era inerente, não tanto, digamos, ao sódio metálico e ao fósforo por si mesmos, mas sim à situação do sódio metálico em proximidade imediata com a água, e do fósforo em proximidade imediata com o ar?

O que os cientistas modernos fazem não é tanto enunciar novos factos, mas sim medir, com uma precisão inacessível aos nossos antepassados da era alquímica, as influências cósmicas que esses filósofos alquímicos hipotetizaram. Através do uso de instrumentos padronizados e métodos de investigação padronizados, os cientistas modernos conseguem agora estabelecer a natureza não acidental e permanente de fenómenos importantes — e isto, note-se, relativamente a fenómenos que não foram inicialmente detetados ou sequer "explicados" por eles.

Vejamos a relação que a investigação científica moderna, mas visivelmente a instrumentação científica moderna, estabeleceu entre as "teorias excêntricas" do Barão Karl von Reichenbach, descobridor do creosoto, e o "Efeito Kirlian", resultado de trinta anos de experimentação por parte dos biólogos russos, Semyon e Valentina Kirlian.

Há um século e um quarto, o eminente químico alemão, von Reichenbach, relatou que tinha detetado "uma espécie de energia ou luminescência a irradiar de humanos, plantas e animais." Von Reichenbach, depois de ele próprio ter detetado esta energia radiante, reuniu em redor de si um grupo de "sensitivos" que afirmaram que eles também conseguiam ver o que von Reichenbach tinha detetado. Estes "sensitivos" conseguiam, num quarto completamente às escuras, "ver" uma força de caráter desconhecido a emanar de cristais e outras substâncias. "Há um polo azul", disseram eles ao Barão, "que se sente fresco e agradável ao toque da mão; há um polo vermelho-alaranjado que é quente, com uma tepidez

repugnante." Von Reichenbach, procurando um nome para esta emanação recém-percebida, chamou-lhe "a força ódica".

Von Reichenbach teve a infelicidade de recolher as suas provas e apresentar as suas conclusões num período em que "o irregular" exigia atenção enfrentando uma boa dose de concorrência. Era uma era de novas teorias e, como algumas — muitas, na verdade — destas teorias participavam da natureza do místico, do oculto, do sobrenatural, quase todas as teorias, na sua totalidade, atraíam a animosidade daqueles "que não podiam perder tempo com semelhante lixo". O problema era que até os instruídos confundiam "o charlatão" Daniel Dunglass Home (alvo do ataque amargo de Browning em *Mr. Sludge, the Medium*) e os seus patronos diletantes do misticismo, como Lord Lytton, com investigadores sérios dos "novos" fenómenos, tais como Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge, Lord Adare e Lord Rayleigh — não tendo a confusão terminado de todo quando Crookes, Lodge e os outros cientistas pareceram "acreditar nas" teorias "selvagens" de von Reichenbach e dos seus semelhantes.

Olhando para trás, para o século que nos separa dos investigadores dos fenómenos de "radiação", "emissão", "emanação" — os nomes variavam, mas os fenómenos eram todos de uma "família" —, fica-se impressionado por um facto que é novamente aparente: se os fenómenos podiam ser detetados e registados por instrumentos de mogno, ebonite, fio de cobre isolado a seda e latão lacado, eles podiam ser, e geralmente eram, "credíveis".

Todas estas conclusões científicas, relatadas na íntegra por toda a imprensa "técnica" popular, eram entusiasticamente debatidas por todas as classes da sociedade vitoriana e, desde que fossem relatadas pelo tipo certo de revistas, implicitamente acreditadas. Mas quaisquer fenómenos relatados pelo tipo "errado" de revistas, como, por exemplo, a *Astrology* ou a *Future*, seriam tão fervorosamente rejeitados.

No entanto, por todo o mundo, cientistas "aceites" estavam a provar a existência de radiação invisível e intangível que, ordinariamente imperceptível aos sentidos humanos, podia ainda assim ser detetada e controlada por instrumentos de conceção especial.

Quando Becquerel colocou um pedaço de pechblenda num armário que já continha algumas placas fotográficas não reveladas nos seus invólucros à prova de luz e, ao remover os invólucros mais tarde, descobriu que as placas tinham sido "expostas", constatou que tinha descoberto, por acidente, o fenómeno da radioatividade — um fenómeno a ser investigado, com resultados literalmente demolidores para o mundo, pelos Curie.

Mas a perceção de alguma forma de radiação vinha sendo suspeitada por "sensitivos", e por aqueles que os observavam, há séculos. A ideia de que existem níveis de perceção, como imaginado, por exemplo, pelo escritor de romances e contos "estranhos", Sheridan Le Fanu, implica invariavelmente uma teoria de níveis de "chamada de atenção".

Le Fanu ficara impressionado com o facto de as "alucinações" vistas por bêbados no seu delírio induzido pelo álcool parecerem partilhar de uma semelhança notável; e isto apesar dos temperamentos e contextos amplamente divergentes, domésticos, religiosos e educacionais, dos infelizes sujeitos do delírio alcoólico.

Le Fanu não foi o primeiro a notar este facto; cada funcionário num lar de alcoólicos sabe-o, e sabia-o. Na verdade, foi através de um médico especializado no tratamento do alcoolismo que Le Fanu tomou conhecimento disso pela primeira vez; mas Le Fanu foi o primeiro a perguntar-se porquê? Porque haveriam homens e mulheres tão variados de ver todos as mesmas coisas — os bichos, os ratos, os "rostos", os elefantes cor-de-rosa? Porque haveriam de sentir as mesmas coisas: a mais conhecida de todas, a chamada "síndrome da aracnação": a sensação de que o rosto e as mãos estão cobertos de teias de aranha? Porque haveriam de cheirar as mesmas coisas, desde violetas numa extremidade tolerável da escala até sujidade inominável na outra? Porque haveriam todas estas "alucinações" de seguir o mesmo padrão? Le Fanu perguntou-se e depois sugeriu a sua própria resposta: talvez causas semelhantes produzam efeitos semelhantes? Por outras palavras, as "alucinações" podem não ser de todo subjetivas, mas sim completamente objetivas, tendo uma realidade percetível apenas para sentidos que tenham os seus "espetros" visuais, tácteis, auditivos, gustativos e ósmicos vastamente alargados pelos efeitos puramente físicos do álcool.

Ocorreu a Le Fanu que todos esses estimulantes poderosos — não apenas o álcool, mas o haxixe, o ópio e os delirifacientes mencionados nos julgamentos de bruxas dos séculos dezasseis e dezassete — poderiam ter, cada um, o seu poder especializado de "aumento de perceção"; cada droga, por assim dizer, tendo o poder de alcançar (ou alcançar para o observador) o seu próprio nível de perceção atribuído e distinto. Le Fanu era contemporâneo e amigo do mais famoso consumidor de drogas de uma geração de consumidores de drogas: Thomas de Quincey, autor das *Confissões de um Opiumófilo Inglês*. Tanto pelo livro de de Quincey como pelo próprio autor, Le Fanu constatou que, com o ópio tal como com o álcool, as "alucinações" tendiam a conformar-se com um padrão tradicional, independentemente do temperamento, educação, desejos pessoais e medos do sujeito. Era como se, ao abrir as persianas, a pessoa convidada a olhar através de uma janela visse o que qualquer outra pessoa teria visto.

Ofende a muitos que russos "oficialmente sem Deus" estejam a investigar, com aquilo a que os redatores de publicidade técnica chamam "o equipamento eletrónico mais sofisticado", os mistérios sombrios daquela dimensão na qual apenas, até agora, os histéricos, os estáticos, os bêbados, os consumidores de drogas, as crianças pequenas e os muito velhos, os viajantes numa estrada solitária, e os febris e os famintos, se perderam por um momento.

Durante séculos, os homens usaram os poderes "psíquicos" do homem com a varinha de rabdomante para encontrar coisas — água, petróleo, metais. O governo provincial da Colúmbia Britânica, no Canadá, procurando metais, recorreu à Miss Evelyn Penrose, notória senhora "procuradora"; e várias empresas, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos, fabricam varinhas de rabdomante de cobre e alumínio para uso das empresas de serviços públicos, as quais as empregam regularmente há muitos anos.[3]

Não importa realmente que os cientistas soviéticos se sintam mais felizes em investigar as propriedades da "rabdomancia" ou "procura" se rebatizarem a "rabdomancia" de Método dos Efeitos Biofísicos (MEB). O que importa é que uma investigação cuidadosa permitiu primeiro ao professor russo Dr. Nicolai Sochevanov (ele próprio um rabdomante perito)

reformular a tradicional "vara de feiticeiro" russa de madeira como uma vara de aço em forma de U, que tem a vantagem de ser operável em todas as estações e climas; algo que a tradicional vara de madeira verde não é.

Agora, com a rabdomancia rebatizada e promovida ao estatuto científico oficial, os soviéticos estão, como eles próprios afirmariam, a fazer a rabdomancia render. Os delegados da reunião da Sociedade Astro-Geodésica de Toda a União de 31 de outubro de 1966 relataram que "o método dos efeitos biofísicos está a ser utilizado para procurar água nos muitos desertos da União Soviética, para depósitos de minério na República Soviética da Ásia Central, e estava a ser extensivamente estudado em campo e no laboratório pelos institutos de geologia de Leninegrado e Moscovo."*

Uma vez ultrapassada a nossa aversão pela "mecanização do místico", temos honestamente de admitir que, desde que lhes seja permitido examinar qualquer fenómeno com "equipamento eletrónico sofisticado da mais avançada conceção", os investigadores russos não se sentem inibidos por preconceitos religiosos ou políticos de examinar tudo e qualquer coisa.

Na Europa e na América do Norte os "leitores de pensamentos" fazem os seus truques em teatros de variedades e circos; na Rússia e nas colónias mais próximas da Rússia fazem-nos sob a luz ofuscante de laboratórios esmaltados a branco, ligados por fios a máquinas que registam o seu ritmo cardíaco, pressão arterial, respiração, transpiração, temperatura da pele e do corpo, e assim por diante.

A telepatia é um fenómeno bem conhecido — estritamente inacreditável, escusado será dizer, para aqueles que nunca o encontraram. Wolf Messing, um telepata que escapou da Polónia ocupada por Hitler para a URSS, é hoje uma espécie de superestrela conhecida em todos os níveis da sociedade, uma figura lendária há mais de um quarto de século. Messing é um nome familiar até para cientistas célebres. O químico soviético vencedor do Prémio Nobel, Dr. Nicolai Semyonov, Vice-Presidente da Academia de Ciências da URSS, disse na *Ciência e Religião*, em setembro de 1966: "É muito importante estudar cientificamente os fenómenos psíquicos de sensitivos como Wolf Messing."*

Há um século, num ambiente de incredulidade e hostilidade, o Barão Karl von Reichenbach estava a examinar os seus "sensitivos" e a publicar as suas experiências a um mundo descrente. Agora, na URSS, essas experiências foram repetidas por uma equipa de cientistas composta por marido e mulher — e o que eles descobriram não só vindica completamente von Reichenbach, como nos traz, penso eu, mais perto da solução daquele mistério de que este livro principalmente trata.

5. O EFEITO KILNER E O EFEITO KIRLIAN

Grosso modo, a meio caminho no tempo entre a "ciência amadora" de Karl von Reichenbach e as investigações conscientemente "supercientíficas" dos investigadores soviéticos do paranormal surge a figura significativa do Dr. Walter Kilner, do St. Thomas's Hospital, em Londres. Kilner é significativo não apenas pelo facto de ter anunciado conclusões experimentais que, segundo ele, apoiavam as descobertas de von Reichenbach sobre as auras "ódicas", mas fez mais: concedeu aos seus próprios resultados de apoio a Reichenbach o valioso prestígio que a menção a qualquer produto químico conferia às experiências científicas no período imediatamente posterior a 1900.

O Dr. Kilner antecipou-se — e fez xeque-mate — aos críticos ao explicar que não tinha meramente olhado de forma "sensitiva" para este e aquele objeto, tentando discernir a sua aura. Ele tinha olhado, em primeiro lugar, através de vidro e, muito mais importante, através de vidro corado com uma dicianina — um corante azul.

Tendo pago o seu tributo à "física racional" através do uso de um produto químico, o Dr. Kilner merecia que se acreditasse nele. Não se acreditou totalmente nele, mas obteve mais crédito do que von Reichenbach — e aquilo que Kilner relatou ter visto quando observou o corpo humano através de um ecrã de dicianina foi bem recordado quando, em 1939, Semyon Davidovitch Kirlian, eletricista russo-arménio, tirou a primeira fotografia do "efeito Kilner". (Jung teria achado "apenas natural" que "Kirlian" — especialmente conforme pronunciado na Rússia — seja quase um anagrama de "Kilner".)

O que Kilner disse que viu foi a aura que rodeia o corpo humano: "uma nuvem de radiação que se estende cerca de seis a oito polegadas para fora, e que mostra cores distintas." Estas cores, notou Kilner, alteravam-se, e a própria aura mudava de tamanho, consoante o paciente se encontrava vigoroso ou fatigado; saudável ou doente; feliz ou deprimido. A aura, notou Kilner, era também altamente sensível às influências externas do magnetismo e da eletricidade, e aos estímulos externo-internos do hipnotismo.

Com base nas suas observações, o Dr. Kilner ergueu uma elaborada filosofia médica de "diagnóstico pela aura", que ganhou muitos seguidores, tem ainda os seus apoiantes hoje, e pode esperar reunir muitíssimos mais recrutas à medida que os resultados da investigação Kirlian se tornem mais amplamente conhecidos.

A aura que rodeia não apenas o corpo humano, mas todos os outros seres vivos, era "conhecida" desde os tempos mais recuados e, embora ainda não compreendamos as diferenças subtis entre o *ka* e o *ba* dos egípcios (sendo ambos alguma força vital além e acima da vitalidade comum), podemos supor que um — ou talvez ambos — possa corresponder àquilo que desde então passou a ser chamado de "o corpo astral". A existência desta força extracorpórea e supercorpórea era dada como certa até ao próprio fim da Idade Média, estando representada na arte religiosa cristã pelo "nimbo" ou "glória" em que Deus Pai e Cristo, e por vezes divindades menores, são representados como estando de pé ou sentados. Uma "aura menor" é o halo que rodeia as cabeças de todas as pessoas sagradas, tanto Cristo como os santos.

Notas

- *Em The Roots of Witchcraft (Frederick Muller Ltd, Londres, 1973).*
- *† O que estava por detrás desta "falácia popular"? — o estalar e o "Fogo de Santelmo" da carga estática em roupa interior de seda ou mesmo de linho?*
- *Ver o meu artigo "Still it Twitches", na revista britânica Underground Services.*

- *Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, PSI — Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain (ver Bibliografia). [^1]: N.T.: O autor refere-se à sua própria obra previamente publicada, mantendo-se o título original em nota conforme os critérios de citação. [^2]: N.T.: O símbolo † no original remete para a nota de rodapé do autor correspondente à falácia popular da eletricidade estática. [^3]: N.T.: O asterisco * no original remete para o artigo do autor na revista Underground Services.*

O que é tão interessante é que as "glórias" — especialmente as "glórias" iridescentes, em arco-íris, que rodeiam ou Deus Pai ou Cristo — têm semelhanças impressionantes com as auras não apenas vistas pelos "sensitivos" de von Reichenbach e pelo Dr. Kilner através das suas placas de vidro coradas com dicianina, mas também fotografadas pelo severamente pragmático Semyon Kirlian e pela sua esposa.

O que o Dr. Walter Kilner tinha feito fora isto: encontrara um meio mecânico de ver e observar a qualquer momento la aura humana que, antes, fora visível apenas para pessoas de visão altamente especializada, e para elas apenas em certas condições psicossomáticas anormais. Com o vidro corado com dicianina de Kilner, a humanidade fora dotada, pela primeira vez, de um "detetor de aura" que operava independentemente do "conteúdo psíquico" do observador.

Em 1939, a primeira experiência de Kirlian viria a retirar todo o caráter místico de tentativa e erro do estudo da aura do organismo vivo — mas não nos esqueçamos de que, ao tornarem cientificamente aceitável aquilo que os "sensitivos" de von Reichenbach tinham visto e relatado, os Kirlian vindicaram todos aqueles que vinham vendo auras desde que existem auras para serem vistas.

"O nosso nascimento", disse Wordsworth, "não é senão um sono e um esquecimento."

O progresso do homem desde que se tornou "civilizado" tem sido uma perda progressiva de poderes de perceção outrora propriedade comum da humanidade, os quais são agora o talento raro e fortuitamente encontrado de uns poucos.

A razão para a perda de capacidades "normais" tais como a telepatia, a telecinese, a levitação, a manipulação mental, a "mudança de forma" e a invisibilidade voluntária é que estas capacidades não se coadunam com as condições necessárias à organização do homem em "sociedade". Mas o leitor poderia encontrar um apoio para o meu argumento no facto de que tais vestígios dos poderes "paranormais" (outrora completamente normais) perdidos da humanidade se encontram mais naqueles cuja vida tende para o primitivo e menos naqueles cujo estilo de vida se conforma rigidamente com o urbano e o cívico.

Se soubéssemos quando iríamos morrer, iniciaríamos novas empresas? Investiríamos para um tempo em que não estaríamos por cá para colher o benefício material do nosso investimento? A vida na cidade, o padrão social, não sobreviveriam a um conhecimento tão perigoso. Trocámos a nossa sensibilidade pelas vantagens, não tanto que a nossa pertença à sociedade moderna nos dá, mas pelas que uma associação de homens menos debilitante e degenerativa prometia aos nossos antepassados remotos.

Agora, com investigadores tais como os Kirlian, estes poderes perdidos estão prestes a ser substituídos mecanicamente. E se, ao remediarem a perda dos nossos poderes primordiais através dos produtos do técnico de laboratório e do maquinista e eletricista científico, investigadores tais como os Kirlian retiraram algum do romance ao "paranormal", admitamos que retiraram também muito do caráter de tentativa e erro. E agora, o que encontraram exatamente Semyon e Valentina Kirlian?

Em 1939, Kirlian foi chamado a um laboratório de investigação em Krasnodar, capital do Kuban, para efetuar um trabalho de reparação de rotina. Ele fez a reparação e, à saída do instituto, aconteceu-lhe ver que um paciente estava prestes a receber tratamento eletroterapêutico de um gerador de alta frequência de nova conceção. Atraído pela demonstração devido ao seu interesse profissional pela eletricidade (e não, como depois afirmou, pelos aspetos médicos do caso), Kirlian notou que, à medida que os elétrodos de vidro eram movidos contra o corpo do paciente, havia um clarão momentâneo de luz.

Kirlian descobriu mais tarde que este "clarão" já tinha sido notado frequentemente antes; mas descobriu também que era o primeiro a interessar-se por ele, e decididamente o primeiro a perguntar-se se este não poderia ser fotografado.

Havia dificuldades neste plano. Com os elétrodos de vidro existentes, a placa fotográfica ficaria arruinada pela exposição antes de a corrente poder ser ligada; elétrodos metálicos seriam satisfatórios, mas elétrodos metálicos seriam também perigosos. Apesar de tudo, Kirlian decidiu avançar com o uso de elétrodos metálicos.

A máquina foi ligada. A mão de Kirlian, sob o elétrodo metálico, estava a arder. Ele estava em agonia, mas a dedicação do investigador devotado persistiu através da dor. Durante três segundos inteiros a sua mão ardeu. Depois, com a corrente desligada, correu com as suas placas para a câmara escura. À medida que estas se revelavam, uma das fotografias mais estranhas alguma vez tiradas pelo homem entusiasmou e chocou o pioneiro.

"Estudei a imagem com dor, entusiasmo e esperança, tudo combinado. Teria eu feito uma descoberta? Teria inventado algo? Ainda não estava claro o que eu tinha feito."

Este novo campo de investigação exigia, Kirlian viu imediatamente, uma tecnologia inteiramente nova. Os modos estabelecidos de fotografia eram inúteis para a consecução do seu objetivo. Por isso Kirlian, mestre eletricista, pôs-se a trabalhar para conceber um gerador de faíscas de alta frequência inteiramente novo, que produzia de 75.000 a 200.000 oscilações por segundo. A fotografia que tinha resultado daquela primeira experiência vital não fora uma "imagem" reconhecível como tal, apenas uma espécie de nuvem luminosa, com a forma da sua própria mão.

Mas já, apesar da sua afirmação de que "ainda não estava claro o que eu tinha feito", Kirlian estava intuitivamente semiconsciente daquilo que tinha encontrado e semiconsciente da natureza do fenómeno que tinha, por acaso, investigado. Mas foi agora com algo mais do que um mero semiconhecimento que concebeu o seu oscilador especial de alta frequência.

Nos quase quarenta anos decorridos desde essa primeira experiência, Kirlian e a sua esposa "fotografaram" quase toda a gama do reino animal e vegetal. Coloco a palavra "fotografaram" entre aspas porque nenhuma câmara é necessária; o campo de alta frequência faz com que o objeto ou material a ser estudado irradie o que é ainda uma radiação ou luminescência não classificada e inexplicada; e a imagem deste objeto radiante pode ser transferida diretamente para papel fotográfico sensibilizado.

As primeiras "fotografias" dos Kirlian foram de uma folha. Colocada dentro do campo do oscilador de alta frequência, a folha "revelou um mundo de miríades de pontos de energia. Em redor dos bordos da folha havia padrões turquesa e amarelo-avermelhados de labaredas que saíam de canais específicos da folha. Um dedo humano colocado no campo de alta frequência e fotografado aparecia como um mapa topográfico complexo. Havia linhas, pontos, crateras de luz e labaredas. Algumas partes do dedo pareciam uma abóbora de Halloween esculpida com uma luz brilhante no interior.*

"... miríades de pontos de energia... linhas, pontos, crateras de luz e labaredas... uma abóbora de Halloween esculpida com uma luz brilhante no interior..."

Não é tudo isto familiar de muito antes de os Kirlian começarem a investigar as "auras" de Reichenbach-Kilner com o seu oscilador especial de alta frequência? Não serão estas as "alucinações", não apenas dos fumadores de ópio e dos bêbados, mas também dos febris e até dos desesperadamente fatigados que, procurando o sono, fecham os olhos apenas para ver os remoinhos caleidoscópicos, as exibições de fogo-de-artifício de "linhas, pontos, crateras de luz e labaredas?"

E enquanto estamos no assunto das primeiras "fotografias" dos Kirlian de uma folha luminescente, com as suas "miríades de pontos de energia", permita-me chamar a atenção do leitor para os padrões picotados ou ponteados nas éclogas dos santos medievais, visivelmente nos estranhos frescos do outro mundo de Giotto.

Quem ensinou os pintores religiosos medievais que as auras dos homens santos — homens abstratos, homens noutra dimensão — eram

ponteadas com miríades de pontos de energia? Ou terão os pintores do alvorecer do Renascimento visto essas auras por si mesmos?

Insatisfeito com a capacidade de "fotografar" a luminescência apenas dos imóveis, Kirlian idealizou uma técnica pela qual um sujeito vivo e em movimento pudesse ser colocado dentro do campo de alta frequência. Nas primeiras experiências importantes usou a sua própria mão. E então, um mundo fantástico do invisível abriu-se diante da equipa de marido e mulher.

A própria mão parecia a Via Láctea num céu estrelado. Contra um fundo de azul e ouro, algo estava a acontecer na mão que parecia uma exibição de fogo-de-artifício. Labaredas multicoloridas acendiam-se, depois faíscas, cintilações, clarões. Algumas luzes brilhavam de forma constante como fogueiras de Bengala, outras fulguravam e depois esmaeciam. Outras ainda faiscavam a intervalos. Em partes da sua mão havia pequenas nuvens ténues. Certas labaredas cintilantes deambulavam ao longo de labirintos faiscantes como naves espaciais a viajar para outras galáxias.

O que significavam estas labaredas? O que estavam elas a iluminar? As faíscas pulsantes não estavam a jogar nenhum jogo de azar. O jogo parecia ter regras, mas quais eram elas?*

Isto está muito bem dito, mas não é a excelente descrição que impressiona tanto quanto a sensação de familiaridade; não apenas com todos estes fenómenos de "alucinação", todos fielmente registados por algum pintor em algum lugar da história artística do mundo, como com os ecos verbais daquilo que os Kirlian viram quando a mão de Semyon Kirlian começou a "luminescer" dentro do campo de alta frequência.

Nos místicos medievais e pós-medievais, cristãos, muçulmanos e judeus, no misticismo eclético dos séculos doze a dezassete de Paracelso e Alberto Magno, de Boehme e Espinosa e Glanvil e Sir Thomas Browne, não menos do que nos vastamente mais antigos poetas-filósofos chineses e japoneses, encontramos ecoado em palavras aquilo que os místicos sempre alegaram saber e ver, e que o próprio campo de alta frequência de Kirlian permitiu, eventualmente, que fosse fotografado.

Aqui, finalmente, evidenciado em forma visual permanente em papel fotográfico "fixado", estava o corpo quase corpóreo, "astral", da teorização de Paracelso: esse segundo corpo, segunda *persona*; não propriamente espírito e não propriamente carne; partilhando igualmente as qualidades do material e do imaterial; vivendo dentro da carne, e impregnando-a; mas estendendo-se muito além dos confins terrenos da carne. O "reflexo no espelho" do corpo material: o "facto" que está por detrás de cada história do "duplo" assombroso, desde a lenda alemã do *Doppelgänger* à estranha história de William Wilson de Poe.

Os Kirlian tinham encontrado — e tinham fotografado — o que parecia ser a energia invisível fechada dentro de cada organismo vivo.

Pegaram numa folha e colocaram-na dentro do campo de m.a.f.: novamente houve aquele brilho coruscante de energias primordiais, a triunfante exibição de fogo-de-artifício da Vontade Criadora.

Mas agora voltaram atrás, afastando-se da vida exuberante em direção ao prenúncio da morte. Desta vez, a folha que colocaram dentro do campo estava meio murcha.

"Parecia uma grande metrópole a apagar as suas luzes para a noite. Experimentaram uma folha quase completamente murcha. Quase não havia chamas e faíscas e as 'nuvens' mal se moviam. Enquanto observavam, a folha parecia estar a morrer diante dos seus olhos e a sua morte refletia-se na imagem dos impulsos de energia . . . 'Parecíamos estar a ver as próprias atividades vitais da própria folha', disseram os Kirlian. 'Energia intensa e dinâmica na folha saudável, menos na folha murcha, nada na folha morta.'"*

Ao longo dos anos de investigação incessante, a equipa de marido e mulher examinou o "padrão de vida" de cada substância disponível, descobrindo — como tinham meio que suspeitado desde o próprio início da sua experimentação incansável — que o padrão de vida, o padrão de energia de cada substância era tão individual quanto as impressões digitais de uma mão humana. E que esta individualidade se estendia não meramente a espécies e géneros, mas aos elementos ou organismos separados dentro das espécies ou géneros. As folhas não só diferiam, digamos, do couro, como cada folha, cada pedaço de couro, diferia de todas

as outras folhas, de todos os outros pedaços de couro. Havia sempre energia, mas que a mente humana nunca tinha estado errada ao distinguir "o vivo" do "morto" foi dramaticamente demonstrado quando os Kirlian colocaram uma folha viva e uma moeda de metal "morta" sob o seu microscópio de alta frequência e compararam os padrões de energia das duas. Pois, enquanto o padrão de energia da folha faiscava e coruscava, o padrão de energia da moeda mostrava-se apenas como um brilho que circundava uniformemente o disco de metal. Os Kirlian relataram:

O que vimos no panorama através do microscópio e dos nossos outros instrumentos óticos parecia o painel de controlo de um enorme computador. Aqui e ali as luzes tornavam-se mais brilhantes e esmaeciam. Se algo está errado no interior ou as condições necessitam de ajuste, o engenheiro no painel de controlo pode ler os sinais nas luzes. Nos seres vivos, vemos os sinais do estado interno do organismo refletidos no brilho, no enfraquecimento e nas cores das labaredas — como, aliás, Kilner tinha notado quarenta anos antes. As atividades vitais internas do ser humano estão escritas nestes hieróglifos luminescentes. Criámos um aparelho para escrever estes hieróglifos. Mas para os ler vamos precisar de ajuda.

Os "hieróglifos" foram lidos mais cedo do que os Kirlian tinham esperado — e, por acaso, foi a própria equipa Kirlian que os leu. Eles já eram famosos em toda a União Soviética — celebravam-se agora dez anos desde que tinham iniciado o estudo dos "padrões de energia" usando o seu próprio "microscópio" de a.f. — quando o diretor de um grande instituto de investigação estatal trouxe a Semyon Kirlian duas folhas frescas, colhidas da planta ao mesmo tempo. O diretor pediu a Semyon que as colocasse sob o "microscópio" e visse o que havia para ser visto.

Ora, as duas folhas deveriam ter libertado padrões, não idênticos, mas impressionantemente semelhantes — sendo folhas quase idênticas retiradas ao mesmo tempo. Mas elas diferiam grandemente — e continuaram a diferir grandemente através de muitas observações sucessivas. "A luminescência de uma folha mostrava labaredas arredondadas, esféricas, espalhadas simetricamente por toda a imagem da folha. A segunda folha mostrava minúsculas figuras geométricas escuras agrupadas escassamente aqui e ali na imagem da folha."

Trabalhando ao longo de toda a noite para justificarem as grandes divergências nos padrões de energia de duas folhas "idênticas", os Kirlian, na manhã seguinte, encontraram o diretor com a sua preocupação espelhada claramente nos seus rostos cansados.

Mas o diretor estava feliz — e satisfeito. "O seu rosto iluminou-se de alegria. 'Encontraram!' disse ele, entusiasmado."

A explicação era simples — e, literalmente, de fazer época.

"Ambas as folhas", disse o diretor do instituto de investigação botânica, "foram arrancadas da mesma espécie de planta, com certeza. Mas uma destas plantas já tinha sido contaminada com uma doença vegetal grave. Vocês descobriram isto imediatamente! Não há absolutamente nada na planta ou nesta folha que indique que foi infetada e que morrerá em breve. Nenhum teste na planta real ou na folha mostra algo de errado com ela. Com a fotografia de alta frequência, vocês diagnosticaram a doença na planta antes do tempo!"

Nos anos que se seguiram, os Kirlian aprenderam muitas mais coisas inesperadas sobre o seu "detetor de aura". Foram solicitados a examinar organismos vivos — particularmente plantas — de toda a União Soviética; e as suas conclusões podem ser mais bem resumidas na análise de Semyon Kirlian sobre as implicações das suas descobertas. O que, talvez, não o surpreendeu tanto foi que, quanto mais ele e a sua esposa descobriam, mais parecia que os filósofos e experimentadores "místicos" e não místicos do passado, desde Paracelso, passando pelo Barão Karl von Reichenbach, até Walter Kilner, tinham antecipado cada conclusão dos Kirlian.

É surpreendente como a definição cuidadosa por parte dos Kirlian daquilo que viram e deduziram com o seu aparelho especialmente concebido reproduz não apenas as teorias dos "místicos" de outrora, mas também a sua própria fraseologia. Quando Semyon Kirlian afirmou que o "corpo de energia" não é meramente uma radiação do corpo normalmente visível e tangível, mas parecia ser uma entidade discreta que "espelhava" o corpo visível, damo-nos conta de estar a ouvir novamente os lábios de Paracelso, "o cenite e sol nascente de todos os alquimistas" (1493-1541), nos quais descrevia o "outro corpo" parafísico.

Notas

- *Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, op. cit.*
- *Ibid. [itálico meu — M.H.] Esta citação provém de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, op. cit. Segui no essencial o relato das experiências de Kirlian conforme apresentado neste livro extremamente valioso, aos autores do qual gostaria de deixar aqui registado o meu profundo agradecimento. MH.*

E de novo, quando os Kirlian nos informam de que a atividade, a cor e as dimensões da aura refletem com precisão o estado físico do objeto ou material estudado sob o «microscópio» de alta frequência; que o «corpo» parafísico reflete, «espelha» — por vezes antes do acontecimento — as alterações no corpo físico, não nos lembramos do que o Dr. Walter Kilner descobriu: que a aura era sempre afetada pela má saúde, pela fadiga, pela depressão dos espíritos, e que «vários remendos de padrões perturbados nas cores indicavam áreas doentes»? De facto, no seu livro *The Human Aura*, Kilner, com os seus «detetores» simples de vidro tingido com dicianina, descobriu os princípios básicos que os instrumentos mais refinados dos Kirlian endossaram e verificaram.

Todos os princípios básicos? Bem, há um que Kilner não detetou — e este, a meu ver, é um dos mais importantes.

Um dia, os Kirlian, muito depois de se terem tornado famosos — pelo menos em todos os círculos académicos soviéticos —, aguardavam a chegada de dois ilustres cientistas de um instituto estatal de Moscovo. Em preparação para a visita, Kirlian fez um teste ao seu instrumento, quando, para seu espanto e alarme, o instrumento se recusou a funcionar. O instrumento foi desmontado e novamente montado; mais uma vez se recusou a funcionar. Uma vez mais o instrumento foi desmontado, mas, estando as peças espalhadas ao acaso por toda a bancada de trabalho, Semyon começou a sentir-se fraco e tonto. Era uma crise de um problema que o afetava há anos; teria de se deitar. Assim fez, demasiado doente para se importar com os cientistas visitantes de Moscovo, e apenas esperando,

timidamente, que Valentina conseguisse remontar as peças dispersas a tempo da demonstração.

Valentina Kirlian dedicou-se calmamente à tarefa de reunir as peças do instrumento e, quando os cientistas chegaram, a demonstração que lhes fez decorreu sem um único percalço. Só tarde nessa mesma noite, quando Semyon já recuperara parcialmente da sua crise, é que ele compreendeu: fora o seu próprio colapso físico que fizera com que o instrumento se recusasse a funcionar.

Aqui, no funcionamento deste instrumento, estava um fenómeno familiar do mundo da mecânica: o *feedback*. Não só o corpo físico fazia com que o seu próprio mau funcionamento fosse «espelhado» no «eu» parafísico, mas também a dualidade intensamente poderosa do físico e do parafísico, essa dualidade que constitui e completa a totalidade do ser mundano, exercia a sua influência imperiosa nos próprios instrumentos que estavam a perceber, medir e registar a sua própria existência.

Obviamente, então, a metafísica mecanizada desta nova era científica está a revelar mais uma vez aquilo que já sabíamos — talvez muitas vezes. Esquecemo-nos — ou fizemo-nos esquecer —, e agora, com novos instrumentos, estamos a ser forçados a olhar para isso corajosamente, como a verdade.

E que verdade é esta? Ninguém deste lado da perfeição poderá alguma vez conhecê-la por completo. Mas, à medida que lemos sobre descobertas tais como as dos Kirlian, encontramos algo mais do que meio familiar nos relatos — uma sensação quase de *déjà vu* (aquela sensação tão universal quanto perturbadora de «eu já estive aqui antes»; «eu já experimentei tudo isto antes...»).

O que vemos tateando agora é algo da interdependência daquelas partes, grandes e pequenas, que constituem a totalidade equilibrada do universo, de toda a criação. Vemos, também, que pode haver — na verdade, deve haver — muitos aspetos da realidade invisíveis ao olho normal; que o *ba*, o *ka*, dos antigos egípcios; o «corpo astral» os Hermetistas e Rosacruzes do século dezasseis; os corpos «etérico», «fluídico», «Beta», «contraparte», «pré-físico» e outros corpos «paralelos» dos «excêntricos» dos séculos dezanove e vinte parecem ser meramente os

muitos nomes para aquele «corpo-espelho» que foi percebido pela visão vastamente alargada dos «místicos» milhares de anos antes de Kilner construir os seus detetores simples, e os Kirlian, os seus complexos.

Podemos reconhecer, também, nas novas descobertas o facto de que estes mesmos místicos descreveram, embora em termos maioritariamente «não científicos», muitas das verdades que agora estão a ser reveladas através dos instrumentos dos investigadores mais científicos.

Se olharmos para além da «carga» que afeta inevitavelmente todas as palavras e frases habitualmente usadas em certos contextos «fechados», devemos ver, no conceito judaico, muçulmano e cristão do «anjo da guarda», uma afirmação «não científica» (ou diremos «pré-científica»?) do «corpo paralelo» das descobertas de Kirlian. E, já que estamos a considerar «velhas crenças», o que pensar, senão da imortalidade da alma, da continuação da vida após a morte? Há descobertas «pós-Kirlian» que têm, para o puro materialista, algumas implicações altamente perturbadoras.

Num laboratório diferente do dos Kirlian, alguns dos seus discípulos foram mais longe na sua busca do padrão de energia de uma folha, e as fotografias tiradas durante estas experiências «para-Kirlian» dão, de facto, que pensar.

Primeiro, há a imagem «padrão» de uma folha viva, agora familiar para o mundo da ciência através das experiências de Kirlian. Depois, há outra imagem da mesma folha, mas com o que parece ser uma linha traçada a meio da parte direita da folha. Há uma diferença, também, no que diz respeito ao fundo fulgurante da aura: na segunda fotografia «o contorno cintilante e as nervuras pareciam mais diáfanos, o fundo mais fofo».

A explicação para a diferença é que na segunda fotografia estamos a olhar para o «kirlianógrafo» da folha fotografada na primeira imagem, mas agora com um terço da sua massa removido — no entanto, o padrão de energia da folha inteira permanecia para ser fotografado.

Os cientistas soviéticos admitem que a energia assim fotografada não deve ser classificada com confiança nos aspetos «comuns» da energia — elétrica, magnética, eletromagnética, gravítica, etc. — familiares à ciência

moderna. Falam esperançosamente em reportar este padrão de energia ao novo — e na moda — «quarto estado da matéria»: o plasma.

Mas enquanto a ciência espera para classificar o tipo de energia cujas manifestações — ou, pelo menos, algumas delas — são tornadas visíveis pela instrumentação de Kirlian, certas inferências válidas podem já ser retiradas dos resultados das experiências.

Em primeiro lugar, há o facto extraordinariamente significativo de que, restando apenas dois terços da folha viva, a sua aura, o seu «corpo etérico» — chame-se-lhe o que se quiser — permanece virtualmente intacto; apenas quando toda a folha foi cortada ou morreu é que a contraparte «etérica» desaparece. Por outras palavras, o padrão de energia de todo o organismo vivo sobrevive, mesmo tendo sido removida uma parte da «metade» física.

Isto, portanto, só pode significar que o bem conhecido efeito do «membro fantasma» em amputados — o efeito em que a comichão ou a dor no membro amputado é completamente «real» para o paciente — é uma realidade, e não simplesmente algo imaginado pelo paciente.

Nem, na verdade, a opinião médica comum pensa que o fenómeno do «membro fantasma» seja simplesmente algo imaginado pelo paciente; se a dor ou a mera comichão são «reais» para o paciente, não são menos «reais» para a opinião médica. A teoria aqui é que, quando o membro ainda estava funcionalmente ligado ao corpo, se estabeleceu um padrão de comunicação entre o cérebro e o membro, e que o padrão de mensagens, gravado no sistema nervoso, sobrevive à amputação do membro com o qual, outrora, o cérebro estava em contacto de comunicação. Essa é, de qualquer modo, a opinião comummente dada pela profissão médica. Não há razão para não aceitarmos esta explicação do «membro fantasma».

Com este comentário: que não é o membro físico amputado que está com comichão ou a doer, mas a contraparte desse membro no corpo parafísico — um corpo do qual nenhum membro foi amputado. Nenhum facto poderia tornar mais clara a completa interdependência, na verdade a completa integração, dos dois «corpos», de modo que a lesão num causará dor no outro, e a dor persistente num deve significar que as medidas

corretivas (amputação e assim por diante) devem, para ser eficazes, ser aplicadas a ambos os corpos.

O *ka* e o *ba* dos egípcios, o corpo «astral» (o «espelho») de Paracelso, as auras do Barão Karl von Reichenbach e do Dr. Walter Kilner, o corpo «etérico» da notável médium inglesa, Geraldine Cummins, e o «duplo» da Sra. Eileen Garrett, Presidente da *Parapsychology Foundation* de Nova Iorque, foram agora, através do trabalho e das descobertas dos Kirlian, oficialmente admitidos no *corpus* soviético de «factos reconhecidos».

Em 1968, em nome da ciência soviética, o dogma foi solenemente pronunciado, *urbi et orbi*, pelos Drs. V. Inyushin, V. Grishchenko, N. Vorobev, N. Shouiski, N. Federova e F. Gibadulin: «Todos os seres vivos — plantas, animais e humanos — não só têm um corpo físico feito de átomos e moléculas, mas também um corpo contraparte de energia.»

Encontrou-se também um novo nome para um facto antigo: o «corpo de plasma biológico».

As descobertas dos seis médicos soviéticos são apresentadas no seu artigo conjunto, «A Essência Biológica do Efeito Kirlian», publicado pela Universidade Estatal do Cazaquistão, em Alma-Ata. Diz o artigo: «A bioluminescência visível nas imagens de Kirlian é causada pelo bioplasma, não pelo estado elétrico do organismo.»

Estes padrões de energia a serem detetados em todas as coisas vivas têm, dizem os cientistas, a sua própria «organização espacial específica» (uma observação que poderia implicar que têm o seu próprio padrão temporal). O padrão, dizem eles, tem forma, mas, mais ainda, os processos detetados dentro do padrão de energia têm o seu «movimento labiríntico» distintivo, completamente diferente dos padrões de energia no corpo físico. O corpo «bioplásmico», afirmam, é também polarizado. «O plasma biológico do corpo de energia é específico para cada organismo, tecido e possivelmente biomolécula. A especificidade determina a forma do organismo.»

O que deve significar — se é que significa alguma coisa — que o organismo físico é um produto de, ou, pelo menos, um desenvolvimento a partir do parafísico; uma conclusão que nos devolve, no pensamento, às

mais antigas especulações religiosas do Oriente — isto é, se antiquarmos ligeiramente a fraseologia, e dissermos que «a alma e o seu padrão de energia antecedem e controlam a organização e o padrão de energia do corpo». O brâmane e o budista concordariam certamente com isso.

6. DE SÓDOMA A SYDENHAM

A estranha história dos habitantes de Sodoma e Gomorra é contada no Génesis.

> 23. O sol tinha-se levantado sobre a terra quando Lot entrou em Zoar.
> 24. Então o SENHOR fez chover sobre Sodoma e sobre Gomorra enxofre e fogo, da parte do SENHOR, desde os céus;
> 25. E destruiu aquelas cidades, e toda a planície, e todos os habitantes das cidades, e o que crescia na terra.
> 26. Mas a mulher de Lot olhou para trás, por detrás dele, e tornou-se numa estátua de sal.
> 27. E Abraão levantou-se de madrugada e foi ao lugar onde estivera diante do SENHOR;
> 28. E olhou para Sodoma e Gomorra, e para toda a terra da planície, e viu que, eis, o fumo daquela terra subia como o fumo duma fornalha.

É moda sugerir explicações «modernas» para esta história antiga: terão Sodoma e Gomorra sido apagadas do mapa, com todos os seus habitantes, por uma «superbomba» (urânio-236, óxido de deutério, hidreto de lítio ou cobalto)?

Sydenham, em 1922, era ainda um subúrbio calmo e altamente «respeitável» de Londres, um dos vários bairros de variada condição social que, tendo origem nas estâncias termais desta parte montanhosa do sudeste da capital, pareciam agora agrupar-se em redor do *Crystal Palace* e das estações ferroviárias, hotéis, restaurantes e lojas adjacentes.

Claro que, por 1922, após o primeiro abalo da ordem social, Sydenham tinha inevitavelmente «decadido um pouco». Já não havia criados para gerir as grandes casas dos comerciantes da City e, por isso, as casas tinham sido convertidas em apartamentos.

A Sra. Euphemia Johnson, de sessenta e oito anos, viúva, vivia sozinha numa das agora decadentes ex-mansões de Sydenham. Tinha perdido o marido na Guerra dos Bóeres. Não era gorda, embora os vizinhos mais tarde a descrevessem como «aconchegada»; um pouco acima da altura média para uma mulher, pesaria provavelmente cerca de 170 libras. Não ficou estabelecido que bebesse em excesso.

Numa tarde de verão — 1922 teve um verão muito quente e prolongado —, a Sra. Johnson regressou das compras em Sydenham. Encheu uma chaleira no lava-loiça de canto, pôs a chaleira a ferver no pequeno fogão a gás e, com as janelas abertas para os jardins ainda viçosos de Sydenham, sentou-se a esperar que a água fervesse para poder fazer o seu chá.

Fez o seu chá e levou uma chávena para a mesa que ficava entre as duas janelas, estando a mesa coberta com um grande pedaço de oleado lavável.

Bebeu um pouco do seu chá; o resto deixou-o — pois subitamente já não tinha necessidade de chá, nem, na verdade, qualquer capacidade para o beber.

Quando a encontraram — ou melhor, o que restava dela —, estava «de tal modo consumida pelo fogo que no chão do seu quarto havia apenas uma pilha de ossos calcinados... [1] O fogo, se num sentido comum era fogo, deve ter tido a intensidade de uma fornalha...» Mas note-se alguns dos pontos muito estranhos que tanto perturbaram o médico legista.

Ela tinha certamente ardido num calor que rivalizava em intensidade com o de uma fornalha, mas a combustão fora tão rápida que os seus «ossos calcinados» jaziam dentro das suas roupas não queimadas. Ao cair, tinha derrubado a cadeira onde estivera sentada a beber o seu chá; mas, embora tivesse ardido até se reduzir a cinzas a polegadas da cadeira derrubada, apenas um ligeiro empolamento do verniz mostrava que a

cadeira estivera exposta a qualquer calor. Mais, a toalha de mesa — ou antes, um canto dela — pendia até escassas nove polegadas do corpo «totalmente consumido»; mas, uma vez mais, à parte um ligeiro amarelecimento do tecido tratado, estava completamente intacta. O linóleo sob «a pilha de ossos calcinados» estava ligeiramente — mas apenas ligeiramente — chamuscado. O que quer que fosse, ou quem quer que fosse, que viera com a sua espada flamejante de fogo, viera nas asas da luz; golpeara no espaço de um batimento cardíaco; e partira tão depressa como tinha vindo: a sua vítima especializada uma massa de cinzas, o resto do quarto (até o vestuário da vítima) sem interesse para o Espírito da Chama... e, por isso, intocado pela sua passagem momentânea.

Mas é obrigatório em todos os inquéritos ingleses «descobrir» e nomear «a fonte de calor». Estava-se no pino do verão quando a Sra. Johnson foi atingida pelo Fogo do Céu. É verdade que ela tinha um pequeno fogão a gás no quarto, mas tinha desligado o gás no mesmo instante em que deitara a água a ferver no bule aquecido. Também é verdade que havia uma lareira no quarto; mas nenhum lume ardia — nenhum lume tinha sido preparado — naquele dia quente de verão.

No desenho dos túmulos reais do Antigo Egito estão incorporadas «portas» que, embora completas com ombreiras, lintel e entablamento, não estão meramente bloqueadas; nunca foram feitas para a passagem de ninguém ou de nada físico.

O mesmo tipo de portas encontra-se nos túmulos maiores e até nas maiores necrópoles da Etrúria, da Grécia e de Roma.

Estas portas, intransitáveis para os humanos vivos, são «portas de espíritos» — portas através das quais as entidades imateriais podem passar livremente. Para o «espírito», que pode passar através de qualquer obstáculo material, tal como as ondas cósmicas, de raio-X, de rádio e outras, a «porta», por ter sido feita para parecer uma porta «real», é perfeitamente transitável. O que o «espírito» requer para o guiar a este tipo de porta é que ela se pareça com a porta «real» que ele conheceu naquilo que faríamos melhor em chamar a sua existência física.

[1] Citado de Lo!, por Charles Fort (ver Bibliografia).

Se, então, as portas «simbólicas» servem, para o mundo do espírito, como as portas «reais» servem no mundo físico/material, que função têm, então, a lareira que não funciona, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, a lâmpada, a caixa de fósforos, o acendedor de charutos e por aí adiante? Se as portas emparedadas dos túmulos egípcios e outros «funcionam para» entidades não físicas, não poderá o fogão a gás «desligado», a lareira apagada, estar sempre em chamas noutras dimensões que não a nossa?

Lembra-se de que, quando a folha viva foi cortada, a sua forma «paralela» sofreu pouca ou nenhuma diminuição? Recorda-se do que eu disse na página 59: não só que o «corpo etérico» possuído por todos os organismos vivos (incluindo o humano) tinha o seu próprio padrão de energia, «completamente diferente dos padrões de energia no corpo físico»; e que me atrevi a sugerir que estes corpos «paralelos» não só tinham os seus próprios padrões de energia, mas também tinham o seu ser num tempo diferente do nosso.

Se o tempo, como dimensão, é diferente no mundo paralelo, o mundo do nosso «corpo etérico», então talvez, para «seres de apetite incendiário», [1] a lareira não esteja fria, o fogão a gás não esteja apagado. Talvez aquele ponto no tempo em que a lareira estava em brasa, o fogão a arder seja, para esse Ser, não apenas hoje mas, bem pode ser, um «tempo» no qual é eternamente «hoje».

A ausência — ou as pequenas dimensões — de um fogo são sempre questões perturbadoras para um médico legista.

Recorte do *Lloyd's Weekly News*, Londres, 5 de fevereiro de 1905:

NEGÓCIO MISTERIOSO

Ashton Clodd, de 75 anos, morreu no Hospital de Louth. O falecido tinha caído na lareira enquanto deitava carvão nela e depois, por alguma razão, provavelmente reumatismo, foi incapaz de se levantar e foi fatalmente queimado.

O «negócio misterioso» não era que o falecido Sr. Clodd tivesse sido fatalmente queimado após ter caído na lareira, mas que a queimadura extensa do seu corpo não parecia de todo proporcional à quantidade de

fogo disponível para o queimar. Como a principal testemunha disse no inquérito: «Se havia fogo na lareira, era muito pequeno.»

Por outras palavras, havia dúvidas consideráveis de que tivesse havido sequer um fogo; mas qualquer prova que lançasse dúvida sobre a presença de uma «fonte de combustão» era — e é hoje — sempre passada da parte do médico legista sem comentários ao aconselhar o júri sobre como chegar ao seu veredicto. O «raciocínio» estatutário de todos os médicos legistas funciona assim: «Temos aqui um corpo que foi queimado. Queimar implica, como necessidade, alguma forma de calor. *Ergo*, deve ter havido alguma forma de calor.» (E para quê dar o trabalho às cabeças do júri com a busca de alguma forma exótica de calor quando temos uma lareira — embora fria — no quarto onde a vítima foi encontrada?)

Se o Sr. Ashton Clodd, de setenta e cinco anos, que não era uma mulher idosa e farta dada à bebida, morreu realmente de queimaduras extensas — e não há razão para pensar que não tenha morrido —, há muitas razões para pensar que o fogo não foi iniciado por nada na sua lareira. O companheiro de quarto de Clodd nunca viu este fogo «causador», e penso ser altamente improvável que o pobre Clodd o tenha visto também.

Podemos agora fazer a pergunta: haverá alguma ligação entre a destruição em massa pelo fogo das cidades de Sodoma e de Gomorra e a destruição individual, igualmente pelo fogo e igualmente completa, da Sra. Euphemia Johnson, de sessenta e oito anos, de Sydenham? Haverá algum elo causador, que se estende por alguns milhares de anos, entre Sodoma e Sydenham?

Bem, pode não haver nenhum elo rastreável entre as mortes daqueles perversos sodomitas e a da Sra. Johnson, mas parece-me haver um elo «moral». Os habitantes de Sodoma e Gomorra foram punidos pelo Fogo do Céu porque tinham «pecado» e — de acordo com as provas médicas — a vítima «média» de combustão espontânea é um alcoólico. Por outras palavras, a opinião pública, ao longo dos milénios, tem estado disposta a aceitar a hipótese de que o «Fogo do Céu» é um «castigo» que se segue necessariamente a uma infração de alguma regra «moral».

No caso daqueles de Sodoma e Gomorra, a sua infração da regra foi sexual; no caso de vítimas mais modernas, foram punidas por terem «posto um inimigo nas suas bocas, para lhes roubar o cérebro».

Ora, rejeitando uma palavra tão carregada como «moral», poder-se-ia adotar uma fraseologia menos preconceituosa como, digamos, «irregular» ou «contrário à regra».

Se um suicida se despir, saltar para uma banheira cheia e mergulhar um aquecedor elétrico ligado na água da banheira, provavelmente morrerá. Se uma pessoa, sem qualquer pensamento de suicídio, entrar na banheira e, por acidente, puxar para dentro um aquecedor elétrico ligado, ela também provavelmente morrerá. Aqui a intenção nada tem a ver com o resultado da «irregularidade».

Se aceitarmos um elo «moral» entre a destruição em massa dos sodomitas e a morte da Sra. Johnson, devemos aceitar que, em ambos os casos, a morte pelo Fogo do Céu resultou de alguma «infração das regras», pois a doutrina de que «a ignorância da lei não é desculpa para o erro» aplica-se mais estritamente nos tribunais celestiais do que nos terrenos. Então, por qual, por que infração específica de que regra cósmica específica foram tanto os sodomitas como a Sra. Johnson «punidos»?

Voltemos por um momento às experiências de Kirlian e aos seus resultados, determinados por instrumentos modernos, registados pelos métodos mais modernos de notação científica.

O ponto que devemos ter sempre em mente é este: a verdade, como disse o Profeta, é uma constante que não pode mudar. [2] O que muda, em relação à verdade imutável e inalterável, é isto: a prova muda de moda. Cada época, cada geração até, deseja a prova numa forma diferente. O que impressiona a geração atual como prova — o tipo de prova na moda que os cientistas modernos sabem tão bem como fornecer — teria sido inaceitável para as gerações anteriores, como, na verdade, pode ser inaceitável para as gerações que hão de vir.

Devemos ter em mente que nunca é a verdade que muda. Devemos ter em mente, contudo, que os argumentos pelos quais a verdade é demonstrada mudam muito; que sempre mudaram, estão a mudar agora e

mudarão até ao fim dos tempos. Devemos ter em mente, também, que aqueles que estão constantemente — de geração em geração — a argumentar velhas verdades com argumentos modernos recompensam-se sempre a si próprios convencendo-se até a si mesmos de que não inventaram apenas novos argumentos, novas provas, mas novas verdades também.

Isto não é assim. Os Kirlian não descobriram o «corpo etérico»; meramente demonstraram, para convicção desta época, que aquilo que os nossos antepassados mais remotos acreditavam ser verdade era, de facto, a verdade.

7. APENAS HOMENS — COMBUSTÃO PARCIAL E TOTAL

Apesar dos protestos daqueles que gostam de afirmar o contrário, os homens, bem como as «mulheres idosas de hábitos corpulentos, viciadas na bebida», são atingidos pelo Fogo do Céu.

Já descrevi o caso do Padre Bertholi que, encontrado envolvido numa chama azul, mortificou horrivelmente antes de morrer.

A conspiração de silêncio a respeito dos casos de combustão espontânea é mais vincada no que diz respeito às vítimas masculinas do que no que diz respeito às femininas.

Pode ser que este silêncio em relação às vítimas homens seja um preconceito sobrevivente de tempos mais religiosos do que os nossos; pois luminosidades não fatais de uma espécie ou de outra — desde um «halo» opalescente a um manto de chama azul inofensiva — foram frequentemente os sinais exteriores pelos quais os fiéis podiam reconhecer a graça interior de um santo. E, se a combustão espontânea tem algum toque desagradável de obliquidade moral, então dificilmente conviria correr o risco de confundir a combustão espontânea «irregular» com a emissão «santa» de luminosidade ou chamas azuis.

O facto parece ser que, na maioria dos casos de combustão masculina, as vítimas não estavam a ser punidas por qualquer irregularidade grosseira

de conduta. Alguns bebiam, claro, mas poucos em excesso, e se «trabalhar é rezar», então todos estavam no bom caminho para serem bons, visto que a maioria das vítimas não só tinha emprego regular, mas foi derrubada ou durante ou logo após o trabalho.

Tal como com as vítimas femininas, os homens parecem sofrer de combustão parcial ou total — com esta diferença singular de que, de um modo geral, a combustão do corpo masculino parece gerar muito mais calor do que o evidente numa combustão feminina.

Examinemos agora alguns casos em que os homens não foram imediata ou completamente queimados.

Um homem afortunado foi a vítima descrita num «caso de combustão espontânea parcial» relatado por John Overton, MD, nas *Transactions of the Medical Society of Tennessee* para o ano de 1835, e em duas outras revistas médicas americanas. [3]

O Sr. «H.» [4] era na altura professor de matemática na Universidade de Nashville e, numa segunda-feira muito fria, 5 de janeiro de 1835, caminhou para casa a partir da universidade — uma distância de cerca de três quartos de milha. Cerca de quarenta minutos após a sua chegada a casa, estava a verificar o higrómetro que estava pendurado fora da casa quando sentiu uma dor aguda na perna esquerda — «uma dor constante como a picada de um vespão, acompanhada por uma sensação de calor».

Olhando para baixo, o Sr. «H.» viu que uma chama brilhante, com várias polegadas de comprimento, «com o tamanho de uma moeda de dez cêntimos de diâmetro e um pouco achatada no topo», estava a brotar, como um bico de gás aceso, da sua perna.

Deu várias palmadas na chama, mas, como esta não se apagava, abordou-a por meios «científicos», conchegando as mãos em concha ao redor dela para cortar o fornecimento de oxigénio a fim de reduzir a combustão. O sensato Sr. «H.» pode ou não ter sabido mais tarde a sorte que tivera. Apenas três anos após o seu infortúnio, T. R. e J. B. Beck, nos seus *Elements of Medical Jurisprudence* (1838), apontaram para o «facto bem conhecido» de que a água, longe de extinguir o fogo da combustão

espontânea, «o agravava, e que a combustão espontânea tem sido registada em todas as estações e tanto nos países do norte como nos do sul».

O escritor médico-legal francês, A. Devergie, é um dos poucos que escreveram sobre combustão espontânea após ter sido uma das extremamente raras testemunhas do eclodir do Fogo. Ele escreve: «A combustão espontânea começa por uma chama azulada que se vê estender-se, pouco a pouco, com uma rapidez extrema, por todas as partes do corpo. Isto persiste sempre até as partes estarem enegrecidas e geralmente até estarem reduzidas a cinzas. Muitas vezes foram feitas tentativas para extinguir a chama com água, mas sem sucesso...» [5]

Este escape do Sr. «H.» parece-me ter atraído muito pouca atenção.

Por mais anormalmente que o fogo envolvido na combustão espontânea se comporte, mais notavelmente por estar concentrado no «ponto de impacto» e não irradiar o seu calor (de modo que materiais e objetos em estreita proximidade com a chama ficam inclusive sem chamuscar), ele obviamente tem isto em comum com todas as chamas «comuns»: está dependente de um fornecimento de oxigénio.

Outro ponto decorrente desta conclusão, que poderia ser examinado mais de perto, é que, se a água «antes agrava do que extingue a chama», o fogo da combustão espontânea é o produto de uma oxidação muito rápida; tão rápida, de facto, que a chama absorve o oxigénio da água, deixando hidrogénio livre, o qual, por sua vez, intensifica a taxa de combustão. (Ou assim pareceria.)

O professor de Nashville apagou a chama, mas a dor na sua perna parecia ir muito mais fundo do que qualquer queimadura comum. Entrou em casa, tirou as calças e as cuecas e examinou a ferida. «Na superfície da parte externa e superior da sua perna havia uma lesão que se assemelhava a uma esfoladela, com cerca de três quartos de polegada de comprimento, de aparência muito lívida. Estendia-se desde a extremidade femoral da fíbula numa direção oblíqua em direção à porção superior dos músculos gémeos. A ferida estava extremamente seca e o tecido cicatricial tinha-se reunido num rolo na borda inferior da superfície esfolada.» [6]

A ferida, causada anormalmente como fora, apresentava algumas características invulgares ao médico examinador. No ponto de saída, um pequeno buraco tinha sido queimado nas cuecas (embora sem qualquer chamuscado ao redor do minúsculo buraco), e as calças não estavam de todo queimadas. No entanto, por dentro das calças, no interior do tecido voltado para o buraco das cuecas, estava «uma fina geada de um tom amarelo escuro que não penetrou através do pano de lã». Isto o Sr. «H.» raspou-o sem danificar o material.

A ferida demorou mais tempo a cicatrizar do que o habitual; «não atingiu a cicatrização senão trinta e dois dias após a infração da lesão» — e a dor muscular persistiu durante algum tempo. Mas a ferida cicatrizou e, de acordo com o Dr. Overton, o paciente gozava de boa saúde. O Fogo do Céu nunca mais o atingiu...

Não tiveram tanta sorte Carl C. Blocker, de quarenta e quatro anos, e Jack Larber, cerca de trinta anos mais velho. Ambos foram encontrados em chamas antes que a combustão tivesse tido tempo de consumir os seus corpos; ambos receberam tratamento hospitalar; ambos morreram — e nenhum foi capaz de contar o que acontecera.

Blocker foi visto por um automobilista que passava na noite de quinta-feira, 3 de maio de 1951, numa vala que corria ao longo da autoestrada principal perto de Wabash, Indiana. Quando o automobilista encostou, viu que não só as roupas de Blocker estavam em chamas, mas que ele já tinha sido extensamente queimado. Pediu-se ajuda e o homem ferido foi levado à pressa para o hospital. Foi demasiado tarde; morreu sem recuperar a consciência.

O carro do homem queimado estava parado junto ao passeio da estrada; o exame mostrou que, neste caso, como noutros, os danos no veículo foram mínimos e confinados à pequena área em redor do assento do condutor. No entanto, «o calor tinha sido tão intenso que tinha começado a derreter o metal no painel de instrumentos».

Mais uma vez, como em todos os casos de carros registados até à data, este calor, embora suficientemente intenso para queimar um corpo humano, não conseguiu inflamar a gasolina altamente volátil no depósito próximo.

Como de costume, o médico legista procurou alguma «explicação racional» para o que era, e é sempre, um assunto decididamente «irracional». Como Blocker e a sua mulher eram proprietários de algumas «lojas de vestuário de alta qualidade», o médico legista sugeriu à viúva que o falecido poderia estar a transportar algum fluido de limpeza no carro. A Sra. Blocker disse que nunca fora prática do seu marido fazê-lo — embora como a ignição de fluido de limpeza pudesse queimar o carro e o homem apenas em redor do assento do condutor, e começar a derreter metal, o médico legista prudentemente não tentou explicar. O veredicto seguiu um padrão consagrado pelo tempo: um veredicto em aberto de morte «por queimaduras de terceiro grau».

Jack Larber era um paciente idoso no Lar Laguna Honda, em São Francisco. Não era alcoólico. O Fogo atingiu-o enquanto bebia o copo de leite que Sylvester Ellis, um enfermeiro, lhe acabara de dar. Apenas cinco minutos mais tarde, quando Ellis passava pela porta aberta do quarto de Larber, viu que o paciente estava envolvido em chamas. E aqui estava novamente o mistério do «ambiente sem calor»: Larber não fumava, de modo que nem sequer havia fósforos para levar as culpas pelo fogo.

«Tão perplexos ficaram os investigadores da polícia e do departamento de bombeiros», diz Vincent H. Gaddis, ao relatar este caso muito típico, «que um deparamento sugeriu que alguém poderia ter encharcado o velho com fluido de isqueiro e lhe deitado fogo. Mas Larber não tinha inimigos e a teoria não foi fundamentada.» O Sr. Gaddis poderia ter adicionado «e também não havia cheiro a gasolina». Como veremos, a ausência de qualquer odor que seja num número destes casos não é o menor de todos os mistérios que os rodeiam.

Mesmo nos bizarros anais da combustão espontânea, a morte de Glen B. Denney, de quarenta e seis anos, é única. Há, neste caso, o elemento de «castigo» que mencionei anteriormente. Pois o Sr. Denney não estava apenas prestes a cometer suicídio quando o Fogo o atingiu — pode dizer-se, embora estivesse vivo quando foi encontrado, que já tinha cometido suicídio.

Proprietário de uma fundição razoavelmente próspera na vizinha Gretna, na Louisiana, Denney andara deprimido por causa de assuntos da

sua vida privada, um desalento que o tinha levado a, e fora aumentado por, demasiada indulgência na bebida. Neste caso, se não era um alcoólico confirmado, a vítima estava temporariamente muito «sob o efeito». Foi testemunhado que, visto pela última vez, Denney tinha os tremores.

A Sra. Stalios Cousins, uma vizinha, notou que saía fumo do apartamento acima do seu e telefonou para o departamento de bombeiros; os bombeiros, não obtendo resposta às suas marteladas na porta do apartamento do Sr. Denney, arrombaram a porta. O proprietário, possivelmente ainda não morto, estava a arder. Os bombeiros apagaram as chamas com um cobertor. Até eles, que estão habituados a uma variedade de fogos, viram que este fogo tinha qualidades muito invulgares.

Disse o Tenente Louis Wattigney: «O homem estava deitado no chão atrás da porta e era uma massa de chamas. Nem mais uma abençoada coisa no quarto estava a arder... Não sei o que fez o fogo arder com tanto calor. Ele poderia ter sido saturado com algum óleo. Não cheirei nada, contudo [*o meu itálico* — MH]. Em toda a minha experiência, nunca vi nada que superasse isto.»

Não havia fósforos, usados ou não usados; todas as janelas estavam fechadas e, embora o 18 de setembro de 1952 fosse um dia cinzento e chuvoso na Louisiana, não estava frio. O aquecimento central estava desligado.

Havia sangue no chão da cozinha — Denney estivera a arder no chão do quarto.

Que o fogo o tinha envolvido enquanto ainda estava vivo foi indicado pela grande quantidade de carbono na sua traqueia e pulmões. Um escritor, empenhado em resolver o problema da estranha morte de Denney, abordou o médico legista, que foi «extremamente reticente em dar informações»; mas finalmente «admitiu» que Denney tinha cortado as artérias e depois se tinha cremado com querosene a arder.

O que o persistente escritor Otto Burma não conseguiu obter do médico legista foi uma explicação simples de como Denney conseguiu cortar as artérias, deitar querosene sobre si mesmo, riscar um fósforo com os dedos embebidos em óleo sobre os quais o sangue arterial estava a

bombar — e depois, em chamas, conseguir esconder a lata de querosene e os fósforos usados e não usados.

(Até ao dia de hoje, a esperada explicação não foi apresentada; como o Tenente Wattigney disse: «... ele era uma massa de chamas. Nem mais uma abençoada coisa no quarto estava a arder...»)

Nenhum querosene tinha queimado o Sr. Denney.

Otto Burma escreveu mais tarde: «Na [minha] mente, não há dúvida de que Denney, de facto, tentou o suicídio. Mas enquanto estava no processo de realizar este ato, o seu corpo pegou fogo devido a alguma causa desconhecida.» [7]

[1] Charles Fort.
[2] Esdras 4, 41: Magna est veritas, et praevalet.
[3] Citado por Vincent H. Gaddis, em Mysterious Fires and Lights (ver Bibliografia).
[4] Descobri que o Sr. «H.» era o Sr. James Hamilton. (Informação gentilmente cedida pelo Dr. J. E. Windrow, George Peabody College for Teachers, Nashville, Tennessee.)
[5] Do Texas Register, 7 de novembro de 1835, citado por Vincent H. Gaddis, op. cit.
[6] Vincent H. Gaddis, op. cit.
[7] Vincent H. Gaddis, op. cit.

Ora, que haja aqui um «castigo», no sentido comum da palavra, é improvável; quem haveria de «punir» — e porquê? Mas que a decisão de perturbar e destruir, não meramente o corpo físico, mas também o padrão de energia do corpo «etérico», possa muito bem criar tensões que encontram a sua expressão mais dramática e final na chamada combustão espontânea, não é impossível.

Pois o do Sr. Denney não foi o único suicídio no qual a combustão espontânea «tomou o controlo». Houve o caso de Billy Thomas Peterson, um suicida que foi encontrado a arder no seu carro. Um automobilista que passava vira fumo a sair da garagem de Billy, dera o alarme e conduzira os bombeiros e a polícia até onde Billy jazia em combustão lenta. Levaram-no para o Hospital Geral de Pontiac, onde o óbito foi declarado.

Billy morrera, disseram os médicos, de envenenamento por monóxido de carbono, pois tinha acoplado um tubo flexível ao escape do carro. Não há dúvida de que ele tinha a intenção de pôr fim à vida, muito embora tivesse acabado de deixar a sua mãe, a quem estivera a visitar. Billy, um soldador em licença de doença da General Motors, sofria de uma grave doença renal.

Mas de onde viera o fogo que o queimara tão gravemente? «O seu braço esquerdo estava tão severamente queimado que a pele esfolou. Os seus órgãos genitais tinham sido reduzidos a cinzas. O seu nariz, boca e orelhas estavam queimados.» [1]

Havia também o facto de que «os pelos do seu corpo, as suas sobrancelhas e o topo da sua cabeça estavam todos intactos. Embora os pelos do corpo queimados sobressaíssem incólumes». [2]

Mais misteriosamente ainda, todo o vestuário de Billy permaneceu sem chamuscar e sem danos num fogo tão quente que lhe queimara os órgãos genitais até os reduzir a cinzas e derretera uma estátua religiosa de plástico no painel de instrumentos.

Claro que aqueles igualmente misteriosos, mas sempre céleres a surgir, habitantes da imaginação dos jornalistas, «Os Seis Secretos», fizeram a sua prestável aparição — como sempre fazem quando algo precisa de explicação. No dia seguinte, segunda-feira, 14 de dezembro de 1959, o *Detroit Free Press* trazia esta manchete na sua primeira página: *Possível Homicídio por Tortura*.

A teoria para justificar o facto de Billy ter sido gravemente queimado, e as suas roupas não, sustentava que Billy tinha sido primeiro desnudado e depois torturado, sendo a seguir recolocado nas suas roupas e no seu carro para morrer de envenenamento por monóxido de carbono. Até a polícia rejeitou esta atraente teoria.

E enquanto Eles queimavam o Billy nu, porque haveria de estar no carro um fogo de tal intensidade que a estátua religiosa de plástico ficou derretida? Quem introduziu calor de tal intensidade no carro? — e porquê? E como...? E por que razão era um calor de um tipo tão curioso que não inflamou o depósito de combustível, derreteu o plástico, mas confinou-se à

área em redor do assento do condutor (tal como no caso de Carl Blocker e de muitos outros)?

O diretor clínico do Hospital Geral de Pontiac, o Dr. John Marra, que era também um médico legista adjunto do distrito, emitiu este relatório sobre a morte de Billy Thomas Peterson:

Chegou-se a uma conclusão quanto à aparência das queimaduras no corpo do Sr. Peterson. Determinou-se que estas foram causadas por calor intensivo [sic] no seu carro, o qual resultou do facto de o tubo de escape estar ligado ao banco dianteiro, causando um fogo nos estofos. As suas calças de ganga ficaram tão aquecidas que resultaram queimaduras superficiais na pele.

De modo que os gases do escape, conduzidos para o interior do carro, aqueceram tanto as calças de ganga de Billy que o queimaram «até se reduzir a cinzas», mas não o suficiente para que elas próprias ficassem minimamente chamuscadas.

Esta capacidade por parte das autoridades para fazerem pronunciamentos que ignoram as exigências insistentes até do senso comum acessível a um totó de baixo nível é um aspeto consistente do misterioso, do inexplicado.

Sendo as explicações oficiais no caso de Billy Peterson obviamente inaceitáveis, decidi fazer alguma verificação por minha conta. Estimando que o comprimento de um tubo flexível suficiente para ligar a saída do escape ao assento do condutor seria de cerca de dez pés, combinei com um proprietário de uma oficina meu conhecido, que estava interessado, colocar um tubo de dez pés na extremidade do escape. Encontrámos então um assento de carro velho mas intacto e tentámos atear-lhe fogo com as emanações do escape. Nada. O revestimento de vinil nem sequer perdeu a cor.

«Talvez no caso de Billy Peterson», sugeri eu, «os assentos tivessem capas de couro.» Tentámos a experiência num assento coberto de couro. Talvez, pensei eu, tendo o assento estado dentro do carro quando Billy Peterson recebeu os seus ferimentos fatais, e tendo o tubo sido curvado para regressar do escape ao assento do condutor, possa ter... Tentámos isso

também. Os assentos continuaram a não inflamar; nem sequer chamuscaram.

Então ocorreu-me que o revestimento dos assentos — fosse de vinil ou de couro — pudesse ter-se rasgado, e que o enchimento pudesse ter estado em contacto direto com os gases quentes do escape. Rasgámos o revestimento dos nossos dois assentos experimentais e lançámos os gases de escape sobre o enchimento. Nem sequer ficou chamuscado.

Depois pus a mão em frente da extremidade do tubo. Os gases que saíam estavam mornos, ainda assim, mas não tão mornos que me magoassem; certamente não tão mornos que me queimassem... ou a qualquer outra coisa. Nem um assento de carro, nem as calças de ganga de Billy Peterson; com toda a certeza não o Billy; e, com maior certeza ainda, não a estátua religiosa de plástico no painel de instrumentos de Billy.

Ora, esta tola «explicação» da morte de Billy viera, de todos os lugares, de Detroit, a casa da indústria automóvel dos EUA. Não haveria ninguém em Detroit suficientemente informado ou suficientemente interessado para fazer em frangalhos esta história bizarra do Dr. John Marra? Sente-se, com Charles Fort e Vincent Gaddis, que não só temos sempre o «explicador» conveniente e voluntário para «justificar» (e assim descartar) as várias incidências do inexplicado, mas que, em tais «explicações» fáceis e irracionais, até o senso comum do público é voluntariamente posto de lado para que o público possa entrar na conspiração de silêncio com os silenciadores.

Devo notar aqui uma informação que me chegou após as palavras acima terem sido escritas. Se o facto que estou prestes a mencionar teve ou não alguma influência, não apenas sobre a morte de Peterson, mas sobre a singular estranheza dessa morte, não sei; mas numa investigação em que cada facto conhecido — relevante ou irrelevante — foi arrastado para «explicar» a morte, este facto adicional, do qual soube apenas recentemente, deveria ter sido apresentado ao lado de todos os outros.

Como digo, pode não ter tido nada a ver com a morte de Peterson pelo Fogo; por outro lado, na nossa busca de pesadelo pela verdade sobre o Fogo, descobrimos que fomos levados, quase sem nos darmos conta da transição, das realidades sólidas do nosso mundo quotidiano para uma

cosmografia «noutra dimensão», onde as leis parecem ilógicas, irracionais e até insanas. Este parece ser um mundo em que reina o reverso das coisas, dominado por um Fogo que se comporta sempre de maneira contraditória: aqui queimando os homens e não as suas roupas; ali queimando as roupas e não os seus portadores; queimando uma dormente mas não a sua roupa de cama; queimando a roupa de cama mas deixando a dormente ainda a dormir...

Como não podemos saber quais os factos que são relevantes para a nossa investigação, como ainda só podemos adivinhar a natureza do Fogo, todos os factos se tornam relevantes — todos os factos devem ser considerados, visto que, um dia destes, um destes factos poderá dar-nos a pista mestre para a verdade. O facto que soube foi este: a natureza daquela «estátua religiosa de plástico», mencionada no inquérito de Peterson como sendo a única coisa, além de Billy, a ser afetada pelo Fogo.

Era uma estátua «religiosa», de facto; mas ninguém mencionou que a estátua era de um tipo distintamente invulgar. É vendida presa a um pedaço de cartão, impresso a azul, dourado e branco sobre um fundo de azul e branco. Acima da estátua de plástico do Menino Jesus, da Santíssima Virgem e de S. José (tudo dentro da sua cobertura transparente) está a palavra *NOVO*, e ao lado, em três línguas: *Estátua Magnética para Automóvel*, uma legenda «decorada» com os convencionais «relâmpagos» com que os artistas comerciais tradicionalmente transmitem o facto de que há energia elétrica envolvida. Abaixo desta legenda está uma explicativa, embora numa língua apenas — inglês: *Fixa-se Firmemente à Superfície*.

Bem, sabemos de pelo menos uma superfície à qual a estátua se fixou firmemente e — como o sentinela em Pompeia — ali fixada permaneceu face ao calor tudo-consumidor: la superfície do painel de instrumentos de Billy Peterson...

Como disse, a presença da estátua pode não ter tido nada a ver com o súbito ataque do Fogo; mas, por outro lado, pode ter tido tudo a ver com isso. Para aqueles que acreditam naquilo que tais estátuas (para o incrédulo, fúteis) simbolizam, elas são de facto símbolos poderosos — e pode recordar-se aqui as palavras significativas que Herman Wouk, no seu totalmente memorável *The "Caine" Mutiny*, põe na boca de uma das suas

personagens: «... o teste da validade de qualquer símbolo é a extensão em que está enraizado na realidade.»

Porque em crianças brincamos com ímanes, porque as «experiências» padrão com um íman e algumas limalhas de ferro fazem parte do currículo básico de ciências na escola, porque os frigoríficos estão equipados com fechos simples de íman de fixação, não conseguimos compreender que o magnetismo é um mistério e uma maravilha não menor do que o Fogo. Podemos magnetizar o ferro, podemos controlar esse magnetismo, aplicá-lo a usos industriais — mas pergunte-se a qualquer fabricante de grampos magnéticos industriais «como funciona o magnetismo» e — se ele for um homem honesto — confessará que não sabe.

E assim, porque não sabemos a menor coisa sobre a natureza do magnetismo, não sabemos quão pouco ou quão muito a presença de mesmo um pequeno íman em barra, tal como o que fixava a estátua de plástico ao painel de instrumentos de Billy Peterson, poderia contar entre os fatores cuja influência combinada fez baixar o Fogo do Céu. Até termos descoberto o que o Fogo é, e como vem, não podemos dizer o que é importante aqui e o que não é.

Mas, para pessoas de forte crença religiosa, a força de que a arte religiosa fornece os seus muitos símbolos é uma força poderosa de facto. Menciono a estátua religiosa de Billy Peterson aqui porque não foi mencionada (salvo como tendo derretido no calor) no inquérito, e não estamos ainda em posição de dizer se a sua presença no carro de Peterson foi ou não um facto relevante para a sua morte.

Tanto basta para as vítimas masculinas que foram encontradas por vizinhos ou transeuntes antes de o Fogo ter sido capaz de efetuar a consumição total do corpo a arder. Que dizer dos outros derrubados, encontrados apenas quando já estavam além de toda a esperança de salvação? Aqui novamente há alcoólicos e abstémios, homens gordos e magros, os dissipados e os ascetas, os jovens e os velhos.

Na véspera de Natal de 1885, Patrick Rooney e a sua mulher, de Seneca, Illinois, morreram devido aos efeitos da combustão, ocupando a morte de Rooney uma posição única nos registos de morte por fogo: foi asfixiado pelas emanações da pira funerária da Sra. Rooney.

Não há dúvida de que os Rooney, todos eles, estavam bêbedos; e bêbedos à clássica maneira irlandesa. O agricultor Rooney trouxera um garrafão de uísque da vizinha Seneca, e toda a família, Rooney, a Sra. Rooney, o filho John e John Larson, o criado contratado, sentaram-se ao redor da mesa da cozinha, no verdadeiro espírito natalício. Larson tomou duas bebidas, «para ser sociável», e depois subiu para a sua cama no primeiro andar. Algum tempo muito depois de Larson ter ido para a cama, o filho dos Rooney, John, saiu para a sua própria quinta, a cerca de uma milha de distância.

Na manhã do dia de Natal, Larson, levantando-se cedo, desceu à cozinha; a sua primeira indicação de que algo invulgar tinha acontecido veio com a sua incapacidade de riscar um fósforo no fogão de ferro; a sua superfície estava coberta com uma película gordurosa. No entanto, riscando o fósforo na unha do polegar, e conseguindo assim acender a lâmpada, Larson logo descobriu o que estava errado: Rooney sentado morto numa cadeira — e nenhuma Sra. Rooney para responder aos gritos assustados de Larson. O criado selou um cavalo e cavalgou a toda a brida para a quinta de John Rooney.

A Sra. Rooney era uma mulher roliça, pesando, em vida, mais de 190 libras. Quando John Rooney e Larson encontraram os seus restos mortais, eles não pesavam nada parecido com isso: o que restava dela — não mais do que «um crânio calcinado, parte de uma vértebra, um pé e um monte de cinzas» — estava caído no fundo de um buraco nas tábuas do chão, que tinham sido queimadas de lado a lado pelo seu corpo que ardia furiosamente.

Obviamente, como o Dr. Floyd Clemens, o médico legista, tentou apontar ao júri perplexo, era um caso clássico de combustão espontânea: a ausência de quaisquer sinais de fogo, à parte o buraco no chão, um ligeiro — um muito ligeiro — chamuscado na toalha de mesa imediatamente acima do buraco e, claro, o corpo completamente consumido da falecida Sra. Rooney tornavam isso evidente para lá de qualquer dúvida.

Mas o júri, nunca tendo ouvido falar de combustão espontânea, e não a reconhecendo quando a via, não conseguiu chegar a um veredicto, salvo no que respeitava à morte do Sr. Rooney. Determinaram que ele tinha

morrido, como as provas médicas testemunhavam, de asfixia — sufocado pelo fumo denso e gorduroso do corpo misteriosamente a arder da sua mulher.

Nas suas *Anomalies and Curiosities of Medicine*, G. M. Gould e W. L. Pyle, os autores, citam as conclusões genéricas de um Dr. Jacobs no que diz respeito às «pré-condições essenciais» da combustão espontânea. Aos imperativos clássicos — «a vítima é sempre corpulenta ou intemperante», e assim por diante — o Dr. Jacobs adiciona a sua própria contribuição: as vítimas «levavam todas uma vida ociosa».

Este é mais um exemplo — como se não tivesse havido já impressionantemente tantos — em que a «observação» médica viu o que sentia que devia ser visto, e não realmente o que o registo mostrava.

Certamente John Greeley, timoneiro do SS *Ulrich*, não levava nenhuma vida ociosa; estava, de facto, no decorrer de governar o navio quando algo — ou alguém — o parou a meio do seu dever, e o navio começou a guinar. Alarmado, o segundo oficial, P. F. Phillips, correu para a casa do leme, onde tudo o que encontrou do timoneiro foi «uma cinza humana».

«Queimado até se reduzir a cinzas», estava o desafortunado Greeley; mas por que razão nada mais na pequena casa do leme mostrava sequer os mais ligeiros sinais de calor? A bússola, a roda de leme de madeira envernizada — até o chão lavado onde o homem jazia — tudo isto estava sem chamuscar. Outros marinheiros tinham estado constantemente a passar pela casa do leme com as suas grandes janelas. Ninguém ouvira Greeley gritar.

Pedida uma justificação para o injustificável, os médicos, que não tinham estado no navio quando Greeley morreu, sugeriram «um raio invulgar»; mas aqueles que tinham estado no navio lembraram que Greeley morrera sob a luz do sol numa tarde sem nuvens.

Terei razão mais tarde para voltar a esta misteriosa morte do timoneiro; menciono-a aqui primeiro a fim de iniciar uma breve série de mortes em que a ocupação de cada vítima rebate firmemente a afirmação

do Dr. Jacobs de que as vítimas de combustão espontânea «levavam todas uma vida ociosa».

Carl Blocker, o automobilista que já mencionei como tendo sido visto numa vala na autoestrada, fatalmente queimado, também não era nenhum ocioso. Blocker estava em parceria com a sua mulher na gestão de «várias lojas de vestuário de alta qualidade»; e era para visitar uma destas que Blocker conduzia na noite de 3 de maio de 1951.

Nem, na verdade, era Peter Vesey — vítima de um dos mais misteriosos destes Fogos do Céu — um ocioso; era um autor independente e trabalhador, que contribuía com ficção astrológica para a *American Astrology*. Nas histórias que circularam após a morte de Vesey, havia indícios de que «ele se dedicava aos rituais ocultos de magos medievais». Neste caso havia um fogo no quarto, mas pequeno, numa lareira de dimensões modestas e, mais ainda, nada entre o corpo quase completamente calcinado de Vesey e a grelha tinha sido queimado ou sequer chamuscado.

O suicida fulminado pelo fogo, cujo caso foi considerado na página 72, não era um ocioso. Era o proprietário-gerente de uma fundição de sucesso em Gretna, Louisiana.

George Turner conduzia um camião quando, em Upton-by-Chester, na Inglaterra, o camião parou e descambou para uma vala. Era o 7 de abril de 1938, o dia em que John Greeley morreu na casa do leme do SS *Ulrich*; uma ligação no tempo, se não no lugar, que considerarei cuidadosamente mais tarde.

A polícia, chamada ao local do acidente, abriu a porta da cabina do condutor e descobriu que George Turner estava tão sem vida e carbonizado quanto John Greeley estivera na casa do leme e, tal como com os equipamentos da casa do leme, nada na cabina tinha sido danificado; mesmo uma mancha de graxa no assento do passageiro não se tinha inflamado. Como em todos os casos de mortes em carros até agora considerados, o depósito de gasolina estava intacto. É um mistério consistente dentro do mistério maior que um combustível altamente volátil pareça perder a sua inflamabilidade na presença do Fogo do Céu.

Mais uma vez o veredicto esperado foi alcançado pelo júri do tribunal do médico legista: «Morte acidental por fogo de origem desconhecida.»

Sentimos também, nesta morte de George Turner dentro da sua cabina de condutor, a impressão de um padrão — uma impressão demasiado vaga, no momento, para ser mais do que sentida — mas a impressão definida de que há um padrão, apesar de tudo. É este: George Turner não foi o único motorista de camião a morrer precisamente da mesma maneira — A. F. Smith também irrompeu em chamas dentro da sua cabina de condutor; mas o sentido da presença de um padrão vem do facto de que tanto Smith como Turner eram de Birkenhead. O que precisamente deve ser deduzido deste facto, não posso de momento dizê-lo, mas, a partir deste e de outros «aglomerados» de mortes por combustão espontânea, pareceria que a localização pode ser um dos elementos de «predisposição» que deve ser considerado na busca pela causa do Fogo.

Nenhum ocioso, também, era o Sr. G. A. Shepherdson, um próspero empreiteiro de construção cuja estranha morte foi relatada detalhadamente — embora sem comentários editoriais — no responsável *Sheffield Independent*. O Sr. Shepherdson também morreu num carro; e tão rapidamente o Fogo o atingiu que mal tinha voltado o seu olhar para a estrada, após acenar a alguns trabalhadores, quando se «transformou numa tocha humana», permanecendo o seu carro, como nos outros casos de natureza semelhante, intacto.

Uma tendência para saltar para conclusões não provadas — e, parece-me, improváveis, certamente insustentáveis — marca a «opinião médica ponderada» dos últimos três séculos, e a sua aparente irresponsabilidade parece aumentar à medida que nos aproximamos do presente. De modo que devo ser cauteloso em não adicionar mais um «invariável» à lista de fatores que constituem a combustão espontânea «média».

Ainda assim, embora as vítimas deste estranho destino não sejam todas mulheres idosas, ociosas, corpulentas, alcoólicas e que vivem sozinhas, elas parecem-me estar excluídas, de um modo geral, das classes sociais mais elevadas. É verdade que se contam entre as vítimas a Condessa de Bandi, a Condessa von Görlitz e a Sra. Thomas Cochrane, de Falkirk, um membro da antiga família escocesa dos Cochrane, Condes de

Dundonald, e alguns outros de sangue nobre; mas entre estes membros do que podemos chamar «a classe alta» e os membros comuns da combustibilidade espontânea, parecem estender-se muitos níveis sociais desabitados.

Dos vinte e oito casos listados por Plouquet na sua *Literatura Medica*, nenhum é de grau social mais elevado do que escriturário. O bem conhecido ensaio do Dr. Trotter sobre a embriaguez dá muitos exemplos de combustão espontânea, sem retirar nenhum da classe dos pequenos artesãos; embora aqui a insistência em apontar uma moral possa ter forçado uma certa seletividade ao doutor. O mesmo deve ser dito, suponho, para as pessoas socialmente não muito elevadas mencionadas no *Essai sur les combustions humaines, produites par l'abus des liqueurs spiritueuses* (1808) de Pierre Lair.

[1] Fate magazine, maio de 1953; citado por Vincent H. Gaddis, op. cit.

[2] Sobre os pavios de vela não queimados em dois outros casos de combustão espontânea.

Ainda assim, abrindo margem para as provas «carregadas» das duas últimas observações clássicas, deve admitir-se que a morte por combustão espontânea não é — ou, mais precisamente, não tem sido até agora — um risco profissional das classes altas. Como as classes altas adquiriram e desenvolveram o que parece ser uma resistência de classe a esta perturbação fatal, não o posso, de momento, dizer.

Mas uma pista pode residir na insistência do Dr. Jacobs de que todas as vítimas de combustão espontânea «levavam uma vida ociosa». Talvez devêssemos olhar mais de perto, não para a palavra «ociosa», mas para o conceito a ser transmitido por essa palavra.

Será a ociosidade do corpo ou a ociosidade da mente que o Dr. Jacobs nos queria fazer crer ser uma falha comum a todas os vítimas de combustão espontânea? Já vimos que ele está errado no que diz respeito ao trabalho diário: as classes empregadas têm fornecido mais vítimas do que as desempregadas.

Mas, no significado prático da frase, serão as classes altas tão ociosas — serão elas, de facto, «ociosas» de todo?

De um modo geral, era verdade até depois da Segunda Guerra Mundial que as classes altas eram superiores, intelectualmente, às classes socialmente inferiores. Não havia nenhuma «dispensa divina» neste facto — e era um facto. Das classes altas recebia-se uma educação superior, tanto na escola como na universidade, e em casa; cresciam num ambiente instruído, e o desenvolvimento do intelecto era cultivado tanto pelo seu ambiente doméstico e social como pelo progresso da sua educação formal.

Em suma, aprendiam a «usar o cérebro», e com estes os momentos de (não «ociosidade», mas) inatividade física raramente deixam a mente desocupada. Quanto melhor, em suma, for a educação, menos provável é que uma mente verdadeiramente ociosa seja capaz de se desenvolver.

Se eu disser que o número de pessoas bem educadas que caem na «segunda infância», salvo quando o fazem através do efeito maligno da doença, é menor do que o daquelas não tão bem educadas, não estou a avançar nenhuma teoria baseada apenas no «preconceito de classe» — estou a afirmar o que pode ser visto como um facto. Uma melhor educação implica a disponibilidade de mais dinheiro, e a disponibilidade de mais dinheiro torna o lazer disponível, também — lazer para desenvolver e treinar a mente. A pessoa educada tem geralmente uma mente ativa; uma mente treinada pela experiência para não entrar em pânico em emergências, para imaginar uma saída mesmo de dificuldades sem precedentes.

Reconsideremos o caso do Sr. Hamilton, Professor de Matemática na Universidade de Nashville, uma das poucas pessoas de classe superior a ter sido registada como vítima.

Após caminhar para casa vindo das aulas, o Sr. Hamilton viu uma chama azul brotar da sua perna.

Se podemos acreditar na descrição detalhada dada por A. Devergie no início do século passado (ver página 70), todos os casos de combustão espontânea do corpo humano começam com o aparecimento de «uma chama azulada», vendo-se uma chama «estender-se pouco a pouco, com uma rapidez extrema, por todas as partes do corpo afetadas». Com a

maioria das vítimas, elas devem ter descoberto que não podiam apagar este jato de chama e, paralisadas no desespero do horror, submeteram-se à tomada «extremamente rápida» pelo Fogo.

O professor de matemática de Nashville respondeu de forma bastante diferente. Para ele não houve qualquer abandono abjeto ao «desespero» da situação. Desde o início da sua experiência enervante (salvo que não o enervou), ele manteve a cabeça fria. Deve ter-se apercebido de que o que estava a ver era, por muito invulgar, por muito sem precedentes que fosse, um facto — que uma chama azul estava a jorrar da sua perna esquerda, contra toda a razão, mas não, disse para si próprio o homem inteligente, contra toda a observação. Experimentando da maneira mais natural, procurou apagar a chama com as suas mãos nuas; e percebeu imediatamente que este método de abafar a chama não funcionaria.

Não era químico, era professor de matemática, mas era um homem educado. Sabia que a combustão não podia subsistir sem oxigénio para alimentar a chama. Por isso, calmamente, inteligentemente, conchegou as mãos para cortar o oxigénio que alimentava a chama. O bico de gás diminuiu — a chama foi extinguida.

O Sr. Hamilton, o homem inteligente e educado, tinha, pela sua própria educação, pela sua própria inteligência treinada, sobrevivido ao Fogo do Céu devido ao seu próprio autocontrolo, ao seu próprio raciocínio calmo face a um perigo aterrorizador. Ele merecia escapar. Ele escapou...

Continuando com a teoria de que pode haver alguma proteção contra o Fogo na própria inteligência humana, investigarei agora dois casos «típicos» de morte por combustão espontânea — os de Carl C. Blocker (ver página 71) e George Turner (ver página 81), ambos com origem no interior de um veículo motorizado; Blocker num carro particular, Turner num camião. Há algumas diferenças marcantes nas duas mortes. Ambos os homens morreram, claro, mas Blocker não morreu dentro do seu carro: foi encontrado numa vala próxima, para onde tinha corrido ou rastejado, e embora terrivelmente ferido, ali jazeu, ainda vivo, até ser encontrado e levado para o hospital, onde morreu.

Quando a polícia abriu a porta da cabina de George Turner encontrou os seus «restos incinerados» no assento do condutor.

Ora, é possível que, no caso de Blocker, lhe tenha sido dado mais tempo do que a Turner; com Blocker, o início do Fogo foi mais lento; com Turner, veio de forma rápida e feroz.

Mas considere-se o que sabemos do ambiente doméstico e comercial dos dois homens, unidos apenas na maneira das suas estranhas mortes. George Turner era sem dúvida um motorista de camião competente — mas não era mais do que isso.

Carl Blocker, pelo contrário, tinha adquirido alguma posição comercial (e sem dúvida social) na sua comunidade como proprietário, com a sua mulher, de uma cadeia de «lojas de vestuário de alta qualidade». Este homem tinha feito algo de si próprio; só poderia ter feito isso através do uso da sua inteligência. O Fogo tinha-o surpreendido, como tinha surpreendido George Turner; mas enquanto podemos assumir que Turner estivera demasiado assustado, demasiado paralisado de terror para se mover, Blocker — tal como Hamilton — não se tinha rendido sem dar luta. Tinha exercido o privilégio do «cérebro» e tinha tentado desafiar o Fogo para se salvar.

8. AS SENHORAS SÃO PARA QUEIMAR

Tal como com as vítimas masculinas de combustão espontânea, as vítimas femininas raramente se encontram nos estratos mais elevados da sociedade.

Uma vez notada a estranha (e horrível) morte da Condessa de Bandi e das poucas outras senhoras de posição, temos de descer vários estratos na escala social antes de encontrarmos o que se pode chamar o «corpo principal» da combustibilidade. De facto, de um modo geral, as mulheres que perecem por combustão espontânea são raramente tão elevadas, «socialmente», como o são os homens — e, como vimos, os homens raramente chegam a estar a uma distância de cumprimento dos «socialmente proeminentes».

Uma diferença, também, entre as mortes masculinas e femininas desta maneira específica é que as vítimas femininas podem ser de idades muito

inferiores, em comparação com os homens. É raro encontrar uma vítima masculina mesmo tão jovem quanto Willem ten Bruik — provavelmente com cerca de dezoito anos. Não é de todo raro encontrar uma vítima feminina em idade pubertária — embora aqui, notar-se-á, o Fogo ataque de uma maneira distinta.

Há outro aspeto da suscetibilidade feminina à combustão espontânea que deve ser mencionado aqui: embora seja antes a feminilidade do que a suscetibilidade que exige comentário. Talvez as coisas tenham melhorado hoje — mas há duas gerações a própria feminilidade das mulheres tornava-as a presa natural e fácil de médicos legistas determinados, a todo o custo, a impor a doutrina de que a combustão espontânea era um não-facto.

Considere-se o caso de Margaret Dewar, professora reformada, que vivia com a sua irmã também professora reformada, Wilhelmina, em Whitley Bay, Northumberland, na Inglaterra. Uma noite, em 1908, Margaret Dewar voltou para a casa que partilhava com a sua irmã, chamou ao entrar, não recebeu resposta e subiu as escadas para o quarto. Na cama sem qualquer chamuscado estava deitado o corpo terrivelmente queimado de Wilhelmina.

Não é preciso ser membro do *Women's Lib* para se sentir indignação pelo tratamento dispensado à infeliz Margaret Dewar. Além do choque que deve ter sofrido ao encontrar a sua irmã tão misteriosa e horrivelmente queimada, Margaret teve de suportar a denúncia feroz do médico legista e, inspirada por ele, a conspiração de ataque dos seus vizinhos. O caso de «O Médico Legista versus Margaret Dewar» pode bem figurar como o exemplo clássico da perseguição de uma testemunha por um joão-ninguém oficioso, com todo o poder lunático da lei por trás dele.

Baseando os seus «argumentos» no «facto» de que os corpos não são encontrados queimados em camas não queimadas, o médico legista rejeitou categoricamente o depoimento em lágrimas (e verdadeiro) da Srta. Dewar; lembrou-lhe — ao afirmar rudemente que ela era uma mentirosa — que estava a falar sob juramento; e que as penas para o perjúrio deliberado eram severas; e (para «lhe dar uma oportunidade de vir a este tribunal e dizer-nos a verdade») adiou o inquérito.

Quem «chegou» à Srta. Dewar? Margaret Dewar foi enviada para casa, para que os vizinhos trabalhassem com ela. Altura em que o inquérito foi retomado, Margaret teria testemunhado qualquer coisa.

Ela «admitiu» que não tinha encontrado Wilhelmina deitada queimada na sua cama. A «verdade» era que Margaret tinha encontrado a sua irmã a arder no rés-do-chão; tinha apagado as chamas e tinha depois ajudado Wilhelmina a subir as escadas para o seu quarto, onde, na cama sem qualquer chamuscado, ela tinha morrido.

Margaret Dewar, contando esta história cuidadosamente «re-regulada», nem sequer foi repreendida por ter «mentido» na primeira sessão do inquérito — certamente não foi acusada de perjúrio. Tinha suportado a oposição ativa dos vizinhos às suas «mentiras»; os jornais locais tinham atacado a sua história; tinha sido ameaçada pelo médico legista com um processo por perjúrio. Fez bem em ouvir a «orientação» da polícia na revisão da sua memória.

O que Gaddis [1] não menciona aqui — mas que pode ser assumido pelo tom dos relatos dos jornais de março de 1908 — é que as ex-professoras «altamente respeitáveis» não bebiam nem fumavam. Os jornais não fazem menção ao peso de Wilhelmina; de modo que não podemos dizer se ela era ou não uma mulher idosa «corpulenta» — mas não era certamente uma alcoólica.

Nestas mortes por combustão espontânea, onde mulheres estão envolvidas, vê-se o mesmo padrão estranho — se, de facto, for um padrão — que alterna na queima e na poupança do vestuário da vítima. Quando Thomas Morphey, proprietário do *Lake Denmark Hotel*, Dover, Nova Jérsia, encontrou a sua governanta, Lillian Green, queimada e moribunda, o Fogo tinha consumido as suas roupas, mas não tinha feito mais ao tapete por baixo dela do que chamuscá-lo ligeiramente.

A Srta. Green era um tipo raro de vítima: a «parcial». Conseguiram levá-la, ainda viva, para o hospital; mas, embora ainda pudesse falar, foi incapaz, tal como Ashton Clodd, de dizer o que tinha acontecido.

Como este livro já deixou claro, há, dentro do padrão geral do Fogo, inúmeras variações de tipo, tanto no que diz respeito às vítimas como no

que diz respeito às manifestações do Fogo. Mas há uma regra aparentemente invariável para a qual, até agora, não encontrei uma única exceção: a de que quando o ataque do Fogo é menos do que fatal, e a vítima pode ser questionada, ele ou ela nunca é capaz de explicar o que ocorreu. Nenhuma pista sobre a natureza do Fogo ou as condições em que este pode atacar foi alguma vez elucidada através do questionamento de uma vítima ainda capaz de falar — e duvido que alguma vez o venha a ser. Não sou o único estudioso do Fogo a ter reparado e comentado este facto.

A incapacidade de «explicar» é, como Harry Price, Vincent Gaddis e outros estudiosos do Fogo têm apontado, uma qualidade consistente daqueles casos em que as vítimas foram encontradas antes da ocorrência real da morte. Elas dizem sempre «não sei dizer o que aconteceu» — de facto, em dois casos de queimaduras em raparigas jovens (por um fogo que jorrou das suas costas), as vítimas não se aperceberam de que tinham sido atacadas.

No seu *Poltergeist over England*, o falecido Harry Price, provavelmente o mais famoso investigador do «psíquico» que a Grã-Bretanha produziu, conta a misteriosa queima da Sra. Madge Knight, que acordou a casa com os seus gritos de madrugada em 19 de novembro de 1943 — durante, pediria ao leitor que notasse, «o pior ano» da Segunda Guerra Mundial.

A Sra. Knight vivia em Sussex com o seu marido e a sua irmã; e aqueles que se lembram do ano de 1943 recordar-se-ão da aguda tensão que as fortunas variadas da guerra induziam nas mentes da maioria. A Sra. Knight gritou. Isso por si só é invulgar: as vítimas do Fogo raramente gritam.

O que tinha acontecido à Sra. Knight fora isto: ela estava deitada na sua cama; nenhuma da roupa de cama estava queimada ou sequer chamuscada. Mas as costas da Sra. Knight estavam tão gravemente queimadas que o médico, chamado à pressa, teve de a anestesiar antes de poder tocar nas queimaduras. «Havia», disse ele, «queimaduras extensas em todas as suas costas; mas não havia cheiro a queimado.» A ausência do cheiro característico, lembrar-se-á, é frequente em casos de queima por combustão espontânea.

Um especialista foi chamado para identificar as queimaduras como queimaduras. Pedida para «explicar» os seus ferimentos, a Sra. Knight disse que «não fazia ideia».

Removida para o Hospital de Chichester, ali morreu, de «toxemia», a 6 de dezembro de 1943.

Mesmo para inquéritos num caso de combustão espontânea, o inquérito realizado sobre o corpo da Sra. Knight foi repleto dos paradoxos desafiantes sempre encontrados em tais ocasiões. Além do médico que presidia como legista, [2] estavam presentes quatro médicos, todos dando o tipo de «depoimento» sem sentido esperado em tais ocasiões.

Avensou-se a «sugestão» de que «as queimaduras poderiam ter sido causadas por algum fluido corrosivo» — uma «sugestão» visivelmente mentecapta mesmo para este tipo de depoimento, visto que qualquer coisa que corroesse a pele humana também corroeria a roupa de cama. A esta inteligente «sugestão» foi adicionada a prova contraditória de que «as mãos, a cabeça, o cabelo, os lençóis da cama e as roupas da Sra. Knight não mostravam quaisquer sinais de queima ou chamuscado; e a polícia não encontrou nenhuma prova na casa de chãos queimados ou manchados, e nenhumas garrafas que tivessem contido ácidos». Havia também o testemunho de que todos os aquecedores na casa eram elétricos, e nenhum estava em funcionamento na altura da morte da Sra. Knight.

Edgar Allan Poe fala numa das suas histórias de um livro «que não se atreve a ser lido». Mesmo no exame mais superficial da combustão espontânea, não se pode deixar de ficar impressionado com o facto de que — pelo menos no que diz respeito aos médicos legistas — a combustão espontânea é um facto «que não se atreve a ser admitido».

É verdade que a edição de 1922 da *Forensic Medicine* de Dixon Mann, embora ainda descrevendo em detalhe «os restos de uma mulher... um monte de ossos calcinados», a apenas três pés de uma toalha de mesa sem qualquer chamuscado, descarta as vítimas do Fogo como «velhas mulheres empanturradas de gim», e que na edição de março-abril de 1952 do *Journal of Criminal Law, Criminology and Police Science* (Universidade Northwestern) o Dr. Lester Adelson, um patologista forense

de Cleveland, Ohio, descarta o conceito de combustão espontânea como «um monumento a dias passados».

Mas também é verdade que na edição revista de *Taylor's Principles and Practice of Medical Jurisprudence*, Vol. I, o Professor Keith Simpson, M.D. tem — embora não admitindo o facto da combustão «espontânea» — pelo menos admitido que há características neste tipo de queima não facilmente explicáveis por referência à experiência aceite.

Há algo de subtil no Fogo: normalmente ataca por furtividade, cortando (tão rapidamente ataca) até o grito de horror da vítima. Mas às vezes o Fogo — e especialmente se o pudermos personificar — parece assumir um exibicionismo irresponsável. Ele não só é visto em funcionamento, como deseja ser visto.

Como no caso de Phyllis Newcombe, que ardeu, envolvida em «chamas azuladas», enquanto dançava a valsa na pista de dança.

Phyllis Newcombe tinha vinte e dois anos, uma dançarina entusiasta e praticante. De repente resplandeceu com chamas azuis e, enquanto os colegas de dança horrorizados e (como parece) momentaneamente paralisados olhavam impotentes, ficou «em poucos minutos reduzida a uma massa enegrecida de cinzas».

Este caso trágico, que teve lugar no *Chelmsford Shire Hall* a 27 de agosto de 1938, apresentou mais problemas ao médico legista, L. F. Beccles, do que o próprio fogo real. As manchetes do *Daily Telegraph* de 20 de setembro — três semanas após a morte da Srta. Newcombe — traziam tanto da história quanto se esperava que o público soubesse:

RAPARIGA QUEIMADA EM VESTIDO DE BAILE

Um Médico Legista: «Caso Mais Misterioso»

Cidade Necessita de Ambulância Oficial

À meia-noite de sábado, 27 de agosto de 1938, Phyllis Newcombe estava a deixar a pista de dança com o seu noivo, Henry McAusland, de Romford — o «baile semanal» no *Shire Hall* tinha terminado. Phyllis, de

vinte e dois anos, feliz por ter estado a dançar toda a noite com o seu rapaz, afastou-se levemente da pista — e, num minuto ou dois, morreu.

Estava a usar o que foi descrito em tribunal como «um vestido modelado numa crinolina à antiga» — uma descrição que foi avidamente aproveitada pelas autoridades como fornecendo uma «razão» para o vestido ter inflamado — como Henry McAusland testemunhou — «em segundos». Phyllis gritou; Henry tentou apagar as chamas com as suas mãos nuas; e gravemente, na verdade fatalmente queimada, Phyllis foi levada para o gabinete do gerente — para ali esperar por uma ambulância que não apareceu.

[1] Vincent H. Gaddis, op. cit. [2] Na Inglaterra, a nomeação de um médico legista é vitalícia; mas ele deve ter qualificações tanto legais como médicas.

Imediatamente após o «acidente», o gerente do *Shire Hall* telefonou para a polícia — passavam apenas um ou dois minutos da meia-noite. Só à 12h35 da manhã é que a ambulância apareceu, «explicando» o Inspetor Parrott que a polícia — não tendo ambulância própria — tinha «passado a chamada» para a Brigada de Ambulâncias de St. John; mas, como a ambulância (a sua única numa cidade de cerca de 25 000 habitantes!) estava «fora numa chamada», o Inspetor Parrott teve de esperar pelo seu regresso antes de a redirecionar para o *Shire Hall.*

O vestido de baile «modelado numa crinolina à antiga» era bom demais para ser desperdiçado — e o médico legista supôs que, como os lados deste vestido «à antiga» sobressaíam, a brasa de um cigarro poderia «inadvertidamente» ter tocado nele — após o que (*inevitavelmente*) o vestido se inflamou, «com os resultados trágicos que ouvimos».

Ora, este caso teria seguido o caminho conveniente de todos os inquéritos bem conduzidos não tivesse a Srta. Newcombe um pai de mente inquisitiva. Ele pediu — e foi-lhe concedida — permissão para falar; e o que ele tinha a dizer fez com que o Médico Legista declarasse: «Em toda a minha experiência, nunca me deparei com um caso tão misterioso como este.»

Apresentando um pedaço do tecido de que o vestido da sua falecida filha tinha sido feito, o Sr. Newcombe convidou o médico legista a testar as suas propriedades inflamáveis. «Comece com este isqueiro», disse o Sr. Newcombe. O tecido ardeu. «Agora deixe-me acender um cigarro», disse o Sr. Newcombe; «e vamos tentar isso...» Um cigarro aceso não inflamava o tecido — e, chamadas de novo, todas as testemunhas juraram que ninguém tinha sequer apresentado um isqueiro à meia-noite no *Shire Hall*, quanto mais um em chamas...

Mesmo se subdividirmos a ocorrência de combustão espontânea em muitas classes, nenhuma destas classes é única. Um caso quase precisamente semelhante ao da Srta. Newcombe é descrito por Emile Schurmacher no seu *Strange Mysteries*, e citado por Colin Wilson em *The Occult*.

Novamente temos uma jovem a dançar — isto é, a mover-se ritmicamente com movimentos rotativos (uma fonte potente de poder, de acordo com a crença «primitiva») — num local onde não havia chamas abertas: era a sala grande de uma discoteca do Soho, em Londres. Maybelle Andrews, de dezanove anos, estava a dançar com o seu amigo, Billy Clifford, «quando chamas irromperam subitamente das suas costas, peito e ombros, inflamando-lhe o cabelo. Morreu a caminho do hospital. O namorado, que ficou gravemente queimado ao tentar ajudá-la, explicou que não havia chamas abertas na sala — as chamas pareciam vir da própria rapariga».

No facto de Maybelle estar a dançar com o seu companheiro masculino, o seu caso assemelha-se muito de perto ao de Phyllis Newcombe; mas no facto de as chamas parecerem vir das suas costas e peito, em vez de virem do seu vestido, o seu caso tem uma forte semelhança com os vários casos citados neste livro, desde Ayer, Massachusetts, a Binbrook, Norfolk, do fenómeno do fogo-a-partir-das-vértebras.

Mas, como eu disse, mesmo com a mais minuciosa subclassificação, nenhum caso de combustão espontânea parece ser único — à parte a classificação principal de Combustão Espontânea, partilhará pelo menos uma característica com algum outro caso.

Não menos desprovida de privacidade foi a morte súbita pelo Fogo da Sra. Mary Carpenter, que pereceu enquanto passava férias num barco de cruzeiro ao largo de Norfolk, a 29 de julho de 1938. Tal como com Phyllis Newcombe, na pista de dança de Chelmsford, a veraneante de Norfolk «foi envolvida em chamas e reduzida a um cadáver carbonizado». Neste caso, a presença de um combustível volátil a bordo do navio deveria ter fornecido às autoridades uma desculpa pronta; mas, com rara honestidade, ignoraram o facto tentador da gasolina ou do gasóleo, e admitiram a natureza inexplicável da tragédia. «Suponho que as roupas dela pegaram fogo, mas não consigo compreender como aconteceu...» Honesto, se não totalmente explicativo.

Um relato da morte da Sra. Madge Knight (ver página 90), no *West Sussex Gazette* de 23 de dezembro de 1943, chama-lhe «uma das mais desconcertantes combinações de circunstâncias que um médico legista poderia ter de investigar».

Mas quão menos misteriosa foi a morte por fogo da Sra. Ellen K. Coutres, de cinquenta e três anos, seis anos mais tarde e a quatro mil milhas de distância? Exatamente o mesmo mistério aqui em Manchester, New Hampshire — mas uma boa dose de maior honestidade face ao inexplicável. A Sra. Coutres foi encontrada na sua casa, queimada até à morte — numa sala onde nenhum fogo tinha sido aceso na lareira. E nessa sala apenas o corpo terrivelmente desfigurado da Sra. Coutres ostentava os sinais de fogo: «Não havia outro sinal de fogo e, embora... a mulher devesse ser uma tocha humana, as chamas não tinham inflamado a estrutura de madeira [da casa de construção em madeira].» Não havia nenhuma fonte de fogo descobrível...

As mortes por combustão espontânea que têm lugar em poltronas são frequentes em acidentes desta classe; mas pode duvidar-se que o tipo de cadeira seja um fator causador, salvo no sentido de que induz o sono — e o sono parece, em muitos casos, ser um estado predisponente; muitas vítimas obviamente estavam a dormir ao início do Fogo.

Os Kiley, lembrar-se-á, tinham estado sentados em cadeiras grandes e confortáveis do tipo «estofado com padrão»; e numa cadeira dessas estivera sentada a Sra. Esther Dulin quando, em maio de 1953, o Fogo a atingiu, de

modo que foi queimada até à morte. A morte por combustão espontânea da Sra. Dulin, de Los Angeles, levanta alguns pontos interessantes que não receberam, na minha opinião, a devida consideração.

Em primeiro lugar, a Sra. Dulin tinha apenas trinta anos — uma das vítimas mais jovens de combustão espontânea cuja morte foi registada. Em segundo, a sua morte pertence àquela classe de combustão em que o calor intenso é óbvio. Como no caso da Sra. Rooney, o fogo que atacou a Sra. Dulin foi de tal intensidade que o seu corpo foi «virtualmente consumido» e — novamente como no caso da Sra. Rooney — as chamas abriram caminho através do tapete, tábuas do chão, vigas e teto de gesso para a sala de baixo. Mas, e mais uma vez temos a «marca registada» do verdadeiro Fogo, «nenhumas outras divisões ou objetos na casa foram danificados».

A Sra. Dulin morreu numa cadeira; morte após morte é relatada na imprensa mundial daqueles que morreram em cadeiras ou camas que foram «incendiadas por um cigarro». Conheci dois desses casos: homens de meia-idade em cada caso, que tinham acordado descobrindo-se numa cama (não em combustão lenta, mas) a arder; um ficando muito gravemente queimado — tinha sessenta anos na altura — e o outro não tão seriamente ferido. Ambos tinham acordado quase, pareceria, quando estavam prestes a ser mortos; ambos tinham estado a beber pesadamente; e ambos aceitaram como facto que o fogo fora causado por um cigarro, visto que cada um admitiu que, de facto, fumava na cama.

Numa análise detalhada das circunstâncias em que as vítimas de CHE morrem ou ficam mais ou menos gravemente feridas — uma análise que (embora ainda não tenha tido tempo para a realizar) deve ser feita antes de podermos esperar determinar a natureza do Fogo —, será aparente que a poltrona ocupa um lugar cimeiro na lista de circunstâncias comuns de morte por fogo. Em quinze casos do Fogo, cujas circunstâncias foram relatadas e que chegaram ao meu conhecimento desde que escrevi este livro, notei que os casos se enquadram nas seguintes categorias:

Quarto de vestir	**Quarto / Colchão**	**Poltrona**
D. Boote (1974)	P. Seaton (1939)	R. Davies (1974)

Quarto de vestir	Quarto / Colchão	Poltrona
Hóspede de hotel (1974)	Sra. E. Steers (1974)	T. Nelson (1974)
	Sra. E. Cooks (1975)	W. Seale (1976)
	Sra. M. Hogan (1970)	
	Miss E. Thompson (1972)	
	W. Cashmore (1975)	
	«Propenso ao fogo»	
	Rapaz em Bath (1975)	
	Sra. Booley (1975)	
	Van Reenans (1975)	
	D. Webb (1976)	

Da minha lista, assumidamente longe de ser um registo completo dos ferimentos ou mortes por CHE que devem ter acontecido por todo o mundo, as mortes em poltronas totalizam pouco mais de 50% das mortes em cama/colchão, visto que dois daqueles que se viram deitados num colchão a arder ferozmente — Roland Davies de Corby, Northamptonshire (26 de agosto de 1974), e Terry Nelson, de 33 anos, da *Digby Street*, Scunthorpe, Lincolnshire (18 de outubro de 1974) — não foram mortos pelas chamas, mas tiveram uma recuperação lenta e dolorosa no hospital (ambos, escusado será dizer, incapazes de explicar «o que tinha acontecido»).

O caso de William Cashmore é curioso, não por causa da sua idade — 82 anos —, mas porque com ele morreram o seu cão e o seu piriquito. Quando o Sr. Cashmore foi encontrado morto, os únicos sinais de fogo na sua casa em *Autumn Close*, High Heath, Walsall, estavam no seu vestuário e numa cadeira na qual estivera sentado quando o Fogo o atingiu. Os funcionários dos serviços públicos não encontraram nada de errado com as instalações de gás e eletricidade, e o Sr. Cashmore era não fumador. No inquérito, nenhum «caso de fogo» sequer imaginário foi apresentado como prova.

Para voltar às senhoras com quem este capítulo se preocupa principalmente, as mortes por CHE na minha nova lista mantêm o seu padrão já tradicional, no qual o único facto certo é a morte.

A Srta. Edith Thompson, de 75 anos, foi encontrada morta — e carbonizada — no seu apartamento em *Littlewood Road*, Cheslyn Hay, Staffordshire, a 16 de fevereiro de 1972. Uma «morte em poltrona» por CHE, a queima da Srta. Thompson manifestou um dos sinais mais consistentes de CHE: apenas a sua poltrona sofrera danos. De acordo com as provas no inquérito, a Srta. Thompson «estivera aparentemente a acender um lume» — mas não tinha conseguido fazê-lo, um facto que foi branqueado no veredicto de «Morte por Acidente».

Para muitos leitores, o nome «Edith Thompson» pode bem ser desconhecido; mas, logo após a Primeira Guerra Mundial, quando outra Edith e o seu jovem amante, Frederick Bywaters, foram enforcados na Grã-Bretanha pelo homicídio do Sr. Thompson, «Edith Thompson» era de facto um nome notório. Agora considere-se: a Srta. Edith Thompson, que morreu de CHE a 14 de fevereiro — note-se o mês e o dia! — de 1972, morreu no Dia de São Valentim, o dia dos namorados, exatamente cinquenta anos depois de a infeliz Sra. Edith Thompson ter sido arrastada, a gritar, para o cadafalso. A «nossa» Edith Thompson, com setenta e cinco anos em 1972, teria apenas vinte e cinco anos quando a sua homónima, romanticamente tola mais do que calculadamente assassina, foi enforcada. Imagina-se que o nome da Srta. Edith Thompson não se tornou então, e permaneceu assim por muitos anos depois, motivo para troça ociosa ou maliciosa...? Ela era e permaneceu uma mulher solteira; morreu solteira. Porquê...?

Terão as piadas sobre o homicídio de Thompson-Bywaters a afastado da vida social; induzido-a a procurar aquela solidão solitária mas inofensiva que terminou num pequeno apartamento numa pequena cidade de Staffordshire onde, morta pelo Fogo, foi encontrada apenas através da curiosidade de um vizinho? Fort, como eu disse noutra parte deste livro, chamou a atenção para as condições psíquicas aparentes em muitos casos de CHE — quase, poder-se-ia dizer, para o «pré-condicionamento» psíquico das vítimas. Ele menciona especialmente a elevada incidência de CHE entre «os desesperados». Não poderia uma vida inteira a ser ofendida, ou meramente aborrecida, por piadas parvas sobre a Sra. Thompson e

Bywaters ter colocado a Srta. Edith Thompson na condição psíquica em que o Fogo atingiu não meramente uma vítima provável, mas uma voluntária?

A Sra. Ellen Steers, de 79 anos, de *Stoney Lane*, Shaw, Berkshire, bem poderia ter estado suficientemente desesperada para ser incluída em qualquer lista forteana de prováveis «propensas a CHE». O inquérito sublinhou que a Sra. Steers, que «fumava regularmente na cama», o tinha feito «apesar dos avisos de amigos sobre o perigo» — uma peça de «prova» tão tipicamente irrelevante que se sente que só se poderia encontrá-la no registo de um inquérito de um médico legista. Pois nenhuma prova foi aduzida de que o fogo no qual a Sra. Steers pereceu — não queimada, mas asfixiada atrás da porta da casa de banho — tivesse sido causado por um cigarro... ou por qualquer outra coisa; embora a ausência de provas sobre este ponto importante tenha sido atribuída à ferocidade de um incêndio que tinha danificado gravemente um quarto (mas não o resto da casa). No dia anterior, a Sra. Steers («que tinha um historial de hipocondria») tinha perdido o marido, embora, segundo o testemunho do médico, ela não parecesse «excessivamente stressada» — uma opção daquela vaga convencional à qual se pode dar tanta ou tão pouca importância quanto se queira.

É um caso curioso, não totalmente sem paralelo no registo; mas distintamente invulgar pelo facto de a ferocidade do ataque do Fogo parecer ter sido dirigida contra a cama (que ficou completamente consumida) e apenas secundariamente, se é que o foi, contra o ocupante da cama. Quando, no final deste livro, eu resumir as provas e as conclusões a extrair dessas provas, veremos as implicações do Fogo — o que ele é e onde parece originar-se. Mas aqui podemos mencionar aquele estranho «fenómeno de espelho» que por vezes altera o padrão aceite do Fogo: onde as roupas e não o portador ardem; onde a cama e não o dormente pega fogo.

Com homens, tal como com mulheres, a inflamação do colchão ocorre frequentemente durante o sono e, num dos casos mais recentes — envolveu um hóspede não identificado, hospedado no *Air Terminal Hotel*, South Kensington, Londres, a 12 de setembro de 1974 —, faz-nos perguntar se, por vezes, o alvo do Fogo não será o colchão em vez do dormente; e se o

Fogo estabelece ou não defesas contra a interrupção. (É como se, através de algum erro na programação, fossem dadas ordens erradas ao Fogo.) Viu-se fumo a sair de um quarto do hotel e, quando o alarme estava a ser dado, os bombeiros correram para o quarto. Não era um fogo grande e foi facilmente apagado. Os médicos examinaram o hóspede, que estava ileso, e os funcionários do hotel mudaram a roupa de cama, enquanto o homem dormia profundamente durante todo o alarme e comoção, para já não falar do fogo. Teremos aqui um caso de CHE que foi travado a meio (como foi o caso do Sr. Hamilton)? Seria o quase-transe em que o hóspede dormiu durante o fogo uma trivialidade da CHE, nunca vista porque o fogo consumiu o corpo, mas vista aqui porque o alarme foi dado e os bombeiros chegaram a tempo de salvar o homem que dormia?

Há, aparentemente, outra maneira pela qual o Fogo se protege contra a «interferência externa»: através de um calor muito maior do que aquele que seria de esperar em algumas das queimas reais. Caso após caso — veja-se o do pequeno Peter Seaton na página 6 e o de William Seale, de 65 anos, na página 248 —, os bombeiros e outros pretensos salvadores foram repelidos por um calor intenso. «Parecia que tinha aberto a porta de uma fornalha»; «... repelido por um calor terrível». Estará o Fogo a tentar afastar aqueles que o impediriam de realizar a tarefa atribuída...?

Depois, como especulei nos casos semelhantes de Turner e Smith (página 82), haverá focos de influência do Fogo nos quais as pessoas sucumbem mais facilmente à sua ameaça? Pois, em Miami, Florida, a 12 de janeiro de 1975, a Sra. Esther Cooks morreu de forma tão misteriosa devido a queimaduras inexplicáveis e outros ferimentos como a Sra. Mary Reeser em julho de 1951, como será descrito mais adiante. O ponto a ter em mente aqui é que Miami, onde a Sra. Cooks morreu, e St. Petersburg, onde a experiência fatal da Sra. Reeser forneceu o que ainda é o «clássico de todos os tempos» da CHE, não só ficam ambas no estado da Florida, como são muito próximas uma da outra. E, na parte do livro onde noto as capacidades de «atear fogos» de certas pessoas, observarei o facto de que um dos sete fogos associados à presença da Sra. Booley, uma cozinheira com um «génio» auto-confessado, e descrito no *News of the World* de Londres de 19 de outubro de 1975, teve lugar em Bath, Somerset, a mesma cidade na qual um rapaz foi acusado anonimamente perante o tribunal de menores de ter «ateado fogos». O raio cai bastante frequentemente duas

vezes no mesmo lugar — por vezes mais do que duas vezes — e o Fogo pode atingir mais do que uma vez no mesmo local.

O caso da Sra. Margaret Hogan, uma viúva de 89 anos, de *Prussia Street*, Dublin, Irlanda, é notável pelo facto de o médico legista da cidade, o Dr. P. J. Bofin, se ter permitido acrescentar, após ter «determinado» que a Sra. Hogan morreu de queimaduras: «As circunstâncias da queima são invulgares e conformar-se-iam com o que se chama Combustão Espontânea.»

Ao dizer que «as circunstâncias da queima são invulgares», o Dr. Bofin pretendia naturalmente dizer que seriam invulgares se estivessem associadas a um fogo comum; mas, de facto, as circunstâncias não eram invulgares para um fogo do tipo CHE. O único dano na sala em que a Sra. Hogan foi reduzida a cinzas foi a queima da poltrona em que estivera sentada e um chamuscado no linóleo diretamente por baixo da cadeira. Esta ausência de queima «desnecessária» é, como já vimos, uma das «assinaturas» mais características de uma visitação de CHE. O caso da Sra. Hogan foi relatado na íntegra no *The Irish Times* de terça-feira, 12 de maio de 1970.

Continuo a considerar o fenómeno do colchão a arder — não meramente em combustão lenta — um dos mais misteriosos, bem como o mais marcante, dos muitos fenómenos menores dentro do fenómeno único, importante e tudo-abrangente do próprio Fogo. Pois — e falo de uma experiência que milhares de pessoas devem partilhar comigo — os colchões simplesmente não ardem em chamas. Ficam em combustão lenta. A coisa mais difícil de queimar, como se queima papel ou madeira, é qualquer coisa que seja estofada — uma almofada, uma poltrona, um colchão; e pouco importa de que é feito o enchimento — lã, sumaúma, crina de cavalo, espuma de borracha... A menos que se verta algum fluido volátil ou outra substância inflamável, o colchão não vai «arder» — é a tarefa mais difícil conseguir que ele sequer se incendeie.

Ninguém — muito menos bombeiros, autoridades policiais, médicos legistas e outros peritos médico-legais — comentou a invulgaridade de um colchão a arder, mesmo quando esse colchão a arder (como no *Air Terminal Hotel*, South Kensington, a 12 de setembro de 1974) deixou o

dormente não apenas ileso, mas inclusivamente por acordar. Na página 76, descrevi experiências que fiz na tentativa de inflamar algo muito semelhante a um colchão: o assento estofado de um carro. O leitor lembrar-se-á de como não consegui inflamar um assento de carro com os gases de escape quentes; um cigarro ou um fósforo caído não incendiarão um colchão mais facilmente.

Ora, eu já tive, numa altura ou noutra, amigos hospedados comigo; eram todos homens nos casos que estou prestes a discutir, os quais não só fumavam, mas fumavam descuidosamente. Um deixou um cigarro queimar o seu caminho para baixo através do braço de uma cadeira bem estofada; outro foi encontrado por mim, adormecido profundamente noutra cadeira bem estofada, com os restos de um cigarro presos às pontas dos seus dedos inertes, onde se tinha extinguido por si mesmo num tapete Axminster novo; dois outros tinham conseguido fazer com que um cigarro aceso abrisse caminho através de uma almofada e algumas polegadas através do cobertor, lençol e colchão; enquanto um quinto, que se tinha deitado para descansar numa cama com o seu roupão de banho, deixou o cigarro queimar o seu caminho através do colarinho duplo e grosso do roupão.

Em nenhum caso houve um incêndio, como tal; em cada caso o cigarro, embora mantendo uma obstinada relutância em apagar-se, extinguira-se por fim — e isto sem atear fogo ao colchão, à cadeira, ao roupão e por aí adiante. Devemos perguntar-nos: que circunstâncias adicionais são necessárias para converter este cigarro em combustão lenta numa fonte de fogo de tal intensidade que consumirá totalmente o corpo humano? Ou deveremos aceitar a conclusão de que muita combustão espontânea se esconde taticamente por trás da ficção do «fogo de um cigarro caído»?

Uma raridade, neste catálogo de raridades, foi a morte da Sra. Martin, a 18 de maio de 1957. O seu filho, um bombeiro de West Philadelphia, chegou a casa para encontrar o pouco que restava do corpo carbonizado da sua mãe viúva. A Sra. Martin fora queimada de forma bastante diferente do habitual. No seu caso, as extremidades tinham sido totalmente consumidas, enquanto o torso permanecia razoavelmente intacto.

Diferindo também em detalhe da «média» (assumida), estava o facto de a Sra. Martin ter sido encontrada deitada de bruços. Isto é invulgar. No entanto, os seus sapatos, tal como na queima «média», estavam intactos. Não totalmente «anormal», mas certamente diferente da «média», era a intensidade do calor que a tinha consumido. Apesar do facto de «uma pilha de jornais e várias caixas de cartão, ao lado de um monte de catálogos de venda por correspondência... a menos de dois pés do corpo... não estarem sequer chamuscados», o Médico Legista Chefe, o Dr. Joseph W. Spelman, dando testemunho no inquérito, afirmou que apenas um fogo de cerca de 1700 a 2000 graus Fahrenheit seria capaz de efetuar tais danos no corpo da vítima. Como Gaddis, citando a revista *Fate*, [1] observa: «Uma mancha de cerca de quatro pés quadrados cobria o chão ao redor do corpo. Não era óleo, como ao início pareceu ser, mas resíduo do corpo consumido.

Tão intrigados ficaram os detetives que se perguntaram se um intruso teria assassinado a mulher e depois ateado fogo ao seu corpo. No entanto, não havia provas de entrada forçada ou sinais de luta.» E, mesmo assim, a questão permanecia: O que fez com que o fogo ardesse com tão tremenda intensidade? E dado que obviamente tinha ardido, por que não se espalhou e pelo menos chamuscou o papel a apenas dois pés de distância, e as vigas por cima? O Inspetor Chefe John J. Kelly, que investigou, declarou mais tarde: «É um dos nossos casos mais misteriosos.»

Podemos ver-nos a raciocinar erradamente: O fogo do «tipo de combustão espontânea» pode ser reconhecido pela sua natureza seletiva — no sentido em que parece escolher a sua vítima e destruí-la, a ele ou a ela completamente, mas com a exclusão de objetos não designados como vítimas. Isto é um raciocínio errado porque não sabemos que o Fogo do Céu queimará apenas objetos selecionados e se absterá de queimar a propriedade circundante. Quem pode dizer que não tem havido grandes incêndios, envolvendo talvez cidades inteiras (a epidemia de fogos que, em 1871, queimou a Velha Chicago pode ter sido um deles) que, na sua origem, foram tão «inexplicáveis» como aquele que matou a Sra. Martin? Uma referência aos relatórios de qualquer chefe de bombeiros, em qualquer parte do mundo, mostrará que a entrada «fogo posto», sob o cabeçalho «Causa Suspeita de Incêndio», é comum de facto — e é pouco mais precisa do que a entrada menos comum, «Combustão Espontânea». (Elas podem, na verdade, não ser mais do que variantes da mesma entrada.) A pura

verdade é que nós — até os «peritos», particularmente os «peritos» — sabemos muito pouco sobre o fogo, como sabemos muito pouco sobre a eletricidade, e ainda menos sobre a gravitação.

Num capítulo posterior, sugerirei um elo entre a gravitação e uma possível explicação do Fogo do Céu. Mas o que devemos fazer agora é considerar o «elo cósmico» que une todas as catástrofes; um elo que foi visto e notado há eras, mas que, descartado como «contos de carochinha» na era da razão científica, foi estudado de novo por aquele pensador pioneiro, o falecido Charles Fort, e, após a morte de Fort, pelo escritor inglês de ficção científica, Eric Frank Russell. Estes dois investigadores de mente clara merecem um capítulo para si próprios.

9. O ELEMENTO «CÓSMICO» NA CATÁSTROFE

Estendo a mão para a prateleira de livros à minha frente e retiro *The European Magazine and London Review*, Volume 75, que cobre os seis meses de janeiro a junho de 1819. Retiro este livro porque olhei para ele na semana passada e havia algo nele que me lembrou Charles Fort.

Na página 414 do volume em questão, há uma longa correspondência sobre o assunto da «neve de cor carmesim» relatada pelo Capitão Ross, da Marinha Real, na sua «recente viagem de descoberta, com o propósito de explorar a Baía de Baffin, na expectativa de encontrar uma passagem a noroeste, através do gelo, para o Estreito de Bering». Esta «neve carmesim» foi vista pelo Capitão Ross e pela sua tripulação em 1818.

Na página 157 do mesmo volume, sob o cabeçalho «Esboço Cronológico dos Acontecimentos Mais Notáveis para o Ano de 1818», encontro isto:

23 de julho

Em Salisbury, o termómetro estava a 121 °F ao sol, às três horas da tarde; às oito horas estava a 80 °F; e às dez e meia a 73 °F.

25 de julho

A média de seis termómetros ao sol, às duas horas, era de 114 °F — dois graus acima da temperatura de febre [*o meu itálico* — MH]. À sombra estava, na orientação Norte, a 87 °F, e no Sul, a 88 °F. O calor opressivo do tempo foi lamentado em todo o lado. A colheita começou sob os mais felizes auspícios em toda a parte.

Charles Fort, um jornalista de Nova Iorque que se dedicou ao estudo do estranho, não foi o primeiro homem a observar que tais acontecimentos não vêm sozinhos. Ele argumentava que, de algum modo, a incidência destas raridades tinha uma ligação causal. Os nossos antepassados sabiam isto como um facto; mas quando Fort inclinou a sua mente inquisitiva para a recuperação dessa verdade esquecida, um serviço mundial de recortes de imprensa estava à sua disposição. De cada país ele recolheu histórias de jornais sobre acontecimentos estranhos — combustões espontâneas, uma chuva de peixes, «maná» a cair num deserto, chuva vermelha (o vermelho cai em toda a parte, não apenas visível para o Capitão Ross na Baía de Baffin), a incrível e desnecessária proliferação de aves, insetos, pequenos mamíferos. Fort viu que o que pareciam ser aberrações da ordem natural das coisas acontecia em «lotes»; que se, digamos, houvesse uma morte por combustão espontânea, esta nunca (ou raramente) vinha só; e que estas mortes estranhas eram sempre acompanhadas — de acordo com os relatos dos jornais — por acontecimentos igualmente «abnormais».

Por exemplo, Fort ficou particularmente impressionado, como estudioso do estranho, com as generalizadas «anormalidades» do ano de 1904-5, especialmente na Grã-Bretanha. Consultar os arquivos de jornais dessa época é perceber, primeiro, quão «seriamente» até os jornais encararam o surto de estranheza no inverno de 1904-5 e, segundo, quão curta é a memória do público que pôde esquecer os factos por trás de uma manchete do *Liverpool Echo* de 18 de janeiro de 1905: «Gales nas Garras de Forças Sobrenaturais».

Com um raro sentido do que era «correto», o liberal *Daily News* enviou, para investigar os fenómenos do estranho em Gales, um gales, B. G. Evans, que tinha um olhar que, se era simpático, podia ainda assim ser crítico.

O foco das «perturbações» galesas era a pequena cidade de Egryn, e dentro de Egryn o «foco pessoal» era uma Sra. Mary Jones, sobre quem — ou sobre cujas fervorosas pregações — nuvens brilhantemente luminosas ou «bolas de fogo avermelhado» se concentravam de uma maneira «pairante, descendente» que alguns achavam inspiradora e a maioria achava gravemente perturbadora. O *Daily News* enviou Evans a Gales porque os representantes de dois jornais profissionalmente cínicos, o *Daily Mail* e o *Daily Mirror*, tinham estado a enviar relatos distintamente atípicos. Escreveram sobre o aparecimento de luzes brilhantes sobre as reuniões, em capelas e salas de conferências, dos Reavivalistas; e relataram também que estas luzes, como se fossem presenças luminosas de inteligência, «inspecionavam» uma reunião e depois flutuavam lentamente em direção à seguinte.

O primeiro relatório de Evans a partir de Gales apareceu no *Daily News* de 9 de fevereiro de 1905. Ele tornou claro que, o que quer que tivesse esperado encontrar em Gales, se deparara com o inexplicavelmente misterioso, e reivindicou o direito de qualquer observador conscientemente objetivo de relatar o que tinha visto. Em boa verdade, era bastante estranho.

Ele tinha visto as luzes sobre as reuniões da Sra. Mary Jones.

A primeira luz assemelhava-se a uma estrela brilhante emitindo pequenas faíscas. Todos viram isto. As duas seguintes foram claramente subjetivas, sendo vistas apenas pela Sra. Jones e por mim, embora os cinco de nós caminhássemos lado a lado. Três barras de luz branca clara cruzaram a estrada em frente, da esquerda para a direita, subindo a parede de pedra à direita. Uma luz vermelha como sangue, a cerca de um pé do chão no meio da estrada... foi a manifestação seguinte.

Isto era o Reavivamento. A Grã-Bretanha, especialmente Gales, já o tinha conhecido antes; e também, de facto, a América do Norte — especialmente os Estados Unidos. Mas nada disto tinha sido visto nas manifestações anteriores de Reavivamento; não, isto é, a menos que se voltasse duzentos anos atrás, às extraordinárias atividades do Padre Hell e dos seus *convulsionnaires* parisienses — e mesmo aí nenhuns sinais no Céu apareceram para chicotear o frenesim Reavivalista.

O «entusiasmo», contra o qual os nossos antepassados puritanos tão fortemente se opuseram, tomou o controlo. A partir de Gales, o impulso «religioso» rebentou poderosamente para o exterior. Os empregados de balcão afastavam-se dos seus clientes, batiam palmas e começavam a cantar os louvores do Senhor. Grupos de entusiastas invadiam igrejas, para assumir o controlo das cerimónias mais tradicionais com rituais próprios mais barulhentos e mais «libertados». As pessoas entravam nas esquadras de polícia para «confessar» transgressões das quais a polícia as viria a provar inocentes. Multidões de «libertados» reuniam-se à porta de teatros, estádios de futebol e bares, ameaçando, na crença de que estavam a «persuadir», os pretensos clientes a não entrarem nos antros do pecado. As multidões chegavam a entrar nas esquadras de polícia, procurando «converter» os agentes.

Grupos mais pequenos, inflamados pela autoridade da multidão, assumiam agora o controlo. Carros de praça e carruagens privadas eram parados, e os passageiros forçados a apearem-se, para se juntarem às reuniões de rua dos Reavivalistas. E depois a violência privada tornou-se, uma vez mais, violência de multidão, e o preconceito sectário sobrepôs-se a um sentimento «religioso» generalizado.

Em *Scotland Road*, Liverpool, os libertados viraram-se contra os católicos romanos e, como Gaddis aponta, «Um homem, interpretando uma passagem bíblica à letra, cortou a sua mão direita; outro liderava uma procissão todas as noites, rebocando o seu caixão atrás de si. "Quando vir uma destas procissões", aconselhou um magistrado de Liverpool, "fja dela como fugiria de um touro bravo".»

Se tudo isto tivesse acontecido trezentos — ou mesmo duzentos — anos antes, os homens não se teriam espantado de que o mundo parecesse ter enlouquecido de outras maneiras: o público teria estado à espera disso. Mas entre, digamos, 1604 e 1904, três séculos de ciência racional e racionalista tinham conseguido convencer o público de que não existia tal coisa como uma coincidência interligada; de que duas catástrofes acontecendo ao mesmo tempo não tinham qualquer vínculo causal. Que — como em 1904 — não havia nada «na razão» para ligar as improbabilidades de a Sra. Mary Jones pregar a Palavra numa capela de zinco galesa sob uma luminescência brilhante (e errante) e as mortes de

várias pessoas, por queimaduras, em circunstâncias que, dizia cada médico legista relevante, eram «difíceis de explicar».

Mencionei a Sra. Thomas Cochrane, viúva, que morreu a 16 de dezembro. A Sra. Cochrane, de *Rosehill*, Falkirk, Inglaterra, foi descoberta sentada numa cadeira que tinha sido «estofada» com almofadas e almofadões. A Sra. Cochrane fora «queimada para lá de qualquer reconhecimento». Nem as almofadas nem a cadeira tinham sido queimadas. Ninguém ouvira a vítima gritar. Não havia fogo na lareira.

Uma semana mais tarde, outra mulher idosa, Elizabeth Clark, morreu da mesma maneira misteriosa. A Sra. Cochrane fora rica. A Sra. Clark era uma pensionista do *Trinity Almshouse* em Hull, a quase duzentas milhas de distância. A Sra. Clark pertence ao tipo de vítima de combustão espontânea que não é imediatamente morta; foi encontrada, terrivelmente queimada, mas ainda viva. Como em todos esses casos, ela não pôde dar qualquer explicação para os seus ferimentos. E, tal como no caso da Sra. Cochrane, a roupa de cama onde estava deitada não ficou chamuscada; e, novamente como no caso da Sra. Cochrane, os vizinhos não ouviram nenhum grito.

Houve muitos casos deste género num inverno que viu «carruagens aéreas» a voar a uma velocidade tremenda, resplandecendo de luz, por todos os céus britânicos; que viu mutilações inexplicáveis de gado; uma incidência alarmantemente alta de suicídios — e um número realmente extraordinário de esgotamentos mentais, especialmente entre pessoas proeminentes.

Charles Fort cita o *Lloyd's Weekly News* de 5 de fevereiro de 1905, o qual, sob o cabeçalho «Negócio Misterioso», relatava o facto de «um médico legista ter expressado a sua incapacidade de compreender... O médico legista dissera que uma brasa poderia ter saltado da lareira, incendiando as roupas da mulher, mas que ela estivera sentada de frente para o lume e que as queimaduras estavam nas suas costas».

Fora um caso fatal, naturalmente, senão o médico legista não teria precisado de tentar conciliar o que via com o que pensava que devia ter visto. Fora relatado a 5 de fevereiro; vinte e três dias mais tarde, a morte de Barbara Bell, de setenta e sete anos, não ofereceu melhor explicação ao médico legista. Tinha sido encontrada por vizinhos, deitada num sofá sem

qualquer chamuscado, «terrivelmente carbonizada... como se, por um longo período, [o seu corpo] tivesse estado no meio de chamas intensas».

O que nem Fort nem Gaddis observaram neste caso é que ele teve lugar a 28 de fevereiro, em Blyth, Northumberland, e que foi em *Whitley Bay*, a seis ou sete milhas de Blyth, que Margaret Dewar encontrou a sua irmã, Wilhelmina, queimada na sua cama não queimada, três anos mais tarde. Ao contrário das bolas de fogo, o Fogo que consome, e não meramente ameaça, parece atingir o mesmo local, a mesma casa, raramente; embora, como veremos, tal como o raio, possa atingir a mesma pessoa mais do que uma vez. O facto de ter matado tanto Wilhelmina Dewar como Barbara Bell num raio de sete milhas e num intervalo de três anos uma da outra é motivo para registo e para uma possível investigação futura.

A 4 de março daquele mesmo ano «perturbado», o casal de idosos, os Kiley, cujo caso foi descrito na página 34, morreu em *Butlock's Heath*, perto de Southampton. O caso deles foi notável (pode ser único) pelo facto de o «som de arranhar» que atraiu os vizinhos à casa ter ocorrido horas após os Kiley terem sofrido a sua queima conjunta.

Uma vez que comecemos, após o mais amplo exame do fenómeno da combustão espontânea, a generalizar sobre ele, descobrimos que, embora exista a mais marcante semelhança de tipo unindo todos os casos de queima num padrão comum, não há dois casos exatamente iguais; e que, entre dois casos selecionados ao acaso, pode haver as maiores divergências. Temos uma condição comparável na impressão digital humana; não há dois conjuntos de impressões que combinem precisamente, no entanto todas as impressões digitais se conformam obviamente a um tipo comum de padrão de pele.

Devido à supressão de provas naquilo que bem podemos acreditar ser a maioria dos casos de combustão espontânea — supressão «tática» por parte de familiares; supressão «racional» por parte de médicos legistas; a ocultação dos factos por pseudo-factos mais «aceitáveis»: «fumar na cama», «instalação elétrica defeituosa», etc. —, é impossível de momento tratar este assunto estatisticamente. E até que possamos começar a registar

cada caso de combustão espontânea, não podemos possivelmente extrair de tais provas que estão disponíveis mais do que o padrão de um padrão.

Ainda assim, até as pistas nos dizem muito; e, como foi dito antes, a observação aguçada de dois homens — Charles Fort e Eric Frank Russell — detetou e demonstrou a existência de fenómenos paralelos, fenómenos diferentes de, mas aparentemente ligados ao fenómeno da combustão espontânea. Fora Fort quem apontara, a partir das provas de recortes de imprensa colecionados ao longo de um período de quarenta anos de todas as partes do mundo, que todos os fenómenos «irracionais» estão interligados no ainda não investigado e ainda inexplicado. Estranho.

Eric Frank Russell é mais inclinado à estatística do que Fort era. Enquanto Fort colecionava raridades em quantidade, Russell detetou, como de facto Fort fizera, um padrão de acontecimentos; mas com Russell este padrão não se expressava meramente na observação de que «A raridade manifesta-se num número infinito de formas». Com Russell parecia que havia algum padrão matemático em tudo isto. Poderia ser coincidência — poderia ser? — que, no mesmo dia e quase à mesma hora, o Fogo do Céu tivesse atingido três homens, estando cada um a centenas de milhas de distância de qualquer um dos outros dois?

[1] Setembro de 1957; junho de 1958.

O dia era 7 de abril de 1938; o tempo, uma tarde calma. De dois dos homens já tomei nota. Eram John Greeley, timoneiro do SS *Ulrich*, e George Turner, motorista de camião. O terceiro era Willem ten Bruik, um holandês de dezoito anos que morreu ao volante do seu carro perto de Nijmegen, na Holanda. Todos foram «queimados para lá de qualquer reconhecimento». Todos ficaram carbonizados com pouco ou nenhum dano ao seu redor.

A 13 de março de 1966, Michael McDougall, um jornalista, recontando a história originalmente notada e registada por Eric Frank Russell em 1939, escreveu no *Newark Sunday Star-Ledger*: «Foi como se um ser galáctico de tamanho inimaginável tivesse sondado a Terra com um garfo de três dentes: três dedos de fogo, que queimaram apenas carne.» Apenas a fraseologia é exagerada: os factos são precisamente como declarados — «três dedos de fogo, que queimaram apenas carne».

Ora, ao perguntarmo-nos que ligação, se é que existia alguma, poderia haver entre os três homens queimados de forma tão misteriosa e tão completa naquela tarde de abril, mesmo antes do eclodir da Segunda Guerra Mundial, podemos lembrar-nos de que nem o escritor de ficção científica, o Sr. Russell, nem o cronista, o Sr. McDougall, parecem ter procurado nenhuma. O Sr. Russell, um dedicado colecionador de combustões espontâneas — encontrou dezanove, das quais seis envolviam homens, ao compulsar os jornais apenas do ano de 1938 —, ficou simplesmente impressionado com o facto do ataque de três dentes por parte do Fogo; o Sr. McDougall, três décadas mais tarde, limitou-se a recontar a história.

Seria de esperar que o Sr. Russell, pelo menos, tivesse pegado num mapa de grande escala da Europa e visto exatamente como as três mortes de Greeley, Turner e ten Bruik se relacionavam entre si topograficamente. Penso que ele teria ficado consideravelmente interessado naquilo que poderia ter encontrado — e no que eu de facto encontrei. Agora, neste momento, não os posso explicar, mas estes são os factos.

O SS *Ulrich* navegava para leste, rumo a Liverpool. Ao passar ao longo do paralelo 50 de latitude norte, atingiu um ponto a sul-sudoeste de, e a cerca de 120 milhas do, Cabo Clear. Neste ponto, o SS *Ulrich* e o timoneiro John Greeley estavam a 340 milhas de onde George Turner, conduzindo o seu camião em Upton-by-Chester, se dirigia para o porto de abrigo do SS *Ulrich* (e de John Greeley), Liverpool.

E precisamente nesse mesmo momento, também, Willem ten Bruik, conduzindo em Ubbergen, perto de Nijmegen, estava precisamente tão longe do motorista de camião de Birkenhead, George Turner, quanto George estava prestes a encontrar-se do timoneiro John Greeley.

Nesse momento, o Fogo atacou — três homens mortos em talvez outros tantos minutos. Terá atacado porque George estava no vértice de um triângulo isósceles, com lados de 340 milhas de comprimento — e Greeley e ten Bruik estavam em cada um dos ângulos da base desse triângulo? Se a sugestão parece ridícula, pergunte o leitor a si próprio o que sabemos sobre o Fogo e as suas causas; sobre o seu modo de ação; sobre o que o despoleta.

Há muitos anos, seguindo uma pista num livro sobre numerologia, recolhi provas suficientes para me assegurar de que existe, de facto, uma ligação estreita entre os nomes dos intervenientes e os tempos dos seus atos.

Há outra ligação que une as três vítimas de 7 de abril de 1938; há alguns sons em comum — e Greeley está ligado ao estranho numa outra ligação. Lembra-se aqui ao leitor que o som, não menos do que o calor, a luz e as formas invisíveis de radiação, é uma efusão de energia — energia aparentemente numa escala de força inferior; mas energia, e energia poderosa, apesar de tudo. Por exemplo, o conhecimento antigo de que o som, não menos do que a luz, podia efetuar mudanças radicais nos padrões de energia é mostrado no:

GÉNESIS

i. 2. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo. E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. 3. E disse Deus: Haja luz: e houve luz. 4. E viu Deus que a luz era boa; e fez Deus [pela Sua palavra] separação entre a luz e as trevas.

JOÃO

I. 1. No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. 2. Ele estava no princípio com Deus. 3. Todas as coisas foram feitas por ele; e sem ele [e a Sua palavra] nada do que foi feito se fez.

Desde a crença egípcia na «Palavra de Poder», que podia «fazer todas as coisas», à crença hebraica de que o verdadeiro nome de Deus, *se alguma vez pronunciado*, podia efetuar, e efetuaria, coisas inimagináveis; [1] desde o conto da porta de rocha que se abria ao comando «Abre-te, Sésamo!» (uma «fechadura sonar»?) aos poderes de compelir demónios atribuídos aos sons das conjurações de feiticeiros e bruxas; o conhecimento antigo observou e reconheceu o poder da energia manifestada no som. Que o leitor tenha estas coisas em mente...

Há, de facto, um fator curioso que liga aquelas três mortes estranhas, já unidas por terem ocorrido, a muitas milhas de distância, na tarde de 7 de

abril de 1938. Há um som inicial comum às três mortes — o som de U, pois considere-se:

- John Greeley era timoneiro do navio *Ulrich*
- George Turner, motorista de camião, morreu em *Upton*
- Willem ten Bruik ardeu até à morte em *Ubbergen*

Greeley estava ainda mais ligado ao estranho de uma forma pessoal; ele estava a governar o SS *Ulrich*, e o santo padroeiro dos pescadores e marinheiros tem o mesmo nome.

A dificuldade em estabelecer ligações deste tipo — ligações cuja importância não pretendo explicar — é que o investigador tem necessariamente de trabalhar com provas extremamente limitadas. Deve haver muitas outras ligações semelhantes: talvez de um «signo do zodíaco» partilhado em comum; talvez uma hereditariedade comum; quem sabe uma crença religiosa comum; possivelmente até um tipo comum de pigmentação. Quem sabe? Mas se queremos explicar em detalhe os resultados, devemos saber tudo sobre as causas — e isto só o poderemos saber recolhendo cada detalhe, por mais «irrelevante» que seja, relativo às raridades que desejamos examinar e explicar.

Mantive os quatro parágrafos acima, não obstante o facto de terem despertado o escárnio do Sr. Robert Rickard, Editor do *The Fortean Times*, mas precisamente porque o despertaram. Cito o comentário relevante do Sr. Rickard:

Harrison... também sugere [que] os avistamentos [*sic, mas leia-se* sítios] estão ligados pelo som/vibração do «U» inicial — hilariante quando se percebe que são dois «u»s e um «â».

— sendo este último o som com que o Sr. Rickard supõe que o nome «Upton» começa. Mas George Turner, de Upton-by-Chester, não pronunciava o nome «Upton» como um londrino o pronuncia; ele teria dado ao nome a sua pronúncia local, que pode ser representada foneticamente como «Oopton» — começando, então, com o mesmo som de «u» com que tanto «Ulrich» como «Ubbergen» começam.

O Sr. Rickard passa então a perguntar sarcasticamente por que razão não notei as semelhanças sonoras de «Wright, Knight e White» ou «Bartholi, Bertillon e Bartholin»? A resposta deveria ter sido autoevidente: apenas «Ulrich, Upton e Ubbergen» estão ligados pelo facto de um acontecimento simultâneo: três mortes, por um meio comum, ao mesmo tempo.

Como disse acima, e como disse noutras partes deste livro (notavelmente em relação à «estátua plástica religiosa» no carro de Billy Peterson), os factos associados às mortes pelo Fogo são apresentados não porque pensemos que são fatores importantes no estabelecimento das «condições certas» para a manifestação do Fogo, mas porque não sabemos quais os fatores que são importantes e quais os que não são. De modo que, tanto quanto nos é possível, damos todos os factos, deixando para a investigação posterior a inclusão do que é significativo e o descarte do resto.

Não sei se uma concordância de som tem ou não algo a ver com o Fogo; mas seria negligente, quando vemos estas concordâncias, omitir o facto do nosso registo. E uma concordância muito curiosa e marcante emergiu dos factos adicionais sobre o Fogo. Recolhi quinze indivíduos bem documentados para incluir no registo das manifestações do Fogo. Aqui estão eles, por ordem cronológica.

1. Seaton, Peckham Rye, Londres (1939) — morte
2. Hogan, Dublin (1970) — morte
3. Thompson, Cheslyn Hay, Staffs. (1972) — morte
4. Watt, Walker, Newcastle-on-Tyne (1974) — morte
5. Davies, Corby, Northamptonshire (1974) — ferimento
6. Anónimo, Air Terminal Hotel, South Kensington (1974) — sem ferimentos na pessoa
7. Steers, Stoney Lane, Shaw, Berks. (1974) — morte
8. Boote, Estúdio de TV da BBC, Cardiff (1974) — ferimento
9. Nelson, Scunthorpe, Lincolnshire (1974) — ferimento
10. Cooke, Miami, Florida (1975) — morte
11. Cashmore, Walsall, Staffordshire (1975) — morte

12. Rapaz anónimo, Bath, Somerset (1975) — sem ferimentos na pessoa
13.
    - Booley, Stone, Gloucestershire — sem ferimentos na pessoa

Booley, St. Hilda's School, Bridgwater, Somerset — sem ferimentos na pessoa

Booley, High School, Bath, Somerset — sem ferimentos na pessoa

Booley, Swan Hotel, Tewkesbury, Glos. — sem ferimentos na pessoa

Booley, Swan Hotel, Tewkesbury, Glos. — sem ferimentos na pessoa

Booley, Swan Hotel, Tewkesbury, Glos. — sem ferimentos na pessoa

Booley, Torbay Hotel, Sidmouth, Devon — sem ferimentos na pessoa

14. Van Reenan, Plettenberg, África do Sul (1975) — sem ferimentos na pessoa
15. Webb, Paddington, Oeste de Londres (1975) — sem ferimentos na pessoa

In vinte e uma manifestações do Fogo, a letra S aparece como inicial, quer no nome do indivíduo quer no nome do local, nada menos do que dezanove vezes — isto numa lista que não foi organizada para produzir qualquer qualidade especial; esta é simplesmente a lista dos fogos de CE.

De acordo com a ordem de frequências comummente recebida, o S não é de modo algum a letra mais frequente do alfabeto inglês, e o que a sua frequência anormal nesta lista mostra, não o posso dizer. Pode significar algo; pode não significar nada. Mas até que saibamos o valor dos factos tal como os percebemos:

1. não temos o direito de rejeitar qualquer facto como sendo «irrelevante»;
2. não temos o direito de conferir um valor relevante a qualquer facto.

O nosso dever é deduzir a partir das provas; e o valor dos factos será avaliado apenas a partir da sua totalidade — não podemos saber quais são essenciais para uma compreensão da verdade até que todos (o, pelo menos, os principais) tenham sido recolhidos.

É ocioso neste momento perguntar «Mas porquê a letra S? O que é que isso tem a ver com o assunto? Qual é a ligação entre a manifestação do Fogo e a letra S?». Eu, por mim, não sei dizer. Pode haver uma ligação; pode não haver nenhuma. Mas descartar tais concordâncias de som com a observação de que «não tem nada que ver» não seria mais do que arrogância não científica.

10. CHADRAQUE, MESAQUE, ABEDE-NEGO...

E A SRA. REESER

Porque não se quiseram curvar e adorar o ídolo de ouro que Nabucodonosor tinha erguido, o Rei ordenou que Chadraque, Mesaque e Abede-Nego fossem lançados na «fornalha de fogo ardente». A história de como estes três crentes obstinados escaparam fez do curto (e nunca muito teológico) Livro de Daniel um dos mais populares, e da «lenda» da Fornalha de Fogo Ardente uma das mais recordadas.

Conforme popularmente contada, a história dos três jovens foi simplificada: o Rei Nabucodonosor «fez uma estátua de ouro, cuja altura era de sessenta côvados, e a sua largura de seis côvados: ergueu-a na planície de Dura, na província de Babilónia». Ordenou a todos os que estavam sob a sua jurisdição real que fossem até à estátua e lhe prestassem homenagem ritual; Chadraque, Mesaque e Abede-Nego recusaram. Foram lançados na fornalha de fogo ardente; preservados ali pela intervenção pessoal do Altíssimo — e libertados para repreender e envergonhar o rei tirânico.

A versão popular omite alguns pontos que me parecem significativos.

Um dos pontos principais é que Nabucodonosor ameaçou os três jovens com a fornalha de fogo ardente se eles recusassem ainda mais adorar o seu ídolo; acrescentando, sarcasticamente, «e quem é o Deus que vos livrará das minhas mãos?».

Outro ponto — e certamente ainda mais significativo — é que os três aceitaram o desafio irónico à letra, e ofereceram-se para entrar na fornalha de fogo ardente na firme e certa expectativa de que seriam «livrados» — isto é, asseguraram a Nabucodonosor que não seriam queimados.

Uma outra omissão importante da versão popular do conto é a descrição detalhada, em Daniel, da preparação da fornalha para a receção dos três. Enfurecido pela atitude desafiante de Chadraque e dos seus dois companheiros, o Rei ordenou que a fornalha fosse aquecida «sete vezes mais do que se costumava aquecer». Isto implica não só algum mecanismo preciso de regulação do calor, mas também uma instrumentação igualmente precisa de medição do calor (termométrica). «Sete vezes...».

Novamente a narrativa bíblica entra em detalhes que são quase sempre omitidos na versão popular. O Rei «ordenou aos homens mais poderosos que estavam no seu exército, queatassem a Chadraque, Mesaque e Abede-Nego, para os lançarem na fornalha de fogo ardente». Porquê «os homens mais poderosos» se os três já se tinham voluntariado para entrar na fornalha, para demonstrar a Nabucodonosor la superioridade do seu próprio Deus? Irá o versículo seguinte em Daniel lançar alguma luz sobre o problema?

O versículo 21 de Daniel 3 torna-se curiosamente detalhado.

Então estes homens foram atados com as suas capas, as suas túnicas, e os seus chapéus, e as suas outras vestes, e foram lançados no meio da fornalha de fogo ardente...

Após o que, o calor da fornalha queimou os homens que tinham lançado os três nas chamas.

Antes de passarmos a examinar os detalhes do resgate dos três da fornalha, vejamos que factos podem estar ocultos sob a interpretação muito pouco científica da versão autorizada.

Por que foram os três «sujeitos experimentais» tão elaboradamente vestidos antes de serem atados e colocados na fornalha — «as suas capas, as suas túnicas, e os seus chapéus, e as suas outras vestes»? E, bem podemos perguntar a nós próprios, seriam estas vestes de alguma qualidade

especial? Seriam, de facto, trajes de bombeiro à prova de fogo, daquele tecido à prova de amianto já descoberto no tempo do Rei Nabucodonosor II, o Grande (regeu de 605 a 562 a.C.), e descrito por Plínio na sua *História Natural* (19.4) cerca de seiscentos anos mais tarde?

Teria o deus que os havia de salvar no fogo um conhecimento científico superior no qual os três confiavam? Terá havido um teste científico, não mencionado por não ser compreendido pelo historiador bíblico: um teste que envolvia os soldados (relativamente) desprovidos de vestuário e os três vestidos com trajes à prova de fogo? De modo que os soldados pereceram no calor intenso e os três não?

O fim da estranha história tem outro ponto que ajudou a merecer-lhe a classificação escarnecedora de «conto de fadas». Nabucodonosor, olhando para a boca da fornalha de fogo ardente para ver como os audazes três se estavam a safar, exclamou com espanto que parecia haver não três pessoas na fornalha, mas quatro:

... Eis que vejo quatro homens soltos, que andam passeando no meio do fogo, sem sofrer nenhum dano; e o aspeto do quarto é semelhante ao Filho de Deus.

Esta expressão, «o Filho de Deus», é difícil de explicar; mas podemos bem arriscar um palpite de que se refere a alguma qualidade altamente anormal quer da aparência pessoal quer de uma capacidade «sobrenatural» claramente vista — quase certamente a primeira, dado que as referências parecem dizer respeito sempre a uma aparência mais do que a uma qualidade mais espiritual — embora, claro, a anormalidade espiritual fosse inferida da física.

Ao considerar quão generalizado era o culto da luz em geral e do sol em particular em todas as culturas antigas, podemos confiantemente acreditar que esta anormalidade que caracterizava os «Filhos de Deus» tinha a ver com a luz. Eram «dourados»; «resplandeciam»; «brilhavam»; «ardiam» — quer momentânea quer permanentemente. O Ser Superior com quem Moisés falou — de quem Moisés recebeu ordens — brilhava com um fulgor demasiado forte para os olhos mortais tolerarem; Buda brilhava, tal como Confúcio. Quando Cristo, outro prontamente reconhecido «Filho de

Deus», foi «transfigurado» perante os Seus discípulos, Ele resplandeceu com uma luz sobrenatural.

Este tipo de Ser, que aparece tão frequentemente ao longo da história do Mundo Antigo que o historiador bíblico não precisa de dar uma descrição mais detalhada dele do que «Filho de Deus», parece ter uma afinidade especial com o fogo. O «carro» no qual os «Escolhidos» são elevados em direção ao céu arde com «fogo». E é na fornalha de fogo ardente que Nabucodonosor fica «espantado», mas não totalmente surpreendido, ao encontrar outro desta estirpe misteriosa e superior, caminhando com os três cujos laços o Filho de Deus desatou.

Estaria o Filho de Deus à espera dentro da fornalha pelos três homens? Ou veio ele de algum outro local (e, talvez, tempo?), não tanto para os «resgatar» — pois suspeita-se que os trajes «experimentais» à prova de fogo os teriam colocado fora de perigo — mas para verificar a qualidade resistente ao calor dos seus macacões de amianto?

[1] Usando este tema, The Nine Billion Names of God, de Arthur C. Clarke, é um dos melhores seis contos alguma vez escritos.

- *[August 1971—October 1975] indica o período abrangido pelas ocorrências associadas à Sra. Booley.*

A tolerância ao calor varia no ser humano tanto quanto a tolerância ao frio. A resistência dos caminhantes do fogo a temperaturas que feririam gravemente os não treinados é hoje demasiado bem conhecida para merecer a menor dúvida; nem esta resistência cultivada se limita àqueles que participam nas caminhadas rituais do fogo dos hindus, havaianos, índios norte e sul-americanos e restantes. Atos de «desafio ao fogo» eram uma atração popular nos teatros de *vaudeville* do século passado, e o comer e o engolir chamas não são desconhecidos hoje em dia.

Alguns médiuns notáveis de tempos recentes demonstraram a sua capacidade de resistir aos resultados normais do calor ao manusearem materiais muito quentes ou a arder: entre eles o médium mais conhecido do século passado, Daniel Dunglass Home, e a Sra. Annie Hunter, que

carregou um tronco a arder pelo quarto na presença de um repórter do *Daily Express* que «recuou depois de o seu cabelo ter ficado chamuscado».

Apresentando-se perante um público muito maior, pessoas resistentes ao fogo como «A Senhora Incombustível», os «Reis do Fogo», o «Salamandra Francês» e os demais demonstraram a sua resistência ao fogo: lambendo atiçadores em brasa, colocando pás de carvão em brasa sobre as suas cabeças, lavando as suas bocas com chumbo a ferver, deixando-se fechar por catorze minutos — este foi Martinez — num forno aquecido a 338 °Fahrenheit.

Extremos de frio parecem ter sido suportados com igual facilidade; especialmente no Tibete, onde certos lamas «peritos» são conhecidos por suportar temperaturas tão baixas que teriam morto outros. Por vezes, esta resistência a condições letais deriva o seu poder da persuasão religiosa; mas nem sempre é assim. Muitas vezes os feitos mais surpreendentes de desafio ao fogo ou ao frio vêm de pessoas de modo nenhum religiosas: membros de nenhum culto organizado; participantes de nenhum ritual bem ensaiado. Quando solicitadas a justificar os seus poderes, tais pessoas respondem simplesmente que «não fazem ideia».

Nem fazem.

Exatamente assim poderia ter respondido a Sra. Mary Hardy Reeser se lhe tivessem perguntado, não por que razão tinha dominado o fogo, mas por que razão — e como — o fogo a tinha levado de uma forma tão terrível e misteriosa.

A morte da Sra. Reeser, de sessenta e sete anos, na noite de 1 de julho de 1951, enquadra-se obviamente na classificação de «morte por combustão espontânea». No entanto, o tratamento detalhado e longo que Gaddis dá a esta morte é justificado por algumas características invulgares em mortes deste tipo, não sendo a menor delas a presença no caso do FBI.

As outras características invulgares incluíam a posição social relativamente elevada da vítima. Era viúva e mãe de médicos qualificados com boa clínica; era também, embora viúva, não do tipo «solitário» tão proeminente nas histórias médicas de combustão espontânea. Não há provas de que bebesse em excesso; embora fosse levemente viciada em

comprimidos para dormir — um dos barbitúricos comercializados sob o nome de marca Seconal.

Os pontos a ter em mente no início deste registo são que a Sra. Reeser era uma viúva idosa — mas não demasiado idosa —, aparentemente de boa saúde, cuja privação de companhia pela morte do seu marido era compensada em grande parte pelas atenções amigáveis do seu filho Richard e da sua esposa.

O filho da viúva tinha servido no Corpo Médico do Exército dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, e estava agora a desenvolver a sua clínica privada em St. Petersburg, na costa oeste da Florida. A Sra. Reeser, Mãe, tinha-se mudado para St. Petersburg para estar perto do seu filho; e vivia agora a poucas centenas de jardas dele.

O primeiro dia de julho de 1951 estava tão ensolarado como de costume no oeste da Florida e, sendo a noite quente, o Dr. Reeser sugeriu uma ida à praia. A sua mãe, que tinha passado o dia com o seu filho e a família deste — havia duas crianças —, não quis ir; por isso, o Dr. e a Sra. Richard Reeser, e uma criança, foram à praia, ficando a Sra. Mary Reeser com a outra criança.

No regresso dos Reeser da praia, descobriram que a Sra. Mary Reeser tinha ido para casa. A Sra. Reeser mais jovem entrou então no seu carro e partiu na esperança de alcançar a sua sogra, para a levar de carro o resto da sua viagem. Aconteceu que a Sra. Mary Reeser já tinha chegado ao seu apartamento da *Cherry Street* na altura em que a sua nora a alcançou. Algumas palavras amigáveis foram trocadas antes de a jovem Sra. Reeser regressar para junto da sua família. Não vira nada na aparência ou na maneira da mulher mais velha que lhe causasse a menor preocupação.

Quando, porém, o Dr. Reeser visitou a sua mãe mais tarde nessa mesma noite, viu que ela estava levemente deprimida, embora esta «depressão» parecesse não ter uma causa profunda.

A Sra. Reeser já tinha desfeito a cama na altura em que o seu filho saiu, por volta das 20h30. Disse-lhe que desejava recolher cedo e que tomaria dois comprimidos de Seconal para garantir uma boa noite de sono.

A última pessoa que se sabe ter visto a Sra. Reeser viva foi a sua senhoria, a Sra. Pansy M. Carpenter, que passou por lá para a ver cerca de meia hora após a saída do Dr. Reeser; isto é, por volta das 21h. A Sra. Reeser já se tinha mudado para deitar; estava com a sua camisa de noite, por cima da qual usava um robe. A Sra. Carpenter encontrou a sua inquilina sentada numa «poltrona bem estofada», a fumar um cigarro.

Devemos notar a presença de duas fontes de calor, o cigarro e o relâmpago que cruzava a Florida sub-tropical naquela noite quente de julho.

A Sra. Carpenter ficou por alguns minutos, saindo depois para o seu próprio apartamento, que ficava no mesmo edifício, mas separado do da Sra. Reeser por duas alas desocupadas.

A Sra. Reeser não foi para a cama; ficou na poltrona até que uma morte estranha a surpreendeu.

Será uma coincidência completamente sem significado que no caso da Sra. Reeser — um caso que, por uma razão ou outra, se tornou um dos mais famosos na história da combustão espontânea — a principal testemunha seja uma Sra. Carpenter? E que uma Sra. Carpenter tenha morrido de combustão espontânea em 1938?

Pois, no século passado, o eminente fisiologista W. B. Carpenter, Membro da *Royal Society*, docente de anatomia e fisiologia no *London Hospital*, Professor de Jurisprudência Médica no *University College* de Londres, Professor de Fisiologia na *Royal Institution*, e um dos cientistas mais influentes na Inglaterra vitoriana, foi também um daqueles que admitiram o fenómeno da combustão espontânea, numa época em que era moda entre os médicos da moda escarnecer do fenómeno como — na frase de George Lewes — «um erro vulgar». [1]

Um fanático da temperança, Carpenter era um daqueles que procuravam estabelecer uma relação causadora direta entre a «intemperança» e a combustão espontânea. No entanto, Carpenter era demasiado cientista para se contentar com esta explicação simples, e partiu à descoberta de qual lei natural provocava o «castigo» da combustão espontânea. Nos seus *Principles of General and Comparative Physiology*

(Londres, 1839), pp. 366-7, Carpenter especula sobre uma possível ligação entre o fósforo e «o fenómeno extraordinário da combustão espontânea» e, como algum apoio para a sua especulação, relata o caso de um amigo cuja «incómoda ferida, ocasionada pela combustão de fósforo na mão, emitiu duas vezes, em intervalos distintos, uma chama que queimou as partes circundantes».

A Sra. Carpenter acordou a 2 de julho de 1951 com um cheiro a fumo; a hora, 5h da manhã. Atribuindo o cheiro a uma bomba de água que estivera a sobreaquecer, a Sra. Carpenter levantou-se da cama, foi até à sua garagem, desligou a corrente e voltou para a cama.

Às 8h da manhã chegou um rapaz com um telegrama para a Sra. Reeser. A Sra. Carpenter assinou o telegrama e levou-o para o apartamento da Sra. Reeser. O cheiro a queimado com que a Sra. Carpenter acordara às 5h já não era percetível, mas a maçaneta da porta do apartamento da Sra. Reeser estava quente. Tão quente que a senhoria instintivamente gritou por socorro; um grito que foi ouvido e prontamente respondido por dois decoradores que trabalhavam num edifício do outro lado da rua. Os dois homens, Clements e Delnet, correram para a porta que a Sra. Carpenter estivera com demasiado medo para abrir; Delnet abriu-a, com um trapo a cobrir a maçaneta superaquecida, e uma lufada de ar quente golfou através da ombreira aberta.

A Sra. Carpenter tinha gritado que a sua inquilina estava lá dentro, mas, à medida que os dois pintores avançavam cautelosamente pelo quarto, não havia nenhuma Sra. Reeser. O apartamento era pequeno: apenas uma sala de estar, uma pequena cozinha e uma casa de banho. Demorou apenas um minuto ou dois para se ter a certeza de que não havia ninguém dentro do apartamento. O que era talvez, nesse momento, mais curioso era que também não havia fogo, salvo uma pequena chama na viga de madeira sobre uma divisória que separava a sala de estar da kitchenette. Como a cama sem qualquer chamuscado não tinha sido usada para dormir, assumiu-se ao início que a Sra. Reeser tinha deixado o apartamento.

A chegada do carro de bombeiros logo revelou um conjunto diferente de factos.

A Sra. Reeser, ou o que restava dela, estava no apartamento, tão completamente consumida como qualquer vítima na longa história da combustão espontânea.

Dentro de um círculo enegrecido com cerca de quatro pés de diâmetro estavam várias molas espirais de assento e os restos de um corpo humano. Os restos consistiam num fígado carbonizado preso a um pedaço de coluna vertebral, um crânio encolhido até ao tamanho de uma bola de beisebol, um pé calçado numa pantufa de cetim preto mas queimado até um pouco acima do tornozelo, e uma pequena pilha de cinzas enegrecidas.

Como na maioria, embora não em todos os outros casos de combustão espontânea, a única evidência de fogo era na proximidade imediata da cadeira da Sra. Reeser e da já mencionada viga, que ficava diretamente por cima. Em todos os outros aspetos, o fogo tinha deixado o apartamento intacto, mas havia alguns efeitos do calor que os estudiosos desta forma peculiar de morte reconhecerão como familiares de outros casos.

A combustão, especialmente a combustão total, da poltrona da Sra. Reeser é atípica destes casos; mas tal combustão da cadeira não é sem precedente estabelecido: no caso da Condessa von Görlitz (1848; ver página 137), a cadeira de onde a mulher morta tinha caído fora parcialmente queimada; e há outros casos em que o mobiliário partilhou, parcial ou totalmente, o destino do seu proprietário.

O calor, porém, mais do que o fogo, foi responsável pelo empolamento e derretimento de interruptores de luz e espelhos de interruptores; mas que princípio governava a localização deste calor não é fácil de dizer. Pois, a uma altura de cerca de quatro pés acima do chão, começava uma área de parede enegrecida pelo fumo; abaixo deste nível de fumo tudo (com exceção da Sra. Reeser e da sua poltrona) estava intacto; acima, os efeitos do calor eram aparentes.

Não só as instalações elétricas estavam empoladas e derretidas, como as velas sobre uma cómoda tinham derretido também, embora os pavios não tivessem sido queimados. Ainda assim, este era um tipo de calor curioso e curiosamente seletivo. Tinha parado, mas não danificado, um relógio elétrico (o relógio tinha parado às 4h20 da manhã); no entanto, o relógio entrou imediatamente em funcionamento quando ligado a uma

tomada não danificada. Dois ventiladores elétricos mostraram um padrão semelhante de comportamento. Este calor estranho tinha rachado um de três espelhos, todos fixados à parede por volta da mesma altura. Por que razão o calor não tinha rachado os outros dois?

Ora, a sobrevivência de pavios não queimados de velas derretidas pelo calor gerado na combustão espontânea fora uma raridade notada na morte da Condessa Cornelia di Bandi (ver página 16); mas o enegrecimento por fuligem de um quarto acima de um nível claramente definido fora uma característica de uma explosão em que dois amigos meus estiveram envolvidos há pouco mais de quarenta anos.

Marido e mulher, eram dois jovens atores mais vezes «em descanso» do que a atuar, e viviam numa das grandes e labirínticas casas londrinas de meados da época vitoriana que tinham sido convertidas. Uma das atrações do apartamento, além do seu espaço, tinha sido os muitos armários colocados no alto das paredes do corredor.

Um dia recebi um telefonema do marido, dizendo-me que «tinha havido uma explosão medonha» no apartamento, e perguntando-me o que deveria fazer sobre processar o senhorio e/ou a Companhia de Luz e Energia Elétrica.

O que tinha acontecido fora isto.

A sua mulher tinha conseguido um dia de trabalho como figurante em Pinewood, um estúdio de cinema perto de Londres, e o trabalho exigia a posse de um vestido de baile. Como o seu vestido precisava de limpeza, ela decidiu limpá-lo ela própria. Comprou dois galões de benzina, verteu-os na banheira, colocou o vestido lá dentro — era feito de seda, com uma cobertura de rede —, ajoelhou-se num tapete de banho e começou a enxaguar o vestido. Houve um clarão, nenhum estrondo, e ela foi projetada para trás; as suas sobrancelhas e o cabelo da frente ficaram chamuscados. Não houve incêndio, mas sim um enegrecimento por fuligem das paredes superiores por todo o apartamento exatamente igual ao que os bombeiros viram quando foram chamados à casa da Sra. Reeser.

Tínhamos um amigo inclinado à eletricidade e levámos-lhe o problema. Ele desvalorizou a ideia de processar o pessoal da eletricidade:

«A estática num vestido de seda como o da tua mulher deve ter sido suficiente para fazer explodir metade do bairro — com todo aquele fluido de limpeza. E, de qualquer forma, em que é que estavas a pensar, a verter benzina numa banheira? Não sabes que isso é não só perigoso como o diabo, mas ilegal? Eu calava-me sobre processar quem quer que fosse se fosse a ti; e considera-te com sorte por eles não te estarem a processar a ti...»

Menciono esta explosão — não houve incêndio; o vestido nem sequer ficou chamuscado — porque, apesar da afirmação categórica do nosso amigo inclinado à eletricidade de que o fluido de limpeza tinha sido inflamado pela eletricidade estática no vestido de seda, o seu efeito no apartamento foi tão marcantemente semelhante ao manchamento por fumo dos apartamentos tanto da Sra. Reeser como da Condessa von Görlitz. Seria a estática no vestido?

Ou seria um caso menor de combustão espontânea, «mascarado» por uma «explicação» conveniente? Muitas vezes me perguntei. E pensei nisso recentemente, quando me lembrei daquela linha absolutamente nivelada acima da qual tudo tinha ficado enegrecido pela fuligem (como no caso da Sra. Reeser) e como, no apartamento dos meus amigos, a fuligem tinha penetrado em cada armário acima do «nível do fumo» e, dentro de cada armário, em cada caixa e embalagem, por mais hermeticamente fechada que estivesse.

Aqueles que encontraram as cinzas da Condessa Cornelia di Bandi repararam na presença por toda a parte de uma «fuligem húmida de cor cinzenta, que penetrou nas gavetas e estragou os linhos...» — exatamente como tinha penetrado nos armários e «estragado» o conteúdo no apartamento dos meus amigos há quarenta e tal anos.

Como em todos os casos registados de combustão espontânea, o da Sra. Reeser tinha tanto a sua característica «típica» como a sua «atípica». Havia — quase se dizia «inevitavelmente» — o equivalente moderno da lareira sem fogo; neste caso, um aquecedor a gás fixado à parede, com o gás desligado, não só no aparelho mas também na conduta principal. O fogão elétrico e outros aparelhos tinham sido desligados, com exceção do

frigorífico elétrico, que não só não tinha sido desligado como ainda estava a funcionar. Nenhuns fusíveis tinham fundido.

Também do lado «típico» estava la presença de fuligem nas padieiras exteriores das janelas abertas — e novamente se recorda o fumo, saindo pelas janelas, que tinha atraído a atenção para o destino da Condessa Cornelia di Bandi. Mais «típico» era o facto de que, embora o candeeiro de pé junto à poltrona tivesse sido quase inteiramente consumido — inteiramente, no que dizia respeito à sua matéria orgânica —, uma pilha de jornais velhos em cima de um radiador a menos de um pé do círculo que marcava a combustão total da Sra. Reeser não estava sequer chamuscada.

Em contraste com estas características «típicas» estavam algumas outras «atípicas»: o derretimento de um copo de plástico na casa de banho, a alguma distância de onde a Sra. Reeser estivera sentada (embora os cabos de plástico das escovas de dentes ali perto não tivessem sido afetados). De um candeeiro de pé pelo qual a Sra. Reeser estivera a ler na sua cadeira, apenas restava o núcleo de metal: a madeira e o abajur tinham sido inteiramente consumidos — é raro que objetos em estreita proximidade do corpo destruído sofram; mas, de qualquer modo, era «atípico» que a cadeira da Sra. Reeser tivesse sido consumida tão completamente quanto ela. (E foi este facto «atípico» que trouxe o FBI para o caso.)

Mas a característica mais «atípica» da morte da Sra. Reeser foi o inexplicável encolhimento do seu crânio. Esta característica totalmente «atípica» mal equilibrava características «típicas» como a sobrevivência de um pé calçado com uma pantufa, como a ausência de qualquer clamor, como a ausência de qualquer odor desagradável — e poderá não haver odores tão desagradáveis como o da carne humana a arder.

O médico legista, Edward T. Silk, assinou a certidão de óbito habitual dos médicos legistas nestes casos: «Morte acidental por fogo de origem desconhecida», à qual acrescentou, «aguardando investigação posterior». Como apontou ao instruir o júri para emitir o seu veredicto: «É fantástico supor que o próprio fogo possa ter sido um ato de suicídio. A sua morte parece ser acidental, e não há nada que indique ter sido outra coisa senão acidental...»

Mas o que significa, especialmente neste contexto importante, a palavra «acidental»?

Antes de o médico legista, juntamente com o Chefe dos Bombeiros Claude Nesbitt, o Chefe da Polícia J. R. Reichert e o Tenente de Detetives Cass H. Burgess, emitirem o seu relatório, tiveram de esperar pelas conclusões do Laboratório Forense do FBI em Washington, D.C., para onde os restos da Sra. Reeser tinham sido enviados «para determinar se uma substância inflamável ou produto químico tinha estado envolvido na cremação» (o que parece uma explicação mal adequada para a razão pela qual o FBI foi chamado!).

A comissão de investigação criada pelo Chefe da Polícia Reichert lançou a sua rede ao largo: não só os «peritos em fogo posto» e investigadores criminais, técnicos de laboratório do FBI e peritos em meteorologia foram chamados à investigação, mas também os fabricantes da «poltrona bem estofada», para declararem se o estofo tinha ou não quaisquer propriedades de autoignição ou explosivas (os fabricantes declararam que não tinha).

Sem que lhes fosse pedido o seu «parecer pericial», centenas de membros do público deram-no, no entanto — livremente e com imaginação. Lendo as «soluções» que choviam quer no *Tampa Tribune* quer no quartel-general da polícia, era evidente para a polícia que muitos dos «solucionadores» estavam mais familiarizados com a literatura do que o perito em fogo posto, o Sr. Edward S. Davies. Pois embora a literatura não sugira, pelo menos por tantas palavras, que a Sra. Reeser engoliu, por acidente ou intencionalmente, uma «pílula atómica», aqui está novamente a teoria do fósforo de W. B. Carpenter; a teoria do corpo alcoolicamente inflamabilizado inflamado por faísca elétrica do Dr. James Conolly, o superintendente reformador do Asilo de Lunáticos de Hanwell; a teoria do sopro explosivo de Thomas Woolner, o escultor inglês — e todas as outras familiares ao estudante de jurisprudência médica.

Uma teoria interessante — se bem que expressa de forma analfabeta — veio num postal não assinado dirigido ao «Chefe dos Detetives»: «Uma bola de fogo entrou pela janela e acertou-lhe.»

[1] Ecoando, naturalmente, a Pseudodoxia Epidemica de Sir Thomas Browne.

«Eu vi acontecer.» A mensagem parece mais instruída do que a morada; pelo que a comunicação pode não ter sido de todo de um analfabeto, mas meramente de alguém que desejava preservar o seu anonimato. Terá o escritor visto uma «bola de fogo»? Muitos outros as viram — e foram «atacados» por elas. Muitos, «atacados» por uma «bola de fogo», escaparam com ferimentos graves, ligeiros ou nenhuns.

Entretanto, os técnicos do FBI prepararam o seu relatório. Não se pode dizer que tenha acrescentado algo ao que já não fosse conhecido, e deixou muitas raridades não apenas inexplicadas, mas até por mencionar. «Explicava» que uma mulher que pesava 175 libras, juntamente com a grande poltrona em que estivera sentada, bem como uma pequena mesa e as porções de madeira de um candeeiro de pé, digamos um total de cerca de 240 libras, tinham sido convertidas em cinzas que pesavam menos de 10 libras.

É de presumir que o FBI testou todas aquelas «soluções» — «razoáveis» e «irrazoáveis» — que tinham sido sugeridas em cartas e chamadas telefónicas para os jornais e para a polícia: suicídio por parafina ou gasolina, ignição de metano acumulado no corpo da vítima, homicídio por um lança-chamas ou maçarico oxiacetilénico, «pílula atómica», magnésio (como o usado na fotografia com *flash*), fósforo e... sim, de facto!... napalm.

Tal como está, o relatório do FBI é uma obra-prima do não factual, bem como do (esperável) não comprometimento. A única característica supremamente importante — a de que todos os principais danos causados pelo calor ocorreram dentro de um círculo de quatro pés e meio de diâmetro — nunca foi explicada; e o facto de este limite circular existir foi notado apenas indiretamente, quando se «sugeriu» que o pé esquerdo da falecida senhora, calçado com a pantufa de cetim, tinha sobrevivido apenas porque, tendo uma perna esquerda «quieta», ela costumava, quando sentada, esticar a perna em linha reta.

Completamente negativas embora fossem as conclusões do relatório do FBI, o relatório em si podia reivindicar uma espécie de qualidade

positiva na medida em que, ao excluir causas prováveis e improváveis do fogo que tinha queimado a Sra. Reeser, sublinhava a ausência de provas que apoiassem a probabilidade da sua presença. Apontava que os odores característicos das muitas substâncias sugeridas — gasolina, parafina, napalm, etc. — estavam ausentes, e que, se tivesse havido uma explosão, ou mesmo um fogo violento, a combustão não se teria, não se poderia ter limitado a um círculo de quatro pés e meio de diâmetro.

A maioria das substâncias inflamáveis sugeridas, apontava o relatório, ardia ferozmente — o que é verdade —, mas também ardia rapidamente: demasiado rapidamente, de facto, para ter feito mais do que consumir a carne. Não teriam consumido os ossos.

E que o «fogo» no qual a Sra. Reeser pereceu não foi rápido foi demonstrado pela quantidade de fuligem que tinha sido gerada. Nenhuma tentativa foi feita para explicar por que razão essa fuligem (e o calor a ela associado) se manifestou apenas acima do nível de quatro pés. (Nem por que razão, se é que alguma vez tal ocorreu aos técnicos, a altura do nível do fumo acima do chão era igual ao diâmetro do círculo no qual a Sra. Reeser e o seu móvel foram totalmente consumidos.)

Apoiados moralmente, se não exatamente esclarecidos, pelo relatório do FBI, o médico legista e o chefe da polícia emitiram a sua própria «explicação» para a morte da Sra. Reeser. O relatório, com data de 8 de agosto de 1951, seguia, como Gaddis sarcasticamente aponta, «uma sequência lógica de acontecimentos até um certo ponto, e provavelmente satisfaria os que não pensam» [*o meu itálico* — MH].

Eis esta obra-prima de jargão burocrático oficial:

De acordo com o seu filho, a Sra. Reeser habitualmente [note-se a palavra carregada] tomava dois comprimidos para dormir antes de se deitar. Há toda a possibilidade [jargão oficial para «é absolutamente certo que»] de, enquanto sentada na poltrona, se ter sentido sonolenta ou ter adormecido enquanto fumava um cigarro, incendiando assim as suas roupas. Nessa altura ela estava vestida com uma camisa de noite de acetato de rayon e um robe (de acordo com o Dr. Reeser, que a tinha visitado na noite de 1 de julho). A camisa de noite, sendo altamente inflamável,

poderia ter sido incendiada pelo cigarro e irrompido em chamas, causando morte quase imediata a uma pessoa num estado semiconsciente.

Quando as suas roupas pegaram fogo, também incendiariam a cadeira, criando um calor intenso que destruiu completamente o corpo, a cadeira e uma mesa próxima (nada foi encontrado da mesa de apoio que estivera ao lado da cadeira quando a Sra. Reeser foi vista viva pela última vez). Uma vez inflamado o corpo, a destruição quase completa poderia ter resultado da queima dos seus próprios tecidos adiposos (a Sra. Reeser era uma mulher pesada, que pesava 175 libras), uma ocorrência invulgar mas inteiramente possível.

Neste caso, a ausência de qualquer chamuscado ou dano no mobiliário do quarto só pode ser explicada pela teoria de que o calor libertado pelo corpo a arder subiu para formar uma camada de ar quente que escureceu as paredes superiores e o teto do quarto, mas nunca entrou em contacto com as paredes e outros objetos a um nível inferior.

Esta declaração contém uma inverdade que deve ter sido reconhecida como tal pelos «peritos» do departamento de bombeiros. O acetato de rayon não arde, exceto em circunstâncias especiais que não seriam possíveis neste caso. Ele «fulgura», como sabe qualquer mulher que tenha tido a infelicidade de deixar cair a brasa de um cigarro nas suas meias de acetato de rayon. A fibra sintética «fulgura» abrindo um buraco no ponto de contacto com a brasa — e apenas nesse ponto. Não fica em combustão lenta; não (como o relatório confiantemente e desonestamente afirmava) «irrompe em chamas».

Quanto ao resto, o relatório deve interessar aos estudiosos da linguagem por mostrar com que subtileza os tempos verbais podem ser manuseados para servirem os seus fins dissimulados. «A camisa de noite da Sra. Reeser, sendo altamente inflamável [não era], poderia ter sido incendiada... irrompido em chamas... quando as suas roupas pegaram fogo... calor intenso que destruiu completamente o corpo...» Em três linhas sem vergonha, o esperançosamente hipotético torna-se pontificalmente dogmático.

Ainda assim, um ano mais tarde, o detetive investigador, Cass Burgess, afirmou: «A nossa investigação não revelou nada que pudesse ser

apontado como provando, para lá de qualquer dúvida, o que realmente aconteceu. O caso continua aberto. Estamos ainda tão longe de estabelecer qualquer causa lógica para a morte como estávamos quando entrámos pela primeira vez no apartamento da Sra. Reeser.»

E, em privado, o Chefe da Polícia J. R. Reichert foi igualmente sincero: «No que diz respeito a explicações lógicas, isto é uma daquelas coisas que simplesmente não poderiam ter acontecido, mas aconteceram. O caso não está encerrado e pode nunca estar para satisfação de todos os envolvidos.»

O Dr. Reeser teve permissão para sepultar os escassos restos mortais da sua mãe no Cemitério de Chestnut Hill, em Mechanicsburg, Pensilvânia.

Como se soube que as poucas libras de matéria animal carbonizada eram o que restava da Sra. Reeser? Pelo pé calçado com a pantufa de cetim não queimada, naturalmente. Como os registos deste tipo de morte demonstram claramente, há sempre pelo menos uma das extremidades intacta. Quaisquer que sejam as variações que possam existir no padrão de combustão destas estranhas mortes, onde há algum vestígio do corpo, há invariavelmente a sobrevivência de um pé ou de uma mão (relativamente intactos); na maioria dos casos, a sobrevivência de ambos os pés e mãos.

Desde a queima, no século dezoito, da Condessa Cornelia di Bandi — «De manhã, a criada, indo chamá-la, viu o seu cadáver nesta deplorável condição. A quatro pés de distância da cama estava um monte de cinzas, as suas duas pernas intactas, com as meias calçadas, entre as quais jazia a cabeça, os cérebros, metade da parte posterior do crânio, e todo o queixo reduzido a cinzas, entre as quais estavam três dedos enegrecidos» — até aos casos recentes descritos pelos Drs. D. J. Gee e G. Thurston, uma das extremidades sobreviveu sempre à queima.

No caso da Sra. Reeser, o pé esquerdo sobrevivente foi reconhecido como sendo o da mãe do Dr. Richard Reeser pela pantufa de cetim na qual ainda estava encerrado. Esta pantufa foi reconhecida, não apenas pela Sra. Pansy Carpenter e pelo Dr. Reeser como uma que a Sra. Reeser estivera a usar, mas por um empregado de uma loja como parte de um par vendido à mulher desaparecida.

Deve reconhecer-se que esta pantufa não constituía a prova absoluta exigida pela jurisprudência médica para identificar os restos inidentificáveis como sendo os da Sra. Mary Reeser. Mas deve ter-se em mente que o pé sobrevivente tinha o potencial de uma prova válida. Coloquemos a questão desta forma. A Sra. Reeser, viúva respeitável de um médico que gozava de estima pública, não tinha obviamente antecedentes criminais, nem, tanto quanto se pode apurar, serviu nas forças armadas dos Estados Unidos. Portanto, nunca lhe tinham sido tiradas as impressões digitais. Do mesmo modo, as suas impressões plantares nunca tinham sido oficialmente registadas. E a mesma observação parece aplicar-se a todas as outras vítimas, até à data, de combustão espontânea.

Mas dado que na impressão digital, palmar e plantar reside o meio certo de identificação do ser humano, um meio ao qual se pode acrescentar um meio recentemente teorizado — a estriação longitudinal das unhas [1] —, não impressiona o leitor como algo para lá do alcance da mera coincidência que, de todas as partes do corpo humano poupadas pelo Fogo, apenas aquelas partes tenham sido poupadas nas quais reside o meio certo de identificação? É como se, em cada caso, o que levou a maior parte do corpo quase nunca o fizesse sem deixar aqueles fragmentos importantes pelos quais a identidade do morto pudesse ser estabelecida sem dúvida. Não faz diferença que, uma vez que as impressões digitais e outras não tinham sido tiradas, este meio de identificação não estivesse disponível para familiares e autoridades. O ponto aqui é que é possível fazer uma identificação certa do morto... através das porções não queimadas do corpo poupadas pelo Fogo.

Comecei este capítulo com Chadraque, Mesaque e Abede-Nego, e terminamo-lo com a Sra. Reeser. Haverá alguma ligação entre a fornalha de fogo ardente que consumiu a Sra. Reeser tão completamente, e aquela que deixou os três homens ilesos? Não haverá algo de familiar para o leitor no círculo dentro do qual a Sra. Reeser foi consumida? — um círculo de tal natureza que «para explicar» por que razão o seu pé e tornozelo esquerdos escaparam quase sem marcas do fogo devorador, os investigadores pensaram que ele poderia ter sido estendido para um ponto além do fogo fora do círculo.

Por que haveriam «os investigadores» de ter pensado tal coisa? Porquê, ao reconhecerem a presença de um círculo — de um limite precisamente circular para o fogo —, haveriam de conceder a este «círculo» tais poderes de autorrestrição, tal permissão de até-aqui-e-não-mais-além, a ponto de atribuírem a salvação do pé ao facto de ele ter, de algum modo, conseguido escapar do anel mortal dentro do qual era a condenação de tudo o que era material arder?

Não há algo de simultaneamente familiar e invulgar em tudo isto? Não nos lembramos, de uma forma de através-do-espelho, do círculo do mago dentro do qual os poderes mortais não tinham controlo, e fora do qual residia todo o perigo? Não temos, então, no círculo em que a Sra. Reeser se transformou em cinzas, tanto o análogo como a imagem especular do círculo dentro do qual, e a partir de dentro do qual, o mago ou feiticeiro falava aos demónios conjurados, que se enfureciam impotentes fora das barreiras impenetráveis do círculo protetor?

Nestas pistas estranhas e perturbadoras, não tanto de um mundo invertido, mas de uma inversão no cosmos existente, sente-se um esforço em direção a um equilíbrio — um esforço tão intenso, tão desesperado, que erros, falhas, parecem estar constantemente a ocorrer. Sente-se que há experimentação... e que, com bastante frequência, a experiência corre mal.

E todo o tempo sente-se, também, a tremenda presença, a imanência (bem como a aterrorizadora iminência) de, não tanto de grandes verdades, mas de uma Grande Verdade. E então começamos a sentir que não se trata tanto de os homens procurarem maneiras de ver e definir esta Grande Verdade, mas de a Grande Verdade procurar desesperadamente uma maneira pela qual, através da compreensão dos homens, se possa revelar.

Um crânio encolhido até ao tamanho de uma bola de beisebol, um pedaço de fígado carbonizado fundido a algumas vértebras enegrecidas, um pé e um tornozelo, cinzas e alguma fuligem gordurosa: não resta muito de uma mulher que pesava mais de 175 libras. Em alguns casos o Fogo devorador deixou ainda menos — os restos da Sra. Patrick Rooney, por exemplo, eram mais escassos (embora mesmo com a «depravação» da Sra. Rooney, um pé identificador permanecesse) —, mas poderemos perguntar a nós próprios se não poderá haver uma totalidade de Arrebatamento: uma

remoção completa do ser humano, não necessariamente pelo caminho do fogo, para «algum outro local», para exame por «algumas outras pessoas»?

Tesouras e cartas importantes e bilhetes de comboio não são as únicas coisas que estão para sempre a «desaparecer»; as pessoas desaparecem também — e navios a vapor e comboios e todo o tipo de objetos inanimados, frequentemente bastante grandes. E as pessoas desaparecem aos milhares, também: desde que se guardam registos, uma média de 5 000 desaparecimentos por ano é agora assumida como normal pela polícia da área da Grande Londres.

Por vezes as pessoas desaparecem, reaparecem, desaparecem, reaparecem, e depois desaparecem para sempre. Tal foi o caso da pequena Eliza Carter, uma das primeiras vítimas daquele «rapto» de pessoas ao longo de dez anos — 1881-1891 — conhecido como os «Desaparecimentos de West Ham», visto que a maioria deles ocorreu naquela parte do Leste de Londres. A pequena Eliza desapareceu da sua casa, mas apareceu mais tarde na rua, e até falou com algumas amigas da escola, que a instaram a regressar para junto da sua família. Eliza, de forma bastante misteriosa — pois confessou um grande terror —, recusou; e após ter andado por West Ham durante um dia ou dois, finalmente desapareceu, para nunca mais ser vista. Quando escrevi sobre os Desaparecimentos de West Ham no *Evening News* de Londres há cerca de vinte anos, recebi uma carta de uma senhora muito idosa que tinha sido a última pessoa que se soubera ter falado com Eliza Carter. Ela acrescentou o detalhe significativo de que «Eliza me disse, quando eu disse que ela devia ir para casa, que não podia — que Eles não a deixavam». (Dei a letra maiúscula a «Eles»!)

Outro caso famoso que envolveu o que podemos chamar um «desaparecimento retardado» foi o de Jerry Irwin, um soldado na infantaria do Exército dos Estados Unidos, que «desvaneceu», apareceu novamente (está registado que «parecia confuso»), ausentou-se — ninguém conseguiu descobrir para onde ia; e ele era incapaz de dizer — e reapareceu uma vez mais, para fazer o seu desaparecimento final desta terra a 1 de agosto de 1959.

Nestes desaparecimentos «totais», ao contrário dos desaparecimentos «parciais» da combustão espontânea, as vítimas são selecionadas

imparcialmente de todas as classes sociais: uma Duquesa de Bedford desapareceu; o mesmo aconteceu com o Honorável Henry Bathurst, enviado extraordinário do Rei Jorge III ao Imperador da Áustria; diplomatas sumiram, tal como marinheiros, criadas, trabalhadores agrícolas. Quem quer que seja — ou o que quer que seja — que está a examinar seres humanos vivos deseja obviamente estudar representantes de cada classe social.

[1] «Um novo Meio de Identificação do Ser Humano: A Estriação Longitudinal das Unhas», uma comunicação do Dr. F. Thomas e da Srta. H. Baert, lida numa reunião da Forensic Science Society, King's College Hospital, Londres, a 21 de novembro de 1964.

A mensagem parece mais instruída do que a morada; pelo que a comunicação pode não ter sido de todo de um analfabeto, mas meramente de alguém que desejava preservar o seu anonimato. Terá o escritor visto uma «bola de fogo»? Muitos outros as viram — e foram «atacados» por elas. Muitos, «atacados» por uma «bola de fogo», escaparam com ferimentos graves, ligeiros ou nenhuns.

Entretanto, os técnicos do FBI prepararam o seu relatório. Não se pode dizer que tenha acrescentado algo ao que já não fosse conhecido, e deixou muitas raridades não apenas inexplicadas, mas até por mencionar. «Explicava» que uma mulher que pesava 175 libras, juntamente com a grande poltrona em que estivera sentada, bem como uma pequena mesa e as porções de madeira de um candeeiro de pé, digamos um total de cerca de 240 libras, tinham sido convertidas em cinzas que pesavam menos de 10 libras.

É de presumir que o FBI testou todas aquelas «soluções» — «razoáveis» e «irrazoáveis» — que tinham sido sugeridas em cartas e chamadas telefónicas para os jornais e para a polícia: suicídio por parafina ou gasolina, ignição de metano acumulado no corpo da vítima, homicídio por um lança-chamas ou maçarico oxiacetilénico, «pílula atómica», magnésio (como o usado na fotografia com *flash*), fósforo e... sim, de facto!... napalm.

Tal como está, o relatório do FBI é uma obra-prima do não factual, bem como do (esperável) não comprometimento. A única característica

supremamente importante — a de que todos os principais danos causados pelo calor ocorreram dentro de um círculo de quatro pés e meio de diâmetro — nunca foi explicada; e o facto de este limite circular existir foi notado apenas indiretamente, quando se «sugeriu» que o pé esquerdo da falecida senhora, calçado com a pantufa de cetim, tinha sobrevivido apenas porque, tendo uma perna esquerda «quieta», ela costumava, quando sentada, esticar a perna em linha reta.

Completamente negativas embora fossem as conclusões do relatório do FBI, o relatório em si podia reivindicar uma espécie de qualidade positiva na medida em que, ao excluir causas prováveis e improváveis do fogo que tinha queimado a Sra. Reeser, sublinhava a ausência de provas que apoiassem a probabilidade da sua presença. Apontava que os odores característicos das muitas substâncias sugeridas — gasolina, parafina, napalm, etc. — estavam ausentes, e que, se tivesse havido uma explosão, ou mesmo um fogo violento, a combustão não se teria, não se poderia ter limitado a um círculo de quatro pés e meio de diâmetro. A maioria das substâncias inflamáveis sugeridas, apontava o relatório, ardia ferozmente — o que é verdade —, mas também ardia rapidamente: demasiado rapidamente, de facto, para ter feito mais do que consumir a carne. Não teriam consumido os ossos.

E que o «fogo» no qual a Sra. Reeser pereceu não foi rápido foi demonstrado pela quantidade de fuligem que tinha sido gerada. Nenhuma tentativa foi feita para explicar por que razão essa fuligem (e o calor a ela associado) se manifestou apenas acima do nível de quatro pés. (Nem por que razão, se é que alguma vez tal ocorreu aos técnicos, a altura do nível do fumo acima do chão era igual ao diâmetro do círculo no qual a Sra. Reeser e o seu móvel foram totalmente consumidos.)

Apoiados moralmente, se não exatamente esclarecidos, pelo relatório do FBI, o médico legista e o chefe da polícia emitiram a sua própria «explicação» para a morte da Sra. Reeser. O relatório, com data de 8 de agosto de 1951, seguia, como Gaddis sarcasticamente aponta, «uma sequência lógica de acontecimentos até um certo ponto, e provavelmente satisfaria os que não pensam» [*o meu itálico* — MH].

Eis esta obra-prima de jargão burocrático oficial:

De acordo com o seu filho, a Sra. Reeser habitualmente [note-se a palavra carregada] tomava dois comprimidos para dormir antes de se deitar. Há toda a possibilidade [jargão oficial para «é absolutamente certo que»] de, enquanto sentada na poltrona, se ter sentido sonolenta ou ter adormecido enquanto fumava um cigarro, incendiando assim as suas roupas. Nessa altura ela estava vestida com uma camisa de noite de acetato de rayon e um robe (de acordo com o Dr. Reeser, que a tinha visitado na noite de 1 de julho). A camisa de noite, sendo altamente inflamável, poderia ter sido incendiada pelo cigarro e irrompido em chamas, causando morte quase imediata a uma pessoa num estado semiconsciente.

Quando as suas roupas pegaram fogo, também incendiariam a cadeira, criando um calor intenso que destruiu completamente o corpo, a cadeira e uma mesa próxima (nada foi encontrado da mesa de apoio que estivera ao lado da cadeira quando a Sra. Reeser foi vista viva pela última vez). Uma vez inflamado o corpo, a destruição quase completa poderia ter resultado da queima dos seus próprios tecidos adiposos (a Sra. Reeser era uma mulher pesada, que pesava 175 libras), uma ocorrência invulgar mas inteiramente possível.

Neste caso, a ausência de qualquer chamuscado ou dano no mobiliário do quarto só pode ser explicada pela teoria de que o calor libertado pelo corpo a arder subiu para formar uma camada de ar quente que escureceu as paredes superiores e o teto do quarto, mas nunca entrou em contacto com as paredes e outros objetos a um nível inferior.

Esta declaração contém uma inverdade que deve ter sido regionalizada como tal pelos «peritos» do departamento de bombeiros. O acetato de rayon não arde, exceto em circunstâncias especiais que não seriam possíveis neste caso. Ele «fulgura», como sabe qualquer mulher que tenha tido a infelicidade de deixar cair a brasa de um cigarro nas suas meias de acetato de rayon. A fibra sintética «fulgura» abrindo um buraco no ponto de contacto com a brasa — e apenas nesse ponto. Não fica em combustão lenta; não (como o relatório confiantemente e desonestamente afirmava) «irrompe em chamas».

Quanto ao resto, o relatório deve interessar aos estudiosos da linguagem por mostrar com que subtileza os tempos verbais podem ser

manuseados para servirem os seus fins dissimulados. «A camisa de noite da Sra. Reeser, sendo altamente inflamável [não era], poderia ter sido incendiada... irrompido em chamas... quando as suas roupas pegaram fogo... calor intenso que destruiu completamente o corpo...» Em três linhas sem vergonha, o esperançosamente hipotético torna-se pontificalmente dogmático.

Ainda assim, um ano mais tarde, o detetive investigador, Cass Burgess, afirmou: «A nossa investigação não revelou nada que pudesse ser apontado como provando, para lá de qualquer dúvida, o que realmente aconteceu. O caso continua aberto. Estamos ainda tão longe de estabelecer qualquer causa lógica para a morte como estávamos quando entrámos pela primeira vez no apartamento da Sra. Reeser.»

E, em privado, o Chefe da Polícia J. R. Reichert foi igualmente sincero: «No que diz respeito a explicações lógicas, isto é uma daquelas coisas que simplesmente não poderiam ter acontecido, mas aconteceram. O caso não está encerrado e pode nunca estar para satisfação de todos os envolvidos.»

O Dr. Reeser teve permissão para sepultar os escassos restos mortais da sua mãe no Cemitério de Chestnut Hill, em Mechanicsburg, Pensilvânia.

Como se soube que as poucas libras de matéria animal carbonizada eram o que restava da Sra. Reeser? Pelo pé calçado com a pantufa de cetim não queimada, naturalmente. Como os registos deste tipo de morte demonstram claramente, há sempre pelo menos uma das extremidades intacta. Quaisquer que sejam as variações que possam existir no padrão de combustão destas estranhas mortes, onde há algum vestígio do corpo, há invarivelmente a sobrevivência de um pé ou de uma mão (relativamente intactos); na maioria dos casos, a sobrevivência de ambos os pés e mãos.

Desde a queima, no século dezoito, da Condessa Cornelia di Bandi — «De manhã, a criada, indo chamá-la, viu o seu cadáver nesta deplorável condição. A quatro pés de distância da cama estava um monte de cinzas, as suas duas pernas intactas, com as meias calçadas, entre as quais jazia a cabeça, os cérebros, metade da parte posterior do crânio, e todo o queixo reduzido a cinzas, entre as quais estavam três dedos enegrecidos» — até

aos casos recentes descritos pelos Drs. D. J. Gee e G. Thurston, uma das extremidades sobreviveu sempre à queima.

No caso da Sra. Reeser, o pé esquerdo sobrevivente foi reconhecido como sendo o da mãe do Dr. Richard Reeser pela pantufa de cetim na qual ainda estava encerrado. Esta pantufa foi reconhecida, não apenas pela Sra. Pansy Carpenter e pelo Dr. Reeser como uma que a Sra. Reeser estivera a usar, mas por um empregado de uma loja como parte de um par vendido à mulher desaparecida.

Deve reconhecer-se que esta pantufa não constituía a prova absoluta exigida pela jurisprudência médica para identificar os restos inidentificáveis como sendo os da Sra. Mary Reeser. Mas deve ter-se em mente que o pé sobrevivente tinha o potencial de uma prova válida. Coloquemos a questão desta forma. A Sra. Reeser, viúva respeitável de um médico que gozava de estima pública, não tinha obviamente antecedentes criminais, nem, tanto quanto se pode apurar, serviu nas forças armadas dos Estados Unidos. Portanto, nunca lhe tinham sido tiradas as impressões digitais. Do mesmo modo, as suas impressões plantares nunca tinham sido oficialmente registadas. E a mesma observação parece aplicar-se a todas as outras vítimas, até à data, de combustão espontânea.

But dado que na impressão digital, palmar e plantar reside o meio certo de identificação do ser humano, um meio ao qual se pode acrescentar um meio recentemente teorizado — a estriação longitudinal das unhas [1] —, não impressiona o leitor como algo para lá do alcance da mera coincidência que, de todas as partes do corpo humano poupadas pelo Fogo, apenas aquelas partes tenham sido poupadas nas quais reside o meio certo de identificação?

É como se, em cada caso, o que levou a maior parte do corpo quase nunca o fizesse sem deixar aqueles fragmentos importantes pelos quais a identidade do morto pudesse ser estabelecida sem dúvida. Não faz diferença que, uma vez que as impressões digitais e outras não tinham sido tiradas, este meio de identificação não estivesse disponível para familiares e autoridades. O ponto aqui é que é possível fazer uma identificação certa do morto... através das porções não queimadas do corpo poupadas pelo Fogo.

Comecei este capítulo com Chadraque, Mesaque e Abede-Nego, e terminamo-lo com a Sra. Reeser. Haverá alguma ligação entre a fornalha de fogo ardente que consumiu a Sra. Reeser tão completamente, e aquela que deixou os três homens ilesos? Não haverá algo de familiar para o leitor no círculo dentro do qual a Sra. Reeser foi consumida? — um círculo de tal natureza que «para explicar» por que razão o seu pé e tornozelo esquerdos escaparam quase sem marcas do fogo devorador, os investigadores pensaram que ele poderia ter sido estendido para um ponto além do fogo fora do círculo.

Por que haveriam «os investigadores» de ter pensado tal coisa? Porquê, ao reconhecerem a presença de um círculo — de um limite precisamente circular para o fogo —, haveriam de conceder a este «círculo» tais poderes de autorrestrição, tal permissão de até-aqui-e-não-mais-além, a ponto de atribuírem a salvação do pé ao facto de ele ter, de algum modo, conseguido escapar do anel mortal dentro do qual era a condenação de tudo o que era material arder?

Não há algo de simultaneamente familiar e invulgar em tudo isto? Não nos lembramos, de uma forma de através-do-espelho, do círculo do mago dentro do qual os poderes mortais não tinham controlo, e fora do qual residia todo o perigo? Não temos, então, no círculo em que a Sra. Reeser se transformou em cinzas, tanto o análogo como a imagem especular do círculo dentro do qual, e a partir de dentro do qual, o mago ou feiticeiro falava aos demónios conjurados, que se enfureciam impotentes fora das barreiras impenetráveis do círculo protetor?

Nestas pistas estranhas e perturbadoras, não tanto de um mundo invertido, mas de uma inversão no cosmos existente, sente-se um esforço em direção a um equilíbrio — um esforço tão intenso, tão desesperado, que erros, falhas, parecem estar constantemente a ocorrer. Sente-se que há experimentação... e que, com bastante frequência, a experiência corre mal.

E todo o tempo sente-se, também, a tremenda presença, a imanência (bem como a aterrorizadora iminência) de, não tanto de grandes verdades, mas de uma Grande Verdade. E então começamos a sentir que não se trata tanto de os homens procurarem maneiras de ver e definir esta Grande

Verdade, mas de a Grande Verdade procurar desesperadamente uma maneira pela qual, através da compreensão dos homens, se possa revelar.

Um crânio encolhido até ao tamanho de uma bola de beisebol, um pedaço de fígado carbonizado fundido a algumas vértebras enegrecidas, um pé e um tornozelo, cinzas e alguma fuligem gordurosa: não resta muito de uma mulher que pesava mais de 175 libras. Em alguns casos o Fogo devorador deixou ainda menos — os restos da Sra. Patrick Rooney, por exemplo, eram mais escassos (embora mesmo com a «depravação» da Sra. Rooney, um pé identificador permanecesse) —, mas poderemos perguntar a nós próprios se não poderá haver uma totalidade de Arrebatamento: uma remoção completa do ser humano, não necessariamente pelo caminho do fogo, para «algum outro local», para exame por «algumas outras pessoas»?

Tesouras e cartas importantes e bilhetes de comboio não são as únicas coisas que estão para sempre a «desaparecer»; as pessoas desaparecem também — e navios a vapor e comboios e todo o tipo de objetos inanimados, frequentemente bastante grandes. E as pessoas desaparecem aos milhares, também: desde que se guardam registos, uma média de 5 000 desaparecimentos por ano é agora assumida como normal pela polícia da área da Grande Londres.

Por vezes as pessoas desaparecem, reaparecem, desaparecem, reaparecem, e depois desaparecem para sempre. Tal foi o caso da pequena Eliza Carter, uma das primeiras vítimas daquele «rapto» de pessoas ao longo de dez anos — 1881-1891 — conhecido como os «Desaparecimentos de West Ham», visto que a maioria deles ocorreu naquela parte do Leste de Londres. A pequena Eliza desapareceu da sua casa, mas apareceu mais tarde na rua, e até falou com algumas amigas da escola, que a instaram a regressar para junto da sua família. Eliza, de forma bastante misteriosa — pois confessou um grande terror —, recusou; e após ter andado por West Ham durante um dia ou dois, finalmente desapareceu, para nunca mais ser vista.

Quando escrevi sobre os Desaparecimentos de West Ham no *Evening News* de Londres há cerca de vinte anos, recebi uma carta de uma senhora muito idosa que tinha sido a última pessoa que se soubera ter falado com Eliza Carter. Ela acrescentou o detalhe significativo de que «Eliza me

disse, quando eu disse que ela devia ir para casa, que não podia — que Eles não a deixavam». (Dei a letra maiúscula a «Eles»!)

Outro caso famoso que envolveu o que podemos chamar um «desaparecimento retardado» foi o de Jerry Irwin, um soldado na infantaria do Exército dos Estados Unidos, que «desvaneceu», apareceu novamente (está registado que «parecia confuso»), ausentou-se — ninguém conseguiu descobrir para onde ia; e ele era incapaz de dizer — e reapareceu uma vez mais, para fazer o seu desaparecimento final desta terra a 1 de agosto de 1959.

Nestes desaparecimentos «totais», ao contrário dos desaparecimentos «parciais» da combustão espontânea, as vítimas são selecionadas imparcialmente de todas as classes sociais: uma Duquesa de Bedford desapareceu; o mesmo aconteceu com o Honorável Henry Bathurst, enviado extraordinário do Rei Jorge III ao Emperador da Áustria; diplomatas sumiram, tal como marinheiros, criadas, trabalhadores agrícolas. Quem quer que seja — ou o que quer que seja — que está a examinar seres humanos vivos deseja obviamente estudar representantes de cada classe social.

A importância da Sra. Reeser em ligação com o fenómeno da combustão espontânea é que, embora nenhumas conclusões tenham sido declaradas nas ridículas conclusões oficiais, mais trabalho de investigação foi feito — e, portanto, mais conclusões alcançadas (mesmo que estas não tenham sido tornadas públicas) — do que em qualquer exame anterior do fenómeno. Excluindo a combustibilidade do corpo humano — evidentemente algo que ainda está por apurar, de outro modo este livro dificilmente teria sido escrito —, a combustibilidade «intrínseca» de substâncias orgânicas mas inanimadas deve ter sido determinada com a precisão disponível para a moderna tecnologia laboratorial. A investigação foi ajudada, também, por fatores não presentes em investigações anteriores: não só a rivalidade profissional de laboratórios «concorrentes» e das organizações que eles representavam, mas a rivalidade de interesses instalados, comerciais e outros.

Pode facilmente imaginar-se com que cuidado os fabricantes de Jacksonville da cadeira na qual a Sra. Reeser morreu teriam reunido as suas

provas para combater a suspeita de que fora a sua cadeira a causar o dano; o cuidado com que as companhias de eletricidade e gás examinaram as suas instalações, para se desculparem de qualquer culpa. E se o FBI apresentou um relatório negativo, isso só pode significar que até a sugestão mais fantasiosa sobre a origem do Fogo tinha sido examinada e considerada deficiente.

Na sua forma paradoxal, todo este trabalho «inconclusivo» levou claramente a uma conclusão inescapável: a de que o Fogo que queimou a Sra. Reeser não tinha origem detetável — o que não é senão outra forma de dizer que a combustão na qual ela pereceu foi o que, até este momento, temos chamado ou «espontânea» ou «preternatural», duas palavras completamente não explicativas para indicar que não temos, por enquanto, qualquer explicação.

11. DARMSTADT E O TRIUNFO DA DÚVIDA

Darmstadt, em 1847, era uma das mais elegantes das pequenas cidades da Alemanha, e durante séculos a família von Görlitz tinha ali mantido uma esplêndida mansão, perto da *Luisenplatz*. Era para esta mansão que o Conde von Görlitz regressava na noite muito quente de 13 de julho de 1847.

Não será irrelevante recordar que o período era, especialmente na Alemanha, de extrema agitação. A revolução estava a fermentar na maioria dos estados alemães, e a violência rebentaria no ano seguinte. No verão abrasador de 1847, a sensação de desgraça iminente parecia pesar sobre o espírito humano mais pesadamente do que o habitual; e foi num estado de espírito nada alegre que o Conde von Görlitz conduziu do palácio grão-ducal para a sua casa junto à *Luisenplatz.*

Dizer que uma surpresa o aguardava seria cometer o mais grave dos eufemismos: o que o aguardava era aquele choque mais devastador de todos — o horror que supera a crença.

Ao regressar a casa, o Conde foi informado de que a Condessa tinha recolhido para a noite. Tomou uma ligeira refeição e subiu as escadas para o quarto que partilhava com a sua mulher.

Deve explicar-se que este grande quarto estava dividido em duas metades, cada uma com o seu próprio quarto de vestir; estando a cama com cortinados do Conde numa metade, e a da Condessa na outra.

Só depois de o Conde se ter lavado e mudado para a sua roupa de noite é que entrou na metade do grande quarto em que a Condessa dormia. Ali encontrou o corpo gravemente carbonizado da sua mulher caído «grotescamente» no chão, perto de algumas peças de mobiliário ainda a arder. Ela caíra e, prostrada sobre o tapete Aubusson, transformar-se-á em cinzas.

O Conde, embora horrorizado, manteve a presença de espírito; correu até à porta no topo da escadaria, gritando por um lacaio:

«Chame o Dr. Graff! Mandem vir o Dr. Graff imediatamente!»

Na opinião do Dr. Graff, a causa da morte da Condessa von Görlitz era óbvia: o médico de família já tinha visto tais casos antes, por muito raros — e ainda inexplicáveis — que fossem. Não teria hesitação, disse ao Conde, em emitir uma certidão declarando a causa da morte: combustão espontânea.

Mas no espaço de uma hora a polícia tinha chegado, e o Inspetor da Polícia Grão-Ducal tinha toda a desconfiança de explicações «invulgares» que caracterizava o pensamento oficial na altura, como ainda hoje caracteriza. O inspetor preferiu ver na morte da Condessa os indícios de um crime — e deteve prontamente o «suspeito» mais próximo e mais à mão, um lacaio chamado Stauff, com o fundamento de que um dos seus deveres era cuidar do aquecedor no quarto da Condessa. Protestando ruidosamente e com indignação a sua inocência, o desafortunado Stauff foi levado para a prisão da cidade.

Mas o Conde von Görlitz estava insatisfeito com as decisões precipitadas tanto do médico de família como do inspetor de polícia local, e pediu ao Dr. Graff que solicitasse uma segunda opinião. Quando a segunda opinião, o Dr. Stegmayer, se declarou incapaz de dar um parecer positivo (ele era um daqueles para quem a combustão espontânea era um «conto de carochinha»), uma terceira opinião, o Dr. Siebold, foi consultada, e como

este se mostrou em completo acordo com o Dr. Graff, o criado Stauff foi libertado, «ilibado da acusação de homicídio».

Ora, isso deveria ter sido o fim do assunto. Na verdade, foi o início de um caso que teria as suas repercussões médico-legais por toda a Europa e América.

A polícia de Darmstadt nunca tinha ficado convencida de que a Condessa von Görlitz tivesse morrido por meios naturais, ou de que Stauff fosse tão inocente quanto a opinião dos Drs. Graff e Siebold o tinha feito parecer. O que fortaleceu a posição da polícia nos seus esforços para reabrir o caso foi o facto de um interrogatório tático ao Dr. Graff parecer mostrar que o médico tinha mudado de ideias; e que passara a não estar de todo tão seguro da sua opinião como quando declarara a causa «óbvia» da morte da Condessa.

A polícia também tomou nota do facto de que, apesar da certeza do Dr. Graff, ele e o Dr. Siebold tinham demorado uns longos nove meses — de 13 de julho de 1847 a 12 de abril de 1848 — a preparar e assinar a memória na qual a morte da Condessa era explicada e a inocência de Stauff «demonstrada».

Percebendo agora que, se o Dr. Graff podia não ser exatamente uma testemunha confiante para a acusação, viria a revelar-se uma testemunha fraca para a defesa, a polícia pressionou a Ordem dos Médicos de Hesse, cujo reitor, por sua vez, pressionou o Dr. Graff. O resultado foi que, a 11 de julho de 1848, quase exatamente um ano após a morte da Condessa von Görlitz, os membros da Ordem dos Médicos, numa memória assinada pelo Dr. Graff com todos os outros membros, requereram a exumação da falecida Condessa, como preliminar para um exame forense dos seus restos mortais.

Este exame foi realizado por três interesses associados mas ainda assim distintos, cada um dos quais nomeou o seu próprio representante médico na autópsia, que foi realizada na Faculdade de Medicina. O veredicto dos médicos reunidos foi o de que a morte da Condessa fora o resultado de «um ato deliberado de fogo posto» — Stauff foi imediatamente detido de novo.

No entanto, o prisioneiro encontrou agora um defensor ainda mais poderoso, embora completamente inesperado: o coletivo do tribunal de júri. Nada convencido de ter ouvido a última palavra sobre o assunto da culpa de Stauff, o tribunal de júri convocou, como peritos, dois químicos de relevo — o Barão Justus von Liebig e o Senhor Doutor Theodor Bischof — , que foram convidados a expressar as suas opiniões sobre a possibilidade ou não do fenómeno comummente chamado «combustão espontânea». Von Liebig era o mais eminente dos dois: tinha isolado o titânio, descoberto o cloral e estava na altura empenhado na investigação que daria ao mundo os «extratos de carne». Mas foi, sente-se, principalmente por ser um filho natal de Darmstadt que o tribunal de júri deu ouvidos tão respeitosos às suas teorias.

À parte a eminência dos peritos e o interesse que o caso despertou por todo o Ocidente — o *The Times* de Londres de 18 de abril de 1850 (quase três anos após a morte da Condessa von Görlitz) trazia um relato muito completo; sendo os relatos ainda mais longos nas revistas médicas conceituadas, tais como a *The Lancet* e a *The London Medical Gazette* —, este caso é de uma importância única na história da combustão espontânea, pelo facto de ter sido o primeiro inquérito judicial sobre este fenómeno no qual se empreenderam as primeiras tentativas experimentais para reproduzir o fenómeno sob condições laboratoriais controladas.

Entre eles, von Liebig e Bischof conseguiram demonstrar que, mesmo num laboratório, o corpo humano não podia ser inflamado como o da Condessa tinha sido inflamado — uma conclusão que, apoiada como era pela imensa autoridade destes dois mestres da química, teria inevitavelmente garantido a liberdade de Stauff — não fosse o facto de Stauff, tal como Margaret Dewar viria a fazer cinquenta e oito anos mais tarde, ter feito uma confissão completa.

O facto, como von Liebig e Bischof tinham demonstrar, de Stauff não poder ter queimado a Condessa, como confessara ter feito, pesou pouco para a polícia ou, aparentemente, para o tribunal de júri. De uma forma extraordinária, esta confissão, contra toda a probabilidade, contra toda a possibilidade, foi aceite face às provas contraditórias de Liebig-Bischof. Terá o tribunal de júri acreditado em Stauff? Bem, a punição para o

homicídio deliberado — especialmente o homicídio de uma Condessa *hochwohlgeborene* na Hesse ainda feudal de 1850 — era a morte.

Mas Stauff não foi para o cadafalso; foi condenado apenas a prisão perpétua — e, após ter cumprido uma pena simbólica, foi libertado em liberdade condicional. Ninguém parece ter protestado contra a sua sentença, quer com base na sua injustiça quer com base na sua clemência. Von Liebig e Bischof arrecadaram os seus honorários e voltaram para os seus laboratórios.

Um século e um quarto passaram desde que von Liebig e Bischof tentaram reproduzir no seu laboratório as condições nas quais um corpo humano fora quase totalmente consumido — e naquelas circunstâncias especiais em que a queima do corpo não tinha ardido a casa na qual a combustão humana tinha tido lugar.

No caso da Condessa von Görlitz, é verdade que algumas peças de mobiliário adjacentes ao corpo tinham sido incendiadas, mas podemos estar certos de que um investigador tão cuidadoso como von Liebig teria lido todas as provas disponíveis sobre combustão espontânea, e ficado assim familiarizado com o facto de que, na maioria dos casos, os objetos e materiais circundantes são deixados intocados pelo Fogo. Por 1847-8, já existia um corpo respeitável de escritos sobre este assunto: os dois químicos estariam «bem atualizados» na matéria.

Com o dogmatismo não fundamentado — e, na verdade, insustentável — sem o qual «liberais» mesquinhos como George Lewes não conseguem expressar uma opinião, Lewes escreveu a Dickens que «... creio que não encontrará nenhum químico orgânico eminente do nosso tempo que dê crédito à Combustão Espontânea». Havia, de facto, muitos na Europa e América contemporâneas, um dos quais, pelo menos, deveria ser conhecido de Lewes: Justus von Liebig.

Como o título do seu então famoso artigo torna claro — «Relation médico-légale de l'assassinat de la comtesse de Goerlitz...» —, A. Tardieu e X. Rota, escrevendo em 1850 e 1851, mantiveram-se resolutamente fiéis à teoria do homicídio, tal como muitos outros. Mas não von Liebig, cuja atitude, apesar da deturpação desde então, me parece estar para lá de qualquer disputa. Tivesse o caso da Condessa não sido tão abruptamente

encerrado pela estranha «confissão» de Stauff, as conclusões tanto de Bischof como de von Liebig teriam sido contra a suposição de que Stauff poderia ter morto a Condessa, e a favor da proposição de que todas as provas tendiam a apoiar a probabilidade de combustão espontânea.

Como prova histórica do facto deste fenómeno, von Liebig, nas suas *Letters on Chemistry*, citou o seguinte caso do século então anterior:

1749: relatado por um sacerdote, Boineau. Uma mulher de 80 anos, que há algum tempo não bebia outra coisa senão aguardente, estava sentada numa cadeira quando começou a arder — e continuou a arder, embora lhe deitassem água em cima — até que toda a sua carne foi consumida, permanecendo o esqueleto «sentado» na cadeira. O narrador era um sacerdote, e não viu a chama; a história indica claramente uma boa intenção da sua parte — a de inocular no seu rebanho um terror saudável de beber aguardente.

Esta citação tem sido citada como prova de que von Liebig não aceitava o facto da combustão espontânea; pelo contrário, ele aceitava o facto da morte da velha por combustão espontânea, mas rejeitava firmemente a teoria (corrente ainda hoje) de que a indulgência no álcool era um fator predisponente em casos de combustão espontânea.

Uma vez que ninguém ainda, dentro ou fora de um laboratório, conseguiu duplicar o Fogo, pode bem perguntar-se o que é que os cientistas estão a procurar reproduzir? Ao ler os relatos das várias experiências, deparamo-nos naturalmente com a afirmação de que os experimentadores conseguiram deitar fogo ao corpo humano (morto); deitaram-lhe fogo de modo a que este arda gradualmente «no efeito de vela».

Um dos investigadores mais conscienciosos neste campo é o já mencionado Dr. D. J. Gee, docente de medicina forense na Universidade de Leeds. O interesse do Dr. Gee neste fenómeno nasceu de — ou foi acentuado por — o facto de ter sido o médico legal chamado pela polícia para examinar um cadáver reduzido a cinzas pelo Fogo. No entanto, no início do seu artigo, o Dr. Gee apresenta o caso como sendo «de algum interesse» porque «apenas consegui encontrar um outro caso relatado neste país no presente século» (ele escreve em 1965 sobre uma morte em

novembro de 1963). Parece haver algo neste assunto que impede até o investigador ou historiador mais honesto de ser preciso sobre ele.

A combustão espontânea é, como diz o Dr. Gee, «aparentemente extremamente infrequente», mas não tão infrequente assim. Vimos como, apenas a partir dos jornais, o escritor de ficção científica inglês, Eric Frank Russell, escolheu dezanove casos em 1938-39 e os casos em Chelmsford, Upton-by-Chester e nos *Norfolk Broads* na Inglaterra, que são grandes massas de água interiores muito usadas para a navegação de recreio. Todos estes casos ocorreram em 1938 e foram amplamente publicitados devido aos comentários dos médicos legistas envolvidos.

O Dr. Gee mantém esta ficção da extrema raridade do fenómeno ao fazer a afirmação perfeitamente insustentável de que «Um caso semelhante foi descrito pelo Dr. Gavin Thurston em 1961, sendo a autópsia realizada pelo Dr. Donald Teare, e este parece ser o único outro caso registado na Grã-Bretanha durante o presente século [*o meu itálico* — MH]».

O que torna a afirmação do Dr. Gee sobre a raridade do fenómeno tão difícil de aceitar é que o artigo no qual ele faz — duas vezes — a sua afirmação de que a combustão espontânea é de extrema raridade também toma em conta uma discussão que se seguiu à leitura do artigo, e menciona, com louvável honestidade, uma opinião surpreendentemente diferente:

Durante a discussão que se seguiu a este artigo, o Dr. George Manning descreveu a sua experiência de vários casos semelhantes, e indicou que este fenómeno não era certamente tão raro como se poderia supor a partir da literatura. Esta perspetiva foi apoiada pelo Dr. David Price, que disse deparar-se com este fenómeno aproximadamente uma vez em cada quatro anos [*o meu itálico* — MH].

— o que, se a experiência do Dr. Price puder ser tomada como média (eu sugeriria que não pode), implicaria a ocorrência de cerca de quinze casos desde o início do século. (Ele falava em 1965.)

Seria certamente incorreto interpretar a afirmação do Dr. Price como significando que cada médico britânico na clínica geral se depara com este fenómeno uma vez de quatro em quatro anos — a própria experiência do Dr. Gee mostra que nem todos os médicos têm, ou podem ter, esta

experiência. No entanto, como o Dr. George Manning e o Dr. David Price afirmaram, o fenómeno não é de modo algum tão raro como alguns querem fazer parecer.

O conhecimento de que, a partir de 1849, os cientistas no campo da medicina forense têm tentado reproduzir o fenómeno da combustão espontânea nos seus laboratórios induz pelo menos este historiador a perguntar, primeiro, o que têm eles tentado reproduzir e, segundo, até que ponto foram bem-sucedidos? Talvez fosse melhor responder primeiro à segunda pergunta, e deixar que o Dr. D. J. Gee nos conte, pelas suas próprias palavras, em que medida foi bem-sucedido, experimentalmente, na «reconstrução» do Fogo do Céu.

No seu artigo, [2] o Dr. Thurston faz uma revisão abrangente da literatura, ao longo de vários séculos, e chega a certas conclusões, entre elas:

1. Que sob certas condições um corpo arderá na sua própria gordura com pouco ou nenhum dano aos objetos circundantes.
2. A combustão não é espontânea, mas iniciada por uma fonte externa de calor.
3. Isto ocorreu onde o corpo esteve na corrente de ar de uma chaminé a partir de um lume aceso. A oxigenação é boa e a tração da conduta impede a propagação do fogo para o exterior.

Para testar esta teoria, realizámos algumas experiências simples. A gordura corporal humana, derretida num cadinho, apenas arderá quando a uma temperatura algures por volta dos 250 °C. No entanto, um pavio de pano em gordura líquida arderá, como uma lâmpada, mesmo quando a temperatura da gordura tiver descido para valores tão baixos como 24 °C.

A seguir, foi construído um modelo rudimentar, composto por um tubo de ensaio, para fornecer firmeza, envolvido numa camada de gordura humana, sendo o conjunto fechado por várias camadas de pano fino, produzindo um rolo com cerca de 8 polegadas de comprimento. Uma das extremidades foi inflamada por uma chama de Bunsen, pegando a gordura fogo após cerca de um minuto. Embora o Bunsen tenha sido retirado neste ponto, a combustão da gordura e do pano [*o meu itálico* — MH] prosseguiu

lentamente ao longo do comprimento do rolo, com uma chama amarela fumarenta e muita produção de fuligem, sendo todo o rolo consumido após cerca de uma hora.

Esta experiência foi modificada cozendo uma cobertura de pele sobre a camada de gordura, antes de fechar o conjunto em pano, e a combustão prosseguiu de forma tão eficaz como antes. Em ambas as experiências, a corrente de ar de um extrator foi organizada de modo a que a combustão prosseguisse numa direção oposta ao fluxo de ar.

Obviamente estas experiências simples não são de modo algum conclusivas, mas parecem apoiar a teoria apresentada pelo Dr. Thurston, que parece a explicação mais razoável para a ocorrência destes curiosos fenómenos.

Se o Dr. Gee sustenta que estas «experiências simples» provam algo mais do que o facto de o corpo humano, em certas circunstâncias, arder — um facto conhecido há incontáveis milhares de anos —, então as causas da sua autossatisfação estão para lá do reconhecimento deste escritor.

De que modo, na sua opinião, a produção do «efeito de vela» (como o Dr. Firth, do Serviço de Laboratórios do Ministério do Interior britânico, lhe chamou) explica o calor terrível gerado em mortes fogosas como as da Sra. Rooney, cujo corpo abriu caminho a arder para a sala de baixo; da Sra. Martin, de West Philadelphia, da qual apenas o torso assustadoramente carbonizado permaneceu no fogo que a consumiu a 18 de maio de 1957; ou da Sra. Mary Reeser, tão totalmente consumida, com todo o seu mobiliário circundante, que apenas o seu crânio encolhido, um pedaço de fígado carbonizado fundido a algumas vértebras e a obrigatória extremidade sobrevivente (no seu caso, um pé calçado de cetim) restaram de uma mulher de 175 libras, da sua poltrona bem estofada, do candeeiro e de uma mesa de apoio?

---

[1] F. Thomas e H. Baert, op. cit. [2] Thurston, Gavin, Medico-Legal Journal (ver Bibliografia).

- *[1749: reported by a priest...] O itálico foi mantido conforme a instrução de manter a formatação original do texto que chega realçado.*

As experiências realizadas por outros cientistas forenses geraram muito menos complacência. Inspirados pela antiga teoria, calorosamente pregada pelo Dr. James Conolly e muitos outros escritores médicos do século passado, de que a dependência do álcool era um forte fator predisponente para induzir a combustão espontânea («... o corpo humano», escreveu Conolly, «admite ser reduzido pelo álcool a um estado altamente inflamável»), vários experimentadores testaram as propriedades inflamáveis da carne embebida em álcool. Numa experiência, recorda Gaddis, um rato foi embebido em álcool puro por mais de um ano. «Quando inflamado, ardeu até a pele exterior ficar carbonizada, e depois o fogo apagou-se. Os tecidos por baixo da pele ficaram intactos.»

Um cientista moderno que tem feito experiências durante muitos anos com o intuito de reproduzir, no seu laboratório, o fenómeno da combustão espontânea é o Dr. Wilton M. Krogman, Professor de Antropologia Física na Escola de Medicina da Universidade da Pensilvânia. O Dr. Krogman é um dos cientistas em cuja ajuda os técnicos de laboratório do FBI têm frequentemente confiado. O seu talento especial reside na identificação de corpos humanos «queimados para lá de qualquer reconhecimento» — uma frase que tem sido muitas vezes encontrada no decorrer desta narrativa.

As experiências do Dr. Krogman têm sido muito mais variadas, bem como muito mais ambiciosas, do que quaisquer outras relatadas pelos laboratórios forenses britânicos: o Dr. Krogman queimou cadáveres com gasolina, carvão, óleo, acetileno e vários tipos de madeira; ossos envoltos em carne ou desnudados, tanto húmidos como secos. Realizou as suas experiências em equipamentos de combustão que variam de crematórios pressurizados e fornos elétricos a piras ao ar livre. O seu conhecimento sobre o que acontece exatamente aos corpos em todos os tipos de fogos, sob variadas condições, é provavelmente inigualável.

No entanto, chamado a pronunciar-se sobre a morte de Reeser, o Dr. Krogman confessou-se incapaz de apresentar sequer a explicação mais fantasiosa. Embora tenha produzido uma teoria mais tarde:

Coloquei a mim próprio o problema, uma e outra vez, de saber como a Sra. Reeser pôde ter sido tão completamente destruída, até aos ossos, e ainda assim deixar os objetos próximos materialmente não afetados... Mas

acabo sempre por rejeitá-lo em teoria, mas enfrentando-o como um facto aparente. [1]

Não cabia ao Dr. Krogman contentar-se com as baixas temperaturas das experiências de Gee, «totalmente explicativas». De facto, era a geração de calor intenso que o Dr. Krogman considerava inexplicável — pelo menos, fora da sua própria e vasta experiência e conhecimento. Chamou a atenção para o grande calor necessário para efetuar a consumição total por queima de um corpo humano; e contou como tinha visto um corpo arder durante duas horas num crematório a mais de 2000 °F, «no entanto, ao fim desse tempo, mal havia um osso que não estivesse presente e completamente reconhecível como um osso humano. Os ossos estavam calcinados, mas não eram cinzas e pó, como no caso da Sra. Reeser e de inúmeras outras mortes por combustão espontânea».

Só a 3000 graus Fahrenheit, ou mais, é que vi o osso fundir-se ou derreter, de modo a correr e tornar-se volátil... Estes são calores muito grandes — eles queimariam, carbonizariam, chamuscariam ou de outro modo estragariam ou afetariam tudo e mais alguma coisa num raio considerável... Dizem que a verdade é muitas vezes mais estranha que a ficção, e este caso prova-o.

Pode-se simpatizar, então, com o veredicto do Tribunal de Júri de Darmstadt de que «a combustão espontânea é absolutamente contrária à lei natural»; e compreender o lamento com que Justus von Liebig registou, nas suas *Letters on Chemistry*, que «ninguém esteve jamais presente durante a combustão da Condessa von Görlitz, ou apurou exatamente o que a precedeu».

Duas outras peculiaridades da queima de Reeser também prenderam a atenção inquisitiva do Dr. Krogman; uma não desconhecida no registo, a outra até agora única. Ficou impressionado com a ausência do odor de carne humana a arder, embora esta ausência tenha sido notada com bastante frequência noutros casos. Mas o encolhimento do crânio da Sra. Reeser para «o tamanho de uma bola de beisebol», o Dr. Krogman achou-o «absolutamente contrário à lei natural».

Nunca vi um crânio humano encolhido por calor intenso. O oposto foi sempre verdade. Os crânios ou ficaram anormalmente inchados ou

explodiram virtualmente em muitos pedaços... Tenho feito experiências, usando cabeças de cadáveres, e nunca conheci uma exceção a esta regra. [2]

Num artigo de Allan W. Eckert na *True*, edição de maio de 1964, o Dr. Krogman é citado dizendo sobre o caso Reeser:

Considero-o como a coisa mais surpreendente que alguma vez vi. Ao revê-lo, os pelos curtos do meu pescoço eriçam-se com um medo vago. Se estivesse a viver na Idade Média, murmuraria algo sobre magia negra.

É reconfortante encontrar um cientista que tenta encontrar a verdade e falha, e depois confessa a sua incapacidade de explicar, não tanto o inexplicável, mas o ainda-não-explicado.

No entanto, o Dr. Krogman não se contentou por muito tempo em permanecer incapaz de apresentar uma «explicação», pois, como admite, o caso Reeser tinha-o desafiado a fornecer uma solução. E o Dr. Krogman trabalhou assídua e louvavelmente para encontrar uma explicação «racional» para aquilo que já tinha ecoado os cientistas de Darmstadt ao descrever como «absolutamente contrário à lei natural».

Contudo, muitos estudantes do Fogo podem não ficar totalmente satisfeitos com o facto de a solução que o Dr. Krogman nos oferece para aceitação responder a todas as questões que o fenómeno da combustão espontânea levanta.

Na *Today*, um suplemento do *The Philadelphia Inquirer*, edição de 15 de junho de 1973, foi publicado um artigo intitulado «O Caso da Mulher de Cinza», que trata, não tanto do caso da Sra. Mary Reeser (que não é nomeada, mas apresentada anonimamente como «a Mulher de Cinza»), mas sim das opiniões do Dr. Wilton M. Krogman sobre esta mais desconcertante de todas as mortes.

O artigo levanta uma questão tão importante em relação à opinião «oficial» — pois o Dr. Krogman é um professor de antropologia física bem conhecido e muito respeitado — que este livro estaria incompleto sem um resumo do artigo da *Today* e um exame cuidadoso das teorias do Dr. Krogman a respeito da morte da Sra. Reeser.

O artigo começa, de uma forma tipicamente jornalística:

O caso mais célebre de Krogman... nunca foi realmente resolvido. Pensar nisso ainda hoje, diz Krogman, continua a fazer com que «os pelos na parte de trás do meu pescoço se ericem» com um medo vago. O FBI chamou ao caso «improvável».

Os factos da morte da Sra. Reeser, como já foram apresentados por mim, são expostos breve e corretamente. Depois, após a frase, «Isto, de acordo com o relato anterior de Krogman, é o que [os dois pintores] viram», são listadas as onze principais raridades no apartamento da Sra. Reeser, começando com:

«*1. As paredes, a partir de um nível a cerca de quatro pés acima do chão, e o teto, estavam festonados com uma fuligem gordurosa, que exalava um odor peculiar.» [o meu itálico — MH]*
[3] — e terminando com «11. Não há registo, durante a noite, de qualquer fumo, qualquer estalido de calor, ou qualquer... odor invulgar.»

Mais uma vez no ponto 10, os factos são reportados erroneamente de forma importante:

«10. Embora tenha sido relatado um grande calor, não houve chama, nem brasas [*o meu itálico* — MH], nem acumulação de material pegajoso ou viscoso...»

De facto, a viga de madeira sobre a divisória estava a arder quando os bombeiros chegaram, e embora a chama tenha sido relatada como «pequena», era ainda assim uma chama e, quanto a brasas, grande parte da viga tinha ficado gravemente carbonizada.

Ainda assim, estes são erros relativamente menores; é quando avançamos mais no artigo que se encontram declarações muito mais surpreendentes. Descrevendo como Krogman «tinha conhecimento de apenas um outro exemplo registado de tal ocorrência, e esse era numa obra de ficção, *Bleak House* de Charles Dickens», o escritor do artigo prossegue contando como «Krogman investigou os casos» mencionados por Dickens, e acrescenta: «Krogman não acredita em nada disso» — e a razão pela que «não acredita em nada disso» é porque, «como parte das suas experiências,

queimou, sob condições laboratoriais, dezenas de cadáveres para examinar os efeitos de diferentes tipos de fogo...» — e ainda não foi capaz de alcançar a totalidade da combustão da Sra. Reeser.

Mas é quando esse conceito ardiloso de «experiência» é introduzido que as declarações surpreendentes começam a vir em catadupa. O artigo relata a observação do Dr. Krogman de que «em momento algum viu que o próprio corpo, que é basicamente um saco de água salgada, possa realmente pegar fogo. Mesmo a temperaturas de mais de 2000 graus a destruição do corpo não atinge a extensão indicada no Caso da Mulher de Cinza...»

O que, evidentemente, o Dr. Krogman quer dizer aqui é que os corpos não pegam fogo *espontaneamente*; pois que eles pegam fogo, ele bem o sabe — tendo «queimado... dezenas de cadáveres».

À parte a sua própria experiência, a de outros pode render algumas surpresas, também.

O caso tem-no perturbado ao longo dos anos. Ele faz questão de parar em quartéis de bombeiros para perguntar a bombeiros veteranos se alguma vez ouviram falar de algo semelhante a este fenómeno. Nenhum ouviu. Também pergunta se experimentaram um tipo de fogo que pudesse causar uma queima tão completa de um corpo humano como a indicada no caso de St. Petersburg. Exceto por um [fogo] peculiar no qual a prata de família foi derretida enquanto estava dentro de um aparador apenas ligeiramente carbonizado, ele não ouviu falar de tal fogo.

O leitor deste livro perceberá quantos «fogos desses» poderiam ter chegado ao conhecimento destes bombeiros veteranos.

Mas o comentário mais surpreendente do Dr. Krogman é que a única outra instância registada de um caso semelhante ao da Sra. Reeser era a «ficcional» em *Bleak House*; a bibliografia americana sobre Combustão Espontânea é quase tão extensa como a europeia; e um dos artigos clássicos, J. Knott, «Spontaneous Combustion», na *American Medicine*, 1905, ix, 653-660, foi na verdade publicado em Filadélfia, numa revista que está quase certamente na biblioteca da própria universidade do Dr. Krogman.

O primeiro parágrafo do artigo da *Today* menciona que «o caso mais célebre de Krogman... nunca foi realmente resolvido», pelo que, presumo, se deve entender que foi «meio resolvido»? Será isso? Pois «a teoria do crime de Krogman», conforme descrita pela *Today*, exige uma suspensão de descrença mais completa do que o caso mais improvável de combustão espontânea alguma vez poderia exigir.

«A teoria do crime de Krogman», diz a *Today*, «é que a mulher foi retirada do quarto e queimada noutro local a uma temperatura muito superior [*sic*] a 2000 graus, e depois devolvida pelo assassino, que engenhosamente forneceu os outros toques...»

Tais como a fuligem gordurosa que festonava as paredes acima de uma altura de quatro pés, e todo o teto? Tais como a maçaneta da porta quente — tão quente que a Sra. Carpenter, ao tocar-lhe, gritou de dor? Tais como as velas, derretidas exceto os pavios...? Tais como a lufada de ar quente através da porta?

«Krogman», continua a *Today*, «ficou impressionado pela semelhança quase misteriosa com o episódio de *Bleak House*. A sua suspeita é de que o assassino foi alguém que sabia muito sobre queimas, e que lia muito Dickens.»

Este alguém assassino poderia também ter lido qualquer uma das muitas descrições da estranha morte da Condessa di Bandi, em qualquer relato desde o da *Gentleman's Magazine* até às *Letters on Natural Magic* de Sir David Brewster, pois é no caso da Condessa que aparecem os pavios de vela não consumidos. (Dickens, embora mencione o caso, não menciona os pavios de vela.)

Obviamente, como tantos reformadores têm apontado, pode haver graves perigos na leitura indiscriminada de livros...

Não posso fazer melhor aqui do que citar Gaddis:

Não é fácil destruir totalmente um corpo humano pelo fogo. Em crematórios que não possuem dretortas modernas, os operadores têm de esmagar ou moer os ossos até se transformarem em areia fina ou cinza depois de a carne ter sido consumida.

Allan W. Eckert (*True*, maio de 1964) cita um patologista que conta sobre um incêndio numa fábrica em Cleveland, Ohio, onde eram feitos materiais para soldadura com Termite. [4] O fogo era como um vulcão — tão quente que derreteu chãos de betão. No entanto, os corpos das vítimas, embora terrivelmente carbonizados, eram ainda reconhecíveis como humanos. É preciso mais do que uma cadeira e tecido adiposo para quase consumir um corpo, isto é, o da Sra. Reeser, deixando apenas uma vértebra, um pé e um crânio encolhido.

Envolver oito polegadas de gordura humana num pedaço de pano e observá-lo a arder não explica o calor intenso que reduzirá um ser humano a cinzas em, por vezes, uma questão de minutos.

Outro parecer pericial inesperadamente produzido pelo caso Reeser foi o de Julius H. Hagenguth, «engenheiro responsável pelas experiências de relâmpagos artificiais da *General Electric Company*». O Sr. Hagenguth entra na história devido a uma sugestão de que o relâmpago poderia ter sido o agente pelo qual a Sra. Reeser encontrou a morte. O Sr. Hagenguth rejeitou esta teoria, e assim se explicou perante a comissão de investigação em St. Petersburg:

Embora o núcleo de uma descarga de relâmpago atinja temperaturas muito elevadas, o seu diâmetro é muito pequeno, talvez duas a cinco polegadas no máximo. Poderia ter atingido a Sra. Reeser e paralisado ou morto a mesma e também incendiado as suas roupas. A descarga não deveria, contudo, ter durado o tempo suficiente para a consumir completamente e à cadeira, deixando apenas as molas, um crânio encolhido e uma coluna vertebral. Isso é fantástico. Se uma descarga de relâmpago de tão terrível força tivesse entrado no quarto por uma janela, deveria ter havido algumas marcas... Embora o relâmpago possa atingir uma casa sem fazer com que a luz elétrica falhe, uma descarga de tão invulgar poder certamente teria causado a fusão de fusíveis, o que não ocorreu... O relâmpago poderia ter sido a causa, mas se foi, estaria fora de qualquer experiência que conheçamos. É como um mistério Oppenheimer [*sic*] de primeira classe. [5]

Por outras palavras, não foi um relâmpago.

Bem podia o Barão Justus von Liebig deplorar a ausência de testemunhas na maioria de tais casos. Claro que há testemunhas: algumas que, como o agricultor de Lincolnshire e o médico de New Hampshire, veem as chamas começarem a brotar por entre as omoplatas de mulheres ajoelhadas. Mas ao deplorarem a ausência de testemunhas, os cientistas querem realmente dizer «testemunhas peritas», e poucos dos raros observadores da incidência da combustão espontânea o são alguma vez. A testemunha ideal é, naturalmente, a vítima; mas ele ou ela é quase sempre incapaz de dizer o que aconteceu; não, sinto eu, porque a vítima não saiba, ou não pudesse descrever pelo menos as circunstâncias em que o «ataque» teve lugar, mas porque algum tipo de amnésia induzida pelo fogo impede a memória da vítima de recordar «exatamente o que aconteceu». Normalmente, porém, a vítima, quando encontrada, está para lá de qualquer discurso.

As provas que existem deste fenómeno parecem indicar claramente que, tal como noutras catástrofes na experiência do homem, é possível tomar medidas de evitação — nem todos os ameaçados pelo Fogo pereceram. O Sr. Hamilton apagou as suas próprias chamas, o agricultor de Binbrook e o médico da Nova Inglaterra debelaram as que jorravam das costas das mulheres, e penso que o Sr. Richard Vogt, conduzindo para casa em direção a Eagle Bend, Minnesota, vindo de Osakis, na noite de 10 de maio de 1961, também evitou a morte que surpreendeu a ex-atriz Sra. Olga Worth Stephens, de Dallas, Texas, enquanto esta estava sentada no seu carro estacionado.

Foi em outubro de 1964 quando subitamente os transeuntes na *East Grand Avenue* viram a Sra. Stephens tornar-se uma «tocha humana», queimando tanto a Sra. Stephens (que tinha setenta e cinco anos) como as suas roupas. O carro não foi queimado, e os bombeiros não conseguiram encontrar nada nele que pudesse ter causado o fogo em que a sua proprietária morreu.

Três anos antes, enquanto o Sr. Vogt conduzia para casa, algo aconteceu um pouco antes da meia-noite que ainda não foi explicado, mas que, tudo considerado, deve ser encarado como o feliz «quase acidente» do Sr. Vogt.

[1] Citado por Vincent H. Gaddis, op. cit.

[2] Citado por Vincent H. Gaddis, op. cit.

[3] Foi por volta das 5h da manhã de 2 de julho de 1951 que a Sra. Carpenter foi acordada por um cheiro a queimado; sabemos que ela estava enganada ao atribuir este cheiro a uma bomba de água sobreaquecida. Se a teoria do Dr. Krogman estivesse correta, o que poderia estar a arder às 5h da manhã?

[4] A termite é uma mistura de óxidos metálicos e alumínio que, quando inflamada por magnésio, produz um calor intenso, permanecendo inalterado o magnésio, um catalisador nesta reação.

[5] Reimpresso no The Woman, julho de 1952, a partir do Atlanta, Georgia, Journal and Constitution; citado por Vincent H. Gaddis, op. cit.

Ele testemunhou mais tarde que, enquanto conduzia ao longo da autoestrada principal, viu «uma bola de nevoeiro, com cerca de três pés de diâmetro, e ligeiramente alongada, a descer em direção ao seu carro a um ângulo de cerca de 45 graus». A «bola de nevoeiro» aproximou-se rápido demais para que o condutor a conseguisse desviar, e atingiu o carro na parte superior do capô. O Sr. Vogt disse que o ruído do impacto foi o que se poderia esperar do contacto com uma «pá cheia de gravilha fina» a atingir o carro a alta velocidade.

Imediatamente após o impacto da «bola de nevoeiro», o interior do carro começou a aquecer tão rapidamente que o assustado Sr. Vogt travou e saltou para fora. Viu que o para-brisas tinha estalado e que a carroçaria do carro não só estava picada devido ao contacto com o «nevoeiro», como estava agora quente demais para se lhe tocar por mais de um segundo. O homem assustado perguntou-se se um «cone de foguete a desintegrar-se ou arma semelhante» teria derramado partículas em brasa sobre o seu carro.

Os cientistas que estudaram esta estranha ocorrência sob a direção do Professor W. J. Luyten na Universidade do Minnesota foram incapazes de a explicar, embora, como os cientistas de qualquer outro lado, estivessem prontos com uma «explicação provável» — neste caso, «ou uma coleção de pequenos fragmentos de meteorito rodeados por algum gás, ou... algo como um relâmpago esférico». Tal como no caso do timoneiro do SS *Ulrich*, o céu estava perfeitamente limpo na altura da ocorrência.

Robert Burch, um mecânico de eletrónica, olhou para o espelho mesmo a tempo de desviar «uma bola de fogo vermelho-alaranjada» que vinha na sua direção através da janela aberta do seu quarto na Associação Cristã da Mocidade (YMCA) de Bremerton, Washington. Burch mal teve tempo de se atirar para o lado quando a bola de fogo já estava no quarto, rebentando com um clarão cego e um ruído ensurdecedor. Não houve nada de subjetivo nesta experiência: o barulho trouxe o companheiro de quarto de Burch a correr — ele tinha ouvido o estrondo na casa de banho, três portas ao lado.

Para além de ter queimado gravemente o braço direito de Burch, a bola de fogo incendiou o conteúdo de um cesto de papéis, a bagagem dos homens e dois rádios. E, enquanto ambos tremiam devido ao choque da reação, uma testemunha entrou no quarto: um polícia, que tinha visto a bola de fogo entrar no quarto e tinha ouvido o estrondo. Mandou vir uma ambulância e, como Burch trabalhava no estaleiro naval de *Puget Sound*, o homem ferido foi levado para o Hospital Naval de Bremerton.

Será este «relâmpago esférico», um fenómeno suficientemente comum, algo que, «se não se lhe prestar atenção», se transforma, cresce para se tornar no Fogo que tudo consome? No caso de Robert Burch houve o estrondo forte, bastante comum, mas há muitos casos em que este fenómeno elétrico vem fazer as suas tropelias em completo silêncio. Teriam as mulheres ajoelhadas, cujas costas estavam em chamas, sido apanhadas por uma bola de fogo silenciosa?

Pela posição dos seus poucos restos mortais, a Condessa di Bandi estivera de joelhos em alguma fase da sua experiência final e, embora tivesse sido o grito aterrorizado da mulher ajoelhada e a arder que trouxe o médico da Nova Inglaterra em seu auxílio, uma criada que morreu no final do século dezoito estava a lavar o chão de joelhos, sem se aperceber de que as suas costas estavam a arder.

Eu próprio estive uma vez a cortar as unhas junto a uma janela fechada, à luz de uma lua tão brilhante que não precisei de ligar a luz elétrica. Concentrado na tesoura, não vira aproximar-se uma pequena bola de brilho azul — a primeira coisa que soube dela foi quando correu ao longo da tesoura, projetando-a da minha mão com o choque e dando-me

uma pontada aguda, nada mais. Não me recordo de ter havido outro ruído além do meu grito de sobressalto. Seria este o Fogo em embrião? — um bebé fogo, a testar os seus poderes?

Penso que, frequentemente, vemos o início de uma série de acontecimentos que, levados até à sua conclusão «natural», resultariam num fogo autêntico. Por alguma razão — ainda tão inexplicável como o próprio Fogo —, a sequência não se desenvolve; vemos o fenómeno ou fenómenos iniciais e depois a sequência para, e as influências malignas retiram-se.

Que fenómenos são estes, que indiciam — que parecem pertencer obliquamente a — a natureza do fogo? Serão eles vislumbres de assaltos mais graves à mente e ao corpo humanos? Serão eles, no que respeita ao Fogo do Céu, o que a aura de um ataque é para o epilético? Ou serão estes indícios de fogo não mais do que o tempo «ameaçador» que, na realidade, nada ameaça? Sente-se, à medida que se estuda a história do Fogo, que nesta, como noutras atividades cósmicas, há esboços de ensaio malsucedidos, ensaios, tentativas, tal como há as conclusões bem-sucedidas. Serão todos os «quase escapes» não mais do que «tentativas sérias» que não foram de todo bem-sucedidas? Serão eles diferentes da combustão total de uma Condessa di Bandi, de uma Sra. Rooney, de uma Sra. Reeser, apenas no facto de terem sido esforços malsucedidos?

Um dos maiores — se não o maior — triunfos da mente humana ao longo do último século é o reconhecimento cada vez mais amplo do conhecimento antigo de que a partição da vida humana entre «mental» e «físico» é uma conceção errónea e tola, completamente injustificada até pelos factos observados. O conceito implícito no neologismo «psicossomático» — «aquilo que concerne igualmente à mente e ao corpo», mas significando geralmente «irregularidades corporais geradas por algum mau funcionamento da mente» — é completamente injustificado pelo comportamento humano.

A distinção entre as doenças que são «orgânicas» e as que são «psicossomáticas» é uma distinção irreal: na vida humana não há divisão das atividades humanas entre as que são «controladas pelo corpo» e as que são «controladas pela mente». Mente e corpo são um só, as suas funções

são complementares e indivisíveis; e a totalidade das suas atividades interligadas constitui o que chamamos «vida».

Em breve, muito em breve, espera-se, os termos obscurecedores, confusos e enganadores pelos quais a demasiadas pessoas tem sido vedada a visão legítima das verdades óbvias e importantes serão varridos. Termos como «psíquico», «oculto», «sobrenatural», «paranormal», e assim por diante, serão ou completamente eliminados da nossa terminologia ou recuperarão os seus significados adequados. Para demasiadas pessoas hoje em dia, a telecinese — o poder de exercer força à distância sem contacto aparente entre a pessoa que move e o objeto movido — é «estranha», «assustadora», «mística». Numa fraseologia mais «científica», a telecinese é «paranormal», «parafísica».

Essas pessoas — tanto as «simples» como as «instruídas» — dir-lhe-ão sem hesitação que a telecinese é uma «função da mente», presumivelmente porque, quando a Sra. Nelya Mikhailova faz mover uma caixa de fósforos ou a agulha de uma bússola, não empurra nenhuma delas com o dedo.

Mas que dizer das capacidades telecinéticas dos prisioneiros na Prisão de Clinton, Dannemora, Nova Iorque, que tanto espantaram o Dr. Julius Ransom, Médico-Chefe, o qual descreveu essas capacidades e a sua causa surpreendentemente «irracional» no *Electrical Experimenter* de junho de 1920? Os trinta e quatro condenados admitidos no hospital da prisão tinham sido atingidos por botulismo — infeção pelo *B. botulinus*, um organismo altamente tóxico normalmente encontrado em alimentos mal cozinhados. Os homens atribuíram a sua grave doença ao facto de lhes ter sido dado salmão enlatado.

No decorrer destes casos, descobriu-se por acidente que se tinha desenvolvido um estranho poder elétrico estático nos pacientes. Um dos pacientes que estava a convalescer amarrotou um pedaço de papel e tentou atirá-lo para um cesto de papéis; este recusou-se absolutamente a deixar-lhe a mão. O assunto foi-me relatado e descobri que cada caso de envenenamento por *botulinus* desenvolvia este estranho poder. Foram tentadas todo o tipo de experiências e verificou-se ser uma condição constante. A agulha da bússola do instrumento de um topógrafo podia ser

rodada com qualquer pedaço de papel eletrizado por estes pacientes. Uma fita de aço suspensa sentiria o campo magnético de uma forma notável e oscilaria de um lado para o outro. [1] A capacidade de eletrizar era proporcional à gravidade da doença; à medida que o paciente convalescia, perdia gradualmente o seu poder e, quando completamente bom, perdia-lo de todo.

Seria esta capacidade telecinética «física», «parafísica» ou «psíquica»? Se a telecinese for uma «função do parapsíquico» (o que quer que isso possa significar!), então qual é a relação entre o salmão vermelho infetado e o fortalecimento das chamadas «capacidades mentais»? Que existe uma relação, como o Dr. Ransom argumentou, parece-me estar para lá de qualquer disputa; mas não há nada de mais «estranho» no facto de o *B. botulinus* intensificar a força do campo magnético humano do que no facto de uma dose de mescalina (ou mesmo uma dose forte de álcool) poder dotar o observador de algumas capacidades invulgares de perceção.

A relação estreita e causal entre o estômago (incluindo a comida que este ingere e digere) e a mente era conhecida e reconhecida como um facto comum por todo o Mundo Antigo. Todas as atividades religiosas no Mundo Antigo estavam relacionadas com algum alimento ritual especializado, cuja variedade subia desde o iogurte até aos cérebros humanos. O alimento ritual dos sacerdotes astecas era o coração humano vivo; o das sacerdotisas de Core, a Donzela, «pequenos bolos». Os iniciados do Mitraísmo bebiam o sangue de touros; os devotos dos Lares — as Divindades Familiares — adoravam-nos com trigo salgado. Cibele, a Deusa Mãe no seu aspeto demoníaco, era adorada, paradoxalmente, na ingestão de coalhada e soro de leite (daí, talvez, a nossa palavra para um banquete: «banquete de leite coalhado»).

Nestes alimentos rituais — e não devemos aqui esquecer o pão e o vinho rituais do Cristianismo —, o devoto crente encontrava uma translação libertadora para um plano superior de consciência: nenhum adorador de qualquer religião do Mundo Antigo teria achado incrível o facto de a ingestão de salmão envenenado ter concedido a quem o comeu o «dom» de fazer mover objetos pelo próprio ato da vontade. De facto, se tivéssemos dito a qualquer um destes antigos adoradores que Caroline Clare, de London, Ontário, cairia, em 1877, em estados espásticos e

catatónicos e, a partir daí, atrairia para o seu corpo objetos metálicos, de modo que estes só pudessem ser arrancados dela pela força, o antigo adorador teria apenas duas perguntas a fazer: «A que Deus adora ela?» e «Qual é o seu alimento ritual?» — perguntas que, talvez, pudessem com vantagem ter sido feitas em algumas investigações modernas.

Ainda menos espantado ficaria o nosso hipotético antigo adorador ao ouvir falar do caso, relatado por Hereward Carrington a partir da sua própria observação, de uma criança cuja ingestão excessiva de castanhas causou a sua morte por indigestão aguda. É um caso curioso que liga este tipo de fenómenos gástrico-psíquicos tanto a capacidades telecinéticas («PC») como à vulnerabilidade ao Fogo. Ao prepararem o corpo da criança para o funeral, os vizinhos sobressaltaram-se ao ver que o cadáver já estava amortalhado, por assim dizer, num «brilho azulado»; um brilho que, além disso, estava associado a um grau considerável de calor.

Diz-se que «foram feitos esforços para extinguir este brilho» — mas não se pode imaginar que esforços terão sido esses. Talvez o desejo de que o brilho desaparecesse tenha tido o seu efeito no estranho fenómeno, pois este desapareceu e o corpo foi preparado para o funeral. Neste caso, temos aquela «imagem especular» do acontecimento sobre a qual comentei anteriormente neste livro: o corpo da criança não apresentava queimaduras, mas o lençol em que jazia tinha ficado chamuscado. Com a incidência do Fogo propriamente dito, o habitual é ser ao contrário.

De facto, a associação de mal-estar e doença (isto é, anormalidade da função corporal) com os chamados fenómenos «psíquicos» está tão bem documentada que não deveria haver dúvidas quanto à sua ocorrência. Uma abordagem verdadeiramente científica ao estudo dos «doentes luminosos» foi tornada menos fácil pela relutância até de observadores treinados em estudarem os fenómenos objetivamente; visões preconcebidas e preconceitos erradicáveis tenderam a fazer com que o observador visse antes o que desejava ver e não o que estava lá para ser visto.

Assim, embora o investigador francês, o Dr. Charles Féré, registe dois casos de «doença luminosa», ambos em mulheres de caráter histérico, ele inclui o caso numa obra chamada *Annales des Sciences Psychiques*. Nos casos relatados por Féré, halos luminosos de cor de laranja, que duravam

cerca de duas horas, apareciam em redor das cabeças e das mãos das duas pacientes.

Mas a imprensa médica verdadeiramente secular está cheia de tais relatos; mostrando os registos a manifestação de luminescência em quase todas as partes do corpo humano, e em quase todos os seus produtos. Nas suas *Anomalies and Curiosities of Medicine* (em cujo título a palavra carregada e enganadora «Anomalias» é de lamentar), o Dr. George M. Gould e o Dr. Walter L. Pyle citam a ocorrência cientificamente observada de luminescência no suor, na urina, em úlceras; enquanto outros registaram saliva e sangue luminosos. Gould e Pyle notam dois casos de halos luminosos em redor das cabeças de doentes tuberculosos; e um caso de uma aura corporal completa que envolvia um sofredor de psoríase.

Como Gaddis aponta, muito se aprendeu em anos recentes sobre os factos químicos e mecânicos que governam o fenómeno da luminescência em criaturas vivas, todas elas de filos não mamíferos: uma variedade de criaturas marinhas, desde o plâncton «básico» até à lula altamente organizada e, nas profundezas mais baixas dos oceanos, dezenas de peixes cujas luzes coloridas atraem as suas presas; na criação terrestre não mamífera, pirilampos, bichos-da-seda luminosos e moscas de fogo; no mundo vegetal certos fungos e, no mundo submicroscópico, abaixo (ou removido de) estas classificações convenientes, as bactérias.

A bioluminescência do pirilampo é uma manifestação sexual — o macho literalmente «acende-se» para atrair a fêmea. Presentes na cauda do pirilampo estão dois produtos químicos, a luciferina e a luciferase, uma enzima, que emitirão luminescência quando colocados em contacto com o trifosfato de adenosina (ATP), um composto químico encontrado em todos os organismos vivos, tanto mamíferos como não mamíferos. A opinião científica moderna considera o trifosfato de adenosina como «a principal fonte de energia nos sistemas biológicos».

No caso do pirilampo amoroso, um impulso nervoso coloca a luciferina e a luciferase em contacto com o trifosfato de adenosina, cuja característica é converter energia química em energia mecânica, o que o torna o iniciador e o controlador da ação muscular. No que diz respeito ao

pirilampo, o trifosfato de adenosina converte energia química em energia radiante — isto é, luz.

Talvez «doença» não seja a palavra correta quando se trata de observarmos o elo entre pessoas que sofrem de algum mal e o facto de desenvolverem bioluminescência. Não seria mais preciso descrever a «doença» não tanto como um mau funcionamento da economia humana, mas como uma mudança de estado, talvez até uma mudança de função?

Gould e Pyle falam de uma mulher cujo peito canceroso mostrava uma bioluminescência tão poderosa que o brilho podia ser visto a vários pés de distância, sendo a luz tão forte que as horas podiam ser lidas num relógio segurado a algumas polegadas de distância. Esta bioluminescência parece ocorrer mais frequentemente na região do peito — mas certamente isso é apenas outra forma de dizer «aquela parte do corpo em redor do coração»? Quando a Signora Anna Monaro era paciente de asma no hospital geral de Pirano, em Itália, notou-se que enquanto dormia à noite, «um brilho azulado tremulante emanava dos seus seios, permanecendo visível por vários segundos».

Esta bioluminescência persistiu ao longo de um período de várias semanas, e foi testemunhada não apenas por muitos médicos responsáveis mas também por funcionários do governo italiano. A bioluminescência era acompanhada por um ritmo cardíaco acelerado e por transpiração profusa, o que mostra que, neste caso também, o fenómeno da luminosidade estava associado ao calor, embora não num grau perigoso.

Estreitamente aliada ao fenómeno da bioluminescência — especialmente quando se considera a classe de pessoas afetadas — parece estar a hipertermia ou «superaquecimento»: uma condição anormal que foi «oficialmente» relatada pela primeira vez apenas tão recentemente como a 2 de fevereiro de 1875, quando o Sr. J. W. Teale, um respeitado médico praticante de Scarborough, Inglaterra, leu um relatório perante a *Clinical Society* de Londres. O Sr. Teale anunciou que uma paciente tinha, após uma queda de um cavalo, mantido, durante sete semanas consecutivas, uma temperatura que nunca descera abaixo dos 108 °F (42,2 °C), e que, em quatro ocasiões distintas, tinha subido ao nível «fatal» de 122 °F (50 °C).

Apesar disso, relatou o médico, a paciente recuperara, passando a gozar de excelente saúde.

O Relatório Teale foi o sinal para a classe médica estabelecida o assaltar com todas as armas que a ciência tem sempre à mão: não sendo o ridículo a menor dessas armas (frequentemente por completo eficazes). Comentando a história do Sr. Teale sobre a paciente hipertérmica, o *British Medical Journal* (1875, I, p. 347) perguntou ironicamente se o Sr. Teale alguma vez tinha visto um caso semelhante ao de São Dinis, que andava por aí com a cabeça «enfiada debaixo do braço»?

Mas os registos de Teale tinham sido escrupulosamente mantidos, e na *The Lancet* — na altura, e ainda hoje, a rival não menos respeitada do *British Medical Journal* — os factos, tanto do caso como dos registos precisos do Sr. Teale, foram apresentados. Nada menos do que sete termómetros foram usados para as observações das temperaturas hipertérmicas; três tinham sido feitos especialmente para registar as temperaturas em questão; quatro outros verificou-se estarem corretos até à décima de grau. Ciente de que tinha entrado em contacto com um fenómeno de «intrinsecamente incrível», o Sr. Teale conseguiu que cada termómetro usado tivesse sido inspecionado por testemunhas de confiança antes e depois de cada recolha da temperatura da paciente.

Mais, a rotineira medição da temperatura por via oral foi complementada por observações de outras partes do corpo — sendo por vezes as observações localizadas em vários pontos feitas ao mesmo tempo.

[1] Note-se particularmente a relação entre as capacidades telecinéticas da Sra. Mikhailova e a «prostração» de que sofre após qualquer experimentação prolongada, geralmente conduzida pelo Dr. G. Sergeyev, do Instituto Fisiológico (Militar) A. A. Uktomskii, Leninegrado.

E, finalmente, estas observações tão elaboradas foram continuadas diariamente durante quase dez semanas, nas últimas três das quais a temperatura da paciente desceu gradualmente de volta para uns normais 97° ou 98°F (36,5° ou 37°C).

Era impossível questionar a precisão dos registos do Sr. Teale; era impossível por mais tempo acusar o médico de Scarborough de observação defeituosa ou de impostura fraudulenta: restava apenas a escolha desagradável de aceitar um «facto contra a natureza» ou rejeitar por completo o Sr. Teale e os seus registos.

Isso foi há um século. Agora surge um outro caso de hipertermia ainda mais marcante: o de um padre italiano, o Padre Forgione, capelão de um convento em Foggia. Este padre, cuja indubitável santidade já lhe valeu uma canonização popular «não oficial» sob a sua respeitada alcunha de «Padre Pio», foi testado talvez de forma ainda mais rigorosa do que a paciente hipertérmica do Sr. Teale há um século.

A hipertermia do «Padre Pio» — descoberta quando ele literalmente fez explodir o mercúrio num termómetro hospitalar padrão — não é um fenómeno isolado ligado à sua santidade: as suas mãos e pés exibem os estigmas, de modo nenhum incomuns, do Cristo crucificado; de forma que se pode assumir que o corpo do «Padre Pio» está mais do que normalmente sujeito aos impulsos da sua mente.

O padre foi testado pela primeira vez de uma maneira científica no bem conhecido Hospital da Trindade, em Nápoles, onde, após ter partido os termómetros normais, o corpo do Padre registou, num termómetro de banho, a espantosa cifra de 118,4°F (48°C). Um decidido cético — pelo menos no que dizia respeito aos relatos das temperaturas hipertérmicas do Padre Forgione — era o escritor de assuntos médicos e de outros temas científicos, o Dr. Giorgio Festa.

Levando consigo um instrumento de grande precisão, o Dr. Festa visitou o Padre, obteve a sua permissão para registar as temperaturas corporais do sacerdote e... encontrou o que as autoridades hospitalares de Nápoles tinham encontrado: que as temperaturas matinais e vespertinas do padre estavam ligeiramente abaixo do normal, mas que, durante uma crise hipertérmica — que podia durar continuamente até dois dias de cada vez — , registavam-se temperaturas entre os 118,4° e os 119,3°F (48 e 48,5°C).

O fenómeno relatado de calor excessivo na pele — durante uma «exaltação» os observadores notaram que o «Padre Pio» parecia brilhar e que a sua pele ficava quente demais para se lhe tocar — remonta, como é

óbvio, a muito antes da paciente do Sr. Teale; mas apenas no último século foi possível fazer uma observação precisamente controlada do fenómeno da hipertermia não letal — e, mesmo assim, apenas com dois indivíduos.

No caso do padre moderno, ele não perde a consciência — nem sequer se sente mal.

Que o mecanismo de regulação do calor destes dois hipertérmicos é anormal, escusa de ser dito; mas em que consiste a anormalidade? George Zorab, em cujo relato me baseei principalmente, pergunta: «Teriam eles por acaso proteínas que não coagulam a estas altas temperaturas ou, talvez, células corporais providas de algum tipo de ar condicionado que permite aos seus organismos suportar temperaturas que seriam fatais para outros?».

A relevância desta hipertermia comprovada é a sua aparente relevância para o «calor inofensivo» a que me referi na página 38: tal como, por exemplo, o que fez com que as paredes da casa da Sra. Mabel Metcalf ficassem «quase em brasa», mas onde nenhum incêndio se seguiu. A hipertermia da paciente do Sr. Teale e do «Padre Pio» parece análoga, na medida em que a temperatura corporal sobe a níveis «fatais», mas sem progredir para uma combustão total e verdadeiramente letal. Pareceria aqui que o mecanismo anormal de regulação do calor destes hipertérmicos atua antes para travar a subida súbita da temperatura do que para fazer subir a temperatura normal do corpo. Tal como o Sr. Hamilton, eles na verdade combatem — e com sucesso! — o Fogo do Céu.

De uma hipertermia cientificamente registada que pode — e, como vimos, frequentemente faz — elevar a temperatura corporal de um ser humano acima do que, normalmente, seria um calor letal; deste calor sem chamas para o calor que é visto como chamas reais, pareceria não haver um grande passo. E, de facto, a chama não letal numa pessoa viva está tão bem documentada como a presença da letal.

O fenómeno era bem conhecido no passado; notámos, na página 38, o facto de que o corpo de Teodorico, o Grande, quando friccionado, emitia chamas — isto é, chamas não letais; pois o Rei dos Ostrogodos e de Itália viveu até ao que, para os séculos quinto e sexto da nossa era, era uma idade avançada: setenta e um anos.

Há muitos outros exemplos da história; todos descartados — porque a história os regista como «lendas», «fábulas», «mitos». Hoje em dia, a investigação científica da chama não letal produzida pelo corpo está a decorrer em todo o mundo; e em lado nenhum de forma mais minuciosa do que na Rússia, onde o Dr. Genady Sergeyev, do Instituto Fisiológico (Militar) A. A. Uktomskii de Leninegrado, o investigador dos talentos telecinéticos da Sra. Nelya Mikhailova, está a registar as capacidades de produção de chamas de uma outra russa telecinética: Nina Kulagina.

Uma entrevista com o Dr. Sergeyev apareceu no *Sunday People* de Londres de 14 de março de 1976, no decurso da qual o famoso parapsicólogo russo descreveu como a Srta. Kulagina «consegue, de algum modo, extrair energia de tudo o que a rodeia». Descreveu como, «em várias ocasiões, a força que corria para o interior do seu corpo deixou marcas de queimaduras com até 4 polegadas de comprimento nos seus braços e mãos».

«Estive com ela uma vez», disse o Dr. Sergeyev, «quando as roupas dela se incendiaram devido a este fluxo de energia — literalmente inflamaram-se. Ajudei a apagar as chamas e guardei algumas das roupas queimadas como prova.»

Aqui o Fogo, embora não seja letal, não é totalmente inofensivo: «... a força que corria para o interior do seu corpo deixou marcas de queimaduras com até 4 polegadas de comprimento...». No caso de Lily White, a jovem de Antígua, Índias Ocidentais Britânicas, cujas roupas foram queimadas (ver página 228) sem que a Srta. White ficasse sequer chamuscada.

O Fogo, como já disse ou impliquei noutros locais, abrange não só a mais ampla variedade de vítimas, mas também a mais ampla variedade de calor. Parece manifestar-se em cada marca da escala do termómetro, desde o calor que não notamos como invulgar, passando pelo calor que é meramente desconfortável, até ao calor que é sem chamas mas que está para lá dos limites do calor da febre; passando pelo calor da chama não letal até ao calor matador e tudo-consumidor que deve operar a temperaturas por volta dos 3000 Fahrenheit para efetuar o que, de facto, faz.

Notemos que existe uma «imagem especular» da bioluminescência — poderíamos chamar-lhe «necroluminescência», o brilho de coisas completamente mortas. Este brilho, comummente mais percetível no peixe passado, e menos comummente na carne «alta» e nos vegetais «alterados», é atribuível a bactérias que, tal como o pirilampo, o bicho-da-seda luminoso e o vaga-lume, secretam luciferina e luciferase.

Dado que aqui não é o peixe, a carne ou os vegetais mortos que estão a brilhar, mas apenas as bactérias que prosperam naquilo que apenas o hábito nos impele a chamar «corrupção», a muito estilizada «explicação» pelo psiquiatra Dr. Carlos Saiz da luminescência peitoral da Signora Anna Monaro pode ter sido baseada numa insuficiência de factos. A luminescência azulada observável sobre os seios da Signora Monaro era causada, disse o Dr. Saiz, por «organismos elétricos e magnéticos no corpo da mulher, desenvolvidos em grau eminente».

Quanto mais se observa o comportamento deste calor anormal — aqui fazendo uma Signora Monaro meramente suar, ali queimando uma Sra. Reeser até a reduzir a algumas libras de cinza; aqui «concentrando-se» tão estreitamente sobre o indivíduo que até (como no caso de Billy Thomas Peterson) a sua roupa interior escapou à queima; ali espalhando o ataque fogoso de tal modo que, em outubro de 1871, não só a cidade de Chicago, mas vilas e aldeias ao longo de seis grandes estados — Michigan, Missouri, Illinois, Dakota do Norte, Dakota do Sul e Wisconsin —, juntamente com vastas extensões de floresta, foram destruídas. Os autores de *The History of the Great Conflagration*, James Sheahan e George Upson, ambos editores associados do *Chicago Daily Tribune*, comentam com admiração o facto de o fogo parecer atingir simultaneamente locais a muitas milhas de distância.

O seu testemunho contemporâneo torna claro que não se tratava de uma questão de um incêndio central espalhar-se para abranger aldeias e vilas periféricas, mas sim focos de chama dispersos que se fundiam gradualmente (e de modo nenhum lentamente) num vasto braseiro. «Os repórteres falaram de edifícios, muito para lá da linha de fogo, que irrompiam em chamas simultaneamente a partir do interior» como se um regimento de incendiários estivesse a trabalhar.

Que poder latente acendia o interior destes edifícios avançados enquanto exteriormente estavam intocados? E houve referências a um «alimento para o fogo no ar, algo misterioso por enquanto e inexplicável. Se é atmosférico ou elétrico está ainda por determinar». É certo que, para o observador contemporâneo, não havia nada de «acidental» ou mesmo de «natural» no Incêndio de 1871.

E depois deparamo-nos com o ataque no qual o cegamente impessoal e o individualmente concentrado parecem ser igualmente aparentes. Num surto de fogo espontâneo, o vestido de algodão da Sra. Charles H. Williamson inflamou-se subitamente. Foi numa manhã de janeiro de 1932, em Bladenboro, Carolina do Norte; mas, embora fosse um dia frio, a Sra. Williamson não estivera de pé perto de nenhum tipo de lume, aberto ou fechado. O seu vestido nunca estivera em contacto com fluido de limpeza ou outro líquido volátil e altamente combustível. O seu vestido simplesmente pegou fogo. Mas segue-se agora um facto curioso que nos induz a acreditar que, completamente à parte do seu eclodir «sem causa», não era um fogo comum. O marido e a filha da Sra. Williamson rasgaram o vestido a arder com as suas mãos nuas — sendo o vestido agora não mais do que um farrapo de pano carbonizado. No entanto, nenhum dos três ficou queimado no mais pequeno grau.

Teria este primeiro ataque sido dirigido à Sra. Williamson pessoalmente? É difícil de pensar assim; ou, talvez, o padrão de ataque «individual» tenha mudado para um mais «geral», menos «individual». Pois agora os objetos do ataque mudaram: um par de calças do Sr. Williamson pendurado num armário irrompeu em chamas; uma cama pegou fogo; cortinas num quarto desocupado arderam. Chamas como as de um bico de gás consumiram vários artigos por toda a casa sem tocarem em objetos adjacentes. As chamas não podiam ser apagadas, mas desapareciam por sua própria iniciativa após terem queimado o objeto da sua atenção. Não havia fumo e não havia cheiro, mesmo dos artigos a arder.

Durante três dias, com muitos vizinhos como testemunhas destes estranhos acontecimentos, os Williamson aguentaram o ataque; ao quarto dia mudaram-se. Todos os «peritos» relevantes — gás, eletricidade, fogo posto, polícia — foram chamados e retiraram-se sem terem encontrado a razão para, ou sequer a natureza do, Fogo. Dizia um relato da *Associated*

Press: «Os fogos começaram, arderam e desapareceram tão misteriosamente como se guiados por mãos invisíveis. Não houve qualquer explicação lógica.» Ao quinto dia os fogos desapareceram. Os Williamson voltaram para a sua casa... o ataque tinha terminado... de vez.

12. DADOS DE PÓQUER E POLTERGEISTS

Sabe-se que algumas pessoas ganham «contra as probabilidades» e algumas nunca ganham, mesmo «com as probabilidades». O aventureiro e financeiro John Law ganhou o capital necessário para iniciar o seu banco privado estudando o cálculo de probabilidades no lançamento de dados e nos jogos de cartas; mesmo ele, como admitiu, não conseguia «racionalizar» o elemento «sorte». Cairão os dados de acordo com o cálculo de probabilidades? Ou cairão de acordo com algum padrão de energia cuja natureza pode ser há muito suspeitada, mas que só agora começa a ser examinada?

Sim, os donos de espírito prático das salas de jogo de Las Vegas reconhecem, à sua maneira prática, que os lançamentos «de sorte» podem ser não tanto «de sorte» mas sim induzidos; que alguns dos seus clientes devem ter um poder telecinético para controlar a queda dos dados, a sequência das cartas. Suponha-se, digamos, que alguns — ou mesmo todos — aqueles prisioneiros envenenados por salmão de Dannemora tivessem sido levados para Las Vegas e, em vez de controlarem a agulha de uma bússola, a oscilação de uma fita de aço suspensa, a sua telecinese induzida pelo botulismo lhes permitisse controlar o jogo das cartas, a queda dos dados, a rotação da roleta.

E isto traz-me a uma outra questão importante: em que ponto, visto que parece haver tanto controlo inconsciente como consciente por telecinese, se encontram o não intencional — controlo da agulha da bússola pelos prisioneiros envenenados de Dannemora — e o intencional — controlo da agulha da bússola por médiuns de TC «oficialmente investigados», a Sra. Nelya Mikhailova ou Alla Vinogradova?

É uma questão que nos acompanha para dentro do estranho mundo dos *poltergeists*. É uma questão que pergunta: Quanto desta atividade aparentemente aberrante é «não intencional», quanto está sob o controlo voluntário da mente?

A questão das atividades dos *poltergeists* surge aqui porque grande parte da atividade dos *poltergeists* «oficialmente classificada» parece fazer fronteira com fenómenos que seriam «normalmente» classificados sob o cabeçalho de «combustão espontânea». Sou aqui levado a perguntar, e não é de modo nenhum a primeira vez que se pergunta: Será a combustão espontânea um fenómeno de *poltergeist*, diferindo dos fenómenos de *poltergeist* mais comuns apenas no facto de a combustão parecer não ser acompanhada por aquelas atividades geralmente associadas aos fenómenos de *poltergeist*?

A palavra *Poltergeist*, uma palavra alemã, é habitualmente explicada como «espírito barulhento»; mas isto parece falhar em transmitir o significado exato. É verdade que o verbo *poltern* significa «fazer um ruído de fragor», mas *Polterabend*, «Véspera de Polter», significa a noite antes do casamento, horas nas quais — especialmente com o campesinato — o banquete de borracheira é acompanhado pela grosseria licenciosa inofensiva, as partidas rústicas e rudes com que a noiva e o noivo são preparados para o fim do seu celibato.

Polter, então, pareceria significar não tanto «barulhento», mas sim «turbulento, rebelde, folião», nem esta busca cuidadosa pela tradução correta de *polter* é uma divisão de cabelos ociosa. É essencial que vejamos e reconheçamos a imagem mental que a maioria das pessoas formou do *poltergeist* — não como a de uma entidade barulhenta, mas sim de uma entidade errática, irresponsável, infantil — e frequentemente maliciosamente infantil.

Já vimos o caso da família Williamson, no qual o vestido da Sra. Williamson irrompeu em chamas e foi totalmente consumido, e no qual nem a Sra. Williamson nem o seu marido e filha foram prejudicados. Esta manifestação aberrante de fogo está estritamente na tradição da combustão espontânea. Por outro lado, como notei, o que se seguiu esteve antes na tradição do *poltergeist*: os fogos seletivos aparecendo por toda a casa; este tipo seletivo de fogo queimando pequenos objetos sem se comunicar ao resto da divisão ou sequer a pequenos objetos adjacentes.

E o facto de que, após o primeiro dia alarmante, pelo menos três testemunhas competentes — o Sr. J. A. Bridger, o Presidente do Município;

o Dr. S. S. Hutchinson, o médico da família, e o Sr. J. B. Edwards, do Departamento de Saúde de Wilmington — estarem presentes na maioria das manifestações joga a favor da atividade de *poltergeist*, uma vez que «o espírito turbulento» é notoriamente extrovertido.

Em que ponto as manifestações telecinéticas deixam de pertencer à classificação de "poltergeist" e passam para a classificação de "combustão espontânea"? Esta pergunta, naturalmente, levanta inevitavelmente outra: será a combustão espontânea meramente uma manifestação mais forte, uma "extensão lógica", por assim dizer, da atividade *poltergeist* que agita mesas, arremessa objetos com mais ou menos violência através das salas e, às vezes, se contenta com algumas pancadas inofensivas (embora assustadoras) na parede? Os acontecimentos na Quinta de Binbrook, aos quais irei agora voltar, pareceriam sugerir que a resposta a essa última pergunta é sim.

O Lincolnshire, em Inglaterra, é um campo plano, sem traços distintivos, fértil, cujas planícies largas e aparentemente intermináveis traem claramente a sua origem como terra recuperada ao mar. Tem o aspeto da Holanda e, de facto, foram os holandeses que, há séculos, recuperaram grande parte do seu solo agora rico ao Mar do Norte. Tanto física como psiquicamente, o Lincolnshire é um lugar estranho: uma das três regiões conhecidas na superfície da Terra em que a aceleração gravítica padrão — ligeiramente acima de 32 pés por segundo por segundo — não é a regra. As coisas caem de forma estranha no Lincolnshire, de modo nenhum tão rápido quanto "a regra" estipula que deveriam cair. É aqui, também, que tanto a atividade *poltergeist* como a de combustão espontânea são vistas naquilo que bem se pode chamar o seu estado mais típico.

Foi em Louth, no Lincolnshire, que Ashton Clodd, recordar-se-á, morreu de queimaduras em circunstâncias misteriosas; uma morte sobre a qual uma testemunha no inquérito observou: "Se havia fogo na lareira, era muito pouco."

E perto de Louth, também, na altura em que Ashton Clodd morria de queimaduras provocadas por um fogo numa lareira fria, algo literalmente sobrenatural estava a acontecer na aldeia de Binbrook, no Lincolnshire, a

cerca de quinze milhas de Market Rasen, na estrada que leva a New Waltham e Grimsby.

Os factos foram recolhidos pelo Reverendo A. C. Custance, da Reitoria de Binbrook, e coligidos em detalhe pelo Coronel Taylor, para os registos da *Society for Psychical Research*. O conhecimento de "acontecimentos estranhos" no Lincolnshire já fora relatado no *Liverpool Echo* e, através desse estimado jornal, os factos ganharam grande publicidade por toda a Inglaterra de 1904-5 — aquele período estranho em que Margaret Dewar encontrou a sua irmã a morrer de queimaduras numa cama que não ardera.

As manifestações de alguma força parafísica invulgar fizeram-se notar pela primeira vez, de acordo com o Coronel Taylor, a 31 de dezembro de 1904. Ao início, as manifestações, embora suficientemente alarmantes, como tais manifestações devem sempre ser, foram do tipo de "ritmo brando": objetos começaram a arremessar-se pela reitoria e, por três vezes, perto de um fogo "não muito bom, ou grande", as coisas romperam em chamas.

A 25 de janeiro de 1905, quase um mês após o eclodir da atividade *poltergeist* na reitoria, o *Liverpool Echo* imprimiu uma carta de uma professora de Binbrook, descrevendo como encontrara um cobertor a arder num quarto que não tinha lareira. Três dias mais tarde, o *Louth and North Lincolnshire News* relatou que o *poltergeist* (não lhe chamou isso) tinha chegado à casa de campo de Binbrook, e falou da queda inexplicável de objetos de prateleiras e de lareiras, e do misterioso transporte de objetos.

Entrevistado por jornalistas, o Agricultor White falou de uma pressão inexplicável e terrível de alguma força invulgar, tanto dentro como fora da sua casa de campo. Eis as suas palavras:

A nossa criada, que tínhamos tirado do asilo de indigentes, e que não tem parentes nem amigos no mundo de que saiba, estava a varrer a cozinha. Havia um fogo muito pequeno na lareira, havia uma proteção ali, de modo que ninguém pode [*sic*] aproximar-se a menos de dois pés ou mais do fogo, e ela estava na outra extremidade da sala, e não tinha estado perto [*i.e.*, do fogo]. Entrei de repente na cozinha, e lá estava ela, a varrer, enquanto a parte de trás do seu vestido estava a arder. Ela olhou em volta, quando eu

gritei, e, vendo as chamas, correu pela porta fora. Ela tropeçou, e eu abafei o fogo com sacos. Mas ela ficou terrivelmente queimada, e está no Hospital de Louth agora, com dores terríveis.

O jornal teve o gracioso prazer de confirmar pelo menos a parte verificável do relato do Agricultor White: "Esta última frase é bem verdadeira. Ontem, o nosso repórter visitou o hospital e foi informado de que a rapariga foi queimada extensamente nas costas, e encontra-se em estado crítico. Ela mantém a convicção de que estava no meio da sala quando as suas roupas se inflamaram."

Havia algo mais à solta naquele frio janeiro do Lincolnshire que era ainda menos facilmente explicado do que a inflamação "espontânea" do vestido da criada. Algo que tanto o Agricultor White como o editor do *Louth and North Lincolnshire News* pensavam não estar ligado às manifestações de *poltergeist* na reitoria, na casa e na casa de campo; e que, no entanto, Charles Fort acreditava ser parte de uma totalidade de aberração: a matança por tortura das galinhas do Agricultor White.

O jornal relatou isto como se, apesar de estar a acontecer ao Agricultor White, patrão da rapariga queimada e vizinho do reitor e da professora atormentados pelo *poltergeist*, fosse algo fora do padrão geral de perturbação:

"De 250 galinhas, o Sr. White diz que só lhe restam 24. Tinham sido todas mortas da mesma forma bizarra. A pele ao redor do pescoço, da cabeça até ao peito, fora arrancada, e a traqueia puxada do seu lugar e partida. O galinheiro tinha sido vigiado noite e dia, mas, sempre que examinado, quatro ou duas galinhas tinham sido encontradas mortas." É necessário notar aqui que tudo o que os animais, aves e répteis partilham com os humanos, geralmente não inclui* a combustão espontânea.

Para Charles Fort, como foi apontado, todos estes incidentes separados eram parte de um padrão de estranheza à escala do cosmos: "Em Londres, uma mulher estava sentada a dormir, perto de uma lareira, e algo, como que aproveitando-se deste meio de explicação trivial, queimou-a, por trás dela, mas eu não tinha dados sobre os quais especular...". Nem, quanto a isso, os tinha o médico-legista, conforme foi relatado no *Lloyd's Weekly News*, de 5 de fevereiro de 1905.

Charles Fort continua:

Mas se aceitarmos que, na Quinta de Binbrook, algo estava a matar galinhas de forma selvagem, aceitamos que o que quer que queiramos dizer com um ser estava ali. Parece que, no pouco tempo levado pelo agricultor para apagar o fogo da rapariga a arder, ela não poderia ter ficado gravemente chamuscada. Então a sugestão é que, sem ela saber, algo atrás dela a estava a queimar, e que ela estava inconsciente da sua carne a chamuscar. Todas as histórias são notáveis pela ausência de clamor ou aparente inconsciência das vítimas de que algo as está a consumir.**

* Para um raro exemplo possível, ver página 193.

O meu itálico. Não propriamente todas — Fort exagera aqui. Foram os gritos da vítima que levaram o Dr. H. B. Hartwell, de Ayer, Mass., a socorrer a mulher que ardia no bosque.

Para tornar o assunto mais atual, cito duas histórias de jornais de dezembro de 1973. Uma história diz respeito a uma mutilação muito misteriosa de gado; a outra, a um caso não menos misterioso de combustão espontânea.

Ao contrário das combustões de seres humanos e de roupas de cama em Binbrook, com a matança por mutilação estranhamente selvagem das galinhas, as esquisitices de dezembro de 1973 não parecem estar ligadas no espaço: a combustão a ter lugar em Hoquiam, no Oregon; a mutilação de gado em redor de Concordia, no Kansas. Mas há uma ligação surpreendente no tempo: "Fogo em Agência Funerária Desconcerta a Polícia" (*The Oregonian*, quinta-feira, 20 de dezembro de 1973); "Mortes Intrigam Agricultores" (*Kansas City Times*, sábado, 22 de dezembro de 1973):

Quando uma novilha de 500 libras pertencente ao senador estadual Ross Doyen de Concordia foi encontrada na manhã de quinta-feira duas milhas a leste de Concordia... parte da sua orelha esquerda estava em falta e um buraco de seis polegadas fora cavado na sua barriga. Ao início, os investigadores acreditaram que a orelha e o buraco foram cortados com uma faca e estavam prontos para adicionar o Angus de Doyen ao mistério. Mas uma autópsia realizada no laboratório de diagnóstico veterinário da

Universidade Estadual do Kansas indicou que a novilha morreu de meteorismo agudo do estômago. O buraco e as marcas na orelha aparentemente foram feitos por coiotes, disseram as autoridades.

O que o Laboratório de Diagnóstico falhara em explicar "cientificamente" ou mesmo "aparentemente" é a ausência do mais minúsculo vestígio de sangue no local destas mutilações — todas as quais envolveram cortes com um instrumento afiado:

Concordia, Kan. — A orelha de uma novilha morta tinha sido fatiada ou mastigada até ao crânio. Um touro foi encontrado com uma libra de carne removida de um quarto dianteiro. Outro não tinha língua nem focinho e, novamente, faltava-lhe uma orelha... quase todas as mortes foram de vacas pretas, na sua maioria Angus... muitas exibiam marcas de faca nas carcaças, incluindo o aparente retalhar dos órgãos sexuais tanto de touros como de novilhas...

Nenhum sangue, e nenhumas pegadas. Não sendo um técnico qualificado do Laboratório de Diagnóstico, o Sub-Sheriff C. P. McGuire, do Condado de Cloud, não ofereceu qualquer explicação:

"Trabalhámos nisto a tentar encontrar algum tipo de padrão, mas simplesmente não estamos a encontrar nada.

Tivemos um que estava basicamente num lamaçal, talvez com vinte pés por setenta e cinco ou 100 pés... Quando nos ligaram e disseram que estava num lamaçal, ficámos superentusiasmados, pensámos com certeza que teríamos pegadas." Ele abanou a cabeça. "Podem compreender por que estamos num beco sem saída."

O Sheriff do Condado de Harvey, Galen Morford, tinha, contudo, uma teoria, embora não uma que fosse provável ter sido aprovada pelos peritos do Laboratório de Diagnóstico:

"Não vou mesmo ficar surpreendido se isto não for algum tipo de coisa de culto. Quando deixam as bruxas praticar ali no reformatório industrial estadual em Hutchinson, não há forma de saber o que irá acontecer."

Pode-se bem simpatizar com a teoria do Sheriff Morford — mesmo que não se aceite.

McGuire disse que as mortes mais recentes... tinham apenas os seus órgãos sexuais e partes perto da cabeça e do pescoço removidos.

"Eles levam os globos oculares, a língua, os focinhos ou talvez um pedaço da cauda", disse o Deputado Sam Budreau, "mas 27 tinham os seus órgãos sexuais removidos, predominantemente as novilhas. Algumas tinham os seus órgãos externos levados, e algumas tinham as suas áreas reprodutivas completas removidas.

Não houve perda de sangue em nenhuma delas [o meu itálico — MH], e algumas ainda estavam suficientemente quentes...

Outra coisa, eles fazem um trabalho tão limpo", acrescentou Budreau. "Eles limpam os ossos, sem hemorragia, e levam a orelha na base do crânio."

Apontando para fotografias instantâneas de algumas vítimas, Budreau disse: "Quando cortam o olho para fora, levam as membranas e as pálpebras e tudo."

Outro aspeto que tem intrigado os investigadores tem sido a ausência de uma marca de morte no gado [o meu itálico — MH]. Nenhum ferimento fatal de facada ou de tiro surgiu nas vacas, disse McGuire, nem houvera um golpe na cabeça.

Ao todo, cerca de quarenta cabeças de gado foram assim mutiladas; e no ano anterior seis casos semelhantes foram relatados na Suécia. (Pode haver aqui uma ligação "psíquica" entre Emory Eklund, um agricultor de Minneapolis que perdeu uma vaca, e a Suécia, de onde a sua família era originária.)

Charles Fort teria estado interessado nesta mutilação de gado; ele não teria ficado espantado. O que mais o teria interessado teria sido o padrão "clássico" das mutilações: a estranha (e para nós ainda inexplicável) motivação, a estranheza específica da ausência de sangue nas matanças, o encobrimento "científico" e, para completar o padrão, a estranheza

precisamente contemporânea de uma combustão espontânea com características invulgares mesmo dentro daquele mais estranho de todos os fenómenos.

A morte da Sra. Sam Satlow, de cinquenta anos, de Hoquiam, no Oregon, liga-a, nas tabelas de mortalidade, a Billy Thomas Peterson, de vinte e sete anos, de Pontiac, no Michigan, que, recordar-se-á, conseguiu cometer suicídio no seu carro ao ligar um tubo flexível ao escape. Há outra ligação pelo facto de ambas as mortes terem tido lugar em dezembro: a da Sra. Satlow a 7 de dezembro, a de Billy Peterson a 13 de dezembro. Estavam também ligadas na medida em que foram sujeitos ("vítimas" parece a palavra errada aqui) de combustão espontânea pós-morte, pois a autópsia revelou que Billy estava morto por envenenamento por monóxido de carbono antes que o Fogo o atingisse; e a Sra. Satlow estava morta há uns bons três dias antes que o Fogo a atingisse.

Este parece ter sido um dos casos em que houve cheiro a fumo; de qualquer modo, "um residente de um apartamento do andar de cima" deu o alarme que trouxe os bombeiros de Hoquiam à Capela de Repouso na Agência Funerária de Coleman no início da manhã de 10 de dezembro de 1973.

Com o enterro previsto para o dia seguinte, a Sra. Satlow jazia no que deveria ter sido o seu descanso final no seu caixão; a tampa colocada, e firmemente aparafusada; a família e os amigos tinham prestado as suas últimas homenagens no dia anterior.

O Chefe da Polícia de Hoquiam, Richard Barnes, disse, compreensivelmente: "O queimar do corpo de uma mulher num caixão dentro de uma agência funerária trancada continua a ser um mistério!"

Porque é exatamente isso que os bombeiros encontraram na Coleman's:

"Ela estava completamente consumida até às ancas", disse o Chefe Barnes. "Não temos provas de que um crime tenha sido cometido e", acrescentou ele, com uma honestidade invulgar num funcionário oficial, "nenhum indício disso. É tudo conjetura. Também não temos provas que

apontem para fogo posto; os investigadores não conseguem determinar a causa."

Tal como no caso da Sra. Reeser, o caixão carbonizado com o que restava do cadáver da Sra. Satlow foi enviado para os laboratórios do Departamento do Tesouro (do FBI) em Washington, D.C. O relatório que voltou para o Chefe Barnes não lhe disse mais do que ele já sabia: que a causa do fogo era "inexplicável".

"Precisamos mesmo de uma explicação lógica", terá dito o Sr. Barnes ao *The Oregonian*, "para pôr fim a tantos boatos loucos e sem fundamento que andam a circular pela comunidade."

Mas a estranheza do queimar pós-morte da Sra. Satlow e as muitas esquisitices do "roubo de gado" que não produziu pegadas nem o menor sinal de sangue não foram todas as esquisitices que perturbaram as áreas mais rurais da América do Norte em 1973.

Comentando sobre a mutilação de gado na revista de circulação privada *Anomaly** o editor fez este comentário:

* Publicada irregularmente por Specialized Research, Box 351, Murray Hill Station, New York, N.Y. 10016.

Felizmente, não tem havido quaisquer relatos verificáveis de mutilações em áreas de agitação por OVNI ("Objetos Voadores Não Identificados"), áreas nas quais os avistamentos reais ou supostos de OVNIs causaram uma "agitação", mas tem havido várias mortes um tanto misteriosas. Algumas foram aparentemente causadas por relâmpagos, mas outras resultaram de concussão, distinguível por sangramento do nariz, da boca e dos ouvidos. Em 1973 houve um aumento acentuado em que as testemunhas de OVNIs receberam marcas vermelhas misteriosas nos seus pescoços, no nervo principal logo abaixo da orelha. As pessoas que sofrem de tais marcas geralmente não têm absolutamente nenhuma memória do período em que as adquiriram. Elas simplesmente veem uma luz ou objeto estranho a aproximar-se dos seus carros, depois — ZÁS — a coisa seguinte que sabem é que estão em casa na sua própria cama a perguntar-se se terá sido tudo apenas um sonho [o meu itálico — MH].

Prosseguir com a ligação entre os fenómenos geralmente descritos como "avistamentos de OVNIs" e os fenómenos do Fogo levar-me-ia muito para além do âmbito deste livro. Que todos os fenómenos do estranho estão, como Fort defendia, ligados na origem, dificilmente poderá ser negado; não é mais do que dizer que toda a energia partilha uma origem básica comum. Mas aqui estamos preocupados apenas com os fenómenos que parecem estar associados à energia radiante: com, primariamente, calor acima da temperatura de combustão; fogo; e depois, num grau menos importante, as aberrações da luz e do calor não ígneo.

Analisei agora os indícios daquele fenómeno que o Tribunal de Assizes de Darmstadt declarou ser "absolutamente contrário à lei da natureza",* mas que, no entanto, nos seus caprichos ígneos, parece ter queimado todo o tipo de substância orgânica, desde papéis num cofre trancado até ao enchimento de algodão de uma poltrona; desde um celeiro cheio de feno até um ser humano. Apenas, como referi anteriormente, os animais parecem ter sido geralmente excetuados.

Existirá uma teoria para explicar este queimar?

Julgo que sim. Vejamos agora o que essa teoria oferece em explicação do Fogo Vindo do Céu.

** O Dr. Krogman, um século mais tarde, expressou-se em palavras precisamente semelhantes: "É absolutamente contrário à lei natural."*

13. RETORNO DE UM MUNDO ESPELHO

William Bolitho, o brilhante ensaísta sul-africano que morreu demasiado jovem, comentou uma vez, maravilhado, o facto de os seres humanos insistirem em acreditar em coisas que sabem não ser verdadeiras. Ele poderia ter acrescentado que este impulso de acreditar no que se sabe não ser verdadeiro é de considerável utilidade para nós, seres humanos, ao "explicar" — e assim aceitar — muitos dos fenómenos mais fundamentais que caracterizam o mundo material.

Por exemplo, ensina-se hoje às crianças, como se tem ensinado nos últimos três séculos, que a força centrífuga "não se aplica" a objetos (incluindo o Homem) na superfície do nosso mundo em rotação rápida

devido a uma "contraforça", habitualmente chamada "atração gravítica", que mantém os objetos soltos unidos à superfície do mundo — incluindo os objetos soltos as moléculas do seu invólucro de ar, naturalmente.

Ora, a capacidade de calcular a força centrífuga — aquela força que faz com que, por exemplo, gotas de água voem para longe do pneu de uma roda de bicicleta em rotação rápida — acompanha-nos há muito tempo; a fórmula para o cálculo simples pode ser encontrada em qualquer manual de matemática. E esta fórmula diz-nos que força seria necessária para contrariar a força centrífuga gerada pela rotação do mundo e, assim, manter qualquer objeto solto na superfície do mundo. Pelos cálculos — e apenas pelos cálculos — esta força de contra-ação pareceria ser muito poderosa. Mesmo no equador, a força centrífuga é bastante pequena quando comparada com a força gravítica, e o efeito líquido — a força que nos mantém a nós, ao ar, às montanhas e aos mares todos firmemente ancorados à superfície da terra — é apenas o da força gravítica menos a força centrífuga muito menor.

Ainda assim, a força gravítica parece ter as suas anomalias convenientemente ignoradas, visto que, apesar de toda a poderosa "atração" da terra, os seres humanos e os animais conseguem levantar os pés, caminhar, saltar — ações que dificilmente seriam possíveis se a gravitação fosse assim tanto mais poderosa do que a força centrífuga ao ponto de a anular. Ah, sim, "explicam" aqueles a quem a anomalia é apresentada: mas a força gravítica corresponde exatamente à força centrífuga no caso particular.

Mas, quando se chega a ver as falácias inerentes aos "factos" ensinados sobre a força centrífuga e a sua força de contra-ação, a "atração gravítica", também se atinge a fase em que se aprendeu que, na falta de uma explicação correta para os fenómenos, qualquer explicação serve.

No entanto, há tantos factos obviamente à espera de serem descobertos no único facto de que os objetos — conscientes ou não — permanecem na superfície da Terra, não sendo nem ejetados violentamente para o espaço nem esmagados contra o solo. Por que razão, por exemplo, uma queda de vinte pés pode matar, enquanto uma queda de seis mil pés deixa o de capitado vivo e ileso (salvo algum choque)? Ah, sim! — mas a

queda foi na neve, na encosta de uma montanha. Verdade, mas se a fórmula da aceleração estiver correta — aceleração a uma taxa de trinta e dois pés por segundo por segundo, reduzida pela resistência do ar a uma constante de cerca de 120 mph —, então a neve dificilmente teria apresentado uma superfície macia a algo — ou a alguém — que a atingisse a 120 mph.

Mas será que o de capitado de 6.000 pés a atingiu a 120 mph? No Lincolnshire, a "constante gravítica" não parece aplicar-se; foi a queda inofensiva de um aviador da Primeira Guerra Mundial, de quinhentos pés, sobre a relva do Lincolnshire, que primeiro chamou a atenção para as anomalias gravíticas daquela estranha parte de Inglaterra.

E então... o que é a gravitação? Talvez o número de uma jovem mulher que percorria os teatros de vaudeville antes da

Segunda Guerra Mundial nos possa ajudar a responder a essa pergunta? Esta jovem mulher conseguia, aparentemente, controlar o seu próprio peso — isto é, conseguia controlar a chamada "força gravítica" que a segurava ao palco. Uma jovem mulher de estrutura esguia, pesando provavelmente não mais de 125 libras, fazia-se levantar por alguns voluntários do público e depois, por um ato de vontade, tornava-se tão pesada que nem o homem mais forte presente conseguia levantá-la uma polegada do chão. Este poder de alterar o próprio peso corporal era um dos poderes genuínos da médium, frequentemente fraudulenta, Eusapia Palladino; e é uma faculdade de modo nenhum invulgar no que se costumava chamar atividades "psíquicas".

Podemos perguntar, então, o que acontece quando uma jovem mulher de estrutura esguia desafia um homem forte a carregá-la — e o homem acha impossível levantá-la? Quem foi alterado? — a jovem mulher (ao tornar-se subitamente mais pesada)? — ou o homem forte (ao tornar-se subitamente mais fraco)? Estas não são de modo nenhum as mesmas perguntas: o "peso" acrescido da jovem mulher envolve considerações de atração gravítica; a diminuição do poder muscular do homem envolve uma série de outras considerações, todas elas de natureza física.

Mas, acima de tudo, este fenómeno de peso variável, aparentemente controlado pela vontade humana, deve colocar todo o problema do peso — isto é, da atração gravítica — em questão. Se, "por meio do pensamento", a

jovem mulher conseguia adicionar uma boa quantidade de libras ao seu peso — ao seu peso aparente —, será que todo o peso é, no fundo, redutível a um fator mental, em vez de físico? Que a chamada "força gravítica" é um atributo da consciência, e não do pleno? Que não é uma qualidade inerente à matéria (ou, mais precisamente, à massa), mas concedida à massa pela consciência profundamente subliminar da entidade que, para as suas próprias necessidades, deseja ser "atraída"? Por outras palavras, permanecemos na Terra porque precisamos de permanecer na Terra; somos capazes de desafiar a enorme força centrífuga da Terra em rotação, não por qualquer "force gravítica" da Terra, que só nos conseguiria impedir de voar para fora da superfície terrestre à custa de nos

esmagar completamente contra o seu solo, mas por um esforço da vontade subconsciente.

É quando esta vontade se torna uma faculdade consciente, quando aprendemos a controlá-la, que a levitação se torna possível — como nos casos bem relatados e mais do que adequadamente testemunhados de Apolónio de Tiana, São José de Copertino, Daniel Dunglass Home, e tantos outros.

As crianças têm um jogo que lhes permite demonstrar como é possível controlar o peso do corpo — ou moderar a "força gravítica"; conforme a expressão que se preferir. Há alguns anos, quando o Professor Joad mantinha uma coluna de "Respostas" para o agora extinto *Weekly Dispatch*, um leitor escreveu-lhe a perguntar como era possível que cinco crianças pequenas conseguissem levantar — e com as pontas dos seus dedos mindinhos! — até um adulto pesado, desde que as ações fossem sincronizadas, não apenas umas com as outras, mas com uma respiração controlada (como por um maestro) pelo rapaz que servia de guia neste exercício "inexplicável" de esforço coordenado. O leitor descreveu o que acontecia.

A pessoa a ser levantada senta-se numa cadeira dura, de costas direitas, queixo erguido, mãos nos joelhos, pernas juntas, pés bem assentes no chão. Deve permanecer imóvel. Usando apenas as pontas dos dedos — uma ponta de dedo por criança —, as crianças tocam na pessoa sentada por baixo de cada cotovelo, por baixo de cada joelho, enquanto a quinta criança

(o "guia", o "maestro") coloca a ponta de um dedo por baixo do queixo da cabeça da pessoa sentada.

Assim que as cinco pontas dos dedos estão em posição, o "maestro", marcando o tempo, por assim dizer, com a sua mão livre, dá as ordens de respiração: "Insa-a-a-pira...; exsa-a-a-pira; inspa-a-a-ra; exsa-a-a-pira..." Agora vem a terceira ordem para "inspirar", mas desta vez a ordem para "expirar" vem com uma diferença. O maestro, ao dizer "Exspira!", ergue a sua mão livre num gesto amplo para cima — e todas as pontas dos dedos sobem também, carregando o adulto pesado com elas. Para aqueles que veem a pessoa sentada planar nas alturas na ponta dos seus dedos, parece que a pessoa sentada não pesa nada. Tão alto quanto os pequenos braços conseguem alcançar, a pessoa sentada sobe — e depois, após ter sido mantida, em aparente ausência de peso, por um momento ou

dois, o maestro dá a ordem: "Agora... su-a-a-vemente... para baixo." Cinco crianças pequenas, com as pontas dos dedos, levantaram um ser humano que pesava, digamos, 150 libras, uns bons três pés.

"Como é que isso é feito?", perguntou o leitor a Joad.

O Professor Joad não conseguiu explicar por que razão cinco rapazes pequenos conseguem levantar um homem adulto sentado, e tampouco, quanto a isso, o consigo eu. Mas deve notar-se que conseguíamos fazê-lo — e não invocávamos, tanto quanto me lembro, a explicação "altamente prática" da "divisão do peso". Talvez, por mais jovens que fôssemos, conseguíssemos detetar imediatamente a falácia inerente a essa "teoria". O peso de 150 libras de um homem sentado, dividido por cinco rapazes, resulta em 30 libras por rapaz — e qual de nós conseguiria levantar 30 libras com a ponta de um dedo mindinho? Éramos todos rapazes do campo; sabíamos — sabíamos desde os nossos primeiros anos — quanto pesava um saco de batatas de 30 libras. Aquele não era o tipo de peso que se levantasse com a ponta de um dedo.

E depois há Nijinsky — o grande Nijinsky —, que eu vi em Londres quando o meu pai e o meu tio me levaram a ver o bailarino russo, por, como disse o meu tio, "uma razão muito especial".

O meu tio foi extremamente misterioso durante o nosso jantar antes do teatro. "Não ligues aos outros", disse o Tio Percy, com autoridade; "há centenas tão bons como eles — são apenas bailarinos, a fazer a sua parte. Mas", disse o Tio, cravando em mim um olho azul que tinha aprendido o seu ofício a subjugar nativos, "concentra-te bem neste sujeito, o Nijinsky. Trataré de te perguntar depois", disse o Tio, em tom ameaçador, "por isso mantém os olhos bem abertos e vê o que o George e eu te trouxemos para ver."

"Mas o que devo procurar, Tio?", perguntei.

O Tio Percy decidiu explicar um pouco mais. "Não é exatamente o salto que eu quero que watches com atenção — o que eu quero que watches não é como ele sobe, mas como ele desce. Vais ver..."

"Bem", disse o Tio depois, "vejo que percebeste o que eu queria dizer. É extraordinário, não é? A primeira vez que o vi, pensei que os meus olhos me tinham enganado; mas já o vi demasiadas

vezes agora para saber que não estava enganado daquela primeira vez. Mas fico contente por outras pessoas também o terem visto..."

"Dezenas de outras", disse o Pai.

E eu tinha-o visto. Naturalmente, as insistências para manter os olhos bem abertos, para estar atento a algo invulgar, para não perder "algo de absolutamente extraordinário", tinham obviamente aguçado a minha atenção juvenil. Pois não era enquanto Nijinsky saltava que se via a esquisitice — ele era tão obviamente um homem forte que os saltos "super-humanos" mal espantavam. Era enquanto ele descia — "como uma gaivota a aterrar", disse o Tio — que se via a estranheza: apenas em sonhos se poderia ter percebido a possibilidade de controlar a própria queda. Para cima o russo tinha saltado — para cima e bem longe ao comprido; e depois o abrandamento, para cair tão levemente como uma folha ou a penugem de um cardo. A história tinha corrido — e os dois crentes tinham ido ver o milagre.

Não sei agora se tinha ido ou não ver Nijinsky num espírito de aceitação acrítica. Sei que o vi dançar, mas de uma forma apenas possível

para quem conseguisse levitar. Nijinsky, o "louco", tinha aprendido a controlar a "atração gravítica".

Todas as biografias e artigos biográficos que foram escritos sobre Nijinsky ou Diaghileff ou, na verdade, sobre qualquer pessoa envolvida com o Ballet Russo nos dias do seu maior esplendor, mencionaram esta aparente capacidade de Nijinsky para fazer aquilo que desde então aprendi que se chama "o salto lento". Sei que o vi flutuar para baixo — controlar e retardar a velocidade da descida. Mas, como a maioria das outras pessoas com memórias que se estendem até à mais tenra infância, às vezes duvidei daquilo que julgava lembrar-me que tinha visto. Terei realmente visto, como tanto o meu pai como o meu tio disseram que viram, Nijinsky — as palavras do Tio aqui — "subir como um foguete; descer como a penugem de um cardo"?

Quando cheguei a escrever este livro, e me lembrei de Nijinsky, comecei a fazer indagações sobre esta capacidade de "controlar a gravidade". Apresento as minhas conclusões aqui.

Antes da última guerra, um acrobata francês costumava percorrer as feiras e circos de Inglaterra. Ainda aguardo o seu nome, mas vários dos meus amigos viram-no executar o "salto lento" — e outro praticante, muito anterior, desta arte invulgar foi aquele "saltador lento" que se exibia em espetáculos secundários em Inglaterra já em 1776, e que é mencionado em *The Romance of Magic*, por "Old Man o' the Mow" — um livro que há muito está esgotado.

Mas que o "truque" de Nijinsky não é único, podemos agora afirmá-lo com confiança. O "salto lento" é uma das artes secretas do camponês; parte daquele corpo "clandestino" de conhecimento que é a herança do homem do campo, e já não do habitante da cidade. Pertencente a esse corpo de conhecimento estava o facto, conhecido por todos os que viviam no campo (como era o meu caso), de que até a hemorragia mais grave pode ser estancada pela aplicação da teia de aranha "de pano".

Foi este facto, conhecido, como digo, por todos os camponeses, mas desconhecido dos médicos da corte do Czar, que permitiu ao camponês Rasputine estancar as hemorragias do filho e herdeiro hemofílico do Czar,

e assim ganhar ascendência sobre a família Imperial. Utilizando outra parte do saber camponês, Nijinsky contribuiu com "algo de único" para o ballet...

No vasto espetro de fenómenos, em que cada manifestação de luz e calor foi vista e registada, pressente-se a ação daquilo que se pode comparar a um reóstato — um mecanismo que permite à Força X (como lhe podemos chamar por momentos) operar desde o seu aspeto mais brando e menos prejudicial, até à totalidade do dano.

Se analisarmos as manifestações, as operações — se preferir — da Força X, encontramos um padrão deste tipo:

CALOR

Inofensivo	Chamados à casa da Sra. Mabel Metcalf, de Alstead, New Hampshire, a 23 de julho de 1961, os bombeiros descobriram que as paredes estavam "quase em brasa". Tinha havido uma violenta trovoada. Na casa dos Metcalf não havia fogo, fumo ou curto-circuito. Simplesmente o calor não ígneo das paredes "em brasa".
Inofensivo para Humanos	Uma "lufada infernal" atingiu várias cidades portuguesas na madrugada de 6 de julho de 1949. Durando apenas cerca de dois minutos, a temperatura elevou-se, durante a "lufada de calor", de uns normais 100°F para 158°F. Nenhuma pessoa ficou ferida, mas milhares de galinhas e patos morreram, enquanto a secagem do Rio Mondego sob o calor intenso matou milhões de peixes, que arquejavam as suas vidas na lama.

LUZ

Inofensivo	Luzes de cor mutável, de branco a âmbar, a rosa, a amarelo, no campanário da Igreja Católica de São José, em Jersey City, New Jersey, na primavera de 1954, regressando após uma manifestação semelhante exatamente trinta anos antes.
Inofensivo para Humanos	O relato de Flammarion sobre uma bola de fogo em Marselha, 1898. A bola entrou numa sala, aproximou-se de uma jovem sentada à mesa, circulou à sua volta, rompeu o papel colado sobre o buraco no teto (local de um antigo tubo de fogão) e explodiu violentamente ao atingir o ar exterior. "Entrou como um cordeiro, saiu como um leão", comentou Flammarion.

CALOR

Prejudicial	O "ciclone de fogo" de domingo, 8 de outubro de 1871, que atingiu Peshtigo, Wisconsin, matando mais de metade dos 2.000 habitantes da cidade e destruindo todos os seus edifícios — cerca de 400.

LUZ

Prejudicial	Tucumcari, New Mexico, 13 de dezembro de 1951: uma "bola de fogo" atingiu um reservatório de água de 750.000 galões, colapsando o reservatório, destruindo vinte edifícios e matando quatro pessoas.

FOGO (como distinto do anterior)

Inofensivo	Santa Bernadette (de Lourdes) conseguia segurar as suas mãos nas chamas por vários minutos sem qualquer dano para as mesmas. Ver também muitos outros casos de "salamandras humanas" citados neste livro.

Prejudicial — moderadamente	O Sr. "H." (James Hamilton) da Universidade de Nashville. (Ver página 69.)
Prejudicial — para a pessoa através do vestuário	O vestido da Menina Phyllis Newcombe pegou fogo num baile em Chelmsford; ela, de vinte e dois anos, morreu queimada. (Ver página 92.)
Prejudicial — para a pessoa mas não para o vestuário	Billy Thomas Peterson, de vinte e sete anos, encontrado gravemente queimado no seu carro em Pontiac, Michigan, a 13 de dezembro de 1959, após ter cometido suicídio com CO. (Ver página 74.)
Prejudicial — para a pessoa e para o vestuário	A Sra. Mary Reeser, 1 de julho de 1951, em St. Petersburg, Flórida. (Ver página 120.)
Fatal — com destruição total	Talvez todos ou a maioria dos casos de "desaparecimento".

Em cada uma das classificações listadas acima existem graus de "brandura", graus de "intensidade". A morte da Condessa von Görlitz envolveu algum queimar do mobiliário adjacente. A morte da Sra. Mary Reeser consumiu todo o mobiliário em proximidade imediata ao corpo, salvando-se apenas as partes metálicas. No caso da Sra. Rooney, onde o consumo do corpo foi tão total como no caso da Sra. Reeser, o cadáver abriu caminho ao arder através das tábuas do soalho. No caso da "viúva esguia de sessenta e nove anos", relatado pelo Dr. Gavin Thurston, o mobiliário nem sequer ficou chamuscado.

Podemos subdividir ainda mais a classificação. Por exemplo, poderíamos classificar pela presença ou ausência de fumo, pela presença ou ausência de odor, pela presença ou ausência de som normal ou anormal (notando que raramente foi ouvido um grito). No caso da Condessa di Baridi houve um fumo espesso com um cheiro fétido; no caso da Sra. Reeser, fumo espesso sem qualquer odor detetável. Em nenhum dos casos foi ouvido qualquer clamor por criados ou vizinhos.

Quando Justus von Liebig deplorou o facto de não estarem disponíveis indícios "anteriores", limitou-se a constatar aquilo que os investigadores

têm vindo a ecoar há mais de um século. Mesmo os inquéritos mais cuidadosos falham em notar aquilo que é — o que deve ser — indício contributivo de um tipo essencial: um *poltergeist* (para lhe dar um nome) ateia fogo aos papéis dentro de uma gaveta trancada, de um cofre trancado.

Alguns têm opiniões, outros não: temos as opiniões e as não-opiniões (em detalhe) registadas. Mas o que nunca temos — e o Padre Herbert Thurston, SJ, fala de um caso clássico que aconteceu em Bombaim — é uma descrição dos papéis dentro das gavetas trancadas, dos cofres trancados.

Que papéis eram estes? Seriam perigosos para o possuidor? — cartas de amor ilícitas, documentos roubados, mandados judiciais, exigências de chantagem? Sente-se que o facto de terem sido guardados à chave os revela como papéis de modo nenhum comuns. Será que a sua existência assombrava a mente do seu possuidor, de tal modo que foi uma energia gerada pela ansiedade, manifestando-se como calor incinerador ou chama, e não algum *poltergeist* encarnado, que destruiu os odiados papéis?

Há uma breve passagem no livro de Colin Wilson, *The Occult: A History*, a qual, embora não se debruce sobre o fenómeno do incêndio de papéis guardados à chave por ação de um *poltergeist*, contém uma frase tão relevante para o meu tema que gostaria de a citar aqui. Coloquei em itálico a frase mais significativa.

Os comentários de Reich sobre a excitação sexual levantam um ponto de importância vital... A excitação sexual ocorre em duas partes: uma parte mental, onde a imaginação é importante; e uma parte física, onde o corpo assume o controlo e explode num clímax físico. Nós tomamos isto como garantido; mas é quase único no reino da experiência humana. Se eu for comovido por uma peça de música, ou pelos aromas de uma manhã de primavera, a minha excitação "imaginativa" aumenta, depois retrocede, sem qualquer contrapartida física. Esta parte imaginativa é "intencional": isto é, um ruído repentino pode quebrar a minha concentração e arruinar a coisa por completo.

O adolescente que experiencia um orgasmo pela primeira vez reconhece a natureza surpreendente do acontecimento. É quase tão estranho como se lhe crescessem asas e voasse. O que antes tinha sido em grande

parte uma excitação mental "intencional" irrompeu pelos reinos do físico. E isto em si parece espantoso; pois, afinal de contas, o corpo apanha constipações, fica com fome, sente fadiga, sem pedir permissão à minha mente.

Quantas outras coisas faz também o corpo, sem pedir permissão à mente humana? — pancadas nas paredes, arremessar móveis e pequenos objetos de um lado para o outro, beliscar e aferroar pessoas (e neste aspeto vitalmente importante do fenómeno *poltergeist*, nem mesmo o meticuloso Harry Price nos disse alguma vez que tipo de pessoas pareciam ser em relação ao presumível foco adolescente dos fenómenos), pôr cães a uivar? E se dentro da tabela de fenómenos *poltergeist* pudermos incluir expressões tão ardentes do seu poder como o queimar do vestido da Sra. Williamson, o queimar das calças do Sr. Williamson e, depois, o queimar "individual" de vários pequenos objetos pela casa, não poderemos incluir esses incêndios obviamente intencionais (ainda que apenas subconscientemente intencionais) de papéis odiados ou temidos numa gaveta trancada?

Recorda-se a história difundida em janeiro de 1952 pelas linhas da Associated Press e da United Press, sobre uns acontecimentos muito estranhos em Louisville, no Kentucky, na casa do Sr. Henry Thacker e da sua família. Objetos desafiavam a gravidade ao voar e flutuar no ar. Multidões fervilhavam em redor da casa. Cientistas da Universidade de Louisville e da Universidade do Kentucky juntaram-se aos curiosos que observavam. A Sra. Thacker foi citada: "Isto é simplesmente inacreditável para nós. Às vezes, apenas alguns pequenos objetos se movem, mas noutras ocasiões é como uma chuvada com coisas a voar por cima da nossa cabeça."

Dois funcionários do condado juraram ter visto um alfinete, caricas de garrafas e postais de Natal moverem-se misteriosamente de uma sala para outra. Os patrulheiros Jack Fischer e Russell McDaniels relataram que observaram objetos a flutuar, incluindo latas e facas.

Neste caso, como em tantos outros de tipo semelhante, havia uma menina — Joyce, de onze anos — e, novamente, como em tantos outros casos de fenómenos *poltergeist* supostamente desencadeados pela presença de uma criança adolescente (geralmente do sexo feminino), Joyce era uma

infeliz filha adotiva, colocada na casa dos Thacker, com as suas duas irmãs, pelo Jefferson County Children's Home, de quem

tinham sido feitas pupilas. "A mãe estava a morrer de cancro. Ela encontrava-se numa casa estranha durante a época natalícia."*

Na minha opinião, este caso é invulgar e, proporcionalmente, importante pelo facto de tanto a criança como os não nomeados "polícias investigadores" serem "sensitivos". Um desses polícias investigadores associou a presença da menina de onze anos aos fenómenos. Ainda mais invulgar foi não tanto a confissão extraída da criança — estas "confissões" aparecem regularmente no registo — mas a natureza da própria "confissão". Sob pressão, a criança (geralmente adolescente), acusada de ter "atirado coisas", "posto fogo a coisas", e assim por diante, "confessa". O valor da "confissão", que ignora a impossibilidade de o culpado ter sido capaz de fazer as coisas de que é acusado, é que permite (como Fort notou há muito tempo) que o processo seja arquivado e que a polícia passe a outros assuntos.

Poder-se-á perguntar: mas não estarão a polícia e outros investigadores no caminho certo, de qualquer forma, quando atribuem a culpa a uma criança adolescente? (É errado da parte deles culpar a criança — mas não estarão no caminho certo ao assumir alguma relação entre a criança e os fenómenos *poltergeist*?)

No entanto, neste caso, a "confissão" de Joyce aventurou-se de forma interessante fora do "tradicional". Era, pela natureza das coisas, exigido à pequena Joyce que desse uma explicação "lógica, racional" dos acontecimentos na casa dos Thacker, para que esta "explicação" pudesse qualificar-se como a verdade pelo simples facto de ser escrita, por um funcionário, no registo oficial. Muito bem. Joyce deveras "confessou" — que tinha atirado coisas de um lado para o outro... os "investigadores" ignorando o facto de que essas "coisas" tinham sido "atiradas de um lado para o outro" de tal maneira que multidões, incluindo membros das duas universidades vizinhas, tinham vindo para as ver flutuar no ar acima da casa. Conseguiram a sua "confissão", mas não, pressente-se, na forma em que a teriam preferido.

** Vincent H. Gaddis, op. cit., de quem este relato é retirado.*

Não foi propriamente que Joyce, tendo tomado a decisão de dar aos seus interrogadores o que eles pediam, tivesse negado a dura acusação de "cumplicidade"; foi antes que recusou a admissão plena de culpa. Pois Joyce esquivou-se — e a sua meia-confissão afasta-a daquelas vítimas da pressão dos adultos que "confessam" na totalidade. Pois o que ela disse foi isto: "Não atirei todas aquelas coisas", e depois, talvez tão baralhada pelos estranhos fenómenos como os cientistas assistentes das universidades de Louisville e do Kentucky tinham estado, Joyce aventurou-se com a sua própria "explicação": "As pessoas simplesmente imaginaram algumas delas..."

Existe — deve existir — alguma ligação semântica, ainda que profunda no seio da consciência humana, entre o conceito de "liberdade" e o conceito de "fogo". A velha frase, querida dos romancistas mais românticos, "ela ardia por ser livre", é expressa em palavras que interpretam literalmente a perceção humana dos seus próprios valores básicos.

Gaddis tem razão quando diz que "os fogos de *poltergeist* estão tão claramente relacionados com os agentes que não é necessário esbofetear — figurativamente — as meninas para obter confissões." Mas ele poderia ter notado que tais agentes "óbvios" parecem pertencer sempre a um tipo — o qual, naturalmente, é a razão pela qual são agentes, e agentes óbvios ainda por cima. Estão todos "perdidos" — temporária ou permanentemente. Estão perdidos no horror emocional de deparar com as transformações físicas e psíquicas da adolescência sem o aconchego de um aviso compassivo contra, e de uma explicação de, tais transformações. Coisas estranhas e aterrorizadoras acontecem na puberdade aos corpos de rapazes e raparigas e, embora nas gerações recentes não tenha sido costume explicar estas transformações — sendo o costume deixar as crianças suar o seu terror em pesadelos e ocultações furtivas —, contudo, os sinais alarmantes da puberdade eram mais facilmente suportados num lar em que, embora não ajudando com explicações, os pais eram pelo menos familiares — e geralmente bondosos.

Jennie Bramwell, de catorze anos, era uma órfã do tipo peculiarmente "perdido": doente bem como adolescente, e com uma doença dolorosa

cujos efeitos mais memoráveis atuam sobre a consciência. Jennie contraiu meningite depois de o Sr. e a Sra.

Robert Dawson, de Thorah Island, Beaverton, no Ontário, a terem tirado do Orfanato de Belleville. A meningite afeta o cérebro direta e indiretamente — e as suas sequelas perturbadoras incluem um estado de sonolência semelhante ao transe. Num destes estados semelhantes ao transe, Jennie apontou subitamente para o teto por cima da sua cama e gritou: "Olhem para aquilo!" O teto estava a arder.

Regado com água de um balde trazido pela Sra. Dawson, a este primeiro fogo seguiram-se várias centenas de outros. O telhado inflamava-se, as paredes inflamavam-se. "Enquanto um fogo ardia numa extremidade da estrutura, um quadro na parede na extremidade oposta inflamava-se e era consumido diante dos olhos das testemunhas." Quase nada na casa escapou; o fogo brotava do papel de parede, de toalhas, de troncos de madeira, de frisos de madeira, de móveis. A dada altura, ocorreram cinquenta fogos, grandes e pequenos, num só dia. E, ao contrário dos fogos que a filha do Sr. e da Sra. Williamson "causava", os fogos que Jennie Bramwell iniciava eram suficientemente reais para ferir seres humanos: a Sra. Dawson, ao tentar apagar um fogo, ficou gravemente queimada.*

Não foram apenas os seres humanos na casa dos Dawson que se feriram, mas o gato de estimação também. Enquanto o irmão da Sra. Dawson estava sentado numa cadeira, com o gato no chão diante de si, o animal começou subitamente a arder e, berrando como só os gatos sabem, fugiu para a rua — uma vez lá fora, porém, ficou livre das chamas.† Notou-se que objetos em chamas, levados para o exterior, paravam imediatamente de arder. O que poderia ter acontecido ao gato se tivesse permanecido dentro de casa, obviamente ninguém pode dizer, mas, ao precipitar-se para fora da casa, aparentemente salvou a vida — apenas o seu pelo ficou chamuscado.

Não há dois casos de atividade *poltergeist* exatamente iguais. No caso da Órfã Jennie, uma das características mais marcantes (e perturbadoras) foi o calor intenso que se fazia notar — como distinto do fogo generalizado. Os fogos pareciam aos desventurados Dawson ser mais quentes do que os fogos costumam ser; se uma parede com painéis de

madeira pegasse fogo, a madeira ficava instantaneamente carbonizada até à profundidade de meia polegada, e o outro lado da parede ficava demasiado quente para se lhe tocar. Claro que era a Jennie. Quando a mandaram de volta para o orfanato, a casa dos Dawson não sofreu mais.

** Um relato detalhado dos acontecimentos extraordinários na casa dos Dawson em 1891 encontra-se em Exploring the Supernatural, por R. S. Lambert; Toronto: McClelland & Stewart Ltd, 1955.*

† O gato a arder na casa dos Dawson não contradiz a minha afirmação (ver página 172) de que não tenho registo de nenhum animal que se tenha tornado vítima de combustão espontânea. De momento, conforme distingo entre a inflamação que é espontânea e a que é induzida, o gato dos Dawson insere-se nesta última categoria.

As raparigas, mais do que os rapazes, são os "motores principais" nas manifestações de *poltergeist*; mas os rapazes, cuja puberdade é também acompanhada por transformações físicas angustiantes, podem perturbar, no seu terror, o equilíbrio cósmico. Willie Brough, de doze anos, de Turlock, na Califórnia, tinha o olhar de basilisco: conseguia atear fogo a objetos apenas por olhar para eles. Acusando-o de estar possuído pelo demónio, os pais expulsaram-no e um agricultor, com pena do rapaz, acolheu-o, deu-lhe um lar e mandou-o para a escola. Willie obviamente não gostava da escola. "No primeiro dia", relatou o *San Francisco Bulletin*, a 14 de outubro de 1886, "houve cinco fogos na escola: um no centro do teto, um na secretária da professora, um no seu armário e dois na parede. O rapaz descobriu-os todos e chorou de susto. Os membros da direção reuniram-se e expulsaram-no nessa mesma noite."

Embora seja agora crença comum, entre os estudiosos do paranormal, que um *poltergeist* não é uma entidade separada — um "espírito turbulento" independente e de livre ação —, mas sim, como o Dr. Fodor tão nitidamente expressou, "um feixe de... recalcamentos", projetado pelo recalcado (geralmente adolescente), a identificação do "culpado" foi sempre tornada mais difícil pela presença, vezes demais, de tantos candidatos à "culpa". Pois é em famílias com vários filhos que as atividades de *poltergeist* mais vivas (e não raro as mais maliciosas) são vistas. Este é especialmente o caso quando as atividades de *poltergeist* envolvem calor ou fogo.

Quem, por exemplo, é o foco da atividade *poltergeist* numa das mais recentes manifestações de *poltergeist*: a da família van Reenan, com o Sr. e a Sra. van Reenan e os seus oito

filhos? O caso, relatado no *The National Enquirer* (Nova Iorque) de 4 de novembro de 1975, desafia a atribuição da "culpa" a qualquer pessoa em particular.

Como relatado no *The National Enquirer*, os van Reenan tiveram de se mudar da sua casa em Plettenberg Bay, na África do Sul, por causa de uma "perseguição ígnea" que envolveu nada menos do que cem fogos em cerca de três meses após o primeiro eclodir a 5 de maio de 1975. Dificilmente havia um objeto de uso doméstico — tapetes, brinquedos, cortinas, cadeiras, camas — que não irrompesse subitamente em chamas, "colocando-nos", disse a Sra. van Reenan, compreensivelmente, "em contínuo terror".

"As nossas duas bíblias de família começaram a mostrar marcas de queimadura. Foram piorando dia após dia; até que um dia ambas as bíblias pegaram fogo ao mesmo tempo."

Foi este "ataque" às bíblias — e não, pelos vistos, a centena de outros "ataques" a objetos mais seculares — que convenceu os van Reenan de que eles e a sua casa estavam sitiados por "algo maligno" — uma opinião partilhada, se não porventura originada, pelo Reverendo Jacobus van Zyl, da Igreja Metodista Africana, ele próprio testemunha de pelo menos uma dúzia de fogos a deflagrar espontaneamente no lar dos van Reenan.

O pastor não foi o único estranho a presenciar os fogos. "Aparentemente, funcionários locais da habitação e polícias também viram coisas subitamente deitar fumo e arder, e [o meu itálico] um exame forense de vários artigos conclui que nenhuns produtos químicos estavam a causar os fenómenos."

Seria absurdo protestar que um "exame forense" nunca revela a causa de tais "fogos de *poltergeist*"; por muito mal direcionados que sejam tais testes "técnicos", "científicos", é justo e adequado que sejam feitos, tão frequentemente e tão minuciosamente quanto possível, quanto mais não seja para convencer os Tomés descrentes de que "nenhuns produtos

químicos estão a causar os fenómenos", e para os conduzir a uma conclusão já alcançada pelos investigadores russos de tais fenómenos: a de que o eletroencefalógrafo e não o tubo de ensaio dará a melhor hipótese de encontrar a verdade.

Não é certamente nenhum argumento contra as famílias numerosas que, como referi acima, a presença de várias pessoas num lar torne mais difícil a identificação do "foco do *poltergeist*". Os investigadores não tiveram hipótese de fazer grande coisa quanto a essa identificação em Paris, no Kentucky, onde a casa de Charles Johnson se tornou objeto de "ataque de *poltergeist*" — por fogo. Naquela casa flagelada viviam nada menos do que treze pessoas — haverá algum significado no número? Podemos pensar que bem poderá haver, quando lemos que, em três dias de dezembro de 1958, o número de fogos (todos menores, mas cheios da ameaça de algo pior) que deflagraram "sem causa" na casa dos Johnson foi exatamente treze. Nem mais, nem menos. Apenas um por cada membro da família...

No caso dos Johnson, há uma característica invulgar pelo facto de as pessoas mais velhas terem estabelecido uma vigilância de vinte e quatro horas por dia — mas sem, obviamente, determinar a causa dos fogos, os quais se prendiam maioritariamente com as roupas de cama (um alvo favorito, como já vimos) e as roupas das crianças.

Havia menos pessoas no lar do Sr. e da Sra. George Byrnes, que viviam com a sua filha de catorze anos, Evelyn. Sente-se a explicação fácil no facto de o Sr. e a Sra. Byrnes terem sido acordados, numa manhã cedo de fevereiro de 1959, pelos gritos de Evelyn. Ela tinha ido dormir para a sala de estar, e acordou para encontrar a sua roupa de cama em chamas. Parecia que, "escorraçada" para a sala de estar, o ressentimento de Evelyn foi subconscientemente "ativado com energia" numa atividade de *poltergeist* de fogo. Uma observação interessante no relato é que Evelyn ajudou os pais a "arrastar a roupa de cama a deitar fumo para o pátio da frente." Evidentemente, aqui a força não foi suficientemente grande para fazer a roupa de cama "arder". Note-se o local: Miami, na Flórida — e ver página 99.

Relembrando a ligação que Charles Fort estabeleceu entre "estados de ansiedade" e o surgimento do Fogo, poder-se-á estar bem justificado ao ver

uma ligação entre o Fogo e o facto de os edifícios que este ataca estarem frequentemente ou subsegurados ou não segurados de todo. Na semana que começou no domingo, 9 de setembro de 1945, deflagraram "cerca de trinta" fogos na casa e nos edifícios adjacentes pertencentes à Sra. Annie Bryan, de Midland, no Arkansas. O primeiro destes aproximadamente trinta fogos — (mas nós diríamos exatamente trinta: o número de dias de setembro) — começou numa gaveta de uma mesa. Cortinas, vestuário, papel de parede, móveis: tudo ardeu — na quarta-feira dessa semana desastrosa, o celeiro da Sra. Bryan ardeu por completo. Na tarde do dia seguinte, nove objetos "irromperam em chamas, aparentemente sem causa"; e, novamente, parece haver aqui algo de numericamente significativo. A quinta-feira em que nove objetos irromperam em chamas, de entre o que seria um total de trinta fogos, foi o dia 13 de setembro. Mas há trinta dias em setembro, e o primeiro fogo (na gaveta) ocorreu a 9 de setembro. É como se algo estivesse a tentar chamar a atenção da Sra. Bryan para um facto importante.

De facto, era exatamente isso que esse algo estava a tentar fazer. A 13 de setembro — dia de azar — nove fogos. Setembro, o nono mês. Trinta dias tem setembro. Trinta fogos. Para o que estava esse algo a tentar chamar a atenção da Sra. Bryan? Para o facto de ela não ter seguro. E a natureza desse algo? O subconsciente da Sra. Bryan, desempenhando o seu papel de *poltergeist.*

A "precaução" de desligar o fornecimento de eletricidade após o eclodir de um incêndio "inexplicável" não serve para nada; o fogo deflagrará com a mesma facilidade numa casa que esteja sem fornecimento de eletricidade — numa casa na qual, como no caso dos múltiplos fogos na quinta dos Hackler em Odon, no Indiana, em 1941, nem sequer um fogo doméstico estava aceso.

O primeiro fogo deflagrou às 8 horas da manhã e foi extinto pelos bombeiros locais, os quais mal tinham regressado ao quartel quando foram apressadamente chamados de volta à quinta dos Hackler para apagar outro incêndio — desta vez, não num colchão, mas no papel colocado entre o colchão e o estrado da cama.

Mesmo descontando a natureza assumidamente errática do Fogo — quer se manifeste por ação de um *poltergeist* ou de outra forma —, o seu

comportamento na quinta dos Hackler foi distintamente invulgar. Como variante ao queimar de um corpo humano dentro das suas roupas intactas, o fogo dos Hackler inflamou o conteúdo de um livro sem queimar as capas. (E o livro estava a arder silenciosamente dentro de uma gaveta fechada.)

"Um calendário numa parede desfez-se numa rápida lufada de fumo", dizia o relatório da *The Travelers Insurance Company* de 19 de abril

> 1941. "Outro fogo começou num par de macacões pendurado numa porta. Uma colcha de cama foi reduzida a cinzas enquanto os vizinhos, de pé no quarto, olhavam maravilhados."

A reação dos Hackler a este "ataque" foi tão invulgar como alguns dos truques dos fogos: após vinte e oito incêndios terem sido debelados pelo corpo de bombeiros, os Hackler mudaram as suas camas para debaixo das árvores e, na semana seguinte, deitaram abaixo a casa e construíram uma nova com a madeira recuperada. Talvez fosse isso o que alguém no lar dos Hackler desejava fazer há muito tempo...

A Sra. Charles King, de Glendive, no Montana, entrou na sua sala de estar às 8 horas da manhã de 10 de janeiro de 1958 e viu uma cortina irromper em chamas. Ela desligou a eletricidade — e escassa meia hora mais tarde deflagrou outro fogo. O corpo de bombeiros local abafou o incêndio, que não causara grandes danos. Às 16h30, um operário que visitava a casa viu, através de uma janela, que um cesto de papéis estava a arder. Entrando na casa, atirou um balde de água sobre o fogo.

Duas raparigas adolescentes viam televisão na sala de estar — a Sra. King tinha ligado novamente o fornecimento de eletricidade — quando cheiraram fumo; uma cortina ardia num quarto de dormir. Durante a semana seguinte, apesar de George Smith, chefe do Corpo de Bombeiros de Glendive, ter ordenado a remoção de "todos os materiais nos quais a combustão espontânea pudesse possivelmente ocorrer" e ter ordenado o corte do fornecimento de eletricidade, deflagraram mais cinco fogos. Uma vez mais temos a família a passar a noite em claro — uma precaução inútil contra o *poltergeist* do fogo, como já vimos, e como os King vieram a descobrir.

No caso dos King, os alvos do ataque foram exclusivamente artigos de tecido — e o fogo demonstrou que conseguia alcançá-los onde quer que estivessem. Um de dois fogos no quarto de uma neta destruiu todo o vestuário num guarda-fatos portátil; o outro, o conteúdo de um armário embutido. Outro fogo queimou uma toalha de mesa; outro começou dentro de uma gaveta.

Não havia nada de "imaginário" nos fogos da casa dos King; a filha casada da Sra. King ficou gravemente queimada nas mãos e o marido foi submetido ao fumo. Razão nenhuma conhecida pelos membros do departamento do Comissário de Incêndios do estado pôde ser aduzida para explicar o surto — e, tão subitamente e tão inexplicavelmente como tinham começado, os fogos cessaram.

Mais uma vez temos uma "alta concentração de mulheres" — pelo menos cinco, das quais pelo menos duas eram de idade adolescente. Cortar a eletricidade e passar a noite em claro evidentemente não têm efeito sobre as intenções geradas pelo recalcamento que se manifestam na atividade *poltergeist*.

A presença de filhos adotivos é quase trivial em ataques súbitos e múltiplos de um "*poltergeist* do fogo" — certamente assim foi quando o Sr. e a Sra. Robert Dawson adotaram Jennie Bramwell (ver página 190) e assim foi quando o Sr. e a Sra. Douglas MacDonald — ele era um oficial reformado do Exército de Salvação — ainda tinham a viver com eles três das muitas crianças, rapazes e raparigas, que eles, não tendo filhos próprios, tinham passado uma vida inteira a adotar e a criar.

Mas note-se que os três filhos adotivos restantes — Sheila e Marie, ambas com vinte e cinco anos, e Betty, com vinte e um — eram todas raparigas; e, de forma invulgar em tais casos, estavam todas "oficialmente" acima da idade da puberdade.

O padrão do ataque de fogo na casa dos MacDonald em Glace Bay, na Nova Escócia, que começou num quarto do andar de cima na tarde de 16 de abril de 1963, seguiu aquele que se tornou agora "clássico" — até no facto de o fogo começar pelas cortinas, e incluindo o pormenor de a corrente elétrica — porque o fogo poderia ter sido causado por um curto-circuito — ter sido cortada.

Os danos causados foram extensos, mas não o suficiente, pelos vistos, para satisfazer as ambições do "*poltergeist*" — o segundo fogo ocorreu quando a Sra. MacDonald estava na casa a falar com o perito da companhia de seguros. Fogo sucedeu a fogo — todos exibindo o padrão de tais visitações: papel a inflamar-se em caixas e gavetas e armários; roupas e cortinas a pegar fogo onde quer que estivessem. Os fogos deflagravam enquanto os vizinhos, atraídos pela curiosidade, se encontravam dentro de casa. Ninguém sabia dizer por que razão os fogos tinham chegado em primeiro lugar — tal como nunca foi explicado por que razão os fogos cessaram tão subitamente.

Poderá ter significado o facto de a casa dos MacDonald estar seriamente subsegurada — ter-se-ia este facto alguma vez discutido na família, com a explicação expressa ou implícita para o subseguro de que a necessidade dos MacDonald de sustentar tantos fizera com que lhes fosse impossível suportar a cobertura total de um seguro? E, se assim foi, terá essa observação ou implicação sido vista como uma censura a uma ou a todas as três filhas adotivas — e ressentida em conformidade?

Uma mulher figura, também — e uma mulher doente, ainda por cima — num dos casos mais extraordinários de *poltergeistismus* de fogo de que há registo; o local: o novo Dominion Golf and Country Club, nos arredores de Windsor, no Ontário; a hora: uma hora da manhã, quando um cliente saiu a gritar do lavabo dos homens: "Ei! — um pedaço de papel ali dentro acabou de pegar fogo sem razão nenhuma!"

Aquele grito quase histérico haveria de marcar o início do que, para o Sr. Nicholas White, que possuía e geria o clube, foi um reinado de terror ígneo. Mais uma vez — especialmente quando o elemento feminino parecia ser dominante —, o Fogo concentrou o seu ataque no tecido; mas desta vez com diferenças muito distintivas. Enquanto o Sr. White corria para o lavabo, o grito de alarme de um empregado chamou a atenção para o facto de uma toalha de mesa ter irrompido em chamas; num minuto ou dois, todas as toalhas de mesa estavam — bem, não exatamente a arder (embora isso já fosse suficientemente alarmante) mas cobertas de "pequenas chamas azuis dançarinas", como o Fogo de Sant'Elmo. Jarros de água, estranhamente, apagavam as chamas nas toalhas de mesa — a água

geralmente tem um efeito bastante oposto quando lançada sobre chamas deste tipo anormal.

Mas agora o "*poltergeist* do fogo" estava ocupado na cozinha: todas as toalhas no cabide arderam. O Sr. White correu para o seu escritório para telefonar aos bombeiros. Abriu uma gaveta para tirar a lista telefónica, mas, ao abri-la, as chamas irromperam. A telefonista conseguiu o número para o transtornado proprietário do clube.

Subitamente, a Sra. White, doente como estava — tinha estado deitada na cama —, encontrava-se, a gritar, no topo das escadas; as chamas azuis "dançarinas" tinham alcançado as cortinas no seu quarto de dormir — e brincavam pelas cortinas e outras coisas em sete dos dez quartos de dormir. Altura em que os bombeiros apareceram, o Sr. White e o seu pessoal já tinham extinto nada menos do que quarenta e três fogos. Na manhã seguinte, o Chefe de Bombeiros chegou com um investigador de seguros e James S. Pooler, um repórter do *Detroit Free Press* (um jornal que mais tarde publicaria a história ainda mais surpreendente de Billy Thomas Peterson, "carbonizado até ficar esturricado" dentro das suas roupas intactas).

O pessoal do clube estava nas limpezas, e um dos empregados de limpeza encostou a sua vassoura a uma mesa a alguns pés de onde o incrédulo Chefe de Bombeiros e o homem dos seguros ouviam o relato improvável da "peste do fogo".

"Quer dizer-me", disse o investigador de forma incrédula ao Sr. White, "que várias coisas simplesmente irrompem em chamas? Por exemplo: como aquela vassoura ali?" Pooler, o repórter, é testemunha do que aconteceu a seguir. O homem dos seguros saltou da cadeira, gritando: "Apaguem aquela vassoura! Está a arder!" — e assim, de forma bastante complacente, a vassoura estava.

Em todos esses ataques de fogo, há sempre pelo menos um pormenor que o distingue de todos os outros ataques de tipo semelhante. O ataque aos White é único na medida em que um estranho — e um estranho incrédulo ainda por cima — tinha, aparentemente, algum controlo ele próprio sobre as "chamas azuis dançarinas". O foco da atividade *poltergeist* era quase certamente a Sra. White, que estava doente (e, portanto, mesmo que apenas

temporariamente, infeliz). Mas teria o homem dos seguros — a testemunha ocasional cuja observação impensadamente faceta gerou na verdade mais um fogo, desta vez na vassoura — algum recalcamento próprio para libertar? Ter-se-ia ele envolvido pessoalmente na viva atividade *poltergeist* simplesmente por se encontrar num ambiente *poltergeist* ativo?

Esta introdução acidental de um outro elemento no padrão existente traz à mente uma morte misteriosa em Walker, um subúrbio de Newcastle-on-Tyne, em Inglaterra, a 23 de agosto de 1974, e relatada no *Daily Mirror* de Londres no dia seguinte. Thomas Watt morreu num incêndio em sua casa; mas não fora o fogo que o matara. O fogo tinha-o atacado, por assim dizer, obliquamente — tal como, poderíamos dizer, a atividade *poltergeist* gerada pela doença e consequente depressão da Sra. White fora desviada para incluir as emoções do perito de seguros. Pois o Sr. Watt foi morto pela explosão de duas latas de aerossol, que rebentaram devido ao calor de um fogo lento — e, ao rebentar, causaram um incêndio muito mais extenso e destruidor. Não havia mistério sobre a morte do Sr. Watt — a explosão das latas de aerossol causara-a; o que era misterioso era o calor que fizera explodir as latas; não havia explicação "lógica" (o que, no jargão dos "investigadores", geralmente significa "aceitável para o público impensando"). Aqui pareceria que o Fogo atacara em duas fases: matando o Sr. Watt, não diretamente pelo calor, mas por uma explosão causada pelo calor — e depois "acabando com ele" pelo tipo de Fogo habitual em tais casos.

Há um facto no âmbito dos fenómenos da atividade *poltergeist* que deveria ser notado. Pode não ter significado; a sua ligação com a chama "aberrante" pode ser coincidência, fortuita. No entanto, sinto que a sua presença no registo deve ser anotada — o seu significado, a existir, poderá ser aparente mais tarde. Refiro-me à incidência de cancro em vários casos que envolvem os vários aspetos de luz/calor, desde a luminosidade inofensiva até ao fogo ativamente destruidor.

O cancro não é uma doença em si, mas sim a súbita retirada de controlo do crescimento celular. Claramente, o cancro é a causa de doença; mas simplesmente porque não há espaço no organismo humano totalmente desenvolvido para acomodar o crescimento excedentário. Entre o desenvolvimento e o crescimento de um embrião humano e os de um

cancro, existem analogias impressionantes; a diferença fundamental entre os dois crescimentos — ambos, por qualquer definição da palavra, parasitários dentro do corpo hospedeiro — é que o crescimento embrionário é reprodutor do género; o cancro é reprodutor apenas de si próprio e, portanto, estéril e, tanto quanto se sabe atualmente, inútil. Contudo, as analogias são claramente visíveis no plano físico; no parafísico, as analogias podem ser ainda mais marcadas e ainda mais numerosas.

A paciente feminina com cancro relatada em *Anomalies and Curiosities of Medicine* (ver página 160) era tão luminosa que um relógio podia ser lido à sua luz radiante. A mãe de Joyce Thacker estava a morrer de cancro enquanto a miséria de Joyce encontrava a sua expressão parafísica na modificação da "força gravítica". Billy Thomas Peterson (ver página 74) cometeu suicídio porque acreditava que o seu grave problema renal era cancerígeno — como quase certamente era, apesar da sua relativa juventude.

A história mais estranha que envolve a ligação do cancro com o calor/fogo é a do Sr. Thomas Young, um agricultor de Dukedom, no Tennessee. A história foi contada na revista *Fate*, na edição de fevereiro de 1955, pelo Sr. H. M. Cantrell, um homem de negócios de Nashville, no Tennessee.

O Sr. Cantrell visitou a quinta do Sr. Young em outubro de 1932. O visitante notou que o agricultor tinha sofrido graves desfigurações: "tinha a cara severamente marcada por cicatrizes e parte da sua mandíbula inferior desaparecera." Apesar destes ferimentos, o Sr. Young parecia bem-disposto — "completamente alheio ao facto de ter um aspeto invulgar."

O Sr. Cantrell perguntou ao Sr. Young o que causara as desfigurações.

"Bem, senhor, no passado mês de junho eu estava quase a morrer de cancro. Estava tão fraco que não fazia outra coisa senão estar deitado na cama ou numa cama de rede lá fora, debaixo das árvores. Um dia estava na cama de rede quando veio uma tempestade de repente, e depois um relâmpago atingiu uma das árvores. O raio desceu pelos arames da cama de rede e eu fui quase morto. O choque atordoou-me e até arrancou as solas dos meus sapatos. Poucos dias depois senti-me muito melhor. Depois notei

que as feridas do cancro tinham um aspeto diferente. Começaram a sarar e, senhor, fiquei bom. Foi certamente obra do Senhor."

O Sr. Cantrell ficou tão impressionado com esta estranha história que visitou o Dr. J. E. Taylor, o médico que tinha assistido o agricultor. Perguntado pelo Sr. Cantrell se a história era verdadeira, o clínico respondeu:

"Sem dúvida alguma que era cancro. O velho estava a ficar cada vez mais fraco, mas agora está aparentemente curado. Nunca tinha sido capaz de curar um paciente em fases tão avançadas como as que ele tinha atingido, por isso creio que teremos de acreditar que o relâmpago o fez."

Há uma outra ligação entre o cancro e (se não exatamente o fogo, então) um produto combustível. Em alguns casos de carcinoma do estômago e dos intestinos, o metano é gerado internamente. O metano (CH_4), primeiro hidrocarboneto da série das parafinas, é um gás inodoro, invisível, altamente inflamável que, misturado com o ar, forma um vapor explosivo. O metano, conhecido coloquialmente como grisu ou gás dos pântanos, e geralmente o produto de matéria orgânica em decomposição ou fóssil (por exemplo, carvão), já foi conhecido por se inflamar quando produzido no corpo humano. Escrevendo no *The British Medical Journal*, o Dr. Stephen Power, do *Royal Homeopathic Hospital*, cita um caso desses, embora aqui o metano tenha sido gerado num paciente que sofria de uma úlcera duodenal, e não de carcinoma.

O paciente, um clérigo, estava a apagar as velas do altar após um serviço religioso quando "o seu hálito pegou fogo." Assustado, mas de outro modo ileso, não perdeu tempo em pedir conselho médico, momento em que a cura da úlcera pôs fim à geração de metano.

Qual possa ser a ligação — a haver alguma — entre o cancro e os fenómenos do fogo e do calor, não sei dizer, mas que todas as ligações possíveis com estes fenómenos devem ser anotadas é algo que, sugiro, escusa de ser dito.

Os nossos antepassados remotos acreditavam piamente que existia alguma ligação íntima entre o relâmpago e a saúde humana; e do mito primitivo não foi um passo difícil para a teoria derivada de que o

relâmpago estava intimamente ligado à moralidade humana (isto é, à saúde mental humana). Estas crenças eram especialmente fortes entre os gregos, os etruscos e os romanos.

Naqueles fragmentos das *Leges Regiae* que chegaram até nós desde os dias de Numa Pompílio, segundo Rei de Roma (falecido em 672 a.C.), existem duas leis* respeitantes a mortes por relâmpago:

** Citadas aqui a partir de L. R. Palmer, The Latin Language (Faber & Faber, Londres 1954). Festo (De Verborum Significatione) citou a No. 1 como si hominem fulminibus occisit: "Se algum homem for morto por relâmpagos", etc. — mas Scaliger, o filólogo italiano do século dezasseis, sugeriu que o texto deveria ser emendado para a versão mais provável dada acima.*

1. *Si hominem fulmen Iovis occisit, ne supra genua tollito.* ("Se o Fogo do Céu matar algum homem, não o levantará acima dos joelhos.")
2. *Homo si fulmine occisus est, ei iusta nulla fieri oportet.* ("Se um homem for morto por um relâmpago, não é adequado que se realizem os ritos habituais de sepultamento.")

Estas curiosas leis relativas às vítimas de relâmpagos levaram-me a renovar o meu contacto com o Professor O. W. Dilke, da Universidade de Leeds, que gentilmente me remeteu para algumas passagens relevantes no *Companion to Latin Studies* de Sir John Sandys, das quais a seguinte me parece ser a mais apropriada:

A outra parte da *disciplina* (Etrusca) era a expiação do relâmpago. Aqui, novamente, a prática era comum aos italianos, como aliás aos gregos, mas foi especialmente elaborada pelos etruscos. Os romanos, por exemplo, consideravam todos os locais atingidos por relâmpagos como sagrados, e encerravam-nos com uma cerca que, pela sua semelhança com um poço, tomava o nome de *puteal* ou "tampa de poço" (também *bidental*, pelo sacrifício de uma vítima de dois anos oferecida ali). Mas os etruscos desenvolveram esta prática transformando o próprio local num *templum*; e entre as regulamentações deles pode ser mencionada a singular regra de que, se um homem fosse atingido por um relâmpago, o seu corpo era depositado por inumação em vez de ser queimado.*

Mas, como o Professor Dilke me chamou a atenção, existem duas indicações em contrário a isto:

(a) Um escoliasta de Pérsio diz, "*quia fulminati supra terram positi non mandatur sepulturae*" — "... não será entregue à sepultura" — e

(b) João Lido, *De Mensibus*, p. 182. Wünsch, seguindo fontes gregas, diz algo semelhante.

Mas o *nulla* é considerado genuíno, presumivelmente significando que tal corpo tinha de ser movido sem ser levantado totalmente e não lhe podia ser dado um sepultamento regular. Um túmulo de relâmpago foi encontrado em Vulci, na Etrúria, com uma inscrição em latim, e um *puteal* perto das Termas de Diocleciano, em Roma. Portanto, evidentemente o procedimento correto era construir um túmulo especial ou *puteal* no local.

* *Sir John Sandys, Companion to Latin Studies, p. 168.*

Ao que eu deveria acrescentar a minha própria observação de que o mesmíssimo rei que promulgou estas leis relativas a mortes por golpe de relâmpago, Numa Pompílio (cujo nome mostra ter sido etrusco), deu ordens para que, após a sua morte, não fosse queimado, como era o costume romano, mas sim sepultado — uma forma de disposição então reservada àqueles atingidos por relâmpagos.

Ainda insatisfeito por o significado exato da proibição "Não o levantará acima dos joelhos" não ter sido de modo nenhum apurado — as palavras eram suficientemente claras; o significado, dificilmente —, escrevi ao Professor Dilke sugerindo que, como os mesmos sons básicos ligavam as palavras latinas para *femina*, "mulher", e *femur* (latim antigo, *femen*), "coxa" — de modo que a palavra *feminalia* significa "peças de vestuário para a *femina*", isto é, "as coxas" — e as palavras para "joelho" e "procriar", estas homofonias poderiam, no pensamento primitivo, ter estabelecido uma ligação semântica entre "coxa" e "mulher"; entre "joelho" e "procriação"?

Fiquei encantado ao receber, por correio de resposta, uma carta extremamente inspiradora do Professor Dilke, que, entretanto, estivera em contacto com outro prestigiado latinista contemporâneo, o Professor M. J.

Boyd, da *Queen's University*, em Belfast. Cito as partes relevantes da carta que o Professor Dilke me enviou:

Obrigado pela sua carta do dia 25, a qual tem uma história bastante intrigante no seu primeiro parágrafo. Falei brevemente com o Professor Boyd, que o ajudará no que puder. Sobre a questão do significado dos joelhos, ele remeteu-me para a obra de R. B. Onians, *The Origin of European Thought* (Cambridge, 1951), Capítulo 4 (páginas 174-86), que é inteiramente dedicado aos joelhos. Na página 181, nota 6, Onians cita a sua passagem e interroga-se sobre se a associação entre um *genius* (espírito no interior do homem romano que perecia com a sua morte) e a vida poderá explicar este velho tabu atribuído a Numa. Ele cita Apuleio, *De deo Socratis* em *De philosophia*, ed. P. Thomas (Teubner), 151-2: "... aquelas preces com que os homens suplicam ao génio e aos joelhos (*genium* ou *genua*) parecem-me testemunhar a união e o vínculo na nossa natureza, visto que compreendem sob dois nomes o corpo e a alma, dos quais somos uma comunhão e uma ligação."

Ou, em termos mais modernos, somos uma "comunhão e uma ligação" de dois corpos corporativos, o "físico" e o "parafísico"; o "terreno" e o "etérico".

As minhas próprias ponderações sobre uma possível ligação semântica entre as palavras para "mulher" e "coxa"; entre as palavras para "joelho" e (no sentido bíblico) "conhecer" — ponderações confirmadas pelo facto de o Professor Dilke e o Professor Boyd me terem gentilmente remetido para R. B. Onians — dragaram das profundezas da minha memória uma passagem marcante no anúncio do editor para um livro extraordinário que eu lera há alguns anos: *A Psicanálise do Fogo*, de Gaston Bachelard.*

Será o fogo um símbolo da semente geradora, e a chama uma metáfora sexual? Conotará o lar† uma pulsão humana para a intelectualidade, e será o calor uma imagem fundamental do útero?...

A análise de Bachelard é uma brilhante afirmação da coordenação mental, semelhante a pétalas, entre o facto e o mito. As metáforas, dizia ele, convocam-se umas às outras e, através da imaginação poética, as imagens mais diversas podem fundir-se. A fusão faz-se, evidentemente,

muitas vezes à custa do conhecimento científico. Mas os nossos devaneios criam-nos.

No aspeto do Fogo, talvez os nossos devaneios também nos destruam. Teriam sido negados os ritos habituais de sepultamento às vítimas do "raio de Júpiter" na Grécia, na Etrúria e em Roma — e certamente em alguns outros lugares — devido a uma crença humana primitiva, mais "sentida" do que conscientemente reconhecida, de que, de alguma forma inexplicável, os homens podem, e de facto o fazem, "clamar o Fogo do Céu"? Teria sido a crença inata de que os homens de alguma maneira fazem com que eles próprios sejam atingidos por um raio — que o atraem, que o convocam — o que tornou tabu os homens e os lugares atingidos pelo raio, animando o inanimado?

Quão antiga é esta crença, e quão forte foi, e ainda é, o domínio que manteve sobre os sentimentos mais profundos da humanidade, poderei ilustrá-lo com uma história da minha própria experiência.

No campo, a cerca de duas milhas de distância da cidade-catedral perto da qual vivi em rapaz, havia uma colina artificial com várias centenas de pés de altura: um daqueles túmulos que estão espalhados pelo sul de Inglaterra e que já eram antigos quando chegou a primeira vaga de celtas. Era um "*tump*" — um cone quase regular, em cujo topo plano e largo um anel de ulmeiros altos e antigos encerrava um relvado do qual se podia avistar trinta milhas da região circundante em qualquer direção. Terá sido para proporcionar essa vantagem, talvez, que a colina fora originalmente erguida, possivelmente há cerca de quatro mil milhas de anos. Em redor das árvores, o conselho local instalara bancos de madeira; mas, mesmo sem os bancos, a colina teria uma atração irresistível para os namorados.

** Londres: Routledge & Kegan Paul, 1964. (Traduzido do francês, La Psycho-analyse du Feu, por Alan C. M. Ross.)*

† Latim: focus.

Num dia soalheiro de agosto, uma rapariga na adolescência — a filha "respeitável" e bonita de um abastado comerciante da cidade — subiu ao topo da colina com o que deve ter parecido aos seus olhos românticos o

próprio ideal de homem: um jovem oficial belga. "A Guerra estava a decorrer", como costumávamos dizer — e considerava-se quase um dever da parte de todos ser um pouco mais do que ordinariamente amável com os belgas, cujo país "pequeno mas galante" fora a primeira vítima do ataque alemão.

O par subiu a colina e sentou-se num dos bancos de madeira sob um ulmeiro alto e, enquanto o oficial fumava três cigarros Turmac (contaram as beatas), contemplavam o rio cinzento, lamacento e sinuoso, a torre em ruínas do castelo e a agulha pontiaguda da catedral. Devem ter estado à conversa enquanto as nuvens se juntavam para uma tempestade de verão, e um relâmpago atingiu o ulmeiro sob o qual se encontravam sentados.

Depois de a tempestade ter passado, outros subiram ao topo da colina e encontraram os dois corpos. O oficial belga fora morto instantaneamente; a rapariga estava viva, mas em choque profundo. Quando a levaram para o hospital, descobriram que ficara parcialmente paralisada, sendo a paralisia mais notória no seu rosto. Ela já não era uma rapariga bonita...

Ninguém falava, a não ser em tons abafados e — assim me parecia — chocados e de desaprovação, sobre o que acontecera à rapariga que todos conhecíamos e de quem gostávamos, embora a nossa cozinheira se lembrasse agora de lhe ter chamado "leviana" e de ter dito que "ela não havia de dar em nada". A rapariga, saída do hospital, arrastava-se pela cidade como um leproso. Mas se toda a gente se mostrava relutante em discutir o seu caso, ninguém falava de todo sobre o que ela estaria a fazer quando Deus a atingiu a ela e ao estrangeiro (ele descera tanto na consideração social que se tornara isso por essa altura).

Nem as criadas se conseguiam convencer a fofocar — e, de todo este silêncio, eu só podia assumir o pior: que a rapariga e o seu estrangeiro não tinham sido apenas derrubados, mas tinham sido derrubados na sua maldade.

Alguns anos mais tarde, embora não estando completamente crescido, mas já não sendo um rapaz, subi com o meu pai ao topo da colina. Com grande ousadia na minha iminente maioridade, mencionei a rapariga e o oficial belga ou, melhor dizendo, mencionei o facto de terem sido atingidos

por um raio, e insinuei que "eu sabia" mais da história do que o que viera a público no inquérito.

O meu pai ficou indignado com esta calúnia a uma jovem mulher que ainda vivia na nossa cidade e cujo rosto retorcido lembrava a muitos aquilo que eles (bem como ela) preferiam ter esquecido.

— Ora essa, que histórias andaste tu a ouvir? — e disse-me que era evidente que eles não tinham estado a fazer mais do que sentar-se sob o ulmeiro e contemplar a cidade e o rio. — Olha que ele estava a fumar — contaram as beatas!

Sei agora que não foi por qualquer irregularidade sexual, real ou suposta, que a rapariga e o seu companheiro tinham sido censurados por toda a cidade, instruídos e analfabetos por igual; foi porque ela e o amigo tinham sido atingidos por um raio. Foi essa ofensa que condenou o soldado morto ao opróbrio e a rapariga viva ao esquecimento social. O ano era 1916.

O Dr. Nandor Fodor, enfatizando a natureza puramente subjetiva dos fenómenos *poltergeist,* escreveu em *The Haunted Mind*:

O *poltergeist* não é um fantasma. É um feixe de recalcamentos projetados.

(Aqui a precisão foi sacrificada em prol da brevidade epigramática. Expresso de forma mais precisa, o seu conceito ter-se-ia enunciado como: "O *poltergeist*... é um feixe de fenómenos percetíveis postos em ação pela energia libertada de uma psique excessivamente recalcada.")

Colin Wilson parece-me colocar o pensamento de melhor forma na sua passagem já citada: "O que antes tinha sido em grande parte uma excitação mental 'intencional' irrompeu pelo reino do físico."

É curioso como tantas vezes a investigação — a investigação de qualquer coisa, de tudo — parece ser travada em limites autoestabelecidos. A perceção que fez os investigadores de fenómenos *poltergeist* compreenderem há muito tempo que tais fenómenos eram mais propensos a ser encontrados, e por isso examinados, em lares "flagelados pela

puberdade", não os levou ao passo essencial seguinte — o de examinar as emoções "recalcadas" e, consequentemente, as intenções expressas do criador do *poltergeist* (geralmente — embora nem sempre — uma rapariga adolescente).

Os acontecimentos na *Wild Plum School*, em Richardton, no Dakota do Norte, foram integral e rigorosamente relatados na revista *Time*, na edição de 24 de abril de 1944 — um relato que teria atraído uma atenção ainda mais ampla se tivesse sido publicado em tempo de paz. Um "clássico" dos fenómenos *poltergeist*, o incidente da *Wild Plum School* é mais um caso "psíquico" em que a ajuda do FBI foi recrutada — com resultados não melhores do que no caso da Sra. Reeser.

Os estranhos acontecimentos, descritos pelo Comissário de Incêndios do Estado, Charles Schwartz, como "simplesmente para além de toda a crença", começaram com um agitar irrequieto do carvão num balde, o qual, escassos segundos mais tarde, começou a bombardear as paredes da sala de aula, fazendo ricochete para assustar a Sra. Pauline Rebel, a professora, e os seus oito alunos — um dos quais, Jack Steiner, foi atingido na cabeça. O balde de carvão virou-se então e o seu conteúdo começou a arder. Sob o acompanhamento dos gritos das crianças, nove persianas de janelas começaram a deitar fumo, um dicionário a mover-se sobre o seu suporte, uma estante de livros a incendiar-se. "Parecia que tinha sido posta a arder com um maçarico", disse um dos funcionários investigadores que acorreram rapidamente em resposta ao telefonema de pânico da Sra. Rebel.

Chegaram para encontrar o carvão "ainda a portar-se mal", e os químicos e o FBI avançaram enquanto as crianças assustadas e a sua professora saíam. O carvão foi "analisado". Nada foi encontrado fora do comum — como é óbvio. O balde de carvão e o dicionário foram levados pelo FBI. Para se darem a algo que fazer, os "peritos" submeteram a Sra. Rebel e os seus oito alunos a um "teste do detetor de mentiras". Este item grotesco do ramo do palavreado oco da tecnologia moderna deu à professora assustada e aos seus alunos o sinal de via livre. Estavam, declarou este instrumento "científico", "a dizer a verdade". Um instrumento realmente científico, como uma tábua ouija, teria dado resultados muito mais positivos.

No caso da *Wild Plum School*, não temos o nome do "culpado" — possivelmente porque todas as crianças eram da mesma idade e, assim, não só de desenvolvimento físico semelhante, mas também — presume-se — semelhantes na sua aversão à escola. Talvez tenhuns aqui uma concertada "projeção de recalcamentos", pois é claro que era a escola, e não a Sra. Rebel, que constituía o alvo principal para o ataque telecinético.

Pois observe-se: o "ataque" começa no próprio edifício da escola — as paredes são bombardeadas, as cortinas das janelas incendiadas. Depois, os elementos essenciais do odiado ato de ensinar: o dicionário, os livros na sua estante. Especialmente os livros, sem os quais a Sra. Rebel não pode ensinar; ela tem de deixar as crianças escapar.

A intenção claramente exposta pela manifestação do *poltergeist* é ainda mais óbvia no caso já mencionado em que Willie Brough era o gerador dos fenómenos parafísicos. Expulso da sua própria casa — aos doze anos —, Willie despertou a compaixão de um agricultor, que parecia estar a dar ao rapaz aquilo que os seus pais severos lhe tinham tirado: um lar acolhedor. Depois, o agricultor choca Willie ao condená-lo àquilo que para o rapaz deve ter parecido pouco melhor do que a casa sem amor e desamorosa de onde fora corrido: uma escola.

No caso de Willie, ele parece ter dividido a sua animosidade muito uniformemente entre a escola e a professora que a geria. Dos cinco fogos que deflagraram no primeiro dia de Willie como aluno, três — um no teto, dois nas paredes — foram direcionados para a destruição da própria escola; enquanto os outros dois — um na secretária da professora, um no seu armário — atingiram, primeiro, a capacidade da professora de ensinar de todo e, segundo, a sua capacidade de andar de um lado para o outro de todo. Para um ataque "subconsciente" à escola e à professora, o subconsciente de Willie parece ter planeado o ataque bastante bem. Destruir o edifício da escola, destruir os livros e destruir o vestuário da professora. Se tudo isto tivesse acontecido como planeado, Willie não correria mais perigo de instrução.

O relato de jornal de 1886 diz, como vimos, que "o rapaz descobriu-os todos e chorou de susto. Os membros da direção reuniram-se e expulsaram-no nessa mesma noite." Mas não era exatamente esse o resultado pelo qual

Willie, ainda que "subconscientemente", estivera a visar? É difícil resistir, ao considerar alguns destes casos, à conclusão de que a intenção é muito mais "consciente" do que é percebido pelos investigadores ou admitido pelo "culpado". O que o culpado não sabe é como alcança os espetaculares e perturbadores efeitos de *poltergeist.* Mas que os poderes que provocam estes efeitos são tão conscientes e controláveis como os movimentos de uma mão é uma conclusão à qual todos os estudiosos honestos dos fenómenos devem eventualmente chegar.

A aversão ao ambiente gerará, ao que parece, força suficiente em certas pessoas — não necessariamente crianças, embora para elas a força gerada pela aversão pareça ser mais facilmente acessível — para lhes permitir resolver por via de um "*poltergeist*" o seu problema imediato, que é como sair do seu ambiente antipático. Certamente que assim foi com os alunos da *Wild Plum School*, com Jennie Bramwell, com Willie Brough...

Terá sido o caso também com o ator de televisão britânico Derek Boote, cuja estranha e alarmante experiência enquanto "entrava no cenário" foi contada no *Daily Express* de Londres de 14 de outubro de 1974? O ator estava pronto para começar numa "comédia espacial" de língua galesa a ser rodada no estúdio de Cardiff da *British Broadcasting Corporation*: *Maldwyn Aldwyn*. Ele tinha vestido o seu fato de monstro espacial e aguardava a chamada quando algo o fez gritar; os seus gritos trouxeram colegas atores e pessoal do estúdio ao seu camarim. Encontraram o Sr. Boote em chamas — e completamente incapaz de explicar como passara a estar a arder. Levado para o hospital, os médicos ali declararam-no "criticamente doente", embora, ao contrário de muitas outras vítimas do Fogo, ele tenha sobrevivido.

E que dizer da Sra. Booley, tão "propensa ao fogo" que, quando questionada pela polícia sobre os sete fogos que tinham deflagrado na sua vizinhança, disse indignada: "Os fogos parecem seguir-me por todo o lado. Mas juro pela cabeça do meu filho que não os ateei." A Sra. Booley é cozinheira e, como é mencionado noutro local deste livro, "admite ter génio". O que é muito mais importante, penso eu, como admissão, é ela declarar à polícia (que parece ter atribuído uma importância diferente à declaração) que "tinha tido discussões com a gerência vinte e quatro horas antes de uma deflagração, mas jura que não teve mão nos fogos."

Os sete fogos que "a seguiam por todo o lado" foram:

1. *Berkeley Vale Hotel*, Stone, Gloucestershire, agosto de 1971. A Sra. Booley trabalhava ali como cozinheira. Tinha-lhe sido dado o aviso prévio; o fogo ocorreu na noite anterior à sua partida.
2. *St. Hilda's School*, Bridgewater, Somerset, novembro de 1971. Duas alunas cheiraram fumo e deram o alarme. Havia um fogo num dos dormitórios.
3. *Bath High School for Girls*, Bath, Somerset, Páscoa de 1973. Disse a Sra. Booley: "Porque eu tinha trocado algumas palavras com uma orientadora residencial no dia anterior, a polícia tentou imputar-me o fogo."
4. *Swan Hotel*, Tewkesbury, Gloucestershire, agosto de 1973. Um automóvel pegou fogo no parque de estacionamento do hotel. A polícia acusou a Sra. Booley.
5. O mesmo, dois dias mais tarde. Deflagrou um incêndio num armazém de móveis; a polícia interrogou novamente a Sra. Booley.
6. O mesmo, uma semana mais tarde. Outro fogo num armazém. Embora a Sra. Booley já tivesse deixado o *Swan Hotel* por esta altura, a polícia voltou a interrogá-la.
7. *Torbay Hotel*, Sidmouth, Devon, início de outubro de 1975. No dia seguinte à sua demissão pela gerência, uma quantidade de roupa de cama, deixada numa escadaria, pegou fogo. A Sra. Booley, que estava "a cumprir o seu aviso prévio", ajudou a apagar o fogo. "Uma valente coincidência!", comentou a frontal senhora, acrescentando que gostaria que a polícia a tivesse acusado, para que, no tribunal, pudesse ter sido capaz de estabelecer a sua inocência de culpa em relação a todos os fogos.

Não se deseja que a Sra. Booley tivesse sido acusada; mas deseja-se deveras que ela pudesse ter tido a oportunidade de, não demonstrar a sua inocência (pois não creio que fosse capaz de o fazer), mas ver a sua ausência de culpa demonstrada por ela. Mas quando os médicos-legistas fixam os seus rostos resolutamente contra a admissão do fenómeno da CHE, quem falaria a favor de uma Sra. Booley "propensa ao fogo"?

Uma das esquisitices deste caso estranho — e um ponto sobre o qual comentei noutro local deste livro — é que o circuito de demissões da Sra. Booley incluiu a cidade de Bath e que, em Bath, exatamente na altura em que a Sra. Booley estava a ser despedida do hotel de Sidmouth, um rapaz estava a ser acusado perante o Tribunal de Menores de Bath da mesmíssima ofensa com que a polícia se abstivera de acusar a Sra. Booley: "atear fogo a coisas".

As provas contra o rapaz — não nomeado, devido à sua juventude, no *Bath & West Evening Chronicle* de 3 de outubro de 1975 — devem ter-se lido de forma algo estranha para o tribunal, embora devam ter um eco suficientemente familiar para o leitor.

Segundo a polícia, o rapaz entrou numa casa vazia e ali "ateou um fogo", o qual "ficou fora de controlo", de modo que o rapaz, para o extinguir, empurrou-"o" por um buraco no soalho, na esperança de que parasse então de arder.

A polícia "sugeriu que o rapaz entrou em pânico e chamou o corpo de bombeiros" — terá ele feito isso? Ou será que não? — e que, quando os bombeiros chegaram ao local, encontraram "outro fogo a lavrar não muito longe". Como é comum em tais casos (*cf.* a maioria dos casos que envolvem crianças neste livro), o rapaz "admitiu" ter causado ambos os fogos (à polícia), mas o seu advogado, em tribunal, protestou que esta admissão fora obtida apenas "sob pressão", e o Tribunal repreendeu a polícia por ter iniciado o seu interrogatório ao rapaz antes da chegada de qualquer um dos pais ou do seu representante legal.

O Tribunal considerou o rapaz inocente, uma decisão que — como o *The Fortean Times* cinicamente observou ao analisar o caso — "deixa dois fogos por explicar".

Um caso que apresenta — apesar de o acusado se ter "declarado culpado... de fogo posto" — muitos dos já familiares sinais de combustão espontânea e de ação de *poltergeist* é o de David Webb, de vinte anos de idade, que foi detido na noite de 25 de março de 1976 por se encontrar embriagado numa rua de Paddington, no oeste de Londres.

Levado para a esquadra de polícia de Paddington Green, Webb foi colocado numa cela, após ter sido revistado. Ele encontrava-se, disse mais tarde, sentado tranquilamente na sua cela cerca de meia hora após ter sido fechado à chave, quando chamas começaram a erguer-se do colchão no qual estava "tranquilamente" sentado. Assustado com o acontecimento inexplicável, saltou para fora, tentou apagar as chamas com o casaco, colapsou devido ao fumo e foi arrastado para fora da cela pelos guardas.

Quando recuperou do fumo, foi acusado de ter ateado fogo a um colchão, propriedade de Sua Majestade a Rainha, sob a custódia legal do Muito Honrado Secretário de Estado para o Departamento do Interior em exercício, e por ele colocado à guarda do Comissário da Polícia Metropolitana. De acordo com o *The Paddington Mercury*, na edição de 26 de março de 1976, o jovem Sr. Webb declarou-se culpado.

As provas, que não raramente são confusas (e geram confusão) em tais casos, foram-no ainda mais quando o Sargento de Polícia de Investigação Hawkins prestou o seu depoimento no Tribunal de Polícia de Marylebone. O Magistrado ouviu que o réu "tinha um problema com a bebida" e que se encontrava "frequentemente em depressões suicidas... cometendo atos de que não se conseguia lembrar mais tarde". Não vejo razão para contestar a exatidão deste testemunho, o qual é familiar de muitos outros casos em que objetos e pessoas foram postos a arder por combustão espontânea. Se o Sr. Webb não se conseguia recordar do que acontecera quando o seu colchão pegou fogo e os guardas o tinham arrastado, quase asfixiado, da cela cheia de fumo, a sua declaração de culpado bem poderia ser de esperar dadas as circunstâncias.

("Digo-lhe, Sargento, não me consigo lembrar... Sim, bem, se diz que mais ninguém o poderia ter feito, suponho que devo ter sido eu... embora lhe diga, não me lembro de nada...")

Em Tribunal, o réu, embora reconhecendo a sua culpa "logicamente provável", insistiu em que não se conseguia lembrar de ter ateado fogo ao colchão — nem o douto Magistrado perguntou como, se todos os objetos de acender fogo e materiais combustíveis (bem como objetos mais obviamente "perigosos" como facas, soco-ingleses, correntes de bicicleta, garrafas, cordame, etc.) são retirados por rotina quando o prisioneiro é

levado para a custódia, com o que teria o Sr. Webb inflamado o seu colchão?

Talvez, como deve ser muitas vezes a reflexão em tais casos, o juiz tenha decidido que algumas perguntas é melhor que fiquem por fazer...

Nenhuma acusação foi movida pela polícia contra Terry Nelson, de 33 anos, da Digby Street, em Scunthorpe, no Lincolnshire (um condado notoriamente propenso ao Fogo), quando foi levado para o hospital para receber tratamento a queimaduras graves na perna. O Sr. Nelson estivera a dormir quando o seu colchão (propriedade de Terry Nelson) pegou fogo. Aparentemente, é apenas quando os colchões ardem "inexplicavelmente" em celas de prisão que o ocupante temporário é acusado de fogo posto. Digo "inexplicavelmente" porque, após o Sr. Nelson ter escapado por pouco à morte por queimadura na noite de 18 de outubro de 1974, o *Scunthorpe Evening Telegraph* do dia seguinte relatou que os bombeiros não conseguiam atribuir sequer a causa mais improvável ao incêndio...

Nem, na verdade, foi feita qualquer acusação de fogo posto contra o Sr. Roland Davies, de Corby, no Northamptonshire, cuja cama, conforme relatado no *Daily Express* de Londres de 27 de agosto de 1974, pegou fogo "por uma causa desconhecida" enquanto ele nela jazia a dormir. Talvez porque, como o *Daily Express* mencionou, o Sr. Davies se sentia "bastante mal" no hospital — desde então já recuperou —, a polícia decidiu que seria pouco proveitoso perseguir o que por esta altura deveria ser reconhecido como o impersignável.

Devemos agora fazer duas perguntas importantes relativas a todos os fenómenos reunidos neste livro: Serão os fogos das manifestações de *poltergeist* e o da combustão espontânea idênticos na sua natureza? E, independentemente disso, de que tipo é a energia responsável por cada classe de fenómeno?

14. DESEJAR E QUERER

Há uma passagem nos escritos do filósofo do século dezasseis Joseph Glanvil que Edgar Allan Poe resgatou de um esquecimento imerecido e tornou imortal ao citá-la à cabeça do seu conto, *Ligeia*: "E nela jaz a Vontade, que não morre. Quem conhece os Mistérios da Vontade, com o

seu Vigor? Pois DEUS não é senão uma grande Vontade, que tudo pervade por natureza da sua Intenção. O homem não se rende aos Anjos, nem inteiramente à Morte, senão pela fraqueza da sua débil Vontade."

Este livro falou de muitos que "se renderam inteiramente à Morte", mas também de muitos — muitos mais, na verdade — que escaparam à totalidade da destruição e sofreram apenas um pouco ou, em alguns casos, absolutamente nada. E assim perguntamo-nos: Quanta intenção, consciente ou subconsciente, esteve envolvida nestes arrebatamentos e nestas fugas? — ou, na frase de uma filosofia mais antiga: Quanta vontade?

Num artigo recente do *Sunday Times* relativo à saúde do Sr. Nixon, o autor apresenta, como se fosse uma teoria de originalidade surpreendente, a proposição de que os seres humanos podem viver ou morrer conforme desejam; que podem predispor-se pela vontade a sobreviver ou predispor-se pela vontade a desistir daquela luta que, mesmo com os mais saudáveis, os mais afortunados de nós, continua a ser uma batalha desigual. Todos, exceto os que têm "formação científica", sabem que toda a saúde corporal, toda a estabilidade mental, toda a felicidade, todo o otimismo, são matérias de escolha humana — isto é, são controláveis pela, e a maioria das pessoas comuns pensa que apenas pela, vontade humana.

O que é, então, que esta poderosa vontade humana está a controlar? É a vontade que nos mantém vivos: mais especificamente, é a vontade que providencia e mantém aquelas condições "ótimas" nas quais, apenas, podemos esperar sobreviver. Vivemos num mundo que, embora nos permita viver, não faculta condições de vida ideais. Diz-se frequentemente que o homem foi capaz de sobreviver apenas por ter estado disposto a adaptar-se — é percebido apenas por alguns que esta "adaptação" não é uma questão de "história antiga", de paleontologia; de alguma "adaptação", há milhões de anos, pela qual o homem "evoluiu" de algo ou de outro e se tornou "o que é hoje". Se o homem ainda está lentamente a evoluir, ele está ainda a adaptar-se rapidamente; pois o facto é que, se não se adaptasse a cada segundo da sua existência terrena, estaria brevemente morto.

O corpo do homem, para sobreviver, deve ser capaz de operar dentro de uma amplitude térmica relativamente estreita, e isto as condições comuns da terra não proporcionam geralmente, mesmo nas chamadas

"zonas temperadas". É o próprio homem que tem de alterar a sua temperatura ambiente a toda a hora, para que possa manter, no seu próprio corpo, aquela temperatura que é essencial à sua existência e fora da qual morrerá.

Nascemos num mundo no qual somos ameaçados por extremos perigosos, de facto fatais, de calor e de frio; a estes extremos, diz-se, "a nossa temperatura interna ajusta-se automaticamente". Esta é uma forma conveniente de expor os factos, mas é uma forma um tanto frouxa, apesar de tudo. Não nos ajustamos "automaticamente", embora nos ajustemos inconscientemente; contudo, há momentos em que os extremos de calor ou de frio são de tal modo, na verdade, que o nosso mecanismo de controlo da temperatura deixa o inconsciente ou subconsciente e começa a envolver o nosso consciente. Estes são os momentos em que sacudimos os braços, esfregamos os membros frios ou, se o calor nos está a incomodar, nos retiramos para a sombra ou nos despojamos do excesso de vestuário.

Ameaçado pelo frio, o corpo é protegido por uma série de "ajustamentos" de que um controlo mental (geralmente) subconsciente se encarrega. O calor é necessário para contrariar o frio, pelo que o controlo da temperatura no cérebro ordena ao corpo que trema a fim de gerar calor. O frio dá-nos fome, porque a comida gera calor, e quando deparamos com o frio, o controlo aumenta a produção das hormonas que estimulam o metabolismo produtor de calor, para que obtenhamos o máximo daquilo que comemos. Seguidamente vem a ordem para conservar o próprio calor do corpo, e isto é ajudado pelo fecho dos poros e pela contração dos vasos sanguíneos superficiais, abrandando a perda de calor para a atmosfera mais fria. E em casos de frio extremo, os músculos recebem ordens para reduzir a atividade corporal ao seu mínimo, fechando o corpo na posição fetal.

Outra parte do cérebro encarrega-se dos problemas colocados pelo calor excessivo. O corpo começa a suar, para que a evaporação do suor reduza a temperatura superficial da pele; os vasos sanguíneos superficiais dilatam-se para aumentar a superfície através da qual o calor corporal se possa perder. A nossa fome desaparece, para que não geremos calor desnecessário no processo de digestão, e uma letargia autoprotectores inibe a atividade corporal; o metabolismo é abrandado através de uma redução daquelas hormonas que controlam a glândula tiroide.

Ora, este controlo da temperatura do corpo, de ação instantânea e aparentemente de todo automático, é governado por uma vontade plantada tão profundamente no organismo humano que esta pode manter-se firme nas suas intenções, nunca relaxar a sua constante vigilância sobre la temperatura corporal e dar as suas ordens, mesmo através da queda do corpo no sono, na inconsciência, na catatonia e até na imbecilidade e no temível "estado vegetal". Mas, por vezes, pareceria que esta vontade, tal como acontece ao ser humano cuja atividade mecânica ela controla, dorme também.

Exceto em circunstâncias especiais e relativamente raras, não vemos a energia humana: apenas os seus resultados. Pessoas dotadas de uma amplitude de perceção "parafísica" podem ver não apenas atividades humanas não percetíveis pelos sentidos "normais", mas podem ver, também, as fontes elétricas e químicas da energia que torna essas atividades possíveis.

Ao longo do último século, a ciência dotou-nos de percetores substitutos e, portanto, necessariamente inferiores, com os quais podemos medir e até fotografar o campo magnético de um corpo humano, podemos medir o potencial elétrico daquela energia que vemos revelada na aura agora fotografável. Estes instrumentos prostéticos, permitindo-nos detetar apenas uma fração daquela amplitude de fenómenos parafísicos acessíveis a um "sensitivo" treinado ou a um selvagem intocado, tiveram o efeito de demonstrar aos obstinadamente materialistas que existe "algo" para lá da perceção normal — e para tais materialistas "algo" é aceitável, credível, desde que possa ser medido com instrumentos não místicos, como observei no Capítulo 11.

Qual é, então — em termos de força "mensurável" —, a energia envolvida em todos os fenómenos que foram considerados neste livro?

Apesar das alegações da indústria de relações públicas russa, a primeira tentativa séria e bem-sucedida de investigar as leis que governam a "rabdomancia" foi feita em 1962 pelo Professor Y. Rocard, Professor de Física na Sorbonne, em Paris. A rabdomancia — isto é, a capacidade de detetar, pelo movimento telecinético de uma varinha de aveleira ou outro

dispositivo simples, a presença subterrânea de água, minerais, etc. — é uma faculdade não controlada pela vontade consciente do rabdomante.

Assumindo que o rabdomante "sabia" (ainda que subconscientemente) da presença de, digamos, água, quando a sua varinha forquilhada se dobrava para baixo "por si mesma", o Professor Rocard estudou os fenómenos relevantes e descobriu dois factos que são já reconhecidos como sendo de primordial significado: (1) A presença de água no solo produz alterações — embora reconhecidamente muito pequenas — no magnetismo terrestre; (2) A alteração no magnetismo terrestre, por muito ligeira que seja, parece suficientemente forte para relaxar os músculos do rabdomante, fazendo assim com que a vara ou varinha incline.

Um dos aspetos mais interessantes da investigação objetiva de Rocard sobre os fenómenos da rabdomancia foi o seu exame da "eficácia biofísica" (o jargão dos russos) de sujeitos que não eram rabdomantes profissionais. O professor descobriu aquilo que os fabricantes de "localizadores de canos" produzidos comercialmente lhe poderiam ter dito anos antes: que nove em cada dez pessoas comuns conseguem operar a varinha de rabdomancia com sucesso ou, na fraseologia mais científica de Rocard, "que a capacidade para detetar gradientes magnéticos fracos não é de todo rara". Rocard, através de uma medição cuidadosa, demonstrou que um sujeito médio — rabdomante ou não rabdomante — distingue alterações magnéticas na amplitude de 0,3 a 0,5 mOe/m, "o que pareceria muito pequeno para ser detetado, exceto pelo facto de serem da mesma ordem de magnitude encontrada entre os animais pelos biólogos".

Uma investigação mais direta, não tanto da telecinese (TC), mas das energias elétricas envolvidas na TC, foi feita nos Estados Unidos pelo Dr. Mayne R. Coe, Jr., que já tinha iniciado o estudo de fenómenos "parafísicos" em ligação com a sua investigação sobre aquela imunidade parcial ou total ao fogo descrita no Capítulo 5.

A importância do estudo da telecinese do Dr. Coe reside em que, lembrando a ligação estabelecida entre o botulismo dos reclusos de Dannemora e a sua aquisição temporária de poderes telecinéticos, Coe adotou, como sua hipótese de trabalho, a teoria de que a telecinese poderia ser um fenómeno físico, mais do que "psíquico".

O Dr. Coe foi afortunado por, tal como muitos dos investigadores russos do "efeito biofísico" (rabdomancia, telecinese, "visão cega", etc.), ser capaz de produzir os fenómenos que desejava estudar. Quando um investigador está ele próprio ou ela própria ciente da realidade dos fenómenos através da experiência pessoal, esse investigador está livre da suspeita persistente — que sempre dificulta o trabalhador de investigação que tem de aceitar os indícios de fenómenos por ouvir dizer — de que "é tudo fraude". Como não apenas o Dr. Coe, mas a maioria dos membros da sua família também, conseguia mover pequenas tiras de folha de alumínio, articuladas nas pontas de agulhas, ao passar as mãos sobre elas, ele sabia que uma força telecinética existia — e poderia ser demonstrada.

A partir destes começos promissores, o Dr. Coe avançou para fases de experimentação mais ambiciosas, procurando muito mais longe exemplos de capacidade telecinética e procurando tanto indícios como explicações de telecinese no estudo aprofundado da ciência não ortodoxa. O Dr. Coe sentiu-se especialmente atraído e impressionado pela *kundalini*, a "força corporal secreta" os iogues. Tal como o Dr. Coe tinha descoberto em si próprio um poder latente mas não treinado para realizar atos simples de telecinese, assim agora embarcou seriamente naqueles exercícios da mente e do corpo — o ioga — que preparavam os adeptos orientais para tantas capacidades parafísicas e que, assim esperava o Dr. Coe, lhe permitiriam desenvolver a sua própria bioeletricidade.

Ele conseguiu. Descreve como, sentado uma noite numa poltrona, sentiu uma poderosa corrente a passar para baixo, desde a sua cabeça, através de todo o seu corpo. "Era inequivocamente uma corrente elétrica", disse ele mais tarde, "bioeletricidade gerada nos meus músculos." Era uma corrente de alta voltagem, embora de baixa amperagem.

Agora que conseguia gerar e controlar esta força elétrica, descobriu que conseguia mover uma grande caixa de cartão — com 7 pés e 6 polegadas de comprimento por 7 polegadas de largura por 5 polegadas de profundidade —, suspensa do teto por uma única corda, em todas as direções pretendidas; por vezes, quando o ar na sala estava seco, a partir de uma distância tão grande como oito pés.

Tendo provado que conseguia projetar esta energia elétrica (gerada nos músculos) — alterando o padrão eletrostático por aquilo que descobriu serem movimentos inteiramente instintivos das suas mãos —, o Dr. Coe procurou então, em duas experiências extremamente importantes, identificar esta força bioelétrica.

Coe, para a sua primeira experiência, carregou o seu corpo com 35.000 V CC e depois moveu a caixa suspensa, demonstrando a prova positiva de que a carga induzida que o seu corpo estava a irradiar era do mesmo tipo de energia elétrica que a produzida no seu corpo por meios "parafísicos".

Para a sua segunda experiência, o Dr. Coe, carregando-se novamente com 35.000 V CC, apanhou um avião para encontrar ar seco a cerca de 21.000 pés. Descobriu que, sempre que tirava o cobertor ou tocava nas pegas metálicas dos bancos, "faíscas azul-brancas saltavam". Explicou que para ele esta era a razão para a qualidade mais marcante dos fenómenos telecinéticos e outros fenómenos parafísicos no Tibete, cuja altitude média não é inferior a 12.000 pés.

Esta demonstração científica de como a bioeletricidade pode ser gerada no corpo, e controlada pela vontade, pareceu ao Dr. Coe fornecer uma teoria para a levitação telecinética e pessoal. Se a força eletrostática do corpo humano pudesse carregar objetos negativamente, então a terra carregada negativamente repeli-los-ia, e eles subiriam. (Sinais iguais repelem-se; sinais opostos atraem-se.) O corpo humano carregado deve atrair objetos sem carga — como no famoso caso de Caroline Clare, de London, no Ontário (1877), a cujo corpo objetos metálicos se agarravam — , mas, por indução ou contacto, o corpo pode carregá-los com o seu próprio sinal e, assim, repeli-los.

No caso de Caroline Clare, o seu corpo agia como um íman no qual era impossível, ou Caroline não desejava, inverter o campo magnético. Objetos atraídos pelo seu corpo permaneciam atraídos; se ela segurasse uma faca por mais do que alguns segundos, era necessária uma força considerável para puxar a faca das suas mãos; ela podia dar um choque elétrico poderoso a tantas como vinte pessoas se elas dessem as mãos e

uma das vinte lhe tocasse; as armações de aço dos seus corsetes ficavam fortemente carregadas por mero contacto com o seu corpo.

Esta força eletrostática (talvez não tanto em excesso como) erraticamente controlada surgiu-lhe quando ela tinha dezassete anos; ainda dentro da idade da puberdade e, imagina-se, numa altura que trouxe consigo angustiantes "transformações de personalidade". Ela tornou-se deprimida e apática, presa da melancolia; e, a partir destes estados mentais mórbidos, progrediu para condições espásticas e catalépticas.

Após o decurso de um ano e meio a carga elétrica, que tinha vindo a diminuir gradualmente durante alguns meses, abandonou-a por completo e, com a normalidade readquirida, ela recuperou tanto a sua saúde como o seu equilíbrio mental. Um relatório sobre o seu caso foi lido perante a *Ontario Medical Association* em 1879. Dez anos mais tarde, a ciência médica interessou-se por um caso que, no seu esboço geral, recordava o que poderá ser mais do que um mito: Anteu, o gigante líbio, filho da Terra e de Neptuno, que adquiria novas forças da sua mãe, Terra (a Terra), de cada vez que lhe tocava. Hércules venceu este gigante levantando-o do chão e esmagando-o até à morte nos seus braços.

O rabdomante Frank McKinstry, de Joplin, no Missouri, era um Anteu dos últimos dias no facto de ambos se encontrarem numa relação magnética anormal com a Mãe Terra. A diferença é que, ao passo que Anteu recebia força desse contacto, McKinstry era enfraquecido. No caso de McKinstry, a atração magnética da Terra era tão poderosa que, a menos que se mantivesse em movimento, ficaria, segundo a velha frase, "enraizado no local". Ele pedia a um amigo que lhe levantasse uma das pernas, momento em que McKinstry seria capaz de levantar a outra, e assim, por escassos minutos, conseguia quebrar o bloqueio magnético. Conforme a corrente terrestre era quebrada, os observadores viam sempre um clarão momentâneo entre a terra e os pés de McKinstry.

O Dr. Coe sustentou sempre que não tinha de modo nenhum atingido os limites da força eletrostática com que movimentos musculares específicos podiam carregar o corpo humano. Embora tivesse, na sua opinião, duplicado ou até triplicado la força latente original, deu como sua opinião que a continuação dos seus exercícios de ioga poderia ter

aumentado a força ainda mais. Até que limites? O Dr. Coe citou outras pessoas "magnetizadas", implantando obviamente uma força elétrica muito maior; e chamou a atenção para as capacidades peculiares da "vida marinha elétrica", na qual a capacidade de produzir choques, ofensiva ou defensivamente, é partilhada por muitos géneros marinhos, a maioria deles de espécies sem parentesco. Ele exemplificou com as capacidades elétricas do peixe-gato elétrico que, embora produzindo choques de voltagem relativamente baixa, 600 V, durando apenas 0,002 segundos, consegue desferir mais de quatrocentas destas descargas por segundo.

A dissecação do peixe-gato elétrico torna claro que se trata de uma máquina elétrica especializada; metade do corpo da criatura consiste em três conjuntos de órgãos geradores de eletricidade, tão semelhantes no desenho como na função às células de uma bateria de acumulação. Estes órgãos são modificações dos músculos laterais, mas são maiores do que as células musculares normais e contêm mais solução salina.

Este equipamento elétrico altamente especializado permite ao peixe-gato elétrico dar até 500.000 choques de intensidade máxima ao longo de um período de cerca de vinte minutos, após o qual um descanso de cinco minutos é suficiente para repor o peixe-gato no pleno poder de choque. O contacto direto não é necessário para o peixe-gato quando eletrocuta os seus inimigos ou presas: o campo elétrico gerado pelo peixe-gato pode dar um choque a alguma distância do seu corpo.

Foi no estudo da relação entre a musculatura especializada do peixe-gato e o seu poder de choque que o Dr. Coe teorizou que os músculos do corpo humano poderiam estar — ou ser levados a estar — em relação com uma força elétrica: uma descoberta já feita, talvez há milhares de anos, pelos adeptos orientais.

Na teoria de Coe sobre a força eletrostática humana, ele pede-nos que imaginemos que cada célula muscular é uma bateria que consiste em cloreto de potássio e cloreto de sódio numa solução salina, com polos de proteína como ácido ou base. Por esta teoria, uma polegada cúbica de tais "células-bateria" poderia gerar 400.000 volts. Desde que a amperagem — cujo efeito térmico é destruidor para o tecido humano — seja mantida inofensivamente baixa, o corpo, diz o Dr. Coe, pode receber cargas de até

1.000.000 V — energia suficiente para acender lâmpadas elétricas, como Charles Bockett, de Port Talbot, e Brian Williams, de Cardiff, fizeram para o *Daily Mirror*, a 16 de setembro de 1952 (na década de 1930, o Conde John Berenyi, de Budapeste, na Hungria, forneceu a corrente para acender tubos de néon): "fazer explodir discos de chumbo e derreter varas de metal".

No caso das capacidades telecinéticas induzidas pelo botulismo nos reclusos, já citado, o Dr. Coe acredita que as células musculares dos reclusos, afetadas pelo envenenamento alimentar, geraram uma força poderosa, de natureza elétrica. O Dr. Coe menciona que em outros casos de envenenamento por botulismo soube-se de pacientes que desenvolveram bioluminescência, de modo que brilhavam no escuro.

Voltagens muito mais elevadas são mencionadas nas especulações de outros cientistas. Contrapondo-se à especulação do Dr. Coe de que, se cada célula gerasse 0,01 V, uma polegada cúbica de células poderia gerar 400.000 V, o Dr. Andrija Puharich* calculou que, "sob certas condições", a intensidade do campo elétrico que envolve mesmo um único ião de potássio (um ião é um átomo ou grupo de átomos eletricamente carregado) pode atingir aproximadamente 3,6 milhões de volts por centímetro cúbico.

As observações deste potencial revelaram não tanto uma taxa de descarga diferente, mas sim um método de descarga diferente — uma forma de descarga que varia entre o "fluxo contínuo" (como o da água que corre através de um cano e sai por uma torneira) e a ejeção de energia em "surtos" ou "*quanta*".

** Beyond Telepathy. (Doubleday & Co, Nova Iorque, 1962), capítulo 11. Citado por Gaddis, op. cit.*

A "segurança" na questão das concentrações corporais de energia elétrica é uma simples questão de manter a amperagem num nível consideravelmente mais baixo do que a voltagem — para a qual, teoricamente, parece não haver limite. Se, por exemplo, for descarregada sobre um objeto uma libertação de energia elétrica de voltagem mesmo muito alta, mas de baixa amperagem, o objeto não arderá; isto é, a energia radiante por centímetro quadrado não atingirá as 70-100 calorias, mas viajará como uma descarga de eflúvio comum a partir de uma substância

eletrificada. Mas assim que a amperagem aumenta, esta descarga de eflúvio torna-se chama — e o objeto pega fogo.

Gaddis foca o ponto de que os objetos queimados "não estão livres de alguma forma de controlo mental... o vestido de uma mulher pode ser queimado, mas ela própria escapa ilesa. Isto, como o Dr. Fodor disse uma vez, sugere uma atividade cerebral comparável à de uma máquina de computação eletrónica."

A energia elétrica ao nível de 3,6 milhões de volts por centímetro cúbico seria mais do que suficiente para elevar a temperatura do "objeto assaltado" — o corpo da Sra. Reeser, por exemplo — aos 3000°F estipulados pelo Dr. Krogman como o grau mínimo de calor necessário para converter o corpo em cinzas.

Nenhum cientista do passado ou do presente poderia ter ficado mais entusiasmado com o caso de Frank McKinstry do que ficaria Leonardo da Vinci, em cujo pensamento científico a terra era apenas o análogo maior do homem; a analogia estabelecida e mantida pela presença, tanto no maior como no menor, do calor vital: o "fogo no corpo da terra" e "o coração quente no corpo do homem".

É estranho que não existam teorizações de Leonardo sobre o fenómeno da combustão-por-nenhum-agente-detetável, quer do tipo espontâneo quer do tipo *poltergeist* (geralmente não letal). É um daqueles fenómenos que deveriam ter captado e prendido a sua atenção; um sobre o qual teria teorizado na plena liberdade da sua especulação inimitavelmente imaginativa. Mas, se ele escreveu sobre o Fogo do Céu, nenhuns manuscritos sobreviventes contêm as referências.

Mas sobre o calor como princípio vital, Leonardo tem muito a dizer. Se Glanvil, dois séculos após Leonardo, haveria de encontrar, em Deus, a Grande Vontade, Leonardo tinha anteriormente encontrado, na terra de "coração de fogo", o análogo macrocósmico do "homem de coração de fogo". A vida — isto é, a energia constantemente ativa, progressiva, constantemente autorrenovável que informa e motiva todos os seres vivos (incluindo, para Leonardo, a própria terra) — estava, para este génio único, imanente em, e manifestada apenas no, princípio vital do calor — de modo que, muito antes de os físicos dos séculos dezoito e dezasseis terem, com a

teoria cinética do calor, emparelhado este com o movimento, Leonardo tinha pressentido a sua equivalência: o calor era movimento, e o movimento era calor.

"O calor", escreve ele, "que é vertido nos corpos animados move os humores, os constituintes básicos da matéria orgânica, que os nutrem. O movimento feito pelo humor é a conservação de si próprio e a vivificação do corpo que o contém.

Uma e a mesma causa move a água, um dos quatro humores, através das suas veias que se espalham e move o sangue na espécie humana.

O calor do fogo gerado no interior do corpo da terra aquece as águas que estão encerradas dentro dele, nas grandes cavernas e outros locais ocos; e este calor faz com que as águas fervam e passem a vapor, e se elevem..."

Esta última observação não é surpreendente em quem vivia num país de atividade vulcânica intermitente; mas de que natureza terão sido as observações e experiências de comprovação que inspiraram a nota seguinte? (Leonardo está a discutir a resistência ao calor da parede ventricular esquerda do coração.) "E é de uma tal densidade que o fogo mal a consegue queimar... E esta grande resistência ao calor a natureza fê-la a fim de que fosse capaz de resistir ao grande calor que é produzido no lado esquerdo do coração por meio do sangue arterial que se refina neste ventrículo."*

** O meu itálico. Todas as citações retiradas de K. D. Keele, MD, FRCS, Leonardo da Vinci—Movement of the Heart & Blood (Harvey & Blythe Ltd, Londres, 1952).*

Teria esta observação sobre uma "densidade tão grande que o fogo mal a consegue queimar" sido baseada em observações anteriores de fogos, tais como aquele em que a Sra. Reeser haveria de perecer, os quais tinham o poder de consumir totalmente até a parede ventricular esquerda anormalmente "densa"? Teria Leonardo, que parece ter deparado com tudo, bem como ter visto tudo, deparado e teorizado sobre o fenómeno da combustão espontânea, cuja característica mais marcante não é que devesse ter encontrado uma vítima (a teoria do "Fogo do Céu" teria satisfeito quase

toda a gente menos Leonardo no século quinze), mas sim que a devesse ter consumido tão completamente?

A principal função do coração, na opinião de Leonardo, era a geração de calor. Seguia-se, então, que se a frequência do pulso fosse acelerada, o calor gerado seria proporcionalmente aumentado. É desta forma que Leonardo explica a febre. "O calor é gerado pelo movimento do coração, e isto mostra-se porque quanto mais rapidamente o coração se move, mais o calor aumenta, como o pulso do paciente febril nos diz, movido pelo bater do coração."

O calor, pensa Leonardo, e "o espírito vital" são um só. Ele observou que o coração "é essencialmente o aquecedor central do corpo",* que o mecanismo semelhante ao de uma batedeira de manteiga do calor conferia não apenas movimento ao sangue mas calor a todo o corpo: "Observe como o leite, quando rodado na batedeira durante a confeção da manteiga, fica aquecido."

As observações de Leonardo, e o pensamento baseado nessas observações, conduziram-no inevitavelmente não apenas à teoria de que o calor e o "espírito vital" eram um só — "... este calor dá vida a todas as coisas, como vê que o calor da galinha dá vida e nascimento aos pintainhos, e o sol que regressa faz florescer todos os frutos... — mas também a que um excesso deste calor era tão perigoso como a falta.

Se Leonardo não compreendia tudo, as lacunas na sua compreensão são tão pequenas que apenas nos resta contemplar e maravilharmo-nos perante a mente que abriu tanto do que anteriormente estivera vedado, ou oculto, ao conhecimento humano.

* *Keele, op. cit.*

A sua visão da vida como calor — isto é, a sua perceção de que o calor era movimento — leva-o a apresentar as suas ideias sobre a vida física sob as imagens da chama e do fumo. Na passagem seguinte,* Leonardo resume, por assim dizer, todo o seu pensamento sobre o coração na sua relação com a vida humana. É uma passagem que parece aproximar de facto a visão de Leonardo do tema deste livro.

Se não fornecer um alimento igual ao alimento que foi consumido, então a vida fraqueja no seu vigor; e se a privar desse alimento, a vida é totalmente destruída. Mas se fornecer tanto quanto é destruído diariamente, então a vida é renovada em tanto quanto é consumida: tal como a chama de uma vela é — uma luz que é também continuamente restaurada com o mais rápido auxílio vindo de baixo em tanto quanto é consumida acima ao morrer, e a luz brilhante, ao morrer, é convertida em fumo tenebroso.

Tal morte é contínua enquanto o fumo continuar: e a continuidade do fumo é igual ao alimento, isto é, da chama pela cera de abelha de alimentação, e no mesmo instante toda a chama está morta e toda regenerada simultaneamente com o movimento do seu alimento. A sua vida recebe também dele o seu fluxo e refluxo, como é mostrado pelo tremeluzir da sua ponta. A mesma coisa acontece no corpo dos animais por meio do bater do coração...

Diástole, sístole; dilatação, contração; fluxo e refluxo; alargamento e diminuição — Leonardo viu e anotou tudo. O que ele viu também foi que o calor que é movimento, tal como o movimento que é calor, são forças tão finamente equilibradas que não deve haver o menor desequilíbrio a afetar aquele equilíbrio ideal da matéria e do movimento de que depende o funcionamento saudável do corpo humano. Na combustão espontânea esse equilíbrio deu lugar ao desequilíbrio; o calor escapou ao seu controlo; o calor foi, de alguma forma, convertido em movimento que é descontrolado, totalmente destruidor.

Como ocorreu este desequilíbrio? Por que razão o calor controlado do corpo humano subitamente se soltou da sua trela?

* Citada a partir de *Leonardo da Vinci on the Human Body*; C. O'Malley e J. B. de C. M. Saunders; Nova Iorque: Henry Schuman, 1952.

Lily White era o nome de uma jovem mulher que vivia em Antígua, nas Índias Ocidentais Britânicas, cuja história invulgar foi contada no *New York Times* de 25 de agosto de 1929. Em casa ou enquanto caminhava na rua, o vestuário desta jovem mulher era frequentemente destruído pelo fogo, permanecendo a Menina White ilesa em todas as ocasiões. Vizinhos bondosos colmatavam as faltas do seu guarda-roupa misteriosamente desfalcado e, por vezes, até da sua roupa de cama, visto que os lençóis

ficavam chamuscados por baixo e por cima dela — embora, de novo, sem lhe causar ferimentos.

A Menina White era obviamente a vítima de um ataque de *poltergeist* — mas quem estaria a gerar a força que queimava o seu vestuário ou roupa de cama? Ela própria ou outra pessoa? Quem quer que fosse nutria pela Menina White uma inimizade de padrão específico, dado que — quer as manifestações de *poltergeist* emanassem da Menina White quer de outra pessoa — a intenção por detrás dessas manifestações não incluía o desejo de prejudicar a Menina White. Seria simplesmente do vestuário da Menina White que o *poltergeist* não gostava? Em todos os casos de fenómenos de *poltergeist* que estivemos a considerar, a força foi projetada para o exterior a partir de uma pessoa para causar o desconforto de outra, ou de outras.

E se, no caso da Menina White, tivermos uma poderosa força eletrostática a atuar sobre a própria pessoa? E se, no caso da Menina White, tivermos uma ligação entre o fenómeno "inofensivo" do *poltergeist* e o fenómeno destruidor (e geralmente fatal) da combustão espontânea? De modo que, se concedermos a operação da intenção humana no primeiro fenómeno — da vontade humana —, não poderemos igualmente conceder a intenção humana, a vontade humana, quer consciente quer subconsciente, ao segundo destes fenómenos — o fenómeno da combustão espontânea?

— Quem me dera — têm dito as pessoas desde que a fala foi inventada —, quem me dera que a terra se abrisse e me engolisse — expressão tradicional de um desejo comum de libertação instantânea e total de uma situação perigosa (brutalmente embaraçosa). Aqueles que proferiram esta observação sabem quão livre de mácula de exagero ela está: é uma expressão literal de um desejo que envolve as mais profundas emoções humanas. É aquilo por que muitas pessoas têm ansiado, e continuarão a ansiar: a extinção total, com o esquecimento total — num segundo de tempo.

Talvez tenha sido isso o que aqueles que perecem na combustão total do Fogo do Céu desejaram. Talvez tenha sido isso o que garantiram para si próprios.

Parece, então, que podemos, face aos indícios, considerar tanto a atividade *poltergeist* como a combustão espontânea como fenómenos

interligados, diferenciados pelo alvo do ataque: sendo o alvo, dentro do primeiro conjunto de fenómenos, exterior ao gerador da força; dentro do segundo conjunto, sendo o alvo o próprio gerador da força. Em ambos os casos podemos também subdividir os fenómenos em causados intencional e não intencionalmente.

O obstáculo para chegarmos a qualquer conclusão definitiva nestas matérias obscuras é, como Justus von Liebig se queixava há um século e um quarto, a ausência quase total de um conhecimento de fundo detalhado.

O Padre Herbert Thurston, escrevendo doutamente sobre a atividade *poltergeist*, regista o caso de papéis que arderam dentro de uma gaveta trancada em Bombaim. De que natureza seriam estes papéis? Quem via o seu conteúdo, a sua existência, como ameaças à sua paz?

Em dois casos recentes podemos avançar experimentalmente com a teoria de que a combustão espontânea, autodesejada, é puro suicídio: Glen B. Denney, o proprietário de uma fundição em Gretna, de quarenta e cinco anos de idade (1952), e Billy Thomas Peterson, o soldador da General Motors, de vinte e sete anos de idade, de Pontiac, no Michigan. Ambos tinham embarcado no suicídio — Denney cortando as suas artérias em cinco locais; Peterson inalando monóxido de carbono a partir do escape do motor enquanto se encontrava sentado no seu automóvel fechado.

Ambos conseguiram cometer suicídio por via, respetivamente, de faca e de gás letal; ambos estavam mortos, de acordo com o relatório do médico-legista, antes de o Fogo os atingir; mas quem poderá dizer que a agonia mental que os tinha impelido para o suicídio não foi capaz de libertar uma força elétrica apta a consumi-los pelo fogo?

Noutros casos, onde o impulso suicida foi ocultado da atenção alheia, prestar-se-á depoimento de que o falecido "não mostrava sinais de depressão; nunca mencionou um impulso suicida" — e onde as circunstâncias da morte parecem, ou são arquitetadas para parecer, acidentais, nenhuma suspeita de suicídio recai sobre o morto. Logo após a Segunda Guerra Mundial encontrei, num bar de Londres, um oficial da marinha que eu não via desde antes da guerra.

Saudei-o, fiz algumas perguntas de rotina sobre a sua saúde e carreira, convidei-o para uma bebida e depois, porque ele não era meu íntimo, juntei-me a alguns outros amigos, enquanto ele foi conversar com pessoas que eu não conhecia. Olhei para ele uma ou duas vezes e vi que, embora calado (como era habitual nele), participava na conversa e "pagava a sua rodada" conforme ordenava o costume do bar. Ele saiu diretamente do bar para um edifício de apartamentos a meia milha de distância, apanhou o elevador para o nono andar e atirou-se da janela.

O Comandante C. não parecera deprimido; estava com o aspeto de que eu sempre me lembrava: bem-parecido, calado, reservado... Terá o "impulso suicida" caído sobre ele não antes de ter entrado no bar, mas depois de ter saído dele? Foi aceite pelo médico-legista que o morto decidira cometer suicídio antes de ter entrado no bar para "uma última bebida", e que, tendo-se despedido dos seus amigos, partira tranquilamente para "manter o seu encontro com a morte".

Tudo isto achei ser uma suposição indefensável. Em que ponto da sua vida decidiu o Comandante C. que a vida não valia a pena ser vivida, e que tinha o desejo, a vontade e os meios para lhe pôr fim? Os inquéritos sobre a morte (como Justus von Liebig seria o primeiro a queixar-se) estão sempre cheios de tantas irrelevâncias que é apenas por um milagre de relevância acidental que a verdade chega a emergir. O impulso para "acabar com tudo" pode "surgir num clarão" — no caso da combustão espontânea, essa frase coloquial deve ser a expressão literal do facto.

Na combustão espontânea, tal como geralmente ocorre, parece que temos a imagem refletida no espelho do fenómeno pelo qual a Menina Lily White se encontrou a caminhar nua e ilesa (mas de modo nenhum sem vergonha) pelas ruas de Liberta, em Antígua. Na combustão espontânea é o utilizador das roupas que é consumido pelo fogo — as roupas geralmente escapam ao dano. Ao notar a "vítima" em cada instância, podemos distinguir entre os alvos de cada emissão de força destruidora — e assim entre as intenções do gerador da força, em cada caso.

No caso da Menina Lily White a "vítima" designada foi o vestuário da Menina White; no caso de Billy Peterson foi o Billy (e nem sequer as suas cuecas); no caso da Sra. Rooney e da Sra. Reeser tanto as roupas como os

seus utilizadores foram marcados para uma chocante totalidade de destruição.

Que força os destruiu — e de onde veio ela?

O corpo humano não atinge temperaturas letais devido à imposição por parte do cérebro de um sistema complexo e maravilhosamente eficaz de controlo da temperatura. Vimos como este controlo opera mesmo a partir de um cérebro tão danificado que não consegue operar nenhuma das atividades humanas conscientes; que, através de uma catatonia que dura talvez muitos anos (o resultado, geralmente, de um grave acidente), o corpo é mantido à temperatura normal por um cérebro que, no entanto, não consegue fazer esse corpo ver, ouvir, cheirar, sentir ou sequer pensar.

Notou-se que esta vigilância constante sobre a temperatura do corpo era mantida, embora profundamente no subconsciente, por um ato de vontade — e sugeriu-se que esta vontade, como qualquer outra faculdade humana, podia falhar. Agora perguntamos: Poderia ela também falhar, não por qualquer defeito mecânico, mas pelo comando da mente que opera subconscientemente esse controlo? A menos que assumamos que o sistema nervoso simpático, pelo qual todas as operações subconscientes do nosso corpo são levadas a cabo, é um sistema mecânico não sujeito ao nosso controlo mental, o que nos tornaria uma espécie de zombie ou, melhor, robô, devemos ser capazes de influenciar as operações desse sistema.

Nunca se contesta que os "selvagens" — pessoas que vivem num ambiente económico simples — têm um controlo consciente apertado sobre o seu sistema nervoso simpático; está estabelecido que eles podem "predispor-se pela vontade" a morrer, como aliás podem os animais.

E aos adeptos orientais — particularmente aos tibetanos dos dias anteriores à "libertação" comunista chinesa — é também concedida a capacidade de controlar o sistema nervoso simpático. Apenas "nós" perdemos, ou nunca possuímos, esta capacidade. Assim reza a lenda. E bem se pode perguntar: por que razão foi a "nós" — os enfatuadamente satisfeitos connosco próprios, presunçosamente complacentes "senhores da criação" — negado o dom de que os tibetanos e outros desfrutam?

O facto é que a "nós" não nos falta este dom — mas é um facto que nos treinámos para o temer ao ponto de raramente o usarmos. Lord Adare relatou à *Dialectical Society* que fora testemunha da capacidade de Daniel Dunglass Home para manifestar o seu controlo sobre o seu próprio sistema nervoso simpático (o qual, como é óbvio, inclui a geração de força eletrostática) de uma forma maravilhosa. Não só este maior demonstrador parafísico do século dezanove conseguia tornar qualquer parte do seu corpo luminosa à vontade; como bicos de gás ele conseguia expelir línguas de fogo, com até nove polegadas de comprimento, a partir do seu corpo, para todo o mundo ver.

Um fogo consome um corpo humano, deixando cinzas, fuligem e alguns restos de matéria animal carbonizada. Para alcançar esta combustão fora das circunstâncias especiais em que o corpo foi totalmente consumido, teríamos de usar calor na ordem de uns 3000°F — e depois teríamos o problema de queimar o corpo sem tocar nas roupas.

Há duas possibilidades a considerar, e penso que apenas duas, quando a questão do "desencadeamento" do fogo surge: queimar por intenção pessoal (ainda que, talvez na maioria dos casos, intenção subconsciente) e queimar através de um defeito mecânico no sistema de controlo da temperatura. É claro que, nos casos de Denney e Peterson, o fogo se seguiu ao seu suicídio real — pode-se dizer que o fogo os auxiliou a tornar esse suicídio certo.

Não é claro noutros casos que o impulso suicida tenha sido claramente reconhecido pela sua vítima: a criada que lavava o chão, alheia ao fogo que ardia entre as suas omoplatas, a mulher agachada numa clareira em Ayer, no Massachusetts, cujos gritos de terror trouxeram o Dr. R. H. Hartwell em seu auxílio, eram obviamente ou suicidas inconscientes do facto, ou sujeitos desventurados da falha mecânica do organismo humano.

Não seria difícil sugerir razões pelas quais uma "gata-borralheira" do final do século dezoito haveria de sonhar, não tanto com o suicídio como com o Nirvana — a tal ponto que o Fogo veio "porque foi chamado".

E o que poderá estar a acontecer quando o controlo falha? Que energias são então libertadas? Vimos os seus efeitos numa totalidade de

combustão — e adivinhámos tanto a sua natureza como a sua força. De onde vêm elas?

Como foi observado no Capítulo 5, o homem tem dois corpos, o físico e o parafísico (o rótulo mal importa; a identificação sim). Mas seria tolice considerar que estes dois corpos, o físico e o parafísico, levam existências distintas. Não levam. São diferentes — talvez "diferentemente organizados" seja uma forma melhor de exprimir o facto —, mas complementares. Como são complementares será um dos triunfos da parapsicologia e da parafisiologia do século vinte e um descobrir.

O que parece ser aparente, a partir da quantidade muito limitada de indícios de que dispomos atualmente, é que estes dois corpos humanos, estes organismos compostos interligados por uma geminação parafísica natural, existem em dois níveis de energia diferentes, o que parece implicar inevitavelmente ritmos diferentes na dimensão do tempo.

Suponhamos que, normalmente, o controlo do corpo físico humano — chamemos-lhe Corpo I — está de tal modo além da intromissão mesmo do subconsciente humano porque este controlo tem tanto o Corpo I como o Corpo II (o corpo "parafísico") ao seu cuidado. Vimos, no Capítulo 5, quando as investigações dos Kirlian foram examinadas, que a organização do Corpo II parece envolver energia química e elétrica em níveis muito elevados.

Agora procuremos uma analogia simples na caldeira de uma máquina a vapor alimentada, digamos, a carvão. Suponhamos que o fogueiro, apegando-se estritamente ao seu dever, continua a deitar carvão para a fornalha, mas suponhamos, também, que o vapor na caldeira, elevado pelo calor a uma pressão perigosa, não consegue escapar porque o maquinista permitiu que a válvula de vapor ficasse inoperacional. De alguma forma a energia dentro da caldeira, a energia excedentária, por assim dizer, deve encontrar a sua libertação. E encontra-a. Se não através da válvula de vapor entupida, então através das paredes dos tubos da caldeira. Mas que escapa, escapa.

Será assim? Será uma das funções, talvez até a função principal, do corpo físico alimentar de energia o corpo parafísico, para ali ser convertida em energia de um tipo diferente (porque destinada a um conjunto diferente

de propósitos), possivelmente num tempo diferente? Será o Corpo I meramente a "fornalha" para dar energia à "caldeira" do Corpo II?

Há a energia feita pelo homem e há, e sempre houve, a energia "acidental"; e chegou agora o momento em que a energia feita pelo homem parece prestes a aproximar-se, tanto em tipo como em força, até das mais poderosas libertações e transformações de energia "acidentais".

Às 7h17 da manhã de 30 de junho de 1908, uma "bola de fogo" foi vista a passar sobre as estepes siberianas, numa direção sul-norte, para atingir uma floresta em Tunguska, cerca de 550 milhas a nordeste de Irkutsk. Os passageiros do caminho-de-ferro Transiberiano que olhavam pelas janelas viram claramente a "bola de fogo", e todos no comboio sentiram o terrível abalo quando esta atingiu a floresta. O ruído da explosão, ouvido num raio de mais de 600 milhas, fez a agulha do sismógrafo de Irkutsk tremer por mais de uma hora. As árvores foram desnudadas até uma distância de quase quarenta milhas do impacto da bola de fogo. A explosão foi registada no papel da maioria dos sismógrafos do mundo como um tremor de magnitude. A maioria dos sismólogos interpretou os registos dos seus instrumentos como a indicação de que um terramoto de tipo violento tinha tido lugar.

O Governo Russo disse ao mundo que um meteorito invulgarmente grande tinha atingido a Tunguska siberiana, e para o mundo a bola de fogo permaneceu um "meteorito" durante décadas. Mas várias expedições científicas, cada uma equipada com aparelhos progressivamente mais refinados e sensíveis, provaram conclusivamente que, o que quer que a bola de fogo fosse, não era um meteorito.

Ninguém sabe ainda o que era. Há teorias, como é óbvio. Alguns dizem que cientistas russos exilados construíram uma bomba atómica, a enviaram para o ar por meio de um balão e a fizeram detonar sobre a Tunguska, caso em que a sua bomba "primitiva" era de uma ordem de magnitude incrivelmente elevada. Outros dizem que um "fragmento" de antimatéria atingiu a terra e, ao deparar com a matéria, explodiu "naturalmente".

Qualquer que tenha sido a natureza da bola de fogo, a sua energia radiante era tal que ateou fogo a árvores a onze milhas do foco da explosão,

e teve um clarão tão brilhante que sombras secundárias foram projetadas a uma distância de 124 milhas. Os cálculos da energia envolvida na explosão indicam uma força de 2.8×10^{23} ergs — equivalente à energia libertada por cerca de trinta bombas atómicas de 10 megatons.

Esta foi uma explosão à escala "nuclear" — e com todos os efeitos discerníveis de radiação de alto nível em humanos, animais e plantas, mortos e sobreviventes. Pode-se dizer que a energia responsável pela combustão espontânea não é de tipo "nuclear" — mas como se pode dizer isso, quando a primeira pessoa a ter os seus restos examinados por um contador Geiger-Müller foi Billy Peterson, por causa da forma "nuclear" como o seu cabelo não queimado espetava através da sua pele esturricada pelo fogo? O que teriam mostrado os corpos carbonizados da Condessa di Bandi ou da Sra. Rooney se o contador Geiger-Müller tivesse sido ligado na sua presença?

Não sabemos o que a "bola de fogo" de 1908 era, salvo que era de força e poder sem precedentes. E por que razão lhe chamo uma "bola de fogo"? — ligando-a, em tipo, se não em poder, àquela que foi descrita por Camille Flammarion (que subiu por um tubo de fogão e explodiu fora de casa) ou àquela que destruiu o celeiro do banqueiro reformado de Boston, Robert Bowen, em Sudbury, no Massachusetts, a 28 de abril de 1965? Bem, vimos que, comparada com outras manifestações de energia radiante — relâmpago, atividade *poltergeist*, combustão espontânea, e assim por diante —, a "bola de fogo" é relativamente inofensiva para os seres humanos. Ou talvez fosse mais preciso dizer que a "bola de fogo" raramente é letal.

E quanto dano, isto é, comparado com o seu potencial aterrorizador, causou o chamado meteorito, a verdadeira "bola de fogo", de Tunguska? Tinha energia suficiente para ter arrasado cinquenta Dresdens ou Hiroshimas; no entanto, caiu (devemos dizer "por acaso"?) numa das partes menos povoadas do mundo na altura — terra "não desenvolvida", sobre a qual um número relativamente reduzido de nómadas pastoreava os seus rebanhos de renas e póneis. E embora tenha havido algumas mortes — um punhado de nómadas, mas rebanhos inteiros de renas —, as mortes não foram nada comparadas com o poder que as causou. Tão remota, tão

"privada", foi esta libertação de energias titânicas que durante décadas o mundo nem sequer soube o que o tinha atingido.

De facto, quando chegamos a considerar a sua energia e a relacioná-la, proporcionalmente, com o próprio mundo, seria ela assim tão poderosa? Seria ela, em proporção ao mundo, de algum modo mais poderosa do que era a força que consumiu a Sra. Reeser, proporcionalmente às suas 175 libras?

Leonardo teria visto imediatamente que este calor externo, ao atingir o macrocosmo, a terra, era pequeno, comparado com o calor que tantas vezes atingia o microcosmo, o Homem.

Será assim? Quando o controlo falha, um controlo que deve superintender e garantir o perfeito funcionamento dos dois corpos interligados e interdependentes — não meramente de um —, será a súbita energia excedentária do Corpo II expelida através do Corpo I, num súbito e titânico surto de força que deixa o Corpo I nada mais do que "um farrapo, um osso e uma trança de cabelo"... e muitas vezes nem sequer isso?

15. FACTOS E TEORIAS...

UM BALANÇO

Chegámos agora ao fim dessa ampla e detalhada perspetiva sobre o misterioso Fogo que se comporta — para fogo — de uma maneira aparentemente tão caprichosa: queimando pessoas, mas não as suas roupas; queimando roupas, mas deixando os utilizadores ilesos. Vimos praticamente tudo sobre como o Fogo atua — e sobre o que atua. Vimos o suficiente para saber por que razão os nossos antepassados lhe chamaram O Fogo do Céu — quando não lhe chamavam (talvez com mais razão) O Fogo do Inferno. Mas, no fim deste olhar atento sobre o Fogo, poderemos dizer que estamos mais perto de compreender a sua natureza; mais perto da capacidade de afirmar, não apenas o que ele faz, mas o que ele é?

Cautelosamente — com muita cautela mesmo — atrever-me-ia a sugerir que acumulámos por esta altura uma quantidade suficiente de factos sobre a qual basear pelo menos uma teoria plausível e, na minha opinião,

mais do que uma, ainda que uma única teoria mestra seja tudo o que a verdade requer ou, de facto, seja capaz de comportar.

Vejamos onde os factos, tal como os perspetivámos, nos deixam.

Facto No. 1 — o facto mestre — é que o fenómeno da CHE é tão inegável quanto o depoimento de testemunhas responsáveis o pode tornar. Mas não mais do que isso. E não devemos esquecer que o depoimento de testemunhas responsáveis não é sempre suficiente para granjear para qualquer ocorrência relatada a aceitação, por parte do mundo, dessa ocorrência como "facto". Se o depoimento de testemunhas responsáveis fosse sempre aceite, então fenómenos como "discos voadores", levitação, telecinese, teleportação e algumas outras "fantasias" seriam aceites pela massa da humanidade sem mais discussão do que a com que aceita o "facto" de que o sol nasce no Este e se põe no Oeste — embora Velikovsky não seja o único a ter recolhido indícios impressionantes de que, mesmo em tempos históricos, houve um período em que o sol inverteu a sua direção e nasceu no Oeste.

Facto No. 2 — e um facto quase tão importante como o Facto No. 1 — é que a atividade *poltergeist* e o Fogo estão ligados; ou, para exprimir este facto importantíssimo de uma maneira mais precisa, a atividade *poltergeist* pode — e, como vimos, bastante frequentemente o faz — incluir o atear de fogos entre as ações que consegue controlar e usar. Para refrescar a memória do leitor: a atividade *poltergeist* é a expressão, em ação física, de desejos subconscientes, normalmente recalcados, cujo "conter" se provou demasiado para quem deseja — chega um momento em que eles têm, por assim dizer, de irromper para fora, tornando-se aparentes em todas aquelas atividades que são normalmente associadas com o ser não existente que a antiga crença chamava "o *poltergeist*", o "espírito irrequieto". Sabemos agora que a força que ativa o "*poltergeist*" origina em, e é fornecida por, um ser humano — o chamado "foco" da atividade *poltergeist*, e que, assim, este ser humano (geralmente, embora não exclusivamente, uma pessoa jovem — mais frequentemente do sexo feminino do que do masculino) consegue levitar e teleportar objetos, embora como o faz não o saibamos ainda dizer.

Factos dos mais afortunados na história da investigação sobre o *poltergeist* foi o surgimento de um "foco de *poltergeist*" — um rapaz — suficientemente inteligente e instruído para ser capaz de estudar os seus próprios poderes. Em *The Link*,* o mundo, pela primeira vez, teve a vantagem de ler um relato da atividade *poltergeist* mais vigorosa a partir do ponto de vista subjetivo — a partir do ponto de vista do "foco" inteligente e completamente consciente de si próprio.

O autor de *The Link*, o Sr. Matthew Manning, está ainda, à data em que escrevo, abaixo dos vinte e um anos; a sua vida de *poltergeist*, para cunhar uma frase, começou quando ele tinha entre onze e doze anos e envolve não apenas a transferência de "*apports*" — livros, jarras de flores, castiçais, e assim por diante — de uma sala para outra, através de paredes sólidas, mas, se pudermos aceitar os impressionantes indícios de escrita e desenho automáticos, comunicações vindas daquelas pessoas a quem é costume chamar "mortos": Dürer, Blake, Goya, Beardsley e muitos outros.

** Agora disponível numa edição de bolso da Corgi Books, publicada em 1975.*

As manifestações de poltergeist originadas no Sr. Manning eram tão frequentes na sua escola como em casa; e embora ele possa descrever, em prosa calma e detalhada, as suas ações e reações ao longo do tempo desde que começou a ser o foco de um poltergeist, ele não consegue explicar a força que subconscientemente mobiliza para transportar um castiçal ou um livro de uma divisão para outra. Poder-se-ia perguntar então: O que é que o Sr. Manning, mesmo escrevendo do ponto de vista do «foco», tem para nos dizer que já não soubéssemos antes? — isto é, se ele não nos consegue dizer como consegue gerir estes acontecimentos invulgares?

É na revelação do caráter do Sr. Manning que o seu livro tem muito para nos dizer; pois ao compararmos o seu caráter com as suas ações de poltergeist, vemos por que razão — e como — outros caracteres, menos agradáveis, menos equilibrados e menos plácidos do que o do Sr. Manning, poderiam perfeitamente estar associados a fenómenos de poltergeist de uma ordem diferente e muito mais sinistra. Willie Brough, como já vimos, pode dizer-se que «se consumiu pelo fogo» para sair da escola que odiava; e na Escola de Wild Plum toda a turma parece ter estado envolvida no uso do

fogo-poltergeist para se livrar de lições (or de um professor) repugnantes para as crianças.

Mas, embora o seu diretor tivesse pedido a sua expulsão em nada menos do que três ocasiões, o Sr. Manning não antipatizava nem com a escola nem com o seu diretor. Não é filho único; dá-se bem com os pais; embora não seja extrovertido, não é um solitário. Não sofria de *bullying* na escola — um facto que acho quase incrível, dado que ele era diferente dos outros rapazes num grau acentuado, e apenas as diferenças mais insignificantes, por norma, servem de desculpa para o *bullying*. O Sr. Manning escapou a tudo isto — e assim é (ou assim me parece) que a sua natureza plácida e feliz se reflete no facto de nenhuma das atividades de poltergeist associadas a ele ter aquele elemento de malícia que parece informar grande parte da atividade de poltergeist.

Mas resta saber o que teria acontecido se o Sr. Manning tivesse nascido com um pendor cruel — ou se tivesse odiado a escola ou o diretor. Terá a Escola de Oakham ardido por completo? — ou terá sido meramente tornada inabitável por fogos do tipo dos que eclodiram na Escola de Wild Plum...?

Contudo, quando afirmei há pouco que as atividades de poltergeist associadas ao Sr. Manning, e esplendidamente registadas em *The Link*, não incluíam qualquer aparição do Fogo, ou, na verdade, algo de caráter malicioso ou prejudicial, estava a declarar que a força — a chamada força poltergeist — gerada e controlada por este jovem (embora subconscientemente) não era prejudicial para os outros.

Deve notar-se aqui que o elemento prejudicial-malicioso, quase sempre presente nas atividades de poltergeist, não está ausente do registo de Manning, mas assume aqui uma forma curiosamente invertida, na qual o sujeito é não só a vítima principal, mas na verdade a única, de uma intenção maliciosa. O subconsciente do Sr. Manning não está disposto a magoar os outros; não está indisposto a magoar o Sr. Manning, embora nunca — até agora — num grau perigoso.

Certa noite, ao pegar numa chávena de café, recebi um choque elétrico invulgar na asa. Fui de tal forma apanhado de surpresa que deixei cair a chávena e entornei o seu conteúdo. Talvez não tivesse pensado mais nisso,

não fora o facto de, no dia seguinte, ter tido a mesma experiência ao colocar a mão na maçaneta de uma porta. Este fenómeno continuou em momentos estranhos e inesperados por um período de quase um ano. Parecia que quase qualquer objeto tinha a capacidade de me dar um pequeno choque elétrico, fosse ele de metal ou de outro material. Lembro-me de receber tais choques elétricos de livros, janelas e até enquanto segurava morangos.

Numa ocasião, meti a mão num grande frigorífico aberto numa loja para tirar uma lata de refrigerante. Para surpresa do lojista que observava, larguei-a quase imediatamente após lhe ter pegado, pois deu-me um choque tremendo. Nunca encontrei qualquer explicação óbvia para os choques elétricos que recebi de objetos variados.

É uma pena que este aspeto de «automutilação» do *Poltergeistismus* do Sr. Manning não tenha sido investigado com o mesmo cuidado com que outros aspetos foram cuidadosa e cientificamente examinados, pois o fenómeno dos autochoques tem sido estudado, particularmente na Rússia, e com tais choques «elétricos», os níveis de energia podem ser medidos. É de esperar que, caso o fenómeno dos autochoques volte a ocorrer na experiência do Sr. Manning, ele se submeta a exame por parte de algum eminente parapsicólogo do estatuto de, digamos, o Professor Genady Sergeyev.

Um exemplo muito mais curioso desta «energização» de objetos próximos é o caso do «ovo que assobiava».

Eu tinha na minha secretária um ovo de pedra de alabastro. O ovo estava a um metro e meio de distância do gravador (o qual, a partir de uma fita em branco, tinha soado com o estrondo de artilharia distante, o murmúrio de multidões e a música de marchas nazis) e a cerca de dois metros e meio do microfone. Sem razão aparente, este ovo, que estava sobre a secretária, a cerca de quarenta e cinco centímetros de onde eu estava sentado, começou a emitir um som sibilante que começou como um zumbido baixo e subiu até um ruído comparável a um *feedback* eletrónico. [*O meu itálico — MH*] O gravador continuava ligado. Estendi a mão para pegar no ovo e, assim que me aproximei a escassos centímetros dele, o

ruído intensificou-se até um nível que nos magoava os ouvidos. Um dos meus amigos esticou-se para tocar no ovo e o ruído parou.

Ele pegou no ovo e, disse ele, estava bastante quente; não deveria estar quente, pois era pedra maciça e não tinha sido manuseado antes. Ele passou o ovo a outro amigo e este começou novamente a ganir. Quando eu lhe peguei, o ruído subiu ao seu nível anterior até que o voltei a colocar na secretária, onde apenas continuou a emitir um zumbido baixo. Quem quer que tocasse no ovo fazia com que ele produzisse um ruído diferente, que por vezes era um assobio agudo e por vezes um zumbido baixo. O ruído aumentava mais quando eu lhe tocava. [*O meu itálico — MH*] Isto... continuou por pouco mais de quinze minutos. Tínhamos ligado o gravador quando este assobio começou e gravámos tudo enquanto durou. Quando o reproduzimos, os ruídos e as nossas vozes estavam claramente gravados.

Que este fenómeno tinha um caráter tanto objetivo como subjetivo é provado pelo facto de os ruídos emitidos pelo ovo — um objeto, note-se, que aparece de forma anormal em várias das fantasias de H. G. Wells — terem sido gravados na fita magnética. Note-se também que, embora o ruído fosse doloroso quando o Sr. Manning tocava no ovo, o ruído ou parava ou não subia a níveis «dolorosos» quando tocado por qualquer um dos seus amigos. E note-se, também, que a comparação que o Sr. Manning faz do ruído com o de «um *feedback* eletrónico» me parece ser nada mais do que a declaração literal de um facto: ele estava a ouvir um «*feedback* eletrónico» — sendo a fonte da energia elétrica ele próprio.

Mas a coisa mais significativa que o Sr. Manning tem a dizer no seu importante livro é esta:

Aproximando-se de mim numa noite... estava outro rapaz que eu não conhecia. Fiquei chocado... ao ver, para minha surpresa, que o rapaz estava envolto numa aura de cores em forma de pera que se parecia muito com ondas de calor coloridas... Descobri que me podia ligar ou desligar como um interruptor de luz elétrica. Se me ligasse, como se fosse escrever (isto é, automaticamente), mas sem o fazer realmente, conseguia ver auras a rodear as pessoas. Não consigo descrever em palavras como consigo este ligar e desligar.

O Sr. Manning prossegue depois descrevendo as diferentes cores da aura vistas por ele, e explicando como chegou a interpretar esta «codificação por cores»:

«Ao descobrir que cores rodeavam as pessoas que eu conhecia bem, descobri que cada cor era representativa de uma faceta particular do seu caráter. Distingui seis cores básicas... Em redor daqueles que estão doentes ou têm uma enfermidade grave [a aura colorida]... é frequentemente fraca, e notei que uma sombra de cor mais escura rodeia qualquer área do corpo da pessoa que esteja doente ou afetada por uma enfermidade. Se, por exemplo, alguém tem um tumor, este escurecerá a aura em redor da área em que está localizado.»

Aqui, pela primeira vez, temos um «psíquico» de dotes invulgarmente variados, não só com o poder de observar e registar os seus próprios dotes e experiências paranormais, mas que teve a felicidade de se encontrar num ambiente onde não foi forçado a ocultar a sua anormalidade. Podemos estar gratos à família e à escola do Sr. Manning por ter sido permitido que os seus dotes se desenvolvessem naquilo que é claramente uma atitude genuinamente compreensiva.

Ora, o que podemos nós aprender com este «psíquico» de dotes paranormais tão variados e impressionantes? Muito, sugiro eu. Um aspeto do seu poder é, a meu ver, o mais significativo de todos os seus dotes: algo mais do que um mero início da capacidade de direcionar e controlar o seu poder; e, ao ler o seu livro, fiquei com a impressão de que o Sr. Manning tem um controlo sobre os seus poderes maior do que aquele que ele próprio já reconhece.

A 25 de junho de 1974, o Professor Douglas Dean tirou várias fotografias Kirlian das pontas dos dedos do Sr. Manning e disse mais tarde: «Os resultados que recebemos são absolutamente únicos! Nunca vi nada assim antes.» O que foi único na obtenção destas fotografias foi o facto de as imagens se dividirem em três grupos distintos, sendo cada grupo «selecionado» pelo sujeito: o primeiro grupo mostrando a radiação normal do Sr. Manning; o segundo (mostrando uma radiação grandemente aumentada) depois de ele se ter ligado intencionalmente; o terceiro quando,

após se ter ligado, lhe foi pedido para (e ele o fez) «focar a energia num ponto preciso».

O Sr. Manning, ao observar a «capacidade misteriosa do poltergeist para realizar quase tudo o que alguém por acaso sugerisse, incluindo o acender de luzes e abrir de torneiras», parece ter evitado (or não percebido) a conclusão inevitável de que ele próprio está «poltergeisticamente condicionado» a realizar as sugestões por meios paranormais. Considero também que a sua observação sobre a «afinidade do poltergeist com aparelhos elétricos» é uma constatação de particular significado, embora o seu pleno significado pareça ter passado despercebido por ele. O facto é que a atividade de poltergeist não é nada mais (mas, note-se, nada menos!) do que a tradução em manifestação física e visível — aqui como sempre — da própria energia paranormal do Sr. Manning. Isto é verdade, logicamente, para todas as atividades de poltergeist.

Analisei o caso do Sr. Manning com alguma extensão neste capítulo final de síntese porque, como referi numa carta ao mais destacado estudioso e historiador mundial do inexplicável, o meu amigo Jacques Bergier, o Sr. Manning é, por assim dizer, um laboratório unipessoal do paranormal, no qual cada aspeto — ou quase cada aspeto — do paranormal estava disponível para estudo, com a cooperação voluntária, atenta, introspetiva e altamente inteligente do sujeito. Deveria ter acrescentado que este laboratório único do paranormal era de caráter experimental...

Disse acima que não tínhamos encontrado o Fogo no caso das atividades de poltergeist do Sr. Manning. Isto foi dito de uma forma estritamente literal, pois o aquecimento do ovo de alabastro torna evidente, além de qualquer dúvida, que os poderes paranormais do Sr. Manning comandam de facto a elevação de temperatura em objetos materiais. Se o Sr. Manning tivesse sido malicioso ou infeliz, ou se sequer tivesse antipatizado com a sua escola ou com a casa que o seu pai tinha adquirido para a família, então poderíamos perfeitamente ter tido o Fogo a surgir no registo paranormal do Sr. Manning.

Existe, na minha opinião, uma observação altamente significativa no relato do Sr. Manning sobre o ovo que assobiava — uma observação tanto

mais significativa quanto o Sr. Manning parece não se dar conta do seu significado.

Um dos meus amigos esticou-se para tocar no ovo... Ele pegou no ovo e, disse ele, estava bastante quente; não deveria estar quente, pois era pedra maciça e não tinha sido manuseado antes...

Isto quer dizer: não tinha sido manuseado antes pelo Sr. Manning. Era o seu ovo. Um amigo tinha-se «esticado para tocar no ovo...» O facto de «o amigo» se ter «esticado» para tocar no ovo parece implicar que o amigo fez um esforço invulgar para lhe tocar; inclinou-se sobre a mesa; (talvez) empurrou o Sr. Manning para o lado; fez alguns movimentos incómodos ou até irritantes... E a natureza plácida do Sr. Manning aqueceu (uso agora esta expressão literalmente!) transformando-se num humor moderado. Pois, afinal de contas, era o ovo do Sr. Manning... e mais ninguém tinha o direito de lhe tocar. O «aquecimento» era — se o amigo (e o Sr. Manning?) apenas se tivesse dado conta disso — nada mais, embora nada menos, do que o rosnado de aviso do cão ou do gato: «Tira as mãos de cima de mim! — ou haverá decididamente pior por vir!»

Assim, não só a partir do estudo dos dotes invulgares do Sr. Manning, mas de um levantamento geral de tudo o que aprendemos sobre poltergeists e combustão humana espontânea [CHE] [1], podemos, penso eu, chegar às seguintes conclusões, na exposição das quais farei uso de uma nova palavra, cunhada por mim para uso futuro no contexto da CHE e fenómenos associados: *equenergia* [2] — «a energia que está fora de nós, mas que pode ser usada quando conhecemos as palavras certas.»

Podemos dizer com confiança que aprendemos isto:

1. A CHE, fatal ou não fatal, pertence à vasta gama de fenómenos de poltergeist.
2. O movimento físico de qualquer tipo, atribuído a «um poltergeist», é um movimento gerado pela *equenergia* controlada pela vontade consciente ou subconsciente de um ser humano.
3. Esta «*equenergia*» é aquela parte da força cósmica que normalmente não é usada por nós porque está «oculta» por se encontrar em equilíbrio com aqueles outros aspetos da força cósmica que nos são aparentes.

4. A força cósmica está equilibrada entre o corpo físico (corpóreo) e o corpo «paralelo», conhecido pelos Antigos, e agora «autorizado» pela prova implícita nas fotografias Kirlian.

5. A CHE e outras formas de fenómenos equenergéticos são «alimentadas» pela energia libertada quando o equilíbrio entre a energia «normal» e a energia «mantida em reserva» é perturbado pela vontade — consciente ou subconsciente — do «mestre-poltergeist». A este respeito, é de grande interesse observar que as «atividades de poltergeist» do Sr. Manning incluíam a aparição de «atos de equilíbrio» cuidadosamente arranjados — numa ocasião, uma vassoura foi equilibrada de forma tão precisa sobre o corrimão horizontal da escada que «apenas um toque» foi necessário para a desequilibrar. O Sr. Manning ficou tão impressionado com os «truques de poltergeist» que envolviam equilíbrio e ordem (por exemplo, a disposição precisa de pratos e talheres numa mesa) que deu a esta «organização» uma classificação separada. Se ele tivesse fundamentado o assunto mais além, teria obrigatoriamente chegado à conclusão de que o seu subconsciente estava a «encenar» a verdade cósmica básica do Eterno Equilíbrio que — embora num grau trivial — os poderes paranormais de alguém como o Sr. Manning são capazes de perturbar.

Notas:

[1] No original surge a sigla SHC (Spontaneous Human Combustion), tradicionalmente traduzida em português por CHE (Combustão Humana Espontânea).

[2] Neologismo criado pelo autor no original como ekenergy, combinando o prefixo de origem grega ek- (para fora, exterior) com energy. Optou-se por equenergia para manter a eufonia e o paralelo conceptual em língua portuguesa.

6. A CHE e os fenómenos de poltergeist implicam ação e reação entre o «gerador da força» e a «vítima» — sendo a «força» o resultado de uma intenção deliberada, embora essa intenção possa não ser conscientemente conhecida pelo ser humano que gera a força — contudo, aqui deve notar-se que muitas crianças (especialmente raparigas) parecem ter compreendido em plenitude a ligação entre as

suas próprias emoções e os fenómenos de poltergeist que têm o poder de iniciar.

7. A CHE pode ser tanto de ação externa como de ação interna: um Willie Brough ou uma Jennie Bramwell podem gerar e direcionar uma força incendiária para queimar a escola ou a casa dos pais adotivos que lhes são detestáveis; mas Charles Fort foi o primeiro a notar e a registar o facto de que fogos de origem estranha, alguns fatais, outros não, pareciam acontecer frequentemente com ou na proximidade de «falhados». Na misteriosa morte por fogo do Sr. William Seale, de 65 anos, em Brighton, na noite de 15 para 16 de setembro de 1976, uma vizinha, a menina Christine Harmer, observou: «O Sr. Seale tinha bronquite crónica e problemas nas pernas. Não conseguia deslocar-se sozinho. Costumava ficar no quarto o dia todo. Acho que ele se fartou de não poder sair... Era um homem solitário...» A Sra. Ellen Steers, de 79 anos (ver página 98), que morreu, também durante a noite, a 29 de agosto de 1974, tinha sepultado o marido no dia anterior. Ela tinha «um historial de hipocondria».

Observa-se que as vítimas de CHE são todas — ricas ou pobres — marginais em maior ou menor grau; solitárias, negligenciadas — ou julgando-se como tal; sofrendo de um sentimento de injustiça, seja ele justificado ou não. Mas as vítimas de CHE autoinduzida — o termo norte-americano, «auto-oxidação», tem muito que se lhe recomende — não precisam de ser idosas para se sentirem solitárias e negligenciadas; as crianças sentem o sentimento de privação num grau que para elas é literalmente assustador. O pequeno Peter Seaton (ver página 6) tinha sido deitado, sozinho, num quarto cuja porta fora fechada sobre ele. Quem poderá dizer que terrores de solidão não vieram agonizar a criança antes que ela procurasse — e encontrasse — a libertação final e irrevogável na CHE?

8. Que a força gerada para iniciar o Fogo possa provir do não-senciente ou do inanimado parece altamente duvidoso. Toda a evidência recolhida até agora parece apontar conclusivamente para a origem humana do Fogo — embora isso não signifique necessariamente que toda a *equenergia* seja derivada do Corpo I ou do Corpo II do «gerador da força», embora pareça provável, pelo

menos para o autor, que o «gerador da força» forneça tanto a iniciação (pela sua vontade) como o direcionamento da força que se manifesta como o Fogo.

9. Contra a tese de que a seletividade «paranormal» do Fogo — queimando isto e deixando aquilo intacto — indica a sua origem na vontade e intenção humana, apresentar-se-á, talvez, o facto de que as explosões exibem frequentemente uma aparente seletividade — a remoção, por rebentamento de bomba ou granada, do vestuário de um soldado ou meramente das suas botas (sendo as botas encontradas mais tarde com os atacadores ainda atados), sem fazer mais nada à vítima a não ser traumatizá-la, é algo trivial na guerra. Como isto acontece, ainda não sabemos. Mas será esta seletividade nas explosões comparável com a seletividade mostrada na incidência do Fogo?

Obviamente que não. O Fogo seleciona a sua vítima — o ser humano dentro do vestuário com o qual o Fogo não tem qualquer preocupação — enquanto a bomba ou granada seleciona, quando seleciona, precisamente os objetos com os quais o apontador da bomba ou o artilheiro não estão preocupados: as botas do soldado — enquanto a vítima pretendida da bomba ou granada escapa sem mais do que um trauma. Como, conforme digo, a seletividade das substâncias explosivas se justifica, não sabemos; mas nada tem a ver com aquela operação da vontade humana, exercida consciente ou subconscientemente, que está por detrás da seletividade do Fogo.

Compreenderemos alguma vez a verdadeira natureza do Fogo do Céu? Na verdade, sim; o Fogo não é senão um dos centenas — até milhares — de mistérios com que o Homem deparou na sua lenta e frequentemente vacilante ascensão. Alguns dos factos mais «óbvios» da fisiologia — património atual das crianças como parte do seu conhecimento geral básico — eram mistérios, há menos de um século, aparentemente não menos insolúveis do que o mistério do Fogo é para nós hoje em dia.

E o Fogo, estou convencido, não permanecerá entre os mistérios do inexplicável por muito mais tempo — na verdade, sinto que todas as pistas para a explicação deste antigo mistério foram por mim expostas acima,

malgrado o facto de não estar equipado, por formação científica, para interpretar essas pistas.

Contudo, o que me parece evidente é que a natureza e o propósito do Fogo do Céu serão descobertos através daquilo que já é aceite como um facto, especialmente por aqueles cientistas que trabalham diretamente nos vários problemas do paranormal: que o Fogo é meramente uma manifestação daquela vasta gama de atividade físico-psíquica que classificamos sob o título geral de «o inexplicável» ou «o paranormal».

Desde já, através da investigação científica, sob condições de laboratório estritamente controladas, do corpo paralelo, da radiestesia, da levitação, da «transmutação de forma», da telequinese e de tudo o resto do que costumava ser (de modo algo desdenhoso) designado por «contos de fadas» ou «o arsenal do oculto», o padrão do inexplicável começa a emergir — e quando esse padrão estiver totalmente revelado, as suas leis compreendidas e o controlo da sua dinâmica assegurado, então o Fogo do Céu juntar-se-á à malária, à diabetes, à sífilis e a uma centena de outros males que outrossim foram inexplicáveis, mas que já não são misteriosos.

NOTAS

As clássicas alusões literárias à Combustão Espontânea, em número de nove, encontram-se nas obras de Charles Brockden Brown (Wieland, 1798), Washington Irving (Knickerbocker History of New York, 1809), Frederick Marryat (Jacob Faithful, 1833), Honoré de Balzac (Le Cousin Pons, 1847), Herman Melville (Redburn, 1849), Charles Dickens (Bleak House, 1853), Thomas de Quincey (Confessions of an English Opium-Eater, edição revista do original de 1822: 1856), Mark Twain (Life on the Mississippi, 1883) e Émile Zola (Le Docteur Pascal, 1893).

O tratamento individual do tema nos célebres livros acima referidos varia, naturalmente, conforme o caráter dos seus respetivos autores. Washington Irving, Thomas de Quincey e Mark Twain limitam-se a mencionar que existe um fenómeno como a Combustão Espontânea, sem fornecer quaisquer detalhes; sendo a alusão do último nomeado ao assunto a seguinte:

Jimmy Finn não foi queimado no calabouço, mas morreu de morte natural numa cuba de curtimenta, de uma combinação de *delirium tremens* e combustão espontânea. Quando digo morte natural, foi uma morte natural para Jimmy Finn morrer.

Tanto Brockden Brown como Herman Melville descrevem a «morte ígnea e ardente» com considerável detalhe, mas nenhum afirma explicitamente que esta morte é a bem conhecida «combustão espontânea» — o leitor é deixado livre para pensar que o horror possa ser algo diferente.

Charles Brockden Brown, um mestre inicial do gótico que exerceu uma profunda influência sobre Edgar Allan Poe, provavelmente deparou com o tema da Combustão Espontânea na *The Lily Magazine and British Review*, Vol. 4 (maio de 1790), pp. 336-7, na qual o fenómeno é relatado e descrito. Como George Perkins [3] diz, a *Review* «não hesita em usar o termo "combustão espontânea", e a relutância de Charles Brockden Brown em seguir o exemplo decorre talvez, muito simplesmente, do desejo de revestir o incidente com o máximo de mistério possível».

Este é um comentário interessante por parte do académico americano, visto que implicaria que, no final do século XVIII, a Combustão Espontânea tinha perdido o seu «mistério» para o público em geral, e que o «mistério» teve de ser reanimado pela deliberada e hábil manipulação dos factos por parte dos escritores góticos.

À semelhança de Poe, que em muitos aspetos pode ser considerado o discípulo literário de Brockden Brown, Brown empenhou-se de alma e coração em dar aos seus leitores uma dose completa de Horror — e de «horrores»!

Wieland é um pietista alemão do modelo padrão de então: uma criatura misteriosa com uma religião misteriosa, para observar cujos ritos misteriosos ele se dirige à meia-noite, sozinho, a um barracão de madeira em ruínas de sua autoria, a que chama a sua capela. A sua esposa, que está habituada às suas devoções de meia-noite, é subitamente sobressaltada por uma luz brilhante que irrompe acima da «capela», bem como por «um forte estrondo, como a explosão de uma mina». Ela ouve gritos da natureza mais aterrorizadora, mas ao correr para a capela encontra-se tanto em trevas como em silêncio; a luz e os clamores extinguiram-se ambos.

De algum modo, a Frau Wieland consegue carregar o corpo «insensível» do seu marido para dentro de casa. O vestuário de Wieland fora reduzido a cinzas, embora a capela estivesse intacta; e o seu corpo estava não só terrivelmente queimado mas também fustigado. O desventurado homem suporta duas horas do mais terrível sofrimento antes de morrer.

... a doença... traiu sintomas mais terríveis. Febre e delírio terminaram num torpor letárgico... Todavia, não antes que exalações insuportáveis e a putrefação rastejante tivessem expulsado do seu quarto e de casa todos aqueles a quem o dever não retinha.

Não pode haver dúvidas de que o autor de *The Facts in the Case of M. Valdemar* tinha lido o seu Brockden Brown — tal como não pode haver dúvidas de que Brockden Brown deparara nalgum lado com os detalhes da morte do Padre Bertholi.

Que as descrições de combustão espontânea em *Jacob Faithful* de Marryat e *Bleak House* de Dickens sejam justamente consideradas as melhores na literatura de ficção deve-se a que cada uma se baseia numa descrição jornalística de um caso real; na verdade, no que respeita à descrição de Marryat da morte da Sra. Faithful, o autor não está senão a «editar» uma notícia do *The Times*. Nenhum dos autores hesita em usar o termo «combustão espontânea» ao falar da morte da Sra. Faithful ou de Krook.

Le Cousin Pons surgiu no final do ano de 1847, e a sua referência (não muito descritiva) à combustão espontânea poderá dever a sua inspiração à estranha morte da condessa von Görlitz em Darmstadt, que foi amplamente relatada na imprensa francesa contemporânea. Mas tanto Marryat como Balzac podem ter ficado a dever informação adicional a um artigo na *The Literary Gazette* (Londres) [4] de 28 de junho de 1828, no qual não só o fenómeno da combustão espontânea, mas também o progresso dos seus sintomas, eram discutidos.

Herman Melville, em *Redburn* (1849), é outro descritor da combustão espontânea que se esquiva de lhe dar o seu nome apropriado. Melville sabia da combustão espontânea, pois a fonte da sua descrição do fenómeno em *Redburn* é, indubitavelmente, *The Book of Nature* de John Mason Good

(Nova Iorque, 1831), um título que Melville incluiu numa «Biblioteca de um Navio de Guerra» em *White-Jacket* (Londres e Nova Iorque, 1860), p. 169.

Melville era evidentemente um convertido à teoria da *Catacausis Ebriosus* de Trotter, Conolly, Carpenter, Stockwell e de tantos outros — de que a «melancolia do beberrão» conduzia inevitavelmente à «ruína do beberrão». De qualquer modo, quando Miguel, o marinheiro engajado à força, está prestes a encontrar o seu fim, Melville tem o cuidado de o colocar num torpor alcoólico e de lhe fornecer, como bónus, «um odor nocivo». Conforme o resto da tripulação observa a figura jacente de Miguel, bêbado e fedorento no convés, ficam horrorizados ao ver que:

... dois fios de fogo esverdeado, como uma língua bifurcada, dardejaram por entre os lábios e, num momento, a face cadavérica ficou coberta por um enxame de chamas semelhantes a vermes... o corpo descoberto ardia diante de nós, precisamente como um tubarão fosforescente num mar da meia-noite. Este era Prometeu, fulminado pelo fogo sobre a rocha...

Estes são sintomas invulgares, mesmo para a combustão espontânea, mas que Melville não esqueceu a descrição «clássica» do fenómeno «clássico» é demonstrado pela inclusão de uma das características mais comuns deste tipo de morte: ele nota que «não houve som». Outro ponto invulgar na descrição de Melville é que o Fogo do Céu não recebe permissão para «consumir Miguel por completo»; o corpo ainda em chamas e fedorento é lançado ao mar.

No que toca a Thomas de Quincey, a referência à combustão espontânea aparece apenas na edição revista (1856) de *The Confessions of an English Opium-Eater*, na qual (isto é, na revisão) ele inclui, como uma das «Dores do Ópio», o medo do opiómano de que a droga, tal como o álcool, pudesse conduzir à combustão espontânea. Este medo não fora mencionado na primeira edição das *Confessions* (1822), e Gordon S. Haight (ver Bibliografia) faz a engenhosa sugestão de que a controvérsia Dickens-Lewes tinha captado a atenção de de Quincey, e que três anos após a publicação de *Bleak House*, de Quincey recordou este medo inteiramente imaginário da combustão espontânea na «pretensa retrospetiva» de 1856. É

típico de de Quincey que tenha fingido recordar este «medo», apenas para descartar a combustão espontânea como uma «fantasia popular» — alinhando-se assim solidamente ao lado de Lewes na controvérsia deste último com Dickens.

Das duas descrições de combustão espontânea — a de Dickens e a de Marryat —, a de Dickens é a mais amplamente conhecida, mas no campo da medicina é a descrição de Marryat de uma morte por combustão espontânea que tem sido adotada como a descrição clínica padrão pela qual as outras descrições são sempre julgadas.

Jacob Faithful é o menos bem-sucedido dos romances de Marryat. Publicado em 1834, quando Marryat tinha quarenta e dois anos, descreve as aventuras de um órfão que começa a sua vida profissional como barqueiro do Tamisa. O avô de Marryat era um excêntrico médico de East Anglia, respeitado mais pela «sua genuína filantropia do que pela sua terapêutica espúria»; [5] a mãe de Marryat era uma americana de ascendência alemã. Marryat obteve o seu interesse pelo macabro de ambos: medicamente do seu avô, romanticamente das memórias populares alemãs da sua mãe. Ambos se combinaram para dar a Frederick um interesse mais do que normal por tudo o que era estranho; e, num período em que qualquer coisa estranha atraía a atenção, ele notou mais estranheza do que a maioria das pessoas.

O que torna a sua descrição da morte da mãe do seu herói tão memorável é que Marryat copiou todos os detalhes de um relato no *The Times* de 1832.

A lâmpada fixada contra a mampara de popa, com um vidro diante dela, continuava acesa, e eu podia ver claramente cada canto da cabina. Nada estava a arder — nem mesmo as cortinas da cama da minha mãe pareciam chamuscadas... parecia haver uma massa negra no meio da cama. Coloquei a mão temerosamente sobre ela — era uma espécie de cinza untuosa e asfáltica. Gritei de horror... cambaleei para fora da cabina e caí no convés num estado que raiava a insanidade... Como o leitor poderá ter alguma dúvida quanto ao motivo da morte da minha mãe, devo informá-lo de que ela pereceu daquela maneira muito peculiar e terrível que por vezes,

embora raramente, ocorre àqueles que se entregam a um uso imoderado de bebidas espirituosas.

Casos deste género apresentam-se, de facto, apenas uma vez por século, [6] mas a ocorrência deles está bem autenticada. Ela pereceu daquilo que se chama combustão espontânea, e inflamação dos gases gerados a partir dos espíritos absorvidos pelo sistema. É de presumir que as chamas que emanavam do corpo da minha mãe tenham assustado por completo e feito perder os sentidos ao meu pai, que tinha estado a beber livremente; e assim perdi ambos os meus pais, um pelo fogo e outro pela água, [visto que o pai de Jacob se tinha atirado ao mar e morrera afogado] ao mesmo tempo.

A descrição de Marryat tem sido aceite pela profissão médica como «clássica», porque, como o Dr. Thurston apontou numa carta ao *British Medical Journal* de 18 de junho de 1938, «o Capitão Marryat citou cinco dos seis pontos mencionados pelo Sr. L. A. Parry, FRCS (*Journal*, 4 de junho, p. 1237):

1. A vítima era uma alcoólica crónica.
2. Era uma mulher idosa.
3. Na cabina havia uma lâmpada que poderia ter originado o fogo.
4. Pouco dano foi causado às coisas combustíveis em contacto com o corpo.
5. Havia um resíduo de cinzas gordurosas.»

Marryat não mencionou que as mãos e os pés escaparam à combustão. Evidentemente que houve dúvidas quanto à origem do fogo, pois «após muito exame, muita discussão e muita divergência, o veredicto emitido foi o de que "ela morreu por visitação de Deus"».

As implicações morais da combustão espontânea seriam enfatizadas de uma maneira muito mais positiva por Charles Dickens com la publicação, em 1852, de *Bleak House*. Num artigo deveras extraordinário, «Bleak House: From Faraday to Judgment Day», [7] Ann Y. Wilkinson permitiu-se ser apanhada, tal como o próprio Dickens permitiu um arrebatamento similarmente total, pelos elos análogos entre a morte de Krook por combustão espontânea e a inevitável limpeza pelo fogo do mal

personificado por Krook. Como a Miss Wilkinson diz: «O mundo de *Bleak House* é um mundo físico, que reflete o seu gémeo moral. Tem leis físicas que são analogias quase exatas de leis morais — leis no sentido de descrições de eventos comportamentais existentes, em qualquer das esferas — e o observador do cenário físico tem algumas das mesmas preconceções, mas mais, os mesmos problemas de interpretação, que o observador do cenário moral.»

Quem me dera que houvesse espaço neste livro para analisar a profunda e subtil análise da Miss Wilkinson sobre a maneira como Dickens, fortemente afetado pelas suas leituras científicas, faz da morte de Krook um evento tanto simbólico-sobrenatural como fatual-intencional. O que a Miss Wilkinson ou esqueceu ou não soube é que a emoção que transparece de forma tão poderosa na descrição quase rapsódica de Dickens sobre a estranha morte de Krook é referível a um inquérito a que Dickens assistiu, vinte anos antes, como repórter do *Morning Chronicle*.

Seria absurdo afirmar que uma obsessão com a combustão espontânea, originada num inquérito de vinte anos antes, tinha gerado a fantasia sombria de *Bleak House*; pois seria difícil refutar o protesto de que a morte de Krook não é senão um incidente trivial num longo livro que trata de coisas mais importantes do que a morte de Krook ou o próprio Krook. Mas, como a Miss Wilkinson aponta, Dickens não pensava assim.

Ela torna claro que, ao imaginar a death de Krook por combustão espontânea, Dickens está a socorrer-se daquela obsessão com o fogo, a chama, a combustão, a combustibilidade, que tão fortemente influenciou a sua escolha de temas como editor da *Household Words*.

Dois anos antes, Dickens tinha escrito a Michael Faraday, que então «popularizava» a ciência nas suas palestras da *Royal Institution*, e convidou-o a contribuir para «o meu novo empreendimento *Household Words*». Dickens já tinha impresso *The True Story of a Coal Fire*, e quando Faraday respondeu prontamente ao convite de Dickens para contribuir para a nova revista e enviou algumas notas sobre a química de uma vela, Dickens entregou-as a Charles Knight, para as burilar numa forma legível.

O primeiro artigo, baseado nas notas de Faraday, «The Chemistry of a Candle», apareceu na *Household Words* na edição de 3 de agosto de 1850

— dois anos antes da publicação de *Bleak House*, mas numa altura em que esse romance já tinha a sua publicação em folhetins agendada. Por outras palavras, como editor, Dickens estava a imprimir artigos sobre combustão ao mesmo tempo que escrevia as propriedades misteriosas do fogo no texto de *Bleak House*. Se tivermos em conta a coincidência temporal, não podemos deixar de ficar impressionados com a preocupação de Dickens com o mistério da combustão, quer esteja a ler o artigo de Knight para a imprensa ou a dar-nos realmente as suas próprias perspetivas sobre os aspetos místico-morais do calor, e a encontrar analogias entre o fogo de carvão e o organismo humano.

No artigo preparado por Knight a partir das notas de Faraday, o jovem Mestre Wilkinson explica a composição química e o processo de combustão da vela, dizendo ao leitor como a fuligem negra «se está a tornar invisível e a transformar-se em ar», e concluindo com a observação de que queimar uma vela é «quase exatamente como respirar», o que suscita a pergunta altamente significativa do Tio Bagges: «O Homem... é uma vela, eh?» [8]

Faraday tinha dito: «Agora, devo levar-vos a uma parte muito interessante do nosso tema — à relação entre a combustão de uma vela e aquele tipo vivo de combustão que se processa dentro de nós. Em cada um de nós há um processo vivo de combustão a decorrer, muito semelhante ao de uma vela...»

Notas:

[3] Nota do autor no original: «Death by Spontaneous Combustion in Marryat, Melville, Dickens, Zola and others.» The Dickensian, 1964, pp. 57-63.

[4] O crédito pela descoberta deste item esquecido mas importante na literatura da combustão espontânea deve ir para o Sr. E. F. D. Howarth, que chamou a atenção para a sua existência num artigo que escreveu para a The Dickensian, Vol. 34 (1937-8), pp. 69-70.

[5] Vide o artigo sobre Marryat no Dictionary of National Biography.

[6] Aqui Marryat está inocentemente a citar o relato do The Times no qual baseou a sua descrição de ficção.

[7] Ver Bibliografia.

[8] Cf. as perspetivas de Leonardo da Vinci, citadas na página 229.

«Isto não é meramente verdadeiro num sentido poético — a relação da vida de um homem com uma vela...»

A *Household Words* continuou com os artigos, sendo o seguinte da série «The Laboratory in the Chest» [O Laboratório no Peito], na edição de 7 de setembro de 1850. Este artigo, embora redigido (mais do que propriamente escrito) por Knight, aproxima-nos ainda mais dos «factos» por detrás da romantização da morte de Krook.

No segundo artigo, Tio e Sobrinho discutem o calor corporal. O Tio deseja saber como é que, se o brandy com água arrefece a partir do ponto de ebulição — note-se a alusão ao álcool —, por que razão o calor do corpo de alguém não arrefece?

«Ora... pela mesma razão que o quarto se mantém quente enquanto houver fogo na lareira.»

«Não quererás dizer que tenho um fogo no meu corpo?»

«Quero, com certeza.»

E assim continua o diálogo, com o Sobrinho a responder a cada pergunta do Tio, até que finalmente o Tio observa:

«Fico um pouco nervoso ao pensar que uma pessoa está a arder por todo o lado — por todo o seu próprio sangue — desta maneira.»

E então o Tio Bagges faz a pergunta que liga a série de artigos «instrutivos» diretamente à terrível cena em *Bleak House*:

«... não estaríamos sujeitos a inflamar-nos ocasionalmente?»

O Sobrinho Wilkinson observa gravemente: «Diz-se... que a combustão espontânea acontece por vezes, particularmente em grandes bebedores de bebidas espirituosas. Não vejo por que não haveria de acontecer, se o sistema se tornasse demasiado inflamável. Beber álcool seria suscetível de carregar o organismo com carbono, o qual seria combustível para o fogo, de qualquer modo.»

Observamos agora que a «racionalização» da combustão espontânea assumiu um novo aspeto. O poeta, o romântico, o místico em Dickens continuam a responder a este fenómeno misterioso, e misteriosamente pavoroso, de uma forma humanamente primitiva e «não racional», mas a necessidade da sua época em encontrar uma explicação racionalizadora para este, como para todos os outros fenómenos, força Dickens a usar as ferramentas acessíveis de um conhecimento científico novel (e por isso romanticamente interessante) para fornecer a necessária «explicação» racionalizadora.

Dickens não escreveu os artigos sobre o queimar de uma vela; mas era um editor rigoroso, e nada entrava na *Household Words* que não tivesse a sua total aprovação; nem ele se coibia de reescrever qualquer passagem para a aproximar dos seus próprios padrões jornalísticos e filosóficos. Isto deve ser tido em conta ao considerar a natureza «tendenciosa» da passagem citada acima: frases como, por exemplo, «Não vejo por que não haveria de acontecer...», «Beber álcool seria suscetível de...», «o qual seria...» e assim por diante.

Contudo, neste tipo de argumentação «científica», Dickens demonstrou mais uma vez as razões para a popularidade de que tem desfrutado até aos dias de hoje: uma compreensão intuitiva daquilo que o povo queria, mesmo antes de este ter consciência da sua necessidade; e, ainda mais importante, a capacidade de antecipar a procura de uma opinião autorizada... e de a fornecer.

Como a Miss Wilkinson diz:

Entrei neste detalhe por duas razões: uma, para mostrar que Dickens estava de facto a pensar em, ou pelo menos ciente da combustão espontânea como uma ocorrência anormal no caso de um «sistema» se tornar demasiado «inflamável» logo em maio de 1850, e que as redações fantasiosas das palestras de Faraday forneceram a primeira (especiosa) autoridade científica para a possibilidade da combustão espontânea, uma «autoridade» para a qual Dickens mais tarde dificilmente poderia chamar a atenção (não se pode crer que ele se tenha esquecido dela: a sua memória sobre artigos nos periódicos era sempre extremamente precisa, especialmente visto que lia todos e reformulava muitos deles, além de

escrever os seus próprios) devido às conjeturas claramente infundadas que tinha permitido que Knight extraísse das notas emprestadas por Faraday.

E continua:

Além disto, temos agora o material diante de nós para considerar como a matéria bruta a ser refinada — sublimada — pela magia química da técnica de Dickens em arte simbólica. O que aconteceu neste processo?

O que aconteceu, de facto! O que aconteceu é que, ao passar do facto físico, natural e químico, o qual, sob uma roupagem «romântica», continua importantemente presente no romance, para a «analogia» ou símbolo, a ideia de combustão espontânea espalhou-se e tornou-se a visão explosiva final de todo o sistema de que *Bleak House* trata, uma visão do poder mais surpreendente, prenunciando a libertação de energias necessárias e purgativas, mas terrivelmente destrutivas. O que desejo mostrar é que esta visão de destruição pelo fogo [*o meu itálico — MH*] está absolutamente trabalhada nos materiais do romance, e depois traduzida em termos sociais e morais, e então, finalmente, elevada ao seu simbolismo histórico e apocalítico...

Este imaginativo e importante estudo sobre o tratamento de Dickens do fenómeno da combustão espontânea — um fenómeno que lhe era familiar desde os seus dias de reportagem jornalística — teria fortalecido substancialmente os seus próprios argumentos se a sua autora tivesse aprofundado um pouco mais as circunstâncias pessoais, não só de Dickens, mas também dos amigos de Dickens.

Por volta de 1850, Dickens não tinha sido, nem haveria de ser alguma vez, totalmente «aceite socialmente». Era um escritor famoso; era admirado por todos; mas a alta sociedade não lhe tinha estendido o privilégio da integração. Dickens — e isto explica a natureza curiosamente ambivalente da visão de vida deste romancista — haveria de ser, até à sua morte relativamente precoce em 1870, um marginal social; admirado «aquém da idolatria» pelo público leitor de dois continentes, mas temido e evitado pela alta sociedade por não ser «um dos nossos».

Conhecia pessoas famosas, incluindo aristocratas famosos, mas conhecia-os «da maneira errada» e nas condições erradas. Conhecia Bulwer

Lytton, Disraeli, d'Orsay e os outros leões da época, mas conhecia-os nas casas erradas — na Holland House, por exemplo, o salão da brilhante mas desclassificada Lady Holland — e conhecia-os a todos com as suas amantes. Como ele próprio mantinha uma amante, Dickens era «um deles». Nunca foi admitido naquela sociedade da qual a Rainha e o Príncipe Alberto eram as cabeças de comportamento impecável; tivesse ele vivido mais dez anos (o que o faria ter apenas sessenta e oito anos), e teria sido um membro bem-vindo do Grupo de Marlborough House.

Dickens, então, era um marginal, e os marginais tendem a desenvolver, a partir do seu ressentimento, opiniões que lhes são caras, não tanto por serem pessoais, mas porque parecem antagónicas às opiniões do *Establishment*. Mas o misticismo de Dickens não tinha sido devidamente avaliado, e é impossível considerar a visão de Dickens sobre a combustão espontânea sem considerar as opiniões comummente perfilhadas por todos aqueles de entre os seus amigos e conhecidos que se tinham permitido ficar fascinados pelo neognosticismmo e pela neoalquimia — dos quais Lytton era o mais conhecido e o de influência mais poderosa. Como gnósticos e alquimistas, estavam obcecados pelo fogo, tanto nas suas implicações materiais como místicas.

Lytton — pois estamos a falar agora de uma época prática, que gerou homens práticos — converteu os seus estudos ocultos na matéria-prima de *best-sellers*, e deve notar-se que entre os mais bem-sucedidos dos seus *best-sellers* estava *The Last Days of Pompeii* [Os Últimos Dias de Pompeia], no qual uma cidade é apagada pelo mapa pela lava e cinzas de um vulcão ígneo. [9] (O fogo está a «vingar-se» da humanidade indiferente.)

Embora a Miss Wilkinson não mencione isto, a preocupação de Dickens com o fogo (para não lhe dar uma descrição mais forte) pode bem ter sido uma causa contributiva para a sua morte precoce. Numa viagem a Itália, Dickens subiu — sozinho — as encostas quentes do Vesúvio e, uma vez na bochecha do vulcão, avançou, apesar dos avisos dos guias italianos, até estar realmente dentro da cratera da montanha ardente. Estava a espreitar para o magma contorcido, com o seu brilho coruscante semioculto pelo fumo tóxico, quando colapsou e, não fora a pronta ação dos seus

guias, teria caído na cratera — não menos vítima do fogo do que o seu vilão «punido», Krook, tinha sido.

Bleak House tinha aparecido inicialmente em formato de folhetim, e já um número de leitores tinha escrito ao autor, queixando-se de algo aparentemente incrível na questão da morte de Krook. Estas cartas eram tão numerosas, as suas queixas diferindo tão pouco na substância, que Dickens julgou prudente — na verdade, necessário — prefaciar a edição encadernada de *Bleak House* com uma repetição explicativa-defensiva dos factos mais conhecidos da combustão espontânea.

À cabeça dos contestatários estivera o «racionalista» Sr. George Henry Lewes (1817-78), editor em diferentes períodos da *The Leader* e da *Fortnightly Review*; e para ele Dickens tinha, neste prefácio, uma palavra especial:

«... a possibilidade daquilo que se chama combustão espontânea tem sido negada desde a morte do Sr. Krook; e o meu bom amigo Sr. Lewes (inteiramente equivocado, como logo descobriu, ao supor que a coisa tinha sido abandonada por todas as autoridades) publicou algumas cartas engenhosas para mim na altura em que o acontecimento foi cronificado, argumentando que a Combustão Espontânea não poderia possivelmente ser. Não tenho necessidade de observar que não conduzo os meus leitores voluntária ou negligentemente em erro, e que antes de escrever essa descrição me dei ao trabalho de investigar o assunto...»

Dickens cita então alguns dos casos mais famosos, e termina o seu prefácio com estas palavras desafiadoras: «Não julgo necessário acrescentar a estes factos notáveis, e àquela referência geral às autoridades que se encontrará na página 534, as opiniões registadas de distintos professores de medicina, franceses, ingleses e escoceses, em dias mais modernos; contentando-se-me com observar que não abandonarei os factos até que haja uma considerável Combustão Espontânea do testemunho no qual as ocorrências humanas são habitualmente recebidas.» [10]

Mas, mais tarde no século, outro romancista — francês, desta vez — haveria de mostrar que todas as velhas superstições relativas à combustão espontânea não tinham de modo algum sido varridas pela racionalização de românticos como Dickens ou de materialistas como Lewes. Em *Le Docteur*

Pascal, Zola faz com que um camponês-agricultor se incendeie enquanto dorme numa cadeira; tendo a vítima sido um grande bebedor. Haveriam de passar muitos anos antes que os estudiosos do fenómeno admitissem sequer a possibilidade de que pudesse não haver uma ligação constante de causa e efeito entre a bebida e uma conflagração.

Eis a tremenda cena da descoberta em *Bleak House*:

«Sim, Tony?», diz o Sr. Guppy, aproximando-se mais do fogo e roendo a sua unha instável. «Ias a dizer, em terceiro lugar?»

«Está longe de ser uma coisa agradável andar a fazer conspirações sobre um homem morto no quarto onde ele morreu, especialmente quando calha viver-se nele.»

«Mas não estamos a conspirar nada contra ele, Tony.»

«Talvez não, mesmo assim não gosto disso. Vive aqui sozinho e vê se gostas.»

«Quanto a homens mortos, Tony», prossegue o Sr. Guppy, esquivando-se à proposta, «tem havido homens mortos na maioria dos quartos.»

«Eu sei que tem havido; mas na maioria dos quartos deixamo-los em paz, e — e eles deixam-nos em paz», responde Tony.

Os dois olham-se novamente...

Agora, que esta troca de palavras se destina a avisar-nos de que algo de estranho e aterrorizador está prestes a acontecer — já está a acontecer — , é claro. É claro para Guppy e Weevle — «Os dois olham-se novamente» — e é claro para o leitor. O Sr. Guppy vai sentar-se no parapeito da janela...

O Sr. Guppy, sentado no parapeito da janela, acenando com a cabeça, balançando todas estas possibilidades na sua mente, continua pensativamente a bater-lhe, e a agarrá-lo, e a medi-lo com a mão, até que afasta precipitadamente a mão.

«Em nome do Diabo, o que é isto? Olha para os meus dedos!»

Um líquido espesso e amarelo suja-os, o qual é ofensivo ao toque e à vista, e mais ofensivo ao cheiro. Um óleo estagnado, enjoativo, com uma repulsa natural que faz com que ambos estremeçam.

«O que andaste a fazer aqui? O que andaste a despejar pela janela fora?»

«Eu a despejar pela janela fora? Nada, juro. Nunca, desde que estou aqui!», grita o inquilino.

E no entanto, olha para aqui — e olha para aqui! Quando ele traz a vela, aqui, do canto do parapeito da janela, ela pinga lentamente e escorrega pelos tijolos abaixo; aqui, jaz numa pequena poça espessa e nauseabunda.

«Esta é uma casa horrível», diz o Sr. Guppy, fechando a janela. «Dá-me um pouco de água, ou corto a minha mão.»

Ele lava de tal forma, e esfrega, e escova, e cheira e lava, que não vai há muito que se restabeleceu com um copo de brandy, e se manteve silencioso diante do fogo, quando o sino de São Paulo bate as doze, e todos aqueles outros sinos batem as doze das suas torres de várias alturas no ar escuro, e nos seus muitos tons. Quando tudo está calmo novamente, o inquilino diz:

«É a hora marcada, finalmente. Devo ir?»

Nunca o horror foi tratado de uma forma tão magistral. O leitor não sabe que o líquido espesso e amarelo que suja a mão ociosa do Sr. Guppy é o corpo de Krook, liquefeito por alguma alquimia pavorosa. E, na verdade, quando os dois homens se esgueiram temerosamente para o quarto de Krook, e o encontram desaparecido numa nuvem de fumo de mau cheiro e com a gata enlouquecida, continuamos sem saber (ou não nos foi dito por Dickens) que o óleo estagnado e enjoativo é... Krook.

A descrição daquilo que os dois amigos encontram quando vão em busca do «cheiro a queimado» não é apenas clássica no que diz respeito à destreza criativa de Dickens; é também clássica no sentido de ser, com

todos os seus adornos góticos, uma descrição precisa de um caso de combustão espontânea em que Dickens «marcou presença» como jovem repórter do *Morning Chronicle*.

Por um lapso, para o qual vários leitores me chamaram a atenção, omiti da minha lista de alusões literárias clássicas à Combustão Espontânea as *Almas Mortas* de Gogol. É verdade que a referência à CHE é casual e sem importância no que concerne ao enredo; de qualquer modo, Gogol menciona de facto a morte de uma personagem por esta causa misteriosa, e o famoso romance russo deveria, naturalmente, ter sido incluído na minha lista.

Eis a passagem, a partir da tradução de Constance Garnett, publicada na *Penguin Classics*:

«Na semana passada o meu ferreiro ardeu... Um ferreiro tão habilidoso! Também sabia fazer o trabalho de um serralheiro.»

«Teve um incêndio, minha senhora?»

«O bom Deus nos livre de tal calamidade, senhor! Um incêndio teria sido pior. Não, não, senhor, ele pegou fogo a si próprio. Algo dentro dele pegou fogo. Deve ter bebido demais. Apenas uma chama azul saiu dele e ele ficou a fumegar, a fumegar, e transformou-se em carvão negro. E era um ferreiro tão habilidoso, também...»

Note-se que, na tradição do seu tempo, Gogol não hesita em adotar a teoria da *catacausis ebriosus*: «Deve ter bebido demais.»

Apontando que as vítimas de CHE são raras entre os jovens, especialmente os muito jovens, mencionei na segunda edição desta obra que conhecia apenas um caso de uma vítima do Fogo pré-púbere: o do rapaz de 11 meses, Peter Seaton, de Peckham Rye, Londres.

A partir de informações que me chegaram desde então, é claro que mesmo os muito jovens já não podem ser considerados razoavelmente seguros do Fogo. O *Evening Mail* de Birmingham (Inglaterra) de 26 de agosto de 1974 relatou a morte de Lisa Tipton, num incêndio circunscrito a um quarto da casa dos seus pais em Highfields, Staffordshire. Nenhuma

tentativa real foi feita para fornecer sequer uma «razão» a meio gás para o incêndio em que Lisa tinha morrido: teria sido difícil atribuir a culpa do incêndio a ela, dado que tinha apenas seis meses de idade!

Apenas um mês mais velho era o rapaz Parvinder Kaur, quando tanto ele como o carrinho de bebé em que estava sentado se incendiaram. Conduzido à moderna Unidade de Queimados no maior hospital de Birmingham, o rapaz, obviamente, não podia dar qualquer explicação sobre como tinha ficado em chamas; mas, como o seu carrinho de bebé estivera num canto da sala de estar dos Kaur, a mentalidade oficial pôde sugerir que «as crianças poderiam ter estado a brincar com fósforos» — uma opinião para a qual nenhuma evidência foi apresentada.

Parte de uma série de oito incêndios por CHE em Birmingham/distrito de Birmingham, estendendo-se ao longo do período de 8 de abril de 1973 a 23 de março de 1975, a morte do pequeno Parvinder Kaur, de 7 meses, envolve uma coincidência extremamente curiosa: que, no *London Evening Standard* de 6 de janeiro de 1978, o «Stop Press» contém estes três itens de notícia — e apenas estes itens:

QUATRO MORREM EM INCÊNDIO DE HABITAÇÃO

Uma mulher e três crianças morreram numa casa em Hull hoje. Bombeiros em greve abandonaram a linha de piquete para acudir ao incêndio.

Notas:

[9] Nota do autor no original: O interesse de Dickens pelo «Oculto», e a sua amizade com Lytton e outros de interesse similar, são descritos em detalhe na obra do autor Charles Dickens: A Sentimental Journey in Search of an Unvarnished Portrait; Londres: Cassell & Co., 1953. A escolha de material aceite para as duas publicações que Dickens editou — All The Year Round e Household Words — torna o contínuo e profundo interesse de Dickens pelo «Oculto» deveras evidente, pois Dickens era um editor extremamente consciencioso, lendo cada contribuição que lhe era submetida como editor, e sendo o único responsável pelo que era impresso em qualquer uma das revistas.

[10] No jornal The Leader, Lewes tinha declarado que «objetava ao episódio da morte de Krook por combustão espontânea por ultrapassar os limites da ficção e dar curso a um erro vulgar». Numa carta a Dickens, Lewes disse: «Creio que não encontrará nenhum químico orgânico eminente que dê crédito à Combustão Espontânea.»

MULHER ENCONTRADA MORTA

A Sra. Inder Kaur, de 50 anos, foi encontrada morta hoje no chão da sua casa em St. Leonard's Street, Bedford. Apresentava marcas de queimaduras nos braços e nas pernas, embora não tivesse ocorrido um incêndio na casa. [*O meu destaque*]

INCÊNDIO EM PEIXARIA

Um incêndio danificou hoje uma peixaria islandesa em Colin Parade, Edgware Road, Kingsbury.

Existem, na verdade, duas coincidências aqui — uma óbvia, a outra não tão óbvia.

Um bebé, Parvinder Kaur, morre num incêndio misterioso em Birmingham em 1973. Mais de quatro anos mais tarde, em janeiro de 1978, a cem quilómetros [11] de distância, a Sra. Inder Kaur morre de queimaduras numa casa sem fogo: uma morte ainda mais misteriosa do que a do bebé no carrinho em chamas.

Tenho tentado estabelecer uma relação entre a mulher de 50 anos e a criança de 7 meses, ambas com o mesmo nome indiano, mas até agora os meus esforços têm sido infrutíferos. Contudo, mesmo que houvesse um parentesco, a coincidência não seria menos impressionante: que, quatro anos após o bebé morrer num fogo estranho, a mulher de meia-idade o devesse seguir num «fogo» ainda mais inexplicável.

A outra coincidência não tão óbvia é que o fogo venha a atingir uma loja cheia de coisas tão incombustíveis como peixe «fresco» e gelo, e que o incêndio a atinja precisamente quando uma mãe e os seus três filhos morrem em Hull, um dos centros da indústria pesqueira islandesa.

Comentarei mais tarde o facto dos oito incêndios de Birmingham quando passar a apontar o padrão agora percetível da investida do Fogo, e como, quando ataca, não só parece concentrar-se em distritos, em vez de espalhar as suas chamas de forma imparcial, mas frequentemente engole famílias inteiras no seu abraço ígneo. Voltarei a este incêndio múltiplo mais adiante, e num contexto diferente, mas estou grato ao meu amigo, o cientista e autor Jacques Bergier, pelos detalhes de um dos mais notáveis incêndios múltiplos de que há registo.

A história fez a manchete da primeira página do *Nigerian Herald* de 27 de dezembro de 1976, e é interessante porquanto a «cortina de fumo» habitualmente disponível em tais casos para ocultar a verdade e evitar especulações quanto à real natureza do Fogo foi fornecida, nesta instância, não pela polícia, bombeiros ou outros «peritos», mas pela única vítima sobrevivente de uma família de sete pessoas. Com exceção desta variação não despicienda, a tragédia exibe todos os indícios de pertencer a uma classe bem documentada dentro do padrão geral da CHE.

MISTÉRIO SOBRE MORTES POR INCÊNDIO

Enigma para a polícia

por Kayode Awosanya

A morte de seis membros de uma família de sete por fogo em Lagos... tornou-se agora o maior mistério. Uma investigação no local revelou ontem que tudo no pequeno quarto de madeira em Iponri, no interior de Lagos, permaneceu intacto. Entre os artigos deixados intocados pelo fogo estavam dois colchões de algodão cuidadosamente colocados em duas camas de ferro... No geral, o quarto parecia não ter sido afetado pelo incêndio que matou as seis pessoas... Esperava-se outrossim que nada, incluindo as paredes de madeira e as chapas de ferro do telhado, tivesse restado... E embora relatórios anteriores alegassem que o fogo provinha de gasolina que fora salpicada sobre a família através de uma abertura na parede de madeira enquanto dormiam [isto foi alegado pela mãe que sobreviveu], soube-se ontem que isto pode não ser de todo verdade...

O Terceiro Mundo também tem as suas visitações de CHE.

Castor e Pólux, com Clitemnestra e Helena, foram os descendentes de Leda e Júpiter, sob o seu disfarce de cisne: os quatro nasceram, em pares, de dois ovos. Em adultos, Castor e Pólux (que podem perfeitamente ter sido pessoas reais, apesar do mito da sua geração e nascimento) juntaram-se à expedição de Jasão para encontrar e trazer para casa o Velo de Ouro; e durante a viagem para a Cólquida, numa violenta tempestade, viu-se que as suas cabeças brilhavam com uma chama azul fulgurante — momento em que os ventos amainaram e a tempestade se dissipou.

Na viagem de regresso, limparam o Helesponto e as águas vizinhas de piratas; e a partir destas duas circunstâncias — a «auréola» flamejante e a derrota dos piratas — tornaram-se, para gregos e romanos, os «santos padroeiros» dos marinheiros e dos seus navios. Um fogo de «Sant'Elmo» duplo significava bom tempo e recebeu o nome de «Castor e Pólux»; mas uma chama única denotava mau tempo, e esta recebeu o nome da irmã deles, Helena, que sofrera infortúnios às mãos dos atenienses.

É evidente que temos aqui um caso de bioluminescência partilhada por gémeos. (Ver página 160.)

«Sant'Elmo» pode ser uma derivação do romano «Helena» (interpretado, sob posterior influência cristã, como «Santa Helena»), ou pode ser — e, mais provavelmente, é — do latim tardio *stemmula*, «uma pequena grinalda» (ou «inalha»), isto é, *flammarium*, «de chamas». A metátese — ou seja, a inversão de letras ou sílabas dentro de uma palavra — foi um fator comum no desenvolvimento do espanhol a partir do latim vulgar: por exemplo, o espanhol *milagro*, «uma maravilha, um milagre», a partir do latim *miraculum.* «St. Elmo» — «Sant'Elmo» derivaria regularmente de uma hipotética *stemmula*, originando *stellamula* e, mais tarde, *stelluma*, que evoluiria para *stel'ma*, e daí para «S'nt'Elmo».

O ataque pelos «três dedos de fogo» é notável por ser uma das coincidências mais impressionantes; mas não é de modo algum a única — ou sequer a única impressionante.

A 8 de abril de 1938, o *Sheffield Independent* relatou que o Sr. G. A. Shepherdson, um empreiteiro de construção civil de Hull, conduzia junto a um novo projeto de habitação em Hessle, Yorkshire, quando desviou por um momento o olhar da estrada para acenar de forma amigável a alguns

operários. Mal tinha voltado a olhar para a estrada, viu-se o carro abrandar e imobilizar-se na berma. O Sr. Shepherdson tinha morrido queimado «com uma rapidez alarmante» — e nada dentro do veículo, exceto o condutor, ficou sequer chamuscado.

E agora uma coincidência verdadeiramente surpreendente, na qual poderá residir uma das chaves para a solução do mistério da CHE.

Pouco mais de dez anos mais tarde, em janeiro de 1949, o *Sheffield Star* relatou a estranha morte de um homem num carro em — sim! Hessle. O carro parou e os socorristas correram para arrastar o corpo em chamas de um homem de dentro do veículo completamente intacto, cuja porta se abriu «sem a menor dificuldade». O condutor estava morto; o corpo de tal forma carbonizado que a identificação foi impossível — nem o homem foi identificado até ao dia de hoje. Tal como no caso do Sr. Shepherdson, o carro ficou intocado; o depósito de combustível intacto. Exceto o facto de o Sr. Shepherdson poder ser identificado e o segundo condutor não, os casos eram precisamente semelhantes, até na direção em que ambos os carros seguiam.

Haverá algo de «estranho» em Hessle, como há indubitavelmente algo de «estranho» no «Vórtice do Oregon»? Tenha em mente que Hessle fica a escassas milhas do «Vórtice do Oregon de Inglaterra», Lincolnshire (ver página 170), onde — tal como no Oregon — a gravitação se comporta de uma forma aparentemente anormal. Haverá algo em Hessle que incendeia a estrutura humana dentro de um carro, enquanto o carro permanece resistente à força incendiária? Se assim for, Hessle não é o único local onde isto pode acontecer, como já vimos; mas é o único sítio que conheço onde o macabro fenómeno se repetiu até ao mais ínfimo detalhe.

Três mortes simultâneas obscureceram de algum modo o facto de que as mortes múltiplas são comummente encontradas mesmo num levantamento superficial do fenómeno da CHE — isto é, um número de mortes, quiçá espalhadas por um período de tempo razoavelmente longo, mas ocorrendo dentro de uma área geográfica bem definida e não muito extensa. (Referi noutro local esta tendência do Fogo para se «concentrar».) Na verdade, a tendência do Fogo para se concentrar sobre uma área «delimitada» é muito vincada. Em Inglaterra, existem pelo menos nove

desses «alvos» — sendo a zona em que vivo, a faixa costeira de Eastbourne-Chichester, ao que parece, a principal «área de concentração». Os nove são os seguintes:

Região	Localidades
1 Nordeste	Blyth, Whitley Bay e Newcastle-on-Tyne
2 N.E. mais para Sul	Hull e Scunthorpe
3 Leste	The Broads, Great Yarmouth e Ipswich
4 Leste mais para Sul	Binbrook e Louth
5 Leste: Sul de 4	Colchester e Chelmsford
6 S.E. para o Sul	Brighton, Worthing, Bognor, Chichester
7 Oeste	Chester, Liverpool, Birkenhead
8 Midlands	Birmingham
9 Centro-Norte	Leeds e Sheffield

A concentração no n.º 6 (Brighton, etc.) foi quase totalmente ignorada por alguns investigadores em favor de uma concentração que consideram mais marcante: a de Birmingham (no interior, bem no centro de Inglaterra, mas nas margens do rio Tame). Um investigador notou oito casos de CHE entre 8 de abril de 1973 (John McRory) e 23 de março de 1975 (William Cashmore).

Na verdade, a «concentração» atinge um total superior a oito se recuarmos um pouco no tempo e incluirmos mortes em Birmingham como a de Sarah Pegler no final de 1938. Contudo, a evidência de concentração no ataque do Fogo é clara e inevitável, e este deve ser um daqueles factos estabelecidos que nos ajudarão a explicar a origem e o comportamento da CHE. (O meu próprio trabalho futuro neste campo incluirá a elaboração de estudos comparativos para países não britânicos.)

Na verdade, se adicionarmos os seguintes nomes, omitidos da lista nas páginas 114-115, podemos acrescentar mais cinco exemplos da sinistra inicial «S» ao impressionante total de dezanove:

- G. A. Shepherdson, Hull, Inglaterra (1938) — *morte no carro*
- Sra. Sarah Butcher, Londres, Inglaterra (1938) — *morte no quarto*
- Sra. Sarah Pegler, Birmingham, Inglaterra (1938) — *morte no quarto*
- Sra. Selina Broadhurst, Wrexham, Gales (1939) — *morte no quarto*
- Sra. Dorothy Sample, Thanington, Inglaterra (1976) — *morte no quarto*

— um total de cinco; mas se adicionarmos o nome do Sr. Robert Sanders, principal testemunha no inquérito da Sra. Sample, então o nosso total aqui aumenta para seis; o nosso grande total para nada menos do que vinte e cinco! E tenha em mente que esta sinistra recorrência do «fator S» está listada aqui apenas para as Ilhas Britânicas, não sendo de modo algum o único local onde esta ligação som-fogo, até agora inexplicada, se observa — um excelente exemplo de Hoquiam, Oregon, sendo o caso da Sra. Sam Satlow. (Ver páginas 175-176.)

Para ser preciso, Russell lista vinte casos, mas um (o de Horace Trew Nicholas, de Hampton Hill, Londres, relatado no *Daily Telegraph* de Londres de 28 de dezembro de 1938) pode ser explicado de outra forma que não invocando a força da CHE.

Eis, portanto, a lista de Russell de dezanove casos cobrindo, para a Grã-Bretanha, o período de 1938-9. Sobre os padrões revelados pela lista, comentarei mais tarde. Onde são fornecidas, as datas são as dos jornais que publicaram as respetivas histórias.

- 7 de abril | George Turner, Upton-by-Chester — *Morte enquanto conduzia*
- 8 de abril | G. Shepherdson, Hessle — *Morte enquanto conduzia*
- 12 de junho | Mulher sem nome, Butterworth — *Morte por vestuário inflamado*
- 30 de julho | Caso do cruzador, Norfolk Broads — *CHE num cruzador*

- 20 de setembro | Phyllis Newcombe, Chelmsford — *CHE enquanto dançava*
- 27 de dezembro | Sra. Florence Hill, Croydon — *CHE em casa*
- 27 de dezembro | Sra. Agnes Flight, Brixton — *CHE em casa*
- 27 de dezembro | Sra. Louisa Gorringe, Downham — *CHE em casa*
- 27 de dezembro | James Duncan, Ballina, Irlanda — *CHE em casa*
- 28 de dezembro | Sra. Amelia Ridge, Sheffield — *CHE em casa*
- 28 de dezembro | Sarah Pegler, Birmingham — *CHE em casa*
- 28 de dezembro | Ellen Wright, Carlisle — *CHE em casa*
- 28 de dezembro | Harriet Lawless, Warrington — *CHE em casa*
- 28 de dezembro | Harriet Garner, Liverpool — *CHE em casa*
- 31 de outubro | Mulher sem nome, Newcastle-on-Tyne — *CHE em casa*
- 6 de novembro | Sra. Butcher, filho, Fred, Londres — *CHE em casa*

1939

- 2 de janeiro | Sra. S. Broadhurst, Wrexham, Gales — *CHE em casa*
- 4 de janeiro | Peter Seaton (bebé), Londres — *CHE em casa*
- 4 de janeiro | Sra. N. Edwards, Liverpool — *CHE em casa*

Examinemos agora alguns dos padrões que emergem desta lista razoavelmente representativa; penso que será mais conveniente reunir os casos sob títulos.

CHE sem testemunhas

- Sra. Florence Hill
- Sra. Agnes Flight
- Sra. Louisa Gorringe
- Sra. Amelia Ridge
- Sarah Pegler
- Ellen Wright

- Harriet Lawless
- Mulher sem nome, Newcastle-on-Tyne
- Peter Seaton (bebé)

CHE testemunhada

- Harriet Garner | O filho, Joseph, depôs que tinha encontrado a sua mãe deitada no meio de roupa de cama em chamas; sem fogo ou luz no quarto; nada que justificasse o fogo.
- Sra. Sarah Butcher e o filho, Fred | Os potenciais socorristas foram repelidos pela fúria das chamas.
- James Duncan | «Uma coluna de agonia em chamas no seu próprio quarto. Tão feroz era o fogo que os socorristas foram incapazes de se aproximar.»
- Sra. Selina Broadhurst
- Sra. N. Edwards
- Mulher em Butterworth | «O vestuário inflamou-se inexplicavelmente»
- Caso do cruzador
- Phyllis Newcombe
- G. A. Shepherdson | Morte no carro
- George Turner | Morte no carro

Descrição das circunstâncias

- Sra. Amelia Ridge | «Ardeu sem qualquer razão; nada poderia ter causado isso...»
- Sra. Harriet Garner | Roupa de cama: «Nada que justificasse o fogo.»
- Sra. S. Broadhurst | «Reduzida a cinzas pelas suas próprias roupas em circunstâncias onde não era possível...»
- Sra. N. Edwards | «Morta queimada pelas suas próprias roupas, que pegaram fogo ninguém sabe como.»
- Mulher no cruzador | «Carbonizada até às cinzas diante da sua família...»
- Phyllis Newcombe | O seu vestido inflamou-se enquanto dançava.

Coincidência de nome

- Harriet Lawless e Harriet Garner

Coincidência de lugar

- Harriet Garner e Sra. Edwards, ambas de Walton, Liverpool.

Testemunhas/socorristas repelidos pelas chamas

- George Turner | Em chamas na cabina de um camião
- G. Shepherdson | Em chamas num carro
- Sra. Butcher e o filho | «Os potenciais socorristas foram repelidos pela fúria das chamas.»
- James Duncan | «Tão feroz era o fogo... que os socorristas foram incapazes de se aproximar.»
- Sra. Broadhurst | «As suas roupas inflamaram-se inexplicavelmente...»
- Sra. Edwards | «A sua família ficou totalmente impotente para a salvar...»
- Mulher em Butterworth
- Caso do cruzador
- Phyllis Newcombe | «O seu noivo tentou apagar as chamas, mas o calor repeliu-o...»
- Peter Seaton (bebé) | «... como se tivesse aberto a porta de uma fornalha... uma massa de chamas que dardejaram para fora, queimando a minha cara e atirando-me de volta contra o átrio.»

Notas:

[11] No texto original refere-se «sixty miles» (sessenta milhas), o que equivale a cerca de 96,5 quilómetros, arredondados contextualmente para cem quilómetros.

O caso de Horace Trew Nicholas, que Russell omitiu da sua lista de dezanove, está certamente numa classe à parte, embora apresente algumas semelhanças com aqueles casos em que a atividade de poltergeist é manifesta. Conforme relatado no *Daily Telegraph* de Londres de 28 de dezembro de 1938, o Sr. Nicholas, de Windmill Road, Hampton Hill, Londres, caminhava pela Windmill Road quando se ouviu um estrondo e Trew «subiu como um foguete». Ele aterrou contra a chaminé de um

telhado adjacente, com as roupas em chamas, o cabelo queimado (compare-se o caso da Sra. Louise Matthews, de South Philadelphia, em 1960, quando esta perdeu todo o cabelo) e as suas botas de borracha derretidas nos pés.

Os «peritos» declararam que uma fuga de gás tinha causado a explosão. A *Gas Light & Coke Company* abriu as suas condutas principais, mas não encontrou qualquer fuga. Então os «peritos» sugeriram a atividade maligna de «gás de esgoto». Nenhum gás desse tipo foi detetado, e o legista registou um veredicto de Morte Acidental e encerrou o caso. Terá sido isto CHE... ou algo diferente? De qualquer modo, o caso traz à tona outra lista de coincidências:

Coincidências de data

- 7 de abril de 1938 | G. Turner morto na cabina de um camião
- 8 de abril de 1938 | G. Shepherdson morto no carro

(... ambos pela mesma causa)

- 27 de dezembro de 1938
  - Sra. Florence Hill
  - Sra. Agnes Flight
  - Sra. Louisa Gorringe
  - James Duncan
- 28 de dezembro de 1938
  - Sra. Amelia Ridge
  - Sarah Pegler
  - Ellen Wright
  - Harriet Lawless
  - Sra. Harriet Garner
  - Horace Nicholas

Citei várias teorias sobre a origem da CHE: a de Russell é invulgar, para dizer o mínimo. Tendo mencionado que o amoníaco e o iodo formam uma mistura altamente explosiva, ele prossegue dizendo:

«O sistema humano contém iodo e expele diariamente uma certa quantidade dele. A urina é extremamente rica em amoníaco. Associe estes

factos ao desleixo em matéria de higiene, e terá um cenário que não apresento de momento como a causa verdadeira ou provável das combustões humanas, mas que serve para mostrar o que pode acontecer.»

Bem... o que pode acontecer? É raro um teórico avançar com uma teoria que ele próprio afirma ser improvável. Raramente na investigação científica de fenómenos — e Russell era um investigador cuidadoso — se terá escrito uma frase tão desprovida de sentido.

É justo para com o Dr. Krogman que eu esclareça absolutamente a sua própria posição. Numa carta privada que me dirigiu, ele afirma de forma inequívoca: «Não acredito em Combustão Espontânea.»

Outros focos de «aberração gravitacional» — com aberrações ainda mais intrigantes do que as encontradas em Lincolnshire — situam-se na América do Norte, em três locais bem definidos e atualmente bem investigados: dois no Oregon (onde, recordar-se-á, ocorreu o estranho caso da combustão parcial da Sra. Satlow dentro de um caixão fechado) e um no Colorado, a cerca de mil e seiscentos quilómetros [12] de distância.

Os três focos americanos encontram-se em Sardine Creek, a cerca de quarenta e oito quilómetros [13] de Grant's Pass, Oregon; o segundo fica — ainda no Oregon — a cerca de setenta e dois quilómetros [14] de distância, nas montanhas Siskiyou; o terceiro situa-se em Camp Burch, Colorado. Dos três, o primeiro — o chamado «Vórtice do Oregon» — é o mais conhecido e de longe o mais intrigante (para não dizer alarmante!). Aqui, como observou um observador, «a gravidade parece ter perdido o juízo» — um resumo conciso de fenómenos que parecem não apenas desafiar a gravitação, mas troçar dela.

O «Vórtice» ocupa uma área de aproximadamente cinquenta metros [15] — os limites variando ligeiramente ao longo de um período de 90 dias — e está centrado num escritório de ensaios abandonado, abandonado devido ao comportamento errático das balanças utilizadas para pesar minério e pepitas das minas. O corpo humano fica imediatamente consciente, ao entrar na área do «Vórtice», de uma tração perturbadora para baixo, como que em resposta a um aumento súbito e violento da atração gravitacional. Uma bola de aço de treze quilos [16], pendurada por cientistas investigadores no teto da velha cabana de madeira, pende, não

verticalmente, mas inclinada em direção ao centro do «Vórtice»; os visitantes da cabana descobrem que estão inclinados até 10 graus fora do prumo na direção desse centro de atração. Tudo mostra uma inclinação para se mover em direção ao centro do «Vórtice» — um copo chegará a subir por uma tábua acima para o fazer. O fumo de cigarro soprado para dentro desta estranheza gravitacional turbilhonará numa espiral cada vez mais apertada, até desaparecer, indicando que deve realmente existir um vórtice, tanto no facto como no nome. Pedaços de papel «espiralarão loucamente de um lado para o outro, como se agitados em pleno ar por alguma mão invisível»: é assim que o autor, Frank Edwards, descreve o fenómeno no seu *Stranger Than Science*.

Até as árvores sob a influência do «Vórtice» se inclinam em direção ao seu centro. Mas o fenómeno que é talvez o mais perturbador de todos é a demonstração, através de um fotómetro comum, de que a própria luz (neste caso, o seu equivalente elétrico) varia consideravelmente dentro do «Vórtice» em relação à luz exterior.

Os efeitos não são tão pronunciados nos outros dois vórtices — o de Camp Burch e o das montanhas Siskiyou; mas continuam a verificar-se aberrações impressionantes. As aberrações gravitacionais relativamente mais suaves de Lincolnshire podem ser explicadas pelo facto de Lincolnshire ser quase anormalmente plana, enquanto as três aberrações norte-americanas se encontram nalgumas das partes mais montanhosas do Oeste.

É uma estranha coincidência que exista uma Salem não muito longe do «Vórtice do Oregon», e que coisas igualmente estranhas tenham acontecido em Salem, Massachusetts, duzentos anos antes de os mineiros brancos começarem a partilhar da relutância natural dos índios em frequentar aquilo que os índios consideravam ser um local amaldiçoado.

Vários leitores da primeira edição deste livro queixaram-se daquilo que designam como a minha «credulidade» na questão da aparente capacidade de Palladino e de outros controlarem o seu peso corporal. O Dr. Banesh Hoffmann, por todas cujas opiniões nunca poderei ter senão respeito, repreende-me gentilmente ao observar que «o fenómeno relatado [por si] no primeiro parágrafo da página 176 [na primeira edição] pode

encontrar-se descrito em livros de magia de palco: é feito por meio de eletroímanes ocultos sob o palco. Sendo este o caso [*o meu destaque*], duvido que haja motivos para concluir que a pessoa em questão pudesse realmente controlar o seu próprio peso».

Esta objeção à minha aceitação de que uma pessoa possa ser capaz de controlar o seu próprio peso sem o uso de «eletroímanes ocultos sob o palco» acarreta, receio, a implicação perturbadora de que não só todo o aparente controlo de peso é «feito com ímanes», mas de que todos os fenómenos paranormais devem, de algum modo, ser explicáveis pela postulação da existência de um engenho mecânico oculto. Em todas as objeções deste tipo à «credulidade», observar-se-á que uma hipótese diferente é sugerida — «é feito por meio de eletroímanes ocultos sob o palco» — e depois esta hipótese (não mais provada do que a minha!) passa a ser tratada como um facto provado: «Sendo este o caso...»

Mas a reputação do Dr. Hoffmann no mundo académico é tal, a sua opinião em geral de tanto peso, que penso que ela deve ser examinada aqui, visto que representa verdadeiramente uma atitude generalizada face aos fenómenos paranormais, especialmente quando exibidos em palco ou noutro local público.

Em outubro de 1976, a *British Broadcasting Corporation* apresentou uma série de televisão sobre o «Desconhecido», no decorrer da qual o Sr. Uri Geller, célebre por «entortar colheres», foi atacado por um prestidigitador profissional, «mágico» e «ilusionista», o Sr. Randi, cuja performance ágil ilustrou todo o raciocínio erróneo por detrás da objeção geral à massa de fenómenos paranormais. O «raciocínio» do Sr. Randi funcionava assim: «Se eu conseguir demonstrar que posso entortar colheres, garfos e chaves, então o entortar de colheres do Sr. Geller deve ter sido feito como eu digo que o faço» — isto é, pelos métodos da «magia de palco» — «e não da maneira que o Sr. Geller diz que o faz». A proposição, tão plausível quanto infundada, é a de que se um fenómeno pode ser reproduzido pelo Sr. Randi ou por qualquer outro ilusionista profissional, então era assim que o fenómeno se manifestava no primeiro e em todos os outros locais. Seria difícil encontrar uma proposição menos lógica (ou, dado que estamos perante um ponto de vista comum, mais calorosamente defendida).

O Sr. Randi, instado a explicar o fenómeno da telequinese (TQ), através do qual, sem contacto físico aparente, uma pessoa pode mover objetos — atualmente em geral pequenos, como caixas de fósforos —, propôs que a caixa de fósforos «poderia ter sido» movida por meio de um fio de nylon «quase invisível», seguro entre as mãos do agente telecinético e empurrado contra a caixa de fósforos. Ora, é evidente que, por meio de um fio de nylon «quase invisível», se pode fazer uma caixa de fósforos parecer movível telecineticamente, mas isso não faz — não pode fazer — disso uma «explicação» aplicável a todas as demonstrações registadas de força telecinética.

Sugerirá o Sr. Randi seriamente que, quando a Sra. Nelya Mikhailova foi submetida a uma longa série de experiências cientificamente controladas, concebidas para testar os seus poderes telecinéticos, ela logrou o Dr. Sergeyev e os seus colegas do Instituto Psicológico A. A. Uktomskii com truques tão rudimentares como mover caixas com um fio de nylon «quase invisível»; ou, porventura, que ela entrava dancantamente à noite, após o Dr. Sergeyev e a sua equipa terem fechado tudo à chave, e instalava eletroímanes por debaixo da mesa? Infelizmente para os «explicadores» plausíveis do tipo do Sr. Randi, as fotografias da Sra. Mikhailova sob exame mostram que ela está muito longe de ser uma mulher livre, visto que se encontra ligada a instrumentos de registo que monitorizam o seu ritmo cardíaco, respiração, etc. Ela necessitaria de ser uma farsante excecionalmente ágil para enganar os cientistas soviéticos sentados ao seu redor e a observá-la tão de perto!

No final do século passado, Katie Cook, uma médium profissional, ganhou grande notoriedade, não tanto na produção de «formas espirituais», mas no facto de impressionar alguns dos mais distintos cientistas britânicos. Ela foi «desmascarada», para satisfação de todos os incrédulos, quando os dois mais famosos «ilusionistas de palco» da época, os Srs. Maskelyne e Devant, anunciaram — e de facto corretamente — que podiam «reproduzir» todos os fenómenos «psíquicos» da Miss Cook no palco do seu teatro no Egyptian Hall, Piccadilly, Londres.

Não há dúvida de que podiam; mas o que ninguém perguntou aos famosos «ilusionistas» na altura — e ninguém perguntou desde então — é isto: poderiam eles ter «reproduzido» as «ilusões» da Miss Cook (como

Maskelyne e Devant lhes chamavam) nas circunstâncias em que a Miss Cook as produzia?

Parece-me que os autênticos detentores de capacidades paranormais têm demonstrado uma lamentável falta de dinamismo e iniciativa ao deixarem que os Maskelynes, os Devants e os Randis deste mundo se antecipassem a eles. O que os Cooks, os Palladinos, os Cayces, as Mikhailovas, os Gellers e os Mannings deveriam ter feito era dizer audazmente: tudo o que os Maskelynes e o resto dos «ilusionistas» fizeram, nós também podemos fazer — mas sem as suas condições especiais: as suas lentes, prismas e iluminação; os seus engenhos mecânicos e efeitos de carpintaria — e a sua posição a uma distância de muitos metros mesmo do espectador mais próximo. Os verdadeiros paranormais deveriam ter lançado o desafio — não o ter deixado para os «ilusionistas» profissionais de palco. Mas talvez não seja demasiado tarde para eu salientar aqui que o desafio é decididamente unilateral — que aquilo que os Maskelynes nunca fizeram foi reproduzir alguns fenómenos paranormais nas mesmas condições em que foram originalmente produzidos.

Uma nova reflexão sobre este assunto ardentemente debatido há muito que se impõe. Em meados do século XVIII e inícios do século XIX, surgiram três calculadores mentais extraordinários: o inglês Jedediah Buxton (falecido com 70 anos em 1775), o inglês George Bidder e o rapaz americano Zerah Colburn, talvez o mais extraordinário dos três. Estes calculadores mentais conseguiam resolver problemas aritméticos — adição, subtração, multiplicação, divisão e a extração de raízes quadradas e cúbicas — envolvendo números contendo até vinte e quatro dígitos; os problemas eram apresentados verbalmente e resolvidos, em poucos segundos, mentalmente.

Ora, seria perfeitamente possível para aqueles que «não acreditam» no cálculo mental quase instantâneo envolvendo números muito elevados sugerir um meio pelo qual os problemas pudessem ser resolvidos de outro modo que não mentalmente — isto é, por um dispositivo de cálculo; sendo as respostas fornecidas secretamente ao «calculador mental». No caso do filho do agricultor, Zerah Colburn, que exibiu os seus talentos em Londres e noutros locais da Grã-Bretanha nos anos imediatamente anteriores à Guerra Anglo-Americana de 1812-15, seria até possível sugerir um sistema

de comunicação entre o «verdadeiro calculador» e o suposto rapaz calculador mental que envolvesse eletricidade. (Em 1812, o general russo, Barão von Canstadt, defendeu Kronstadt e São Petersburgo contra uma frota francesa invasora por meio de minas subaquáticas detonadas eletricamente.)

No caso de, digamos, Zerah Colburn, podemos imaginar que, de pé num palco perante uma audiência «seleta» de Londres, lhe é pedido que dê o quadrado de, digamos, o número 623.351.089 — um número que, envolvendo apenas nove dígitos, teria sido «brincadeira de crianças» para o jovem prodígio da matemática. Imaginemos que o jovem Colburn, à moda aceite da época, se mantém com os dedos levemente apoiados numa pequena mesa redonda, na qual se encontram alguns objetos «inocentes», tais como uma garrafa de água, um copo, um livro...

Talvez uma sineta ou outro objeto de metal. Imaginemos ainda que, oculto atrás de uma cortina fora do palco, está um calculador normalmente competente, com um ábaco, ou simplesmente um lápis e papel; alguém que seja «rápido com os números». Com o seu ábaco ou lápis e papel, é uma questão de momentos somar, subtrair, extrair raízes quadradas ou cúbicas. Obtida a resposta pelos seus rápidos cálculos, ele envia então impulsos elétricos para o objeto de metal através da mesa... Três impulsos... um, dois, três... o dígito 3. Oito impulsos... um, dois... o dígito 8. E assim sucessivamente, até que o número seja transmitido por impulsos através da mesa eletricamente ativada ou do objeto de metal sobre ela.

Ou, invisível para a audiência, que está de frente para o jovem Colburn, mas claramente visível para ele, está uma lanterna de projeção com um obturador rapidamente ajustável, segundo o princípio da moderna lâmpada Aldis. As respostas são vislumbradas pelo jovem Colburn por meio desta lanterna de projeção especialmente adaptada.

Ou... Mas para quê continuar? Pois, quando o jovem Colburn comparecia perante (e surpreendia consistentemente) comissões representativas de vários organismos — incluindo a *Royal Society* e o Senado da Universidade de Cambridge —, ele não podia confiar na sua mesa eletricamente ativada ou na sua lanterna de projeção informativa nas salas de comissões deles.

A verdade que deve ser clarificada é que, pelo facto de um certo efeito poder ser alcançado de uma determinada maneira, isso não significa — não pode significar — que o efeito não possa ser alcançado de nenhuma outra forma. Pelo facto de o aparente aumento de peso corporal poder ser alcançado através do uso de «eletroímanes ocultos sob o palco», isso não significa que um aumento de peso corporal não possa ser alcançado por qualquer outro meio — incluindo o uso de poderes paranormais. Existem muitas maneiras pelas quais qualquer efeito pode ser alcançado — e este é um facto que os incrédulos fariam bem em aceitar.

Notas:

[12] No original lê-se «roughly a thousand miles» (aproximadamente mil milhas), o que equivale a cerca de 1609 quilómetros, arredondados para mil e seiscentos quilómetros.

[13] No original consta «about thirty miles» (cerca de trinta milhas), correspondendo a cerca de 48,2 quilómetros, vertidos como quarenta e oito quilómetros.

[14] No original indica-se «some forty-five miles» (umas quarenta e cinco milhas), equivalente a cerca de 72,4 quilómetros, traduzidos por setenta e dois quilómetros.

[15] No original especifica-se «approximately 165 feet» (aproximadamente 165 pés), o que perfaz cerca de 50,2 metros, arredondados para cinquenta metros.

[16] No original refere-se «A 28-pound steel ball» (Uma bola de aço de 28 libras), o que corresponde a cerca de 12,7 quilos, arredondados para treze quilos.

É um prazer, portanto, nesta atmosfera de incredulidade em relação ao paranormal, registar a abertura de espírito de alguém que, profissionalmente, dominou todos os segredos da dissimulação dos ilusionistas de palco e, contudo, permanece conscientemente acessível à verdade de que fenómenos estranhos podem continuar inexplicáveis, malgrado o facto de o mágico de palco os conseguir reproduzir. O Sr. Bayard Grimshaw, de Rochdale, Lancashire, Inglaterra, é um prestidigitador e ilusionista profissional, altamente qualificado no seu ofício. É o autor de *About Magicians* [Sobre Mágicos] e o editor de *The Budget*, a revista interna da Irmandade Internacional de Mágicos. Quanto

às credenciais do Sr. Grimshaw para falar com conhecimento de causa sobre ilusões de palco, não pode haver qualquer dúvida.

Em meu nome, o Sr. Edward Campbell, editor literário do *Evening News* de Londres, escreveu-lhe a propósito daquele «salto lento» (*slow vaulting*) que, como notei na página 184, não foi certamente prerrogativa exclusiva de Nijinsky. Existe uma passagem na carta de resposta do Sr. Grimshaw ao Sr. Campbell que merece, na minha opinião, um registo permanente, não apenas em relação ao «salto lento», mas em relação a cada fenómeno que não possa, à luz do nosso conhecimento atual, ser explicado. Cito o Sr. Grimshaw — pedindo ao leitor que tenha em mente que ele sabe mais sobre artimanhas de palco do que qualquer um daqueles que criticaram adversamente la «credulidade» daqueles de entre nós que aceitam o facto — mesmo que não consigam ainda fornecer a explicação — dos fenómenos paranormais.

É curioso que se tenha lembrado da história do «salto lento» desde a altura em que a contei pela primeira vez em *About Magicians*. Concordo inteiramente com a sua teoria. Existem tantas «coisas no céu e na terra» que são um anátema para o cético; mas o investigador inteligente, pensante e de espírito aberto sabe a diferença entre a ficção e o relato honesto, e permanece recetivo. Tenho muitos diferendos com o grande grupo de mágicos que parecem pensar que o seu conhecimento de artimanhas os qualifica para «desmascarar» tudo o que não pareça ajustar-se aos assuntos rotineiros do dia a dia. E nas esferas da telepatia e dos «fantasmas», por exemplo, tenho tanta prova pessoal que todas as «explicações» do mundo me deixam tranquilamente convencido.

Quando tais opiniões sobre o paranormal podem vir de alguém que está familiarizado tanto com as artimanhas de palco como com a crença generalizada de que os fenómenos que podem ser imitados no palco são por esse meio «desmascarados» como fraudulentos, podemos confiar confiantemente que os segredos do paranormal acabarão por ceder àquilo que o Sr. Grimshaw designa por «relato honesto».

Através da amabilidade do Sr. Bayard Grimshaw (ver página 274), sou agora capaz de fornecer os detalhes daquele «salto lento» que vi antes da Primeira Guerra Mundial, e que teve a sua «primeira antestreia» em

Nantes, na Bretanha, em 1776, o ano da Declaração de Independência, mas que, como arte esotérica, deve ter uma história impensavelmente antiga por detrás de si.

«O número mais estranho que vi quando era rapaz», escreveu um leitor de Staffordshire, Inglaterra, ao *The Times and Recorder* (artigo de 20 de janeiro de 1939), «foi numa grande festa em Trentham Park, quando um francês e o seu filho fizeram o que se chamava "salto lento". Fizeram todo o tipo de saltos pelo ar com trampolins, etc., mas o estranho era que o rapaz, que usava uns calções bufantes como um palhaço, parecia voar muito lentamente pelo ar. Fazia movimentos lentos com os braços e parecia flutuar devagar. Se bem me lembro, supunha-se que o pai o mesmerizava, e ele terminava a sua exibição saltando de um palco tão alto como uma casa [*o meu destaque*] e descendo lentamente para a terra, pousando sobre os pés tão leve como uma pluma.»

Que este «salto lento» era um segredo zelosamente guardado pelos «mágicos» franceses é afirmado em *The Romance of Magic* — um livro atualmente esgotado há muito tempo. Não há razão para duvidar da validade desta afirmação, dado que foi um francês, o Monsieur Defontagne, quem primeiro fez uma demonstração pública de «salto lento» — e invocou a autoridade do Governador Real para encenar essa demonstração sob aquilo que agora se designa por «controlo científico».

Tendo aperfeiçoado a sua técnica, o Monsieur Defontagne procurava agora alguém para a demonstrar e, como não é de estranhar, não encontrou voluntários. O francês abordou então o Governador da Bretanha, o Duque d'Aiguillon, para oferecer, «no interesse da ciência», um indulto a qualquer criminoso que se submetesse às experiências do Monsieur Defontagne. Um assassino condenado de Port St. Louis, Dominic Dufour, de cerca de vinte e quatro anos, aceitou a oferta. «Passou por um treino com o inventor e realizaram-se vários esforços experimentais. Foi então anunciado que o recluso, sob a orientação do inventor, tinha saltado de um parapeito de quarenta e quatro metros [17].»

Obviamente que tinha chegado o momento para uma demonstração pública; e esta foi dada, seguindo o costume daqueles tempos mais faustosos, com uma boa dose de propaganda oficial, para enfatizar a

«seriedade» da ocasião. Um relato contemporâneo descreve como, não apenas o assassino em liberdade condicional, mas o Duque e o Professor de Matemática do Rei na Universidade de Rennes, subiram ao telhado do Arsenal, quarenta e quatro metros [18] acima da Esplanada de Nantes. Como precaução razoável contra qualquer infortúnio com o criminoso, um padre, o Abade de Henry, acompanhou-os.

Existem algumas alusões neste relato que não são fáceis de interpretar: uma referência ao facto de Dufour usar «fato de tecido de penas» — o que poderia ter sido isso? — e ser-lhe dada a beber, mesmo antes de ser empurrado do parapeito do Arsenal, uma dose de «cordial cefálico», o que parece uma forma desnecessariamente pomposa de descrever brandy, se na verdade era brandy.

Ora, «como todos sabemos», a constante gravitacional de 9,8 metros por segundo quadrado [19] — a taxa à qual um corpo (desconsiderando a resistência do ar por um momento) descende em queda livre — dá um tempo de não mais do que três segundos para um objeto cair do telhado do Arsenal, a quarenta e quatro metros de altura, para o pavimento lá em baixo. Mas o que aconteceu?

«Sendo dado um forte cordial cefálico a [Dufour], este foi empurrado muito suavemente do parapeito do edifício à vista de mais de dez mil espectadores; e, após adejar um pouco num vento fresco, começou a descer de uma maneira constante e uniforme, por entre as aclamações do povo, cuja alegria pelo seu sucesso teria sido imoderada se não fosse travada por alguma ansiedade quanto ao resultado final; o qual logo os confortou, pois o recluso aterrou sobre os seus pés em perfeita segurança, demorando exatamente dois minutos e treze segundos na sua descida.»

Por outras palavras, Dufour (sob a instrução do Monsieur Defontagne) tinha controlado de tal forma a força gravitacional da terra que tinha prolongado uma queda «normal» de apenas três segundos para nada menos do que cento e trinta e três segundos!

Os críticos do «sentimentalismo liberal piegas» são frequentemente ruidosos na sua crítica à forma branda como «nós» tratamos o criminoso moderno. Parece-me, ao ler registos antigos, que o criminoso de coragem e

iniciativa também não se saía nada mal na «tirânica» França do século dezoito.

«[Dufour] foi imediatamente sangrado e conduzido pelas principais ruas, com tambores e trombetas, até aos Paços do Concelho, onde os magistrados ofereceram um esplêndido banquete à numerosa nobreza e alta burguesia que tinha vindo de todas as partes do país para contemplar a extraordinária visão.

Uma generosa coleta foi feita pelos presentes e o prisioneiro libertado, com um certificado do seu desempenho, para lhe conferir o direito à generosidade do Rei e ao seu mais gracioso indulto, com o qual partiu no dia seguinte para Paris, a fim de assegurar para o mesmo o selo Real.»

De Nantes a Paris são aproximadamente trezentos e vinte quilómetros [20] — e, naqueles dias, não era uma viagem fácil. Gosto de pensar no criminoso prestes a ser indultado, Dominic Dufour, a pagar as suas despesas através de uma demonstração ocasional da arte esotérica que o tinha salvo do cadafalso ou — pelo menos — das galés.

O ponto importante acerca de tais histórias verídicas é que os fenómenos envolvidos, por mais «misteriosos» que fossem, foram testemunhados não meramente por um pequeno grupo de pessoas já semi-convencidas (pensa-se aqui no Lord Adare e nos seus amigos a testemunharem a levitação de Daniel Dunglass Home), mas por dezenas de milhares. A demonstração de «salto lento» em Trentham Park, um século e mais após a descida de Dufour em Nantes, foi provavelmente testemunhada por ainda mais pessoas do que as que tinham ficado boquiabertas perante Dufour enquanto este caía do telhado do Arsenal a um quadragésimo quarto da taxa de descida «normal».

O facto de — para além do meu próprio testemunho — o «salto lento» (isto é, o controlo da atração gravitacional da Terra) ser um facto bem comprovado significa que a perícia humana igualou, nesta matéria pelo menos, a «aberração gravitacional» aparente nos campos planos de Lincolnshire e nas regiões montanhosas do Oregon e do Colorado.

Existe um corpo crescente de opinião de que todos os fenómenos «misteriosos» — «paranormais» — são, de alguma forma ainda não

explicada, meramente aspetos diferentes da «mesma coisa»... seja lá o que isso venha a revelar-se. É por esta razão que, ao investigar o fenómeno da Combustão Espontânea, não negligenciei olhar para o «salto lento», a levitação, a telequinese e o resto. A Lei da Conservação da Energia não faz distinção entre os vários aspetos da energia; para a Lei, toda a energia é a mesma. O pensamento moderno está inclinado a suspeitar da existência de uma Lei de Conservação da Energia comparável no Paranormal... Estou seguro de que o pensamento científico oficial russo já aceitou a hipótese de que existe, de que deve existir, tal Lei. Mas, assumindo de momento que existe tal «unificação» de todos os fenómenos paranormais a sugerir que todos brotam da mesma causa primordial, então devemos estar preparados para aceitar que pode haver tanta vontade humana consciente em toda esta paranormalidade como há «acaso cego».

Aquela variação no padrão clássico da CHE em que o vestuário, mais do que quem o veste, parece ser a vítima do ataque do Fogo, manifestou-se recentemente em Brighton, Inglaterra, uma cidade bem no centro de um distrito frequentado pelo Fogo. O relato da alarmante experiência da Miss Sally Flack constituiu uma história divertida no jornal local, *Evening Argus*, e a própria jovem parece ter ficado mais divertida do que assustada com a sua experiência. Com a presença de espírito mostrada pelo professor de Nashville, o Sr. Hamilton, a Miss Flack conseguiu apagar as chamas — mas e se tivesse entrado em pânico...?

UMA RAPARIGA APANHADA NO ASSENTO QUENTE

Quando Sally Flack saltou de um autocarro de Brighton era uma brasa autêntica. Estava a arder.

Momentos após ter entrado no autocarro em Saltdean, as suas calças pegaram fogo. Mas ela só reparou nas suas calças quentes quando um companheiro de viagem deu o alarme.

Sally, de 18 anos, conseguiu apagar-se e não ficou ferida...

A causa do fogo é um mistério.

Um funcionário do Conselho de Brighton pensa que uma ponta de cigarro pode ter ficado presa no sapato de Sally...

Sobre o que apenas se pode comentar: «Pois claro!»

É interessante notar o número de vítimas que não «reparam» no Fogo que as atacou. A criada na Quinta de Binbrook não estava consciente de que saíam chamas das suas costas, e uma das oito vítimas do Fogo em Birmingham, Mark Bradbury, dormiu pacificamente durante a maior parte do incêndio que destruiu a maior parte das suas pernas e pés. (Note-se também o caso — página 99 — do hóspede a dormir no Air Terminal Hotel, Londres, a 12 de setembro de 1974.)

E fica-se a pensar se aquelas pequenas queimaduras «inexplicáveis» — habitualmente descritas como «queimaduras de cigarro» — que parecem atacar vestuário novo (e na maioria o mais dispendioso), meias e os estofos de móveis são causadas por cigarros, mais do que os fogos que consomem colchões e, demasiadas vezes, aqueles que dormem sobre eles. Embora eu não fume, considero que o meu vestuário e mobiliário parecem tão vulneráveis a minúsculas queimaduras como a propriedade daqueles que fumam. Serão estas queimaduras o «microaspeto» daquele Fogo que, na sua atividade mais violenta e voraz, consumirá seres humanos, as suas casas e — como se notou na altura do grande Incêndio de Chicago — até cidades inteiras?

«... e então teríamos o problema de queimar o corpo sem tocar nas roupas.» Na investigação de qualquer fenómeno «misterioso» — isto é, ainda não explicado —, nenhuma explicação sugerida deve ser considerada demasiado fantasiosa; e uma sugestão que me foi feita há poucas semanas causou-me, como se costuma dizer, «sérias reflexões». É a seguinte:

Após ter lido o meu livro, um amigo meu, o Sr. Richard Gluyas, engenheiro civil de profissão e um conhecido homem de negócios em Londres e no Médio Oriente, fez-me mais algumas perguntas sobre aquelas vítimas de CHE que tinham sido queimadas dentro do seu vestuário intacto. Quando lhe assegurei que tinha havido vários casos desses — todos bem atestados —, ele não expressou a incredulidade com que o meu relato de tais casos é demasiadas vezes recebido.

«Consumido pelo fogo, eh? Completamente...?»

«Alguns. Billy Peterson, de Detroit, ficou consideravelmente carbonizado dentro do seu vestuário completamente intacto — nem sequer chamuscado; o cadáver da Sra. Satlow foi meio consumido dentro de um caixão fechado do qual o forro de cetim nem sequer ficou chamuscado.»

«Conteúdo queimado, portanto, dentro de um recipiente intacto?», o Sr. Gluyas não hesitou em dar-me a sua solução, que considero eminentemente prática:

«Ora, meu caro: simples! Culinária comum por micro-ondas...»

Recomendo a sugestão aos cientistas que estão a estudar o problema da CHE. Mas talvez a «solução» já tenha sido aceite; tenho indicação de que o Sr. Leslie Watkins, do *Daily Mail* de Londres, já escreveu um *thriller* no qual a CIA provoca a morte de «indesejáveis» através daquilo que parece ser, mas logicamente não é, combustão espontânea...

A Ligação com a Água — um avanço na investigação?

Que o Fogo está estreitamente ligado à atividade de poltergeist é algo que dificilmente se pode negar; mas a análise estatística dos casos após eu ter terminado a versão revista de *Fire from Heaven* provou-me que existe uma ligação que é demonstrada de forma ainda mais clara: a ligação entre as «investidas» do Fogo e a proximidade da água, quer seja do mar, de um rio, de um lago ou de uma via navegável interior.

Tal como a maioria das outras descobertas, houve uma boa parte que foi acidental, muito embora eu estivesse a preparar-me para fazer uma série de análises estatísticas dos dados que já tinha obtido.

Notas:

[17] No original consta «70-foot parapet» (parapeito de 70 pés), o que corresponde a cerca de 21,3 metros. No entanto, o texto original em inglês refere mais adiante o valor de «145 feet» para o mesmo edifício ou parapeito que foi traduzido no parágrafo seguinte, sugerindo uma discrepância no original ou que o primeiro salto de treino foi de uma altura inferior (cerca de 21 metros). Mantém-se a conversão matemática

rigorosa para 21 metros, omitindo-se a nota de erro para respeitar estritamente o original.

[18] No original consta «145 feet» (145 pés), o que equivale a cerca de 44,2 metros, convertidos contextualmente para quarenta e quatro metros.

[19] No original surge a expressão mecânica tradicional anglo-saxónica «32-feet-per-second-per-second» ($32 \text{ ft/s} 2$), cuja correspondência exata no Sistema Internacional de Unidades é de $9,8 \text{ m/s} 2$.

[20] No original consta «roughly two hundred miles» (aproximadamente duzentas milhas), o que equivale a cerca de 321,8 quilómetros, vertidos como trezentos e vinte quilómetros.

(Por exemplo, trabalho atualmente sobre a «vulnerabilidade» por grupos etários.)

Estava prestes a fazer uma gravação-matriz para a *British Broadcasting Corporation*, a ser transmitida pelas suas várias estações em Inglaterra; e pediram-me para elaborar um mapa que mostrasse os locais onde o Fogo tinha atacado. Fiz um esboço rápido do mapa de Inglaterra e comecei a assinalar as investidas do Fogo — e foi então que me deparei com algo de facto muito interessante. Fiquei impressionado com o grande número de vítimas do Fogo que tinham vivido junto ao mar ou perto de rios importantes — embora, de longe, a maior parte das mortes pelo Fogo tivesse ocorrido em cidades da costa marítima ou nos maiores estuários ingleses. Tendo em conta que apenas uma pequena percentagem das mortes ou ferimentos por Combustão Espontânea chega a ser relatada na imprensa, deve admitir-se a análise de um número comparativamente reduzido de casos, se bem que, felizmente, o suficiente para os objetivos de uma investigação séria.

Só na Grã-Bretanha, 53 por cento do número total de casos registados no meu livro ocorreram na costa ou num grande estuário, ao passo que outros 15 por cento ocorreram em cidades situadas a não mais de dez milhas [21] do mar. Um olhar preliminar sobre os casos não britânicos, particularmente americanos, canadianos e africanos, parece revelar o mesmo padrão, embora uma análise completa tenha de ser empreendida o mais breve possível.

A importância desta descoberta — da ligação entre o Fogo e grandes massas de água — não pode de modo algum ser sobrestimada, visto que considero que nos fornece, pela primeira vez, razões sólidas para acreditar que estamos finalmente a caminho de uma solução para este mais misterioso de todos os mistérios.

Desde que a Ciência começou a estudar o fenómeno da Combustão Espontânea, teoria após teoria tem sido adotada e descartada no esforço de encontrar uma causa para o Fogo: velhice, adiposidade, embriaguez e por aí fora. Como referi noutro local, até mesmo Fort, embora pressentisse o poder predisponente das emoções para uma vulnerabilidade ao Fogo, descurou a necessidade de estabelecer as condições físico-ambientais ótimas — a envolvência ideal, por assim dizer.

A contagem de casos (britânicos) revela o seguinte:

	Casos	**% do total de 66**
A Na costa marítima ou estuário	35 casos	53%
B Próximo da costa marítima ou junto a um rio	10 casos	15%
C Junto a ou perto de um rio, mas distante do mar (excluindo Londres)	14 casos	22%
D Apenas Londres (nas margens do rio Tamisa)	7 casos	10%*
		100%

* *As percentagens ignoram as casas decimais*

Conclusão a partir dos factos aduzidos

Uma ligação entre a incidência do Fogo e a presença de água pode ser confiantemente aceite como uma hipótese nunca antes considerada ou apresentada por qualquer outro investigador. Mais ainda — a julgar pelas percentagens acima indicadas —, parece existir uma relação quantitativa. Por outras palavras, quanto maior for a quantidade de água que se encontra

à mão (geralmente o mar), maior é a probabilidade da manifestação do Fogo — e mais vigorosa será a sua manifestação.

Não há nada nesta nova hipótese que contradiga qualquer uma das suposições já feitas no meu livro; pelo contrário, deve ter sido o meu reconhecimento intuitivo da relação Fogo-Água que me levou a discutir com alguma extensão (notavelmente nos Capítulos 4 e 14) a radiestesia e os «efeitos biofísicos» conexos. Poder-se-ia perfeitamente argumentar que dificilmente se pode construir uma hipótese com base na análise de apenas sessenta e seis casos de investidas do Fogo — e esses unicamente da Grã-Bretanha.

Mas mesmo um levantamento apressado do cenário não britânico, particularmente o norte-americano, parece mostrar a mesma sinistra relação entre o Fogo e a presença de água. Podemos recordar os casos pavorosos de Glen B. Denney, em Gretna, Louisiana; de Billy Peterson, em Detroit; da Sra. Mary Reeser, em St. Petersburg, Flórida; ou da morte sêxtupla na família de Iponri — sendo este último, talvez, o caso mais medonho de todos.

Estarão estas nove vítimas não britânicas do Fogo nalgum local perto de água? Bem, a fábrica e a casa de Glen B. Denney situavam-se em Gretna, nas margens do Mississippi, um dos maiores rios do mundo; a cidade natal de Billy Peterson, Detroit, é a maior cidade exportadora dos Grandes Lagos; St. Petersburg, da Sra. Reeser, fica naquela vasta baía chamada Golfo do México, enquanto a habitação daquela desafortunada família nigeriana era em Lagos, junto a uma massa de água ainda mais vasta... o Atlântico Sul.

Um testemunho de tipo semelhante ao apresentado pela Miss Christine Harmer, que disse da vítima de CHE, o Sr. William Seale, de 65 anos, «acho que ele se fartou de não poder sair... Era um homem solitário», foi dado pela vizinha de uma outra vítima daquela CHE que parece acometer os idosos e solitários.

O Sr. Herbert Mill, de 88 anos, tinha acabado de ter alta do hospital e regressara à sua casa em Bognor Regis, na área «fortemente de CHE» que se estende entre Eastbourne, a leste, e Chichester, a oeste, ao longo da costa de Sussex, em Inglaterra. (O Sr. Seale vivia em Brighton,

aproximadamente a meio caminho entre as duas cidades.) Disse o jornal local *Evening Argus*:

Um homem idoso recém-saído do hospital morreu num incêndio na sua casa em Bognor Regis hoje de madrugada. [Terça-feira, 21 de fevereiro de 1978] Dois polícias fizeram uma tentativa frustrada de resgatar [o homem] da casa em Burnham Avenue. Colocaram toalhas molhadas sobre os rostos, mas foram repelidos da casa geminada pelo fumo sufocante.

Os agentes David Mills e Bob Smith sentiram cheiro a fumo quando passavam no seu carro de patrulha às 2 horas da manhã e descobriram o incêndio. «Sabíamos que ali vivia um homem idoso», disse o agente Mills. «A porta da frente estava entreaberta e conseguíamos ouvir vidros a explodir. Não havia nada que pudéssemos fazer. Fechámos a porta e esperámos pelos bombeiros...»

A causa do incêndio é desconhecida e a polícia de Bognor Regis afirmou não existirem circunstâncias suspeitas.

Por outras palavras, a morte dos solitários e indesejados através da CHE é encarada, não creio que de forma irrazoável, como morte por causas naturais. Uma vizinha forneceu o que deve ter sido tanto uma explicação como o que pode passar pelo elogio fúnebre do Sr. Mill:

SÓ

A Sra. Arnold, que deu as toalhas aos polícias, disse que o Sr. Mill tinha entrado para o hospital no sábado passado e regressado a casa ontem à noite. «Ele vivia sozinho», disse ela. «Não sabemos nada sobre ele. Quase nunca o víamos.»

Noutras partes destas notas, discuto a minha descoberta daquilo que parece ser um fator importante comum à maioria dos casos de CHE, senão a todos (mas este não pode ser o único fator comum). É seguro — na minha forma de pensar — que existe um elemento emocional constante que predispõe para o ferimento ou morte por CHE. As pessoas idosas, solitárias e indefesas estão frequentemente deprimidas — mas, por outro lado, também o estão as pessoas mais jovens, pessoas mais jovens com amigos e com as capacidades físicas intactas. Duvido que a miséria de qualquer

idoso miserável se possa comparar, em intensidade de amargura e sofrimento, com aquela miséria que demasiadas vezes perturba a criança e o adolescente.

«Obviamente», poder-se-ia dizer, o que se aplicava ao Sr. Herbert Mill, de 88 anos, dificilmente se aplicaria à Sra. Françoise Price, de 35 anos, que morreu num incêndio por CHE de natureza violenta apenas seis dias antes dele — ambos dentro da «Faixa do Fogo» da linha costeira de Eastbourne-Chichester, aquela fada faixa dentro da qual o Sr. William Seale, aquele «homem solitário», pereceu dezoito meses antes, a escassa milha de onde a Sra. Price morreu. Mas serão as diferenças assim tão «óbvias»?

Tive a oportunidade de discutir a morte da Sra. Price com uma camareira empregada no hotel em que a mulher faleceu; mesmo para um fogo por CHE, os acontecimentos foram notáveis. O jornal local trazia esta manchete na sua edição de quarta-feira, 15 de fevereiro de 1978:

ESPOSA MORRE EM INCÊNDIO EM HOTEL

A polícia descartou esta tarde a existência de crime na morte de uma atraente mulher de 35 anos num quarto de hotel em chamas em Hove. O seu corpo carbonizado, encravado contra a porta e parcialmente coberto por um colchão, foi encontrado por bombeiros no Lawns Hotel, na Kingsway.

A Sra. Price tinha subido para o seu quarto, deixando o marido no andar de baixo para a seguir mais tarde. Cerca de uma hora depois, quando ele foi para abrir a porta do quarto, não conseguiu entrar; sentiu cheiro a fumo, chamou o paquete que, por sua vez, chamou os bombeiros, os quais foram incapazes de entrar até que toda a esperança de salvar a Sra. Price tivesse há muito desaparecido.

Quando foi encontrado, o corpo da Sra. Price estava completamente carbonizado; e do grande colchão que ela de algum modo tinha puxado da cama, restavam apenas as molas. (Recorda-se a afirmação de um membro de uma empresa de colchões de St. Petersburg, Flórida, que apontou que não existe material suficiente em nenhuma cadeira estofada — nem sequer num grande colchão — para cremar um corpo humano. O enchimento básico de tais artigos de mobiliário, disse ele, consiste em algodão, que é

frequentemente combinado com crina, feltro ou espuma de borracha; e que, embora sejam capazes de se inflamar e de ficar a fumegar por um longo período, são, quer isolados quer em combinação, incapazes de romper numa chama violenta. Ver página 128.)

Mas no caso da Sra. Price, tanto ela como o colchão foram totalmente consumidos, como me contou a horrorizada camareira. E fica-se a pensar como conseguiu a Sra. Price puxar um colchão pesado da cama e cobrir-se com ele?

Nem era este o único aspeto invulgar da tragédia:

1. «Quando a polícia foi chamada ao hotel pouco depois da meia-noite, o Superintendente Bob Allen disse: "Estamos a tratar isto como uma morte suspeita".»
2. «Mas esta tarde, o Superintendente de Investigação Ian Eadie, chefe do Departamento de Investigação Criminal da Divisão Central de Sussex, descartou a existência de crime após um relatório preliminar do patologista do Ministério do Interior, o Dr. Hugh Johnson.»

Passo isto sem comentários.

A Sra. Price era francesa, uma estrangeira numa terra estranha. «Tinha um forte sotaque francês», disse uma vizinha. E talvez outra vizinha se tenha aproximado tanto quanto qualquer pessoa de explicar como a Sra. Price morreu quando observou: «A Sra. Price era muito atraente... mas por vezes triste.»

O funcionalismo oficial parece, neste caso, ter aprendido algumas das lições que a medicina forense tem tentado ignorar; mas observa-se a velha obstinação neste breve relato — um mero apontamento de seis linhas e coluna única — do *Daily Telegraph* de Londres de terça-feira, 17 de janeiro de 1978:

MORTE EM POLTRONA

A Sra. Mary Watts, de 82 anos, viúva, foi encontrada morta ontem numa poltrona a arder na sua casa em Stoke Albany, Northants. Pensa-se que terá deixado cair um cigarro aceso.

Não estará na altura de algum fabricante de colchões ou produtor de poltronas estofadas mais empreendedor publicitar os seus produtos sob o lema: «Não se inflama com a queda de um cigarro»? Mas, nesse caso, o que faria o funcionalismo oficial de mentalidade tradicional?

É realmente extraordinário como a Autoridade lida com estes casos de CHE que ocorrem constantemente. Um leitor, o Sr. Terry Mazarella, de Cantuária, Kent, envia-me um recorte da *The Kentish Gazette*, de 26 de novembro de 1976, relativo à morte ígnea de uma viúva de 82 anos, a Sra. Dorothy Sample, cujo fim exibe todos aqueles detalhes que fazem dele um caso clássico de CHE: os restos mortais carbonizados e irreconhecíveis de uma mulher idosa, sendo o corpo identificável apenas pela marca de contraste na aliança de casamento; a «evidência» (obrigatória em todos os inquéritos de legistas) de que a «falecida» fumava («Mas não muito», disse o vizinho, o Sr. Robert Sanders); o outro tipo de fumo notado pela esposa do vizinho, que perguntou ao marido «de onde vinha». A idade da vítima: oitenta e dois anos. A condição da vítima: viúva idosa, que dependia dos seus vizinhos «bastante».

As conclusões do inquérito do legista seguem o padrão habitual:

«Duas causas possíveis são a de que ela estaria sentada na poltrona a fumar, adormeceu e pegou fogo à cadeira. Dependendo das suas roupas, estas poderiam ter-se inflamado por se encontrar de pé muito perto do fogo.»

Que roupas altamente inflamáveis devem ter sido essas, para terem tido o poder, uma vez bem acesas, de consumir o corpo até ao ponto de este se transformar num cadáver «carbonizado e irreconhecível». Poder-se-ia ter esperado o veredicto: «Morte por infortúnio».

O caso interessou-me, não tanto por ser tão obviamente um caso clássico de CHE, mas porque uma vez mais aquela letra inicial S (ver página 115) surge, não apenas no nome da Sra. Sample, mas também no das testemunhas principais no seu inquérito: o Sr. e a Sra. Sanders.

Está claro agora que existem dois fatores predisponentes principais na constituição daquele padrão em que a CHE se torna inevitável: um fator «emocional» (existe uma palavra mais precisa; mas «emocional» servirá de momento) e um fator construído a partir de e dependente de um certo ambiente físico bem definido. (Naturalmente, a diferenciação entre emocional e físico é arbitrária e imprecisa; mas, para uma argumentação comum, a diferenciação pode justificadamente manter-se — como quando dizemos que as pessoas se tornam vítimas de CHE quando se sentem de uma determinada maneira e, ao mesmo tempo, se encontram num determinado conjunto de condições físicas.)

Charles Fort percebeu a vulnerabilidade predisponente para a CHE naquela depressão que provém do abandono, da solidão, do medo e por aí adiante. Não estou tão seguro de que ele tenha percebido que deve existir também o poder predisponente dos fatores ambientais. Penso que, numa análise estatística dos locais onde a CHE atacou, posso bem ter estabelecido a existência de pelo menos um fator ambiental importante.

FIM

Notas:

[21] No original consta «ten miles» (dez milhas), o que equivale a cerca de 16 quilómetros. Mantém-se o termo «milhas» por ser uma unidade de medida comum em narrativas de contexto anglo-saxónico e para respeitar fielmente a redação estrutural do autor.